

# **Formação de Palavras: aquisição de alguns afixos derivacionais em Português e em Inglês**

**Maria Teresa Figueira Bailadeira dos Santos**

**Tese de Doutoramento em Linguística Geral**

Teresa Santos- Formação de Palavras: aquisição de alguns afixos  
derivacionais em Português e em Inglês- 2014

**Julho 2014**

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística Geral, realizada sob a orientação científica e Maria do Céu Caetano (orientadora) e João Rosa (co-orientador)

Apoio financeiro da FCT

SFRH/BD/62378/2009

## **Introdução**

### **Objectivos da dissertação**

Esta tese tem como objectivos apresentar uma análise aprofundada de alguns derivados e afixos derivacionais em Português e em Inglês, bem como investigar os processos de aquisição e desenvolvimento desses afixos, em ambas as línguas, por parte de falantes nativos da língua portuguesa, nomeadamente estudantes do 1.º ciclo do ensino básico (3.º ano de escolaridade).

Será avaliada a consciência morfológica desses estudantes<sup>1</sup>, isto é, o conhecimento e a capacidade que os falantes possuem de fazer julgamentos acerca da estrutura interna das palavras de uma determinada língua, através da realização de diversas actividades morfológicas. Estas tarefas contribuirão para que se proceda a uma análise sobre a forma como os jovens aprendentes segmentam e interpretam palavras derivadas, nas quais estão incluídos os afixos derivacionais em estudo, e de que modo seleccionam formas de base às quais se adicionam esses afixos, tanto na língua materna (Português) como na língua estrangeira (Inglês).

Assim, a especificidade dos morfemas derivacionais, a par da escassez de estudos que contemplem as suas características particulares, justificam necessariamente uma investigação autónoma. Espero, pois, que esta dissertação possa contribuir para um melhor conhecimento da Morfologia do Português e do Inglês, mais concretamente da Morfologia Derivacional, e de como esta é compreendida pelas crianças do Ensino Básico.

### **Metodologia**

Os principais trabalhos em Morfologia abarcam a derivação (prefixos e sufixos) e a composição. Assumindo a Hipótese Lexicalista<sup>2</sup> Fraca, coloco de parte a flexão, pois considero que esta não se inclui exclusivamente no âmbito da Morfologia, na medida

---

<sup>1</sup> Cf, por exemplo, Rosa (2003).

<sup>2</sup> Cf, entre outros, Chomsky (1970).

em que as palavras flexionadas não resultam de processos estritamente morfológicos, mas antes de uma interacção da Morfologia com a Sintaxe e/ou a Fonologia<sup>3</sup>.

Tanto a prefixação como a sufixação são processos de Formação de Palavras resultantes de um processo de afixação. Os afixos que operam na prefixação e na sufixação apresentam algumas características próprias, como, por exemplo, o facto de os prefixos não alterarem a categoria gramatical da forma de base a que se associam, divergindo em parte dos sufixos, que podem ou não alterar a categoria gramatical. Além disso, a sua selecção pode ser determinada de acordo com as próprias formas (fonológica e morfológica) que a base apresenta<sup>4</sup>. Isto significa que a base pode restringir, neste caso, alguns afixos que são seleccionados para se associarem àquela para, posteriormente, formar uma nova palavra derivada. Outras restrições que se podem encontrar podem ser de cariz sintáctico, devido ao facto de nem sempre um afixo poder ser associado a uma dada base, impedindo assim a aplicação de um processo derivacional. Além desta, podem ser observadas restrições a nível morfológico, já que, quando uma palavra é formada através da associação de mais do que um afixo, a ordem de junção não é aleatória, o que pode impedir que alguns afixos se soldem a uma base. Por outro lado, a própria constituição interna de uma determinada base pode impedir um processo de derivação, caso este opere sobre a mesma base. Existem também restrições pragmáticas, dependendo do contexto mais ou menos formal em que o falante se encontre e do ambiente mais ou menos familiar.

Apesar de existirem alguns estudos sobre a Formação de Palavras em Português<sup>5</sup> e em Inglês, escassos são aqueles que têm escopo sobre a afixação e o seu modo de aquisição. Devido a este facto, a minha escolha recaiu naturalmente sobre os afixos derivacionais, tema de investigação para o qual procurarei clarificar algumas questões, dando respostas mais precisas a certos aspectos relacionados com a formação de palavras derivadas e a aquisição de alguns morfemas derivacionais por parte de falantes portugueses.

Para atingir estes objectivos, apresento algumas dificuldades decorrentes da descrição morfológica, no âmbito da Morfologia Derivacional, exponho o conceito de morfema à luz da perspectiva de vários autores (Bloomfield (1993), Aronoff (1976) e

---

<sup>3</sup> Cf, entre outros, os estudos levados a cabo por Anderson (1982, 1992) e Halle (1973).

<sup>4</sup> Cf. Booij (2005).

<sup>5</sup> Cf, por exemplo, Correia (1992), Rio-Torto (1998), Villalva (2000) e Caetano (2003), entre outros.

Booij (2005), entre outros) e comento alguns estudos teóricos relacionados com a Morfologia Derivacional. Discuto também a noção de léxico, antes de apresentar uma perspectiva geral acerca de alguns afixos derivacionais em Português e em Inglês. Dedico-me, em seguida, à apresentação de alguns estudos realizados relativamente à consciência morfológica, muito particularmente a que se relaciona com a Morfologia Derivacional, descrevendo também o estudo experimental que foi concebido para esta dissertação e os tipos de tarefas morfológicas e procedimentos que foram solicitados aos estudantes do 1.º ciclo do Ensino Básico.

### **Organização da tese**

Na Parte I, o primeiro subcapítulo intitula-se “Morfologia Derivacional – alguns problemas na descrição morfológica”. Aqui, tento mostrar que, por vezes, existem dificuldades na segmentação de determinados vocábulos derivados, indicando que, na Formação de Palavras, algumas supostas irregularidades estão relacionadas com algumas heranças e modificações que ocorreram ao longo dos tempos. Adicionalmente, mostro que outra dificuldade ao nível da descrição morfológica está relacionada com a existência de processos produtivos e não-produtivos, que despoletaram variadas teorias, como as que foram formuladas por Aronoff (1976), Scalise (1984) ou Roeper & Siegel (1978), Allen (1978) e Bauer (2001), entre outros, relacionadas com o domínio de aplicação sobre o qual deve operar um determinado processo de formação de palavras.

No que concerne à produtividade, discutirei algumas definições que certos autores (Hockett (1958), Corbin (1987), por exemplo) preconizam, mencionando a divisão habitualmente efectuada por Bauer (2001) deste conceito em disponibilidade e rentabilidade, assim como a distinção habitualmente estabelecida entre palavras existentes e palavras potenciais, por serem aspectos ligados entre si. Quanto a este ponto, referirei ainda alguns factores que influenciam a produtividade ou não produtividade de certos processos morfológicos.

Outra restrição que será aqui abordada ao nível dos processos produtivos e não-produtivos é a que está relacionada com a ordem dos afixos derivacionais, hipótese esta que está sujeita a factores como, para além da produtividade, a alteração prosódica ou a origem dos afixos, levando ao agrupamento dos mesmos em duas

classes (cf. Siegel, 1974). A frequência e a extensão vocabular são factores que serão igualmente analisados no âmbito dos processos produtivos e não-produtivos, bem como outras restrições relacionadas com as propriedades inerentes dos afixos derivacionais. Neste ponto do subcapítulo, não deixo de discutir o fenómeno de alomorfia, enquanto dificuldade de descrição morfológica, percorrendo algumas perspectivas, desde o pré-estruturalismo até a épocas mais recentes.

No segundo subcapítulo, denominado “Morfemas derivacionais em Português e em Inglês”, apresento alguns pontos de vista e propostas de alguns autores relativamente à definição de morfema, considerada a unidade mínima portadora de significado, que vão desde Courtenay (1972) até Carstairs-McCarthy (2005), passando também por Bloomfield (1933) e por Marchand (1960). Neste ponto, observar-se-á que nem sempre é efectuada uma segmentação correcta das palavras em morfemas, na medida em que, por diversas vezes, são classificados como morfemas elementos que são parte integrante da base de um determinado vocábulo e que, por isso, não podem ser segmentadas em unidades menores (por exemplo, *conceive*).

Posteriormente, noutro ponto deste capítulo destacarei o trabalho de alguns autores na área da Morfologia Derivacional (por exemplo, Nida, [1946] 1970<sup>11</sup> ou Scalise, 1984), apresentando também algumas definições sobre a noção de léxico postuladas por alguns autores (por exemplo, (Bloomfield, 1933) ou Aronoff & Anshen, 2001) já que este se afigura como um inventário de bases e afixos de que se vão servir os processos de formação de palavras que vão despoletar uma operação de derivação.

No subcapítulo seguinte, intitulado “Prefixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *des-*, *de-*, *dis-* e *di-* em Português”, começo por explicar que tipo de procedimento adoptei para a análise e descrição destes morfemas derivacionais, seguida de uma breve definição acerca da noção de prefixo e do estatuto deste. De seguida, proceder-se-á a uma descrição, tão completa quanto possível, dos morfemas derivacionais acima referidos, a fim de averiguar se todos estes elementos podem ser considerados prefixos, através do recurso a algumas gramáticas históricas e a dicionários.

No subcapítulo intitulado “Prefixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *de-*, *dis-* e *di-* em Inglês, será adoptado um procedimento idêntico de análise e descrição

destes morfemas derivacionais, com vista a descodificar se todos eles se afiguram como prefixos.

No subcapítulo “Sufixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *-ez/-eza*, *-ês/-esa* e *-dade/-idade* em Português”, uma descrição idêntica às anteriores será apresentada, recorrendo ao mesmo tipo de obras.

No que diz respeito ao subcapítulo “Sufixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness* em Inglês, apresentar-se-á igualmente uma descrição, o mais completa possível, destes morfemas derivacionais.

Na Parte II, o segundo capítulo denominado “A consciência morfológica na aquisição de morfemas derivacionais”, serão mencionados estudos de alguns autores (Carlisle, 1995; 2000, Rosa, 2003, entre outros) que tentam delimitar o conceito de consciência morfológica. Esta consiste, segundo Carlisle (2000:194) na “children’s conscious awareness of the morphemic structure of words and their ability to reflect on and manipulate that structure”. Seguidamente, apresento a perspectiva de alguns autores quanto à idade em que as crianças começam a adquirir a consciência morfológica (Henderson, 1985, Fowler & Liberman, 1994, Singson, Mahony & Mann, 2000, entre outros). Apresento, depois, alguns quadros teóricos de desenvolvimento dessa consciência e de como as crianças passam de um conhecimento implícito para um formato mais explícito.

No segundo subcapítulo, “Estudos sobre a consciência morfológica na área da Morfologia Derivacional”, irei expor alguns dos estudos mais recentes que cruzam a consciência morfológica com este domínio da Morfologia (Carlisle, 1994; 2000; 2004, Leong, 2000, por exemplo), e em que intervêm aspectos como o desenvolvimento e compreensão da leitura, o desenvolvimento da escrita e a aquisição de vocabulário.

Na Parte III, denominado “Avaliação de conhecimentos e do desenvolvimento da Morfologia Derivacional: estudo empírico”, apresento o estudo experimental transversal aplicado a alguns estudantes do 3.º ano de escolaridade, efectuando uma descrição minuciosa acerca das tarefas morfológicas que foram aplicadas a esses participantes, com o objectivo de examinar o modo como adquirem o conhecimento de morfemas derivacionais específicos e de que forma efectuem as construções morfológicas, tanto em Português como em Inglês. Por outro lado, pretendo examinar

se existem diferenças significativas, nas tarefas administradas, em função de variáveis como o apoio sócio-económico, os apoios pedagógicos, a nacionalidade e as habilitações académicas dos progenitores. Serão igualmente explicados os critérios que foram utilizados para a construção dos testes morfológicos, assim como que tipos de palavras foram seleccionadas para a constituição dessas actividades e as normas de avaliação instituídas.

A Parte IV, intitulada “Resultados”, é constituída pela descrição e análise dos resultados obtidos, a nível quantitativo, após a administração das actividades morfológicas, para as línguas portuguesa e inglesa, e pela transcrição dos dados recolhidos junto dos participantes. Esta análise será iniciada pela indicação das médias e desvios-padrão referentes às tarefas morfológicas aplicadas, no geral e item a item, seguida da análise da significância das diferenças de médias em função das variáveis independentes em estudo. Serão também discutidos os resultados dos testes com base nos pressupostos de alguns modelos psicolinguísticos de processamento e armazenamento da estrutura morfológica dos itens lexicais considerados mais relevantes (Taft & Forster, 1975, McClelland & Rumelhart, 1981, Caramazza, Laudanna & Romani, 1988 e Laudanna, Cermele & Caramazza, 1997).

A presente dissertação abrange ainda a apresentação e discussão de alguns “erros” produzidos pelos participantes aquando da realização de algumas actividades morfológicas, por considerar que estas “incorrecções” podem trazer pistas para a compreensão do desenvolvimento da língua materna e da língua estrangeira por parte das crianças do 1.º ciclo.

Por último, serão apresentadas as conclusões, com especial incidência no estudo experimental realizado, bem como as propostas educacionais e as intenções de trabalho futuro, visando reforçar a importância de estudos que tenham em consideração a ligação existente entre a consciência morfológica e a Morfologia Derivacional.



## Capítulo I - A Morfologia Derivacional

### 1.1 Alguns problemas na descrição morfológica

Aquando da tentativa de descrição morfológica de alguns vocábulos portadores de morfemas derivacionais, constatamos que existem diversos casos em que, perante um determinado item derivado, a sua segmentação em morfemas nem sempre é efectuada facilmente. Esta constatação mostra que, por vezes, na Formação de Palavras são consideradas estruturas e processos nem sempre regulares, do ponto de vista sincrónico. Como exemplo de ocorrências deste tipo, atentemos para alguns vocábulos existentes na língua portuguesa, como o adjetivo *legal*. Tendo em conta o padrão regular presente em adjetivos como *musical*, *facial* e *adjectival*, que foram obtidos, respectivamente, dos substantivos *música*, *face* e *adjectivo*, seria de esperar que, a partir da segmentação, alcançássemos o mesmo resultado, i.e., o radical nominal do qual adviria o adjetivo *legal*. Assim, teríamos o radical *\*leg*. Confrontando este com *lei*, podemos perceber que a razão para a ocorrência de *legal* reside na herança de vocabulário por parte de línguas clássicas, neste caso o Latim<sup>6</sup>. Isto significa que, sincronicamente, alguns vocábulos são passíveis de serem decompostos, ao passo que outros, que foram herdados, a sê-lo, apresentarão, por vezes, uma base desprovida de autonomia numa determinada língua.

Algumas palavras que foram herdadas e/ou tomadas de empréstimo em Português e em Inglês não são passíveis de serem segmentadas, segundo uma perspectiva sincrónica. Assim, itens lexicais como *conceive* ou *transmit* acarretam problemas no que diz respeito à descrição morfológica, se não tivermos em conta que vocábulos como estes foram herdados do Latim. De outra forma, e tendo presente a definição de morfema como unidade mínima portadora de significado<sup>7</sup>, como poderíamos designar sincronicamente o elemento *-mit* em *transmit* como morfema, se o seu significado é aparentemente nulo?

A herança lexical apresenta, como consequência mais imediata, a existência conjunta de palavras com a mesma origem, mas com formas diferentes: por um lado, itens nativos e, por outro, itens tomados de empréstimo ou herdados de outras línguas.

---

<sup>6</sup> Noutros casos, pode ainda tratar-se de empréstimos, sobretudo do Francês e do Inglês.

<sup>7</sup> Cf., entre outros, Bloomfield (1933), para uma noção de morfema como unidade linguística mínima portadora de significado.

Este é o caso, em, português, por exemplo, dos vocábulos *olho* e *ocular*, *ilha* e *insular* e, em inglês, de *king* e *royal*, entre outros<sup>8</sup>.

No caso da língua inglesa, a conquista normanda, datada de 1066, trouxe como consequência diversas influências decorrentes do domínio francês em sistemas poderosos como o político, o eclesiástico, o jurídico e o educativo. Uma vez que a língua francesa foi estabelecida pelas elites e igualmente usada na literatura, esta era a língua, por norma, a ser usada na oralidade, paralelamente com o Latim (para assuntos de carácter administrativo), sendo o inglês relegado para segundo plano e a ser usado pela classe menos abastada. Foi precisamente durante o período da conquista normanda que milhares de palavras foram tomadas de empréstimo e/ou herdadas, situação que alterou o vocabulário da língua inglesa, pautado pela inclusão de um manancial de novos vocábulos trazidos pelo Francês e pelo Latim<sup>9</sup>.

Deste modo, a conquista normanda trouxe marcas linguísticas que comprovam a existência da língua francesa como a língua das classes superiores, e que ainda hoje são visíveis no Inglês Moderno, através de vocábulos como *parliament*, *royal*, *legal*, entre outros.

Assim, como já foi mencionado, as dificuldades manifestadas aquando da tentativa de descrição morfológica de alguns vocábulos numa determinada língua são essencialmente desencadeadas pela impossibilidade de os mesmos serem decompostos sincronicamente. Torna-se pertinente, portanto, ter em consideração que uma língua em particular inclui, no seu repertório lexical, palavras tomadas de empréstimo e/ou herdadas. A presença de itens lexicais não nativos está relacionada, para além da questão do prestígio da língua de empréstimo<sup>10</sup>, comprovada pela presença de vocábulos ‘estrangeiros’ na língua de chegada, com a necessidade de existir, numa língua, vocabulário que possa ser utilizado para nomear diversos conceitos, até aí inexistentes<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> *Óculo*, *insular* e *royal* foram vocábulos herdados no seu todo, i.e., não foram sufixados nem em português nem em inglês.

<sup>9</sup> Foi durante este período que emergiu, na história da língua inglesa, uma nova era denominada *Middle English*, que ocorreu entre os séculos XI e XV.

<sup>10</sup> Hock (1986:411) apresenta a classificação, que geralmente é feita, das línguas consoante o grau de prestígio que podem apresentar: *adstratum* para línguas com prestígio inexacto, *superstratum* para uma língua detentora de mais prestígio do que outra, e *substratum* para uma língua que possui menos prestígio do que outra.

<sup>11</sup> Hock (1986:424) preconiza, no entanto, que nem todos os empréstimos lexicais abarcam novas referências conceptuais na língua receptora; pode haver, isso sim, novos vocábulos para referências já

Por vezes, as restrições ao nível da descrição morfológica verificam-se em mais do que uma língua em simultâneo; isto significa que houve, pelo menos, um contacto entre essas línguas. De acordo com Arlotto (1981:90), estamos perante línguas “geneticamente relacionadas” e que contêm, no seu léxico, vocábulos com significados idênticos entre si. Segundo a perspectiva de Crowley (1997:21), línguas que apresentam palavras idênticas em termos de estrutura e significado demonstram a existência de um laço histórico estabelecido; só assim se consegue fundamentar a ligação linguística que une estas línguas, nomeadamente o facto de estarem incluídas, no seu repertório lexical, palavras descendentes de uma mesma língua. Este facto reforça a noção da existência de contacto entre línguas, tal como afirma o próprio autor (1997:21-22)<sup>12</sup>:

“ (...) some forms derive from a single set of original forms that has diverged differently in each case. The most likely explanation for their similarity in these widely dispersed languages is that each of these sets of words is derived from a single original form; this brings us to the concepts of language relationship and protolanguage<sup>13</sup>.”

Além dos problemas de descrição morfológica referidos anteriormente, podemos, igualmente, destacar outra dificuldade inerente aos estudos sobre formação de palavras, nomeadamente a existência de processos produtivos e não-produtivos. O obstáculo assim emergido deve-se ao facto de não ser possível, sincronicamente, aplicar um determinado padrão de formação de palavras a todos os itens lexicais existentes numa língua específica, mas antes a uma subclasse de palavras – domínio, tal como realça Rainer (2005:335). De acordo com o mesmo autor, a análise do domínio de processos não-produtivos pode ser efectuada extensionalmente, se

---

existentes. Aqui, pode dar-se a coexistência de formas tomadas de empréstimo e formas nativas portadoras de significado idêntico. Para Crowley (1997:157), vocábulos como estes, que podem coexistir na língua, são denominados *doublets*. Bynon (1977:226), por seu turno, acrescenta que os *doublets* se afiguram como formas rivais resultantes do facto de uma delas ter sido herdada ou tomada de empréstimo recentemente. No entanto, diversos são os pares que, ainda hoje, continuam a existir.

<sup>12</sup> Jones (em Crowley, 1997:22-23) afirma que “if two languages have a common origin, this means that they belong to a single *family* of languages”, e aborda ainda a questão da protolíngua, atestando que “there was some ancestral language from which [languages] descended by changing in different ways.”

<sup>13</sup> Conceito de protolíngua aqui definido, de acordo com Matthews (1997:301), como “an unattested language from which a group of attested languages are taken to be historically derived”.

elencarmos as bases realmente utilizadas, ou intensionalmente, caso estejamos a referir-nos a processos produtivos, através da apresentação de características inerentes a uma possível base ou, inclusivamente, de outros traços considerados importantes e que se encontram fora do eixo do processo. A estas características, Rainer (2005:335) apelida-as de restrições, e é precisamente da tarefa de definição dessas restrições em processos específicos que emerge a principal dificuldade.

No que diz respeito às restrições inerentes aos processos de formação de palavras, verifica-se que estas podem pertencer a dois campos: por um lado, podem obedecer ao domínio do universal e, portanto, aos princípios estipulados pela Gramática Universal<sup>14</sup> e, por outro lado, podem assumir-se como restrições específicas de uma língua em particular.

A partir da década de 1960, houve uma necessidade de reduzir a quantidade de regras, instituindo-se restrições, de modo a evitar um número elevado de ocorrências, sem que, no entanto, isso fosse feito de modo consistente e uniforme. Exemplo de teorias que abordam as questões das restrições podem ser encontradas em Aronoff (1976:48) e Scalise (1984:137-138) que, a propósito da *Hipótese da Unicidade da Base*<sup>15</sup>, segundo a qual se estipula que as regras de formação de palavras apenas podem ser executadas perante uma forma de base que apresente uma unicidade em termos sintácticos e semânticos. Isto significa que um mesmo afixo não é passível de ser associado a duas ou mais categorias sintácticas distintas. De acordo com esta hipótese, as regras de formação de palavras só podem, então, ser aplicadas a formas de base que exibam uma categoria sintáctica idêntica. No entanto, existem exemplos que refutam esta hipótese, já que, por exemplo, existem afixos que se podem associar a mais do que uma categoria sintáctica, tal como sustenta o próprio Scalise (1984:138-139), demonstrando que, em Inglês, os prefixos *inter-*, *co-*, *dis-* e *pre-* são associáveis às categorias maiores Nome, Verbo e Adjectivo. De forma a colmatar estas “lacunas”, Scalise (1984:139) reformulou a teoria defendida por Aronoff (1976:48), considerando também que esta se centra maioritariamente nos sufixos, e

---

<sup>14</sup> Como mais tarde seria integrado no modelo da Morfologia Natural, retomando Chomsky (1955). Esta teoria postula a existência de princípios e parâmetros comuns a todas as línguas naturais.

<sup>15</sup> Tradução literal de *Unitary Base Hypothesis*.

denominando-a *Hipótese da Unicidade da Base Modificada*<sup>16</sup>. Através desta hipótese, Scalise determinou o seguinte:

“A suffix may be attached only to bases that form a syntactic class specifiable in terms of a single syntactic category feature in X-bar theory terms.”

Assim, e à luz da hipótese reformulada, este autor sustenta que apenas os sufixos que se soldam a Nomes e Verbos violam esta teoria (facto que não sucede com os Nomes e Adjectivos), na medida em que tais categorias maiores não apresentam traços sintácticos únicos em comum<sup>17</sup>. Contudo, esta hipótese, apesar de reformulada, é igualmente refutável pelo próprio Scalise (1984:139-140), que apresenta exemplos da língua italiana para demonstrar que, por vezes, o traço sintáctico único se afigura como factor insuficiente para descrever as bases em causa, pois nela estão compreendidas as combinações nominais e verbais. Este é o caso, a título de exemplo, do sufixo *-ata*, que se associa tanto a bases nominais (*chiaiata*) como verbais (*mangiata*), e do sufixo *-ino* (*postino* e *imbianchino*).

Outra hipótese desenvolvida com o intuito de restringir o número de regras de formação de palavras foi a *Hipótese da Ramificação Binária*, enunciada por Aronoff (1976) e de acordo com a qual uma regra de formação de palavras se associa a um afixo de cada vez. Isto significa que a estrutura interna de uma determinada palavra é sempre binária. No entanto, existem algumas excepções a esta hipótese, como é o caso das palavras derivadas por parassíntese, processo que consiste na associação simultânea de dois afixos (um prefixo e um sufixo) a uma forma de base e cuja extracção de um prefixo ou de um sufixo à mesma forma de base leva à presença de palavras não existentes na língua<sup>18</sup>.

Posterior à hipótese acima mencionada formulada por Aronoff (1976), surge uma outra teoria elaborada por Roeper & Siegel (1978) e por Allen (1978) e denominada

---

<sup>16</sup> Literalmente *Modified Unitary Base Hypothesis*.

<sup>17</sup> Scalise (1984:139) considera que a restrição aplicada aos sufixos relativamente aos traços sintácticos únicos não se aplica aos prefixos, na medida em que estes são passíveis de serem associados tanto a Verbos como a Nomes.

<sup>18</sup> Scalise (1984:149) faz alusão à exoneração da ramificação ternária potenciada pela derivação parassintética e mostra a ramificação binária como forma de solucionar o problema e faseada em duas etapas: primeiro, a associação de um sufixo a uma dada base, dando origem a uma palavra possível numa língua específica e, em segundo, a junção de um prefixo à mesma base, dando forma a uma palavra existente.

*No Phrase Constraint*, segundo a qual os autores convencionam que uma regra de formação de palavras não pode ter como ponto de partida sintagmas, mas antes categorias sintáticas maiores. Contudo, Scalise (1984:155) refere, a título de exemplo, no caso da língua inglesa, que os sufixos *-y* e *-ish* podem associar-se tanto a nomes como a sintagmas nominais (por exemplo, *bloody* e *thunderish*), violando assim esta hipótese<sup>19</sup>.

### 1.1.1 Produtividade – algumas perspectivas

Retomando a questão da produtividade,aponte-se que, mais recentemente, assistimos a um intercâmbio de ideias e teorias entre, por um lado, os seguidores da área da Psicolinguística e, por outro, do campo da Morfologia (generativa e não generativa).

No âmbito dos estudos acerca da produtividade, é habitual estabelecer-se a diferença entre processos produtivos, que permitem formar novas palavras por meio das regras que conduzem à sua formação, e processos não produtivos, que se opõem aos primeiros pelo facto de não serem já passíveis de formar novos itens lexicais.

Na medida em que existem diversas condições associadas ao facto de um dado processo morfológico ser considerado produtivo ou não produtivo, torna-se necessário mencionar quais são essas condições, como poderá ser observado adiante. Por agora, importa apresentar a definição, por parte de alguns autores, acerca da noção de produtividade.

A pesquisa efectuada em torno de algumas gramáticas históricas permite-nos constatar que este conceito já existe desde há muito, não se tratando, por isso, de uma noção inovadora. Por exemplo, algumas gramáticas históricas encontramos termos como “vivo” e “activo”, referindo-se aos elementos linguísticos produtivos, por oposição aos de “petrificados”, sinónimo de não produtivos.

Hockett (1958:575) apresenta a seguinte definição de produtividade, que corresponde à criatividade sintáctica:

---

<sup>19</sup> Esta hipótese foi inicialmente formulada por Botha (1983) relativamente às palavras compostas. Allen (1978) tenta resolver este obstáculo relativo à violação da *Restrição Sem Sintagmas*, considerando que os sintagmas despoletadores da violação da hipótese não apresentam uma composicionalidade em termos semânticos, contrariamente aos sintagmas providos de composicionalidade semântica que, por este motivo, não desencadeiam tal dificuldade.

“(...) property of language which allows us to say things which have never been said before”.

Já Aronoff (1976) consagra especial atenção à questão da produtividade, defende que este conceito está ligado à distinção que o próprio estabelece entre as palavras existentes e as palavras potenciais, assumindo que a produtividade de um determinado processo morfológico é mensurável por meio do cálculo entre as palavras existentes e as palavras possíveis, ou seja, não se baseia exclusivamente na frequência mais ou menos elevada de um determinado processo para “medir” a produtividade, tal como podemos observar quando ao autor (1976:36) afirma que:

“it doesn’t take into account the fact that there are morphological restrictions on the sorts of words one may use as the base of certain W[ord] F[ormation] R[ules]”.

Por seu turno, Baayen (1992), considerando produtividade e frequência enquanto conceitos interligados, afirma que a primeira noção está relacionada com uma dimensão elevada de ocorrências num determinado *corpus*, i.e., tem em conta uma noção escalar de produtividade.

Verificamos, assim, que a noção de produtividade não tem sido entendida por todos como conceito absoluto, havendo por isso alguns autores que consideram que este conceito é escalar, sendo passível de variação em grau. Este é também o caso, entre outros, de Bybee (1988) e Matthews (1974:221-222), apresentando este último ainda a noção de semi-produtivo para se referir a situações em que existem determinadas unidades linguísticas que não se encontram atestadas, por força da existência de outras unidades concorrentes e que, por isso têm de ocupar outro lugar no léxico. Por isso, para este autor, a produtividade não se afigura como um conceito absoluto, na medida em que, na eventualidade de ocorrência de um fenómeno de bloqueio, um processo deixa de ser completamente produtivo, impedindo assim a produtividade absoluta.

Por sua vez, Corbin (1987) encara a noção de produtividade como associada à regularidade, disponibilidade e rentabilidade. Em primeiro, à regularidade dos

elementos que foram submetidos a uma regra de formação de palavras; em segundo, à disponibilidade de um determinado afixo ou processo; por último, à rentabilidade, consistindo esta, segundo a autora, na possibilidade de determinado afixo poder figurar num número elevado de produtos derivados.

Bauer (2001) opta por dividir o conceito de produtividade em duas formas: por um lado, a disponibilidade, relativa ao sistema, e que disponibiliza um determinado processo morfológico ou afixo; por outro lado, a rentabilidade, relativa à norma, e que está ligada ao número de ocorrências.

Para concluir este ponto, importa sublinhar que uma rentabilidade fraca não é necessariamente sinónimo de não produtividade, ainda que, aparentemente, os processos rentáveis sejam igualmente produtivos. Além disso, um processo que já não é produtivo pode apresentar, numa língua, um grande número de ocorrências. No meu trabalho, considero que a frequência de um determinado item lexical não deve ser um requisito obrigatório para fazer juízos acerca da produtividade, já que o processo que conduziu à sua formação pode, por um lado, já não se encontrar disponível na língua, embora apresente uma taxa de ocorrência elevada e, por outro lado, temos exemplos com um baixo nível de ocorrências que são resultantes de processos disponíveis.

Uma vez discutido o conceito de produtividade, torna-se relevante destacar que factores levam a que um dado processo morfológico seja considerado produtivo ou não produtivo.

### **1.1.2 Factores que concorrem para a produtividade ou não produtividade de determinados processos morfológicos**

Não só em Bauer (2001), mas em quase toda a literatura relativa à produtividade de determinados processos morfológicos, são apontados alguns factores que influenciam um processo morfológico a constituir-se como produtivo ou não produtivo. De entre esses factores estão a frequência das palavras formadas de acordo com determinadas regras que conduziram à sua formação, sendo este o aspecto mais destacado por todos. Adicionalmente, a categoria gramatical das formas de base que levam à formação de um produto derivado é também tido como um factor que influencia a produtividade desses processos, assim como as especificidades fonéticas



e fonológicas das formas de base. Por outro lado, a proporcionalidade entre os itens lexicais utilizados pelos falantes e os itens que um determinado processo pode potenciar podem afectar a produtividade de um dado processo morfológico, bem como a possibilidade de surgimento de novas palavras. Podem também ocorrer factores que podem traduzir-se em restrições do foro sintáctico e semântico, onde, por exemplo, um determinado afixo pode seleccionar bases com características sintácticas específicas, ou restrições de cariz lexical e semântico, como nos casos em que é necessário, num domínio técnico e científico, a intervenção de um afixo em particular e que o distinga de outro que é habitualmente utilizado na linguagem corrente (cf., por exemplo, o sufixo *-ite*). Por último, podem também surgir restrições de carácter morfológico, nomeadamente nos casos em que certos afixos derivacionais, por exemplo, para participarem num processo de recursividade, necessitam da presença de segmentos derivacionais específicos (por exemplo, as formas verbais em *-ecer* seleccionam especificamente o sufixo *-mento*).

Abordar um assunto tão complexo como as restrições ao nível da produtividade dos processos de formação de palavras deve ser efectuada sob o ponto de vista do processamento, como sustenta Rainer (2005:336):

“(...) some aspects of blocking, affix order and choice of the base(s) can only be fruitfully tackled from a processing perspective.”

Como tal, o mesmo autor enumera alguns processos alusivos à mesma temática, nos quais são colocadas restrições cuja localização surge, aparentemente, na Gramática Universal. Este é o caso do fenómeno de bloqueio, princípio formulado por Aronoff (1976:43) que, estando relacionado com os processos morfológicos de formação de palavras, surge devido à competição que certas formas lexicais podem criar entre si. Este fenómeno afigura-se, de acordo com o mesmo autor, como uma espécie de restrição das regras de formação de palavras em que uma palavra “bloqueia” outra por ser já existente no léxico e por apresentar o mesmo significado<sup>20</sup>. Aronoff (1976:44) apresenta, como exemplo do fenómeno de bloqueio, alguns derivados em *-ness* e em *-ity* oriundos de adjectivos em *-ous*, demonstrando que os

---

<sup>20</sup> Cf. Santos (2008:24).

primeiros derivados bloqueiam a intervenção dos segundos em relação aos adjetivos referidos. De acordo com o mesmo autor, sempre que ocorre um cenário como este, qualquer derivado em *-ity* será sempre bloqueado, sendo, por isso, interdita a sua ocorrência, surgindo o vocábulo *°gloriousness* em detrimento de *°gloriosity*. Este facto, de acordo com Aronoff, sucede sempre que a base nominal se encontra preenchida por um dado elemento lexical. Na medida em que, segundo a perspectiva do autor, o léxico consiste num inventário composto por elementos lexicais arbitrários e por regras de formação de palavras não produtivas, *°gloriosity* teria de permanecer no léxico; no entanto, nesse inventário já se encontraria, no espaço reservado para as bases nominais, o item lexical *glory*. Assim, e como os derivados em *-ity* não ocorrem sempre que esse espaço está preenchido, o vocábulo *°gloriosity* não entraria no léxico e, por isso, não seria nele listado. Nestes casos, ocorre geralmente a presença de um derivado em *-ness*. Se, por outro lado, não houver nenhum item nominal do qual derivem os adjetivos em *-ous*, podem ocorrer tanto vocábulos em *-ity* como em *-ness*, tal como afirma Aronoff (1976:43-44):

“ (...) whenever there exists in a given stem both an *Xous* adjective and a semantically related abstract noun, then it is not possible to form the *+ity* derivative of *Xous* adjective. The already existing noun blocks the new *+ity* derivative.” *#ness* derivatives of *Xous* adjectives are never blocked.”

Desta forma, podemos observar que os derivados em *#ness* ocorrem, independentemente de a posição dos nomes não derivados estar preenchida ou não. De acordo com Aronoff (1976:45), isto sucede porque *-ness* é um sufixo produtivo, contrariamente a *-ity*, considerado menos produtivo. Por outro lado, o mesmo autor (1976:55) sustenta que a produtividade de um afixo específico com uma dada classe de palavras constitui um factor determinante para que este bloqueie a existência de outro afixo concorrente. Devido a esta perspectiva, Scalise (1984:160) considera pertinente distinguir dois tipos de bloqueio, dependendo dos fenómenos que estão em causa. Assim, Scalise remete a noção de *bloqueio* para os casos em que o elemento lexical que vai bloquear o outro elemento é um vocábulo não derivado, estabelecendo-se entre o item “bloqueador” e o item bloqueado uma relação entre

duas formas que estão obrigatoriamente inseridas no léxico, pois o elemento bloqueado afigura-se como um vocábulo complexo não derivado e o elemento “bloqueador” não obedece às regras de formação de palavras produtivas. Por seu turno, Scalise refere-se ao conceito de *regra de bloqueio* sempre que o item que bloqueia outro é um sufixo, e esse sufixo é sempre produtivo para uma classe de palavras em particular.

Apesar de sugerir esta divisão no que diz respeito ao modelo de bloqueio formulado por Aronoff (1976), Scalise (1984:161) considera que este fenómeno não é linear, surgindo, por vezes, algumas dificuldades, nomeadamente no que diz respeito ao semanticismo que um determinado elemento que ocupa a posição de nominal e o item “bloqueador” de outro item podem apresentar, dando como exemplo os vocábulos franceses *religion* e *religiosité*<sup>21</sup> e postulando que ambos exibem significados distintos. Isto significa que, para a selecção de um item em detrimento de outro concorrente, é importante ter em consideração quão semanticamente distintos são o vocábulo que ocupa o lugar dos itens nominais e a palavra que sobreviveu ao fenómeno de bloqueio. Devido à complexidade que a noção de bloqueio acarreta, Scalise (1984:163) defende, contrariamente a Aronoff (1976), que este não é um fenómeno causador de restrições das regras de formação de palavras, mas antes um “economizador do léxico”, como o próprio salienta:

“ [Blocking and the Blocking Rule] cannot (...) be considered formal principles restricting the WFR’s, but rather the expression of fairly general tendencies, a pattern in the lexicon, the ultimate scope of which appears to be economy.”

Zwanenburg (1981), por sua vez, opõe-se à perspectiva de Aronoff (1976) de que o princípio de bloqueio não ocorre com processos produtivos, defendendo que tal fenómeno é passível de suceder com processos produtivos. Para tal, este autor dá como exemplo os sufixos da língua francesa *-iste* e *-isme*, observando que os derivados em *-isme* possuem duas paráfrases principais, e que o derivado correspondente em *-iste* não abarca a segunda glosa; o derivado em *-iste* foi bloqueado pela existência de um item terminado em *-isme*, já que este abrange a

---

<sup>21</sup> Não é de estranhar que assim seja, tendo em conta que também são formas diferentes.

primeira paráfrase afecta a esse mesmo sufixo. Assim, para Zwanenburg (1981), a impossibilidade de ocorrência de um vocábulo como °*athletiste* está relacionada com o facto de os derivados em *-iste* não poderem ser formados a partir de palavras em *-isme*<sup>22</sup> (Scalise, 1984:161). Esta noção de bloqueio aqui sustentada por Zwanenburg (1981) é equiparada, por Scalise (1984:162), à *regra de bloqueio*. Por conseguinte, na ausência de derivados em *-iste*, Zwanenburg (1981) atesta que podem encontrar-se outros sufixos, como *-ique* ou *-isé*, e que preenchem os requisitos exigidos correspondentes aos derivados em *-isme*, e que são estes sufixos que bloqueiam o surgimento de, neste caso, um vocábulo terminado em *-iste*.

Deste modo, pode constatar-se que as teorias existentes acerca do fenómeno de bloqueio privilegiam o impedimento da ocorrência de determinadas formas regulares devido à presença de itens lexicais irregulares, para além de tal fenómeno apresentar como função sumprimir alguns pares sufixais considerados “rivals” ou concorrentes.

No entanto, Caetano (2003:159) defende que alguns vocábulos formados de acordo com um processo regular vêm-se bloqueados, devido ao facto de existirem, por vezes, derivados sinónimos cujos sufixos que os integram deixam de estar disponíveis, apontando como exemplo o par sufixal rival *-ura/-idade* nos vocábulos *espessura*°*espessidade*, ou *-nça/-mento* em *mudamento*/*mudança*, este último par utilizado nos séculos XIII e XIV, respectivamente. No caso de *-ura*, verifica-se a existência de um derivado portador de um sufixo não produtivo (*espessura*), e que bloqueou um sufixo produtivo, formado de acordo com as regras de formação de palavras. No caso do segundo par apresentado, observa-se que se suplantou uma forma (*mudança*) em detrimento de outra (*mudamento*).

Adicionalmente, Caetano (2003:160) refere que era frequente existirem derivados portadores de pares de sufixos concorrentes<sup>23</sup>, o que enfraquece o conceito de bloqueio aronoffiano. Por conseguinte, a autora (2003:160) esclarece que devemos centrar as nossas atenções na justificação para o facto de, entre dois sufixos concorrentes, que partilham a mesma função e selecção de formas de base, a escolha recair sobre um deles, comprometendo a frequência do sufixo preterido. Nesse

---

<sup>22</sup> Para justificar a ocorrência do fenómeno de bloqueio no exemplo exposto, Zwanenburg (1981) não menciona a existência, na língua francesa, de um vocábulo que apresenta as mesmas características do que *athletiste*, palavra não existente em francês, ou seja, do vocábulo *athlète*.

<sup>23</sup> Caetano (2003:160) apresenta, como exemplo, o par sufixal *-eza* e *-ura* existente em Português Medieval, em *brandeza* e *brandura*, soldando-se à mesma base e conferindo-lhe o mesmo significado, contrapondo assim o fenómeno de bloqueio.

sentido, Caetano (2003:161) atenta para o grau de transparência dos itens lexicais formados, que, quanto maior, mais fácil se afigura a sua analisabilidade. Por outro lado, a autora considera que quanto menos analisável se tornar um determinado vocábulo derivado, menos rentável se tornará o mesmo. Além disso, Caetano (2003:166-167) sublinha que a competência dos falantes desempenha um papel essencial, pois estes socorrem-se do conhecimento que possuem acerca da sua língua e, conseqüentemente, do léxico que a compõe, estabelecendo relações de analogia com outros vocábulos que apresentam alguma similitude com os itens lexicais construídos pelos falantes.

Na presente tese, não vou adoptar o modelo formulado por Scalise (1984:160), referindo-me ao conceito de bloqueio para reportar os casos em que uma palavra impede a existência de outra, e ao conceito de regra de bloqueio para destacar situações em que um sufixo produtivo específico impossibilita a ocorrência de um determinado vocábulo portador de um sufixo rival. Além disso, partilho igualmente da opinião de Caetano (2003:169), ao considerar que, tal como era possível haver, em fases pretéritas, pares sufixais concorrentes, que exercem a mesma função e que são idênticos do ponto de vista semântico, também o é possível, numa fase em que a consciência morfológica ainda se encontra em desenvolvimento.

Rainer (2005:336) traça uma distinção entre aquilo que considera ser, por um lado, *token blocking* e, por outro, *type blocking*. No caso do primeiro conceito, o mesmo autor entra em concordância com a definição de bloqueio preconizada por Aronoff (1976:43) e anteriormente mencionada, segundo a qual a existência de uma palavra ou afixo com semanticismo idêntico bloqueia a existência de outra/o. A título de exemplo, Rainer (2005:337) apresenta o par vocabular concorrente *thief/stealer* como prova de *token blocking*<sup>24</sup>.

A existência de pares concorrentes como *thief/stealer* traz à tona a estreita relação entre as palavras existentes e, portanto, atestadas, e o acesso lexical, ao passo que o recurso à formação de palavras parece dar-se, segundo Rainer (2005:337), quando o falante não tem à sua disposição um vocábulo existente na língua. Aqui, a frequência desempenha um papel preponderante, já que o fenómeno de bloqueio ganha mais

---

<sup>24</sup> Contudo, Rainer (2005:336) salienta a inexactidão verificada acerca da existência efectiva de um vocábulo numa determinada língua; importa, isso sim, centrar a atenção na “existence of an established synonym in the mental lexicon of the speaker or writer in question (...)”

consistência quanto mais elevada for a taxa de frequência de uma palavra existente que “rivalize” com outra sinónima<sup>25</sup>.

Assim, o bloqueio ou *token blocking* faz prevalecer um vocábulo em detrimento de outro, por este estar atestado numa determinada língua. Um vocábulo “bloqueado” afigura-se, pois, como um item formado de acordo com os padrões de formação de palavras dessa mesma língua, não violando, por isso, as normas que ditam a sua construção. Trata-se, então, de uma palavra possível ou potencial, na medida em que, apesar de não se encontrar atestada nos dicionários, segue o princípio das construções bem formadas da língua e existe no léxico potencial de cada falante. Neste ponto, é possível estabelecermos o binómio palavras existentes vs. palavras possíveis/potenciais (bem formadas, não atestadas), assumindo uma postura distinta daquela que é preconizada por Rainer (2005:337), já que o autor defende que as palavras possíveis são distintas dos vocábulos potenciais e, a esse propósito, afirma:

“(...) blocked words would be potential, but not possible words, in our sense of words which are not only well-formed but also readily acceptable under normal linguistic circumstances (...). The bases of patterns of word formation must be possible words; or, put the other way round: merely potential – as opposed to possible – words are excluded as bases of patterns of word formation.”

Assim, Rainer (2005:337) sustenta que as palavras potenciais se afiguram como os únicos vocábulos sujeitos ao fenómeno de bloqueio, apesar de serem formados de acordo com os padrões de formação de palavras de uma língua, contrariamente às palavras possíveis, que não são, com efeito, aceites pelos falantes dessa língua.

Quanto a este aspecto, entramos em desacordo com a distinção que Rainer estabelece entre as palavras possíveis e potenciais, e no enquadramento dos vocábulos “bloqueados” como pertencentes ao domínio dos itens lexicais potenciais, bem como com os argumentos apresentados a esse respeito. Uma vez que, na óptica de Rainer (2005:337), as palavras possíveis são construções bem formadas, facilmente aceitáveis por parte dos falantes nativos da língua em questão e que, para além de

---

<sup>25</sup> Rainer (2005:337) postula que, no caso de palavras com fraca frequência, tanto a palavra existente como a palavra possível são aceites pelos falantes de uma língua.

bloquearem vocábulos sinónimos, são passíveis de originar derivações posteriores, perante as características apontadas, o autor integra os itens “bloqueados” não no núcleo dos possíveis, mas antes no dos potenciais, por defender que estas apresentam características distintas daquelas que foram anteriormente mencionadas a respeito dos vocábulos possíveis. No entanto, o autor não indica nenhum exemplo de vocábulos potenciais, o que faz com que a sugestão da separação entre palavras potenciais e palavras possíveis origine diversas dificuldades. Além deste aspecto, Rainer (2005:337) refere que a palavra alvo do fenómeno de bloqueio é um vocábulo bem formado, regido de acordo com os padrões de formação de palavras de uma dada língua, e que por este motivo pode estar sujeito ao bloqueio, sustentando ainda que a palavra “bloqueadora” de outra tem de possuir um grau de frequência suficiente para que possa bloquear o vocábulo rival<sup>26</sup>. Contudo, o mesmo autor acaba por defender que são as palavras potenciais os alvos submetidos a tal fenómeno.

Nesta tese, defendo que tanto os itens potenciais como os possíveis são conceitos semanticamente idênticos e que, por isso, as palavras “bloqueadas” podem assumir-se como construções possíveis ou potenciais, quebrando a tricotomia palavras bloqueadas vs. possíveis vs. potenciais imposta por Rainer (2005:337). Assim, considero que, na língua portuguesa, os vocábulos possíveis/potenciais são construções bem formadas, perceptíveis para qualquer falante nativo<sup>27</sup> dessa língua e regidas pelas regras de formação de palavras. Desta forma, assumo que as palavras potenciais apresentam as mesmas características formais do que as possíveis, podendo ser “bloqueadas” pela existência de itens atestados na língua, e que a aceitação ou não por parte dos falantes da mesma está relacionada não só com o semanticismo do vocábulo, mas também com o conhecimento linguístico que cada falante detém acerca da sua língua, com a frequência com que ocorre determinado item/processo, ou seja, relacionada com questões de norma e não de sistema.

No que diz respeito ao *type blocking*, Rainer (2005:337) postula que este consiste na ocorrência de um processo sinónimo, podendo, inclusivamente, não estar em jogo qualquer tipo de construção que tenha sofrido a intervenção do fenómeno de bloqueio. A título de exemplo, o autor serve-se de alguns sufixos do Alemão que entram em competição entre si (*-heit*, *-itat*, *-ie*), em determinados contextos.

---

<sup>26</sup> Cf. Plag (2002:65).

<sup>27</sup> Falante nativo ou que domine a língua em questão.

Perante o cenário traçado por Rainer quanto aos conceitos de *token blocking* e de *type blocking*, o autor parece referir-se à primeira noção para os casos em que as palavras são alvo do fenómeno de bloqueio, restringindo o *type blocking* para elementos linguisticamente menores do que os vocábulos, mas que integram o domínio da palavra<sup>28</sup>.

Na presente tese, não utilizarei os conceitos de *type blocking* ou de *token blocking*, cingindo-me ao processo de bloqueio para palavras e para unidades linguisticamente menores do que os itens lexicais.

Outra restrição observável a nível do processamento é a denominada Ordem Baseada na Complexidade<sup>29</sup>, defendida tanto por Plag (2002) como por Hay (2002), através da qual é demonstrado que línguas como o Inglês, detentoras de morfemas derivacionais, apresentam um manancial de restrições relacionadas com as possíveis combinações que podem surgir entre bases e afixos<sup>30</sup>.

De acordo com este princípio, quando numa estrutura ocorrem vários afixos derivacionais (em Inglês), estes obedecem a uma ordem em particular, tendo em conta as restrições de natureza morfológica, fonológica e semântica que apresentam. De igual modo, factores como a produtividade, a alteração prosódica ou a origem<sup>31</sup> dos afixos determinam a sua posição nas classes (I ou II) estipuladas.

No que diz respeito ao agrupamento dos afixos derivacionais nestas classes, não podemos deixar de mencionar a proposta levada a cabo por Siegel (1974), que sugeriu a divisão dos mesmos na classe I e na classe II. Assim, da classe I integrariam prefixos e sufixos portadores de acento primário, alterando o acento da forma de base aquando da associação de um afixo derivacional. Além disso, os afixos pertencentes a esta classe apresentam fronteira de morfema (+)<sup>32</sup>, o que significa que a sílaba tónica vai ser alterada, na passagem de um vocábulo desprovido de afixos a um item lexical

---

<sup>28</sup> Este é o caso dos sufixos e dos prefixos.

<sup>29</sup> Literalmente *Complexity Based Ordering*.

<sup>30</sup> Plag & Baayen (2008) sublinham ainda que um determinado afixo derivacional associa-se a bases que apresentam propriedades específicas: por exemplo, *-ise/-ize* solda-se a nomes e adjectivos que terminem em sílabas átonas. Os mesmos autores defendem também que as restrições impostas em termos de processamento e seleção são factores cruciais na inclusão de um dado afixo numa das classes.

<sup>31</sup> Nativos ou não nativos.

<sup>32</sup> Chomsky & Halle (1968), em *The Sound Pattern of English*, propõem a existência de dois tipos de fronteiras: de palavra, representada por #, e de morfema, representada por +, dependendo da existência ou não de alterações de cariz fonológico e morfológico que se podem desencadear aquando da formação de um derivado (por exemplo, na passagem do verbo *to submit* para o nome *submission*).



derivado com um determinado afixo<sup>33</sup>. Acresce ainda o facto de estes afixos poderem associar-se a palavras e a radicais e precederem os prefixos e sufixos agrupados na classe II<sup>34</sup>. Por seu turno, os afixos derivacionais que constam da classe II possuem acento neutro, o que significa que não alteram a sílaba tónica aquando da sua adição a uma dada forma de base. Apresentando fronteira de palavra (#), este tipo de afixos associa-se, na grande maioria dos casos, a palavras.

Hay (2002:549) sublinha ainda que, uma vez mais, a frequência de uma palavra derivada desempenha um papel cimeiro, na medida em que um dado sufixo é mais facilmente analisável quanto maior for a frequência da base relativamente ao item derivado. Uma vez que diferentes afixos podem acorrer a uma base específica, o grau de decomposição é variável, tal como atesta Rainer (2005:339):

“(...) the degree of parsability of an affix may vary from derivative to derivative.”

Por último, outras restrições ao nível dos processos produtivos / não produtivos são observáveis, como a extensão de um dado vocábulo que, quanto maior, menos vezes será utilizado pelos falantes e, consequentemente, menos frequente será<sup>35</sup>. Ainda, de acordo com Rainer (2005:340), o grau de produtividade é variável e, assim, o autor preconiza que as palavras formadas através de um processo mais produtivo irão ocorrer com mais frequência do que os vocábulos portadores de um processo menos produtivo. No entanto, consideramos que, tendo em conta algumas leituras efectuadas, não existe uma regra de formação de palavras mais ou menos produtiva: ou irá formar novas palavras ou estas não poderão ser formadas de acordo com essa regra<sup>36</sup>. Isto significa que a regra ou é produtiva ou não é e, reforçando um aspecto mencionado por Aronoff (1976:36), o importante é ter em consideração a morfologia

---

<sup>33</sup> Por exemplo, em *prodúctive*, se associarmos o afixo derivacional *-ity*, pertencente à classe I, dá-se uma alteração fonológica, nomeadamente em termos da sílaba tónica, passando esta a estar em *productivity*. Se, pelo contrário, adicionarmos o sufixo *-ness*, inserido na classe II, constatamos que o acento se mantém inalterado na sua passagem a vocábulo derivado (*prodúctive* – *prodúctiveness*).

<sup>34</sup> Siegel (1974:114) considera que *con-*, *de-*, *re-*, *in-* e *ex-* são prefixos latinados e que integram a classe I.

<sup>35</sup> Nas palavras do próprio autor (Rainer, 2005:339): “ (...) not every word with the required specifications has the same chance of becoming a base for further derivation or of entering into a compound as a constituent. The probability in fact is positively correlated with the frequency of a word, but negatively with its length and, in the case of a derivative, also with the productivity of the affix: more frequent words are preferred to less frequent ones, short ones over long ones (...)”.

<sup>36</sup> Cf., entre outros, Bauer (2001) e Caetano (2003).

da forma de base, já que dela dependerá também a produtividade. Assim, o autor dá como exemplo da língua inglesa o caso dos sufixos *-ness* e *-ity* que, dependendo da estrutura interna das formas de base a que se associam, vêem a sua produtividade ser alterada. A título de exemplo, Aronoff (1976:36) sustenta que, quando associado a formas de base adjetivais terminadas em *-ive*, *-ness* apresenta maior produtividade do que o sufixo *-ity*. No entanto, quando soldado a adjetivos terminados em *-ile*, *-ness* perde produtividade para o afixo derivacional *-ity*. No entanto, Plag (2002:51-52), através da sua afirmação, mostra-nos que a literatura tem conferido à produtividade contornos distintos, na medida em que este autor menciona que a maioria das perspectivas teóricas acerca da produtividade revela que um determinado processo de carácter morfológico pode afigurar-se como mais produtivo do que outro, justificando a sua apreciação do seguinte modo:

“That [such] view is widespread is evidenced by the fact that in the literature on word-formation, we frequently find afixes being labeled as ‘quasi-’, ‘marginally’, ‘semi-’, ‘fully’, ‘quite’, ‘immensely’, and ‘very productive’.”

Assim, o autor acima mencionado refere-se ao grau de produtividade que tem sido utilizado na literatura, relativamente a alguns afixos. Contudo, nesta dissertação, iremos defender, à semelhança de outros autores, que ou um processo é produtivo para que se forme uma determinada palavra, ou então não é produtivo e, por conseguinte, não formará nenhum vocábulo complexo.

No que concerne às restrições relacionadas com a especificidade de uma língua em particular, é necessário descortinar se a organização dos afixos nas suas respectivas classes (I e II)<sup>37</sup> se prende com o facto de estes apresentarem restrições em termos de

---

<sup>37</sup> A teoria proposta por Siegel (1974) relativamente ao agrupamento de afixos derivacionais em classes foi incorporada (e posteriormente alterada) na denominada Fonologia Lexical concebida por Paul Kiparsky (1982), que estipula que “phonological processes are sensitive to processes of affixation: e.g. in words like *photography* (←*phótophograph*), the placing of the accent and the associated distribution of vowel qualities are sensitive to the suffixation of *-y* and a boundary (*photograph-y*) specifically deriving from it. Processes are further divided into blocks by the principle of level ordering”.

selecção ou se existem outros parâmetros em jogo que contribuem para esta listagem<sup>38</sup>.

Segundo a perspectiva de Rainer (2005:340), o agrupamento dos afixos derivacionais em duas classes teve como critério, entre outros, a origem daqueles elementos; por um lado, os afixos podem ser oriundos da própria língua e, por outro, podem ter sido herdados.

Nesta dissertação, defendo que o facto de um determinado afixo poder ou não soldar-se a uma forma de base está directamente ligado às restrições de selecção a que um elemento afixal se sujeita, como seguidamente iremos aprofundar<sup>39</sup>.

Plag (2002:59-60) debruça-se sobre a questão das restrições a nível dos processos produtivos e não produtivos, atestando a existência de algumas causas que contribuem para que se forme uma nova palavra. Assim, de acordo com o mesmo autor, um vocábulo pode ser formado para nomear um novo conceito (*função referencial*), para sintetizar informação (*recategorização sintáctica*) ou ainda para manifestar uma atitude em particular. Na medida em que Plag (2002:60) atesta que nem todos os vocábulos potenciais são formados e/ou utilizados, o autor elenca algumas restrições relacionadas com esse facto. Assim, as restrições podem apresentar um carácter pragmático ou estrutural. No caso da primeira hipótese, Plag (2002:60) defende, por exemplo, que a tendência para o uso de certos afixos influencia a produtividade de alguns processos<sup>40</sup>. Para a segunda restrição, o autor (2002:61-67) menciona situações relativas a propriedades sintácticas, fonológicas e morfológicas específicas<sup>41</sup>, para a língua inglesa, de uma dada forma de base ou do vocábulo derivado, onde inclui, igualmente, o fenómeno de bloqueio<sup>42</sup>.

---

<sup>38</sup> Existem, no entanto, excepções no que diz respeito à ocorrência de certos afixos agrupados nos dois diferentes níveis (cf., por exemplo, Aronoff & Sridhar 1983, para excepções acerca de afixos, em Inglês, desprovidos de acento que, por vezes, são integráveis no grupo daqueles que são portadores de acento).

<sup>39</sup> Por seu turno, Plag (1996) defende que as restrições se encontram nas bases, que seleccionam um só afixo, e não nos afixos (“affix-driven hypothesis”). No entanto, esta hipótese não abrange os casos em que um determinado afixo é passível de se associar a derivados portadores de outros.

<sup>40</sup> De acordo com Plag (2002:60), a título de exemplo, a “moda” trazida pelo uso de prefixos como *mega-*, *giga-* e *mini-*, ou de sufixos como *-nik*.

<sup>41</sup> Fonológicas (Plag, 2002:61): associação do sufixo inglês *-al* a verbos acentuados na última sílaba, na maioria dos casos; morfológicas (Plag, 2002:63): os derivados em *-ize* apenas pode nominalizar com o sufixo *-ation*; sintácticas (Plag, 2002:63): prefixo *un-* associa-se, na esmagadora maioria dos casos, a adjetivos e a alguns tipos específicos de verbos.

<sup>42</sup> Plag (2002:63) sustenta que o fenómeno de bloqueio assenta em princípios e não em regras.

No caso da língua portuguesa, podemos encontrar diversas situações em que a natureza do próprio afixo faz com que se desencadeiem restrições relativamente ao seu uso, nomeadamente aquando da selecção do mesmo para, uma vez soldado a uma forma de base, surgir num item derivado bem formado. Estas restrições podem ser verificadas de acordo com as propriedades linguísticas existentes. Assim, e como exemplo de restrição de selecção de carácter morfológico, atentemos para os advérbios terminados em *–mente*: este sufixo solda-se apenas a formas de base adjectivais e, adicionalmente, estas têm de se encontrar no género feminino, quando os adjectivos manifestam oposição de género.

Outro exemplo relacionado com as restrições de selecção de um dado afixo, desta vez de cariz fonológico, está presente no prefixo *in-*. De facto, este prefixo não se pode associar a formas de base iniciadas por /l/ ou /r/, uma vez que, assim, teríamos formas como *\*inreal* ou *\*inletrado*. Para que possamos ter vocábulos bem formados, temos de recorrer à variante /i/<sup>43</sup>.

Por outro lado, pode haver também restrições de selecção de afixos de carácter sintáctico, já que, para que possa figurar numa determinada palavra, qualquer afixo tem de ser adicionado a uma forma de base que pertença a uma categoria maior<sup>44</sup> (nome, adjectivo, verbo). Isto significa que se, por exemplo, soldarmos o sufixo *–vel* a um elemento pertencente a uma categoria menor, como o pronome pessoal *eu*, obtemos uma construção agramatical (*\*euvel*)<sup>45</sup>.

De igual modo, pode haver ainda especializações a nível semântico, e este aspecto é visível, a título de exemplo, nos vocábulos *congelação* e *congelamento*. Enquanto o primeiro item é utilizado para referência ao “acto ou efeito de congelar”, o segundo termo utiliza-se maioritariamente em economia, consistindo na “fixação de valores,

---

<sup>43</sup> De acordo com Raffelsiefen (1999:235), “phonological restrictions in word-formation are affix-driven and are in principle independent of the restrictions which characterize the language as a whole”. Os casos de haplogia são a excepção a esta argumentação, já que esta pode definir-se, segundo Matthews (1997:157), como “sporadic change in which successive syllables (...) which are similar in form are reduced to one” (cf., por exemplo, *caridoso*).

<sup>44</sup> Também designado por classe aberta. Exceptuam-se alguns casos de palavras como *aquilismo* ou *queísmo*, oriundas de classes fechadas (pronomes demonstrativo e relativo, respectivamente).

<sup>45</sup> Rainer (2005:347) salienta ainda o facto de, de entre os elementos pertencentes às categorias maiores, os afixos existentes numa língua serem associáveis a apenas uma subclasse, remetendo o autor a ocorrência desta situação para o aspecto semântico compreendido nos afixos.

por autoridade competente, de preços, salários, etc., com ou sem data para término da sua vigência<sup>46</sup>”.

Por último, podemos encontrar restrições de selecção de um afixo de carácter pragmático, quando nos servimos, por exemplo, do sufixo *-ice* para formarmos derivados como *tontice* ou *malandrice*. Neste caso, tais derivados são utilizados em contextos mais informais e familiares.

Outro problema respeitante à descrição morfológica é aquele que está presente num denominado processo de alomorfia. A alomorfia está contida nas regras de reajustamento, que apresentam uma natureza morfo-fonológica, ou seja, são regras fonológicas, contudo desencadeadas por um contexto morfológico.

Recentemente, a formação de palavras tem sido analisada segundo as mais variadas perspectivas, numa tentativa de tornar mais claro o modo como se efectuam os processos inerentes à mesma.

As regras de formação de palavras, de natureza morfológica, que vão buscar ao fundo lexical os seus constituintes, dão origem a construções regulares. No entanto, depois da sua formação, são confrontadas com processos específicos que fazem com que aquelas não sejam coincidentes formalmente. Dito por outras palavras, torna-se fundamental averiguar que tipo de relação existe entre elementos que não apresentam uma coincidência do ponto de vista formal. Exemplo disso são as regras de alomorfia, que pretendem dar conta das alterações formais presentes em determinados morfemas que simbolizam um semanticismo idêntico. De acordo com Barbosa (2004:18), a alomorfia corresponde a uma:

“ (...) variação formal de um morfema, isto é, o mesmo valor semântico pode surgir representado por diversas formas fonológicas. Estas formas podem ser mais ou menos semelhantes do ponto de vista fonológico e a variação pode ser motivada por factores de vária ordem, que naturalmente colocam questões e dificuldades que importa superar”.

---

<sup>46</sup> Definições retiradas de *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2010).

A alomorfa traduz-se, então, numa variação formal de um vocábulo, desprovida de alterações relativas ao seu semanticismo, resultante da associação de um determinado afixo a uma dada forma de base. Este processo ganha sobretudo expressão se tivermos em conta uma perspectiva sincrónica.

Diversos estudos existentes levados a cabo por autores pré-estruturalistas descrevem e fundamentam as alterações formais que sucederam com a passagem da língua latina para as línguas românicas. O foco principal destes trabalhos centra-se na alteração sofrida ao longo de um período, e não no carácter formalmente ambíguo que um dado elemento linguístico pode apresentar, ou seja, nas diversas variantes que um dado morfema pode assumir<sup>47</sup>. No caso da língua portuguesa, a mesma perspectiva é igualmente adoptada, e autores como Nunes (1989) centram-se no teor semântico e formal inerente aos elementos linguísticos da língua de origem e da língua de chegada.

Meyer-Lubke (1895) analisa exaustivamente, para as línguas românicas, o resultado da associação de sufixos a temas. Tanto este autor como Diez (1874) abordam a alomorfa como uma alteração, do ponto de vista evolutivo, de um dado vocábulo e não simplesmente enquanto uma variação formal.

Numa abordagem estruturalista, a alomorfa é estudada à luz de uma perspectiva sincrónica, para analisar e explicar as alterações formais presentes em determinadas palavras.

Numa busca pela identificação e explicação para a presença de variações formais em palavras, autores estruturalistas como Nida ([1946] 1970<sup>11</sup>) atribuem ao contexto fonológico de um morfema específico a causa para que se dê, então, a variabilidade da sua forma<sup>48</sup>.

De igual modo, Matthews (1974:92) defende que todas as variações formais de um morfema em particular apresentam um condicionamento fonológico. Isto significa que, aquando de um processo de afixação, o contexto fonológico leva a uma alternância, tal como afirma, a esse propósito, Barbosa (2004:24):

---

<sup>47</sup> Cf. Diez (1874).

<sup>48</sup> Cf. Nida ([1946] 1970<sup>11</sup>:14 – “Principle 2”.

“Trata-se de uma variação formal que se verifica no morfema, mas que é desencadeada por elementos fonológicos e que se processa por mecanismos fonológicos”.

Por seu turno, Nida ([1946] 1970<sup>11</sup>) havia atribuído a definição de alomorfia à existência de morfemas específicos que se encontram em distribuição complementar<sup>49</sup>.

Desta forma, existe uma situação que nos indica que estamos perante um determinado morfema que se encontra em distribuição complementar: as variações formais encontradas em certos morfemas e visíveis através dos seus distintos alomorfes são explicáveis à luz da presença de um determinado ambiente morfológico e condicionadas pelo aspecto fonológico dos seus respectivos morfemas. Deste modo, a alomorfia assume-se como um processo que consiste numa modificação do foro formal, provocada pelo contexto morfológico.

No âmbito da teoria generativa (a partir da década de 1960), os modelos encontrados remetem a alomorfia para o campo dos processos morfológicos, por incapacidade das áreas fonológica e sintáctica no que concerne à explicação acerca das idiossincrasias presentes num vocábulo. Nesta dissertação, defende-se que a formação de palavras representa uma subcomponente autónoma do léxico, na qual estão contidas regras que permitem gerar novas palavras; essas regras fornecem informações essenciais acerca do modo de construção de uma dada palavra e o seu respectivo significado. Por seu turno, o léxico abrange itens como radicais, bases e afixos, ou seja, elementos que sofrerão a intervenção de processos de formação de palavras.

Aronoff (1976:87) defende que a alomorfia é aplicada após ter lugar um processo de formação de palavras. Após este processo, têm lugar as denominadas regras de reajustamento, através das quais os vocábulos em questão são submetidos a modificações do foro formal.

---

<sup>49</sup> A título de exemplo, atentemos para as diversas formas que o morfema de plural *-s* pode assumir em inglês, através dos seus alomorfes [f], [3] ou [z], todos eles desencadeados pelo contexto fonológico. Esta é a postura igualmente adoptada por Matthews (1974:93).

Além do contexto fonológico aqui mencionado, Matthews (1974:101) refere que o contexto morfológico pode também ser o fio condutor para que ocorra um processo de alomorfia, nomeadamente nos casos em que a existência de um morfema específico junto a outro origina uma variação formal neste último (por exemplo, *swollen* vs. *holed*).

À semelhança da apreciação de Aronoff (1976) no que diz respeito à alomorfia enquanto regra de reajustamento, também Corbin (1987) faz alusão às regras de alomorfia como regras desencadeadas após a ocorrência de um processo de formação de palavras. Simultaneamente, a mesma autora (1987:283-284) considera que a alomorfia se assume como uma irregularidade formal e que, em conjunto com o truncamento<sup>50</sup>, compõem o núcleo das denominadas “regras menores”. Para Corbin (1987:285), a alomorfia consiste numa alternância de cariz fonológico, por parte de um morfema, contudo livre de qualquer justificação fonológica, modificação essa causada pelo contexto fonológico ou por um processo de derivação<sup>51</sup>.

Por seu turno, Perlmutter (1998), através da Teoria da Optimidade<sup>52</sup>, sustenta que as alterações formais encontradas em certos vocábulos não resultam de um fenómeno de alomorfia, mas antes da própria estrutura organizacional da língua. Para este autor, os diversos alomorfes estão contidos na componente lexical, e os falantes fazem uso deles para figurarem de acordo com condições específicas. Como consequência desta teoria, o léxico fica mais simplificado por haver uma redução no que concerne ao número de regras<sup>53</sup>. Assim, e contrariamente aos modelos apresentados pelos autores

---

<sup>50</sup> O truncamento define-se como uma redução sofrida por uma determinada palavra, na qual se verifica uma supressão de parte ou partes que a compõem. Essa supressão pode envolver morfemas (como é o caso do vocábulo truncado *quilo* (de *quilograma*) ou outros elementos, como é visível em *manif* (de *manifestação*).

<sup>51</sup> Corbin (1987:289) considera que, para se compreender o mecanismo de actuação da alomorfia, é necessário recorrer tanto ao contexto morfológico como ao contexto fonológico. Além disso, Corbin (1987:293-294) sustenta também, a respeito da alomorfia, que esta se emprega a conjuntos acabados de vocábulos, sendo impossível a construção de novas palavras (não atestadas) que apresentam já um fenómeno alomórfico na sua base, excepto se a base se apresentar já sob a forma alomórfica nos vocábulos atestados construídos ou se for oriunda de bases herdadas do Latim ou do Grego e semelhantes, do ponto de vista formal, às bases análogas na língua francesa.

<sup>52</sup> Segundo este modelo, pretende-se dar destaque ao “role of competition in determining which forms are grammatical and which are not. The crucial question is which of a number of forms that compete for the realization of a particular concept satisfies the principles of grammar better than the others” (Ackema & Neeleman, 2005:285).

<sup>53</sup> De acordo com esta teoria, Perlmutter (1998:317) postula que a alomorfia não existe, apresentando como exemplo o caso do demonstrativo francês no masculino, para justificar antes a preferência de uma das formas de género em detrimento de outra, dispensando assim a aplicação daquele processo. Contudo, este autor coloca a alomorfia ao nível da palavra e não do morfema.



anteriormente mencionados, Perlmutter (1998) defende que a selecção de um alomorfe em particular se encontra num patamar de natureza fonológica e não morfológica.

Como já foi demonstrado, alguns autores<sup>54</sup> partilham as mesmas opiniões no que diz respeito ao domínio da alomorfia, ao passo que outros apresentam noções divergentes quanto ao lugar de ocorrência de um processo alomórfico. Por exemplo, Nida ([1946] 1970<sup>11</sup>:44-45) defende que o morfema sujeito a uma modificação formal pode estar contido em itens derivados ou flexionados, e que o mesmo está localizado na base de um dado vocábulo (por exemplo, *wife* vs. *wives*). Por seu turno, Corbin (1987:285) salienta que a alomorfia é fruto da ocorrência de um determinado processo de formação de palavras.

No que diz respeito aos motivos que levam a que ocorra um fenómeno de alomorfia, pode constatar-se que a opinião não é consensual entre os teóricos acima referidos. A título de exemplo, Aronoff (1976:98-114) e Corbin (1987:286-340) manifestaram problemas para responder a esta questão e, por isso, postularam a existência de formas explícitas (marcadas) para se desenvolver uma variação alomórfica.

Apesar de existirem algumas divergências quanto aos pontos de vista apresentados pelos estudiosos acima mencionados relativamente à alomorfia, existem, igualmente, factores teóricos que os colocam em convergência. Neste caso, a figura do morfema como o elemento linguístico principal a ser sujeito a uma alteração formal parece ser um aspecto consensual<sup>55</sup>, ainda que o processo de alomorfia, possa dar-se tanto ao nível da base como ao nível dos afixos.

Defende-se que a alomorfia se assume como um fenómeno bastante regular e previsível, desencadeado por um contexto específico<sup>56</sup>. Torna-se necessário analisar este fenómeno linguístico segundo uma perspectiva diacrónica; só assim consegue haver alguma justificação para alguns dos problemas de descrição morfológica como o fenómeno de alomorfia.

---

<sup>54</sup> Cf., por exemplo, Nida ([1946] 1970<sup>11</sup>).

<sup>55</sup> Cf. Aronoff (1976:98) que, apesar de considerar a palavra como o elemento linguístico mínimo, preconiza que é o morfema e não a base que está sujeito a um processo de alomorfia.

<sup>56</sup> Consideremos, por exemplo, a ocorrência da alomorfia do referido sufixo *-vel*, que assume esta forma quando posicionado em final de palavra e que apresenta, nos restantes contextos, a forma de *-bil-*, tornando desnecessária a existência das formas marcadas referidas por Perlmutter (1998) e Booij (2000).

No que diz respeito ao morfema de plural –s, este pode apresentar como representações fonéticas [s], [ʒ] ou [z]. Isto quer dizer que aquele morfema, para figurar numa dada palavra, necessita de se apresentar num contexto em particular, que significa que tem de estar em distribuição complementar. Assim, podemos definir o conceito de distribuição complementar como qualquer variante que ocorra num contexto em particular, impossibilitando a presença, nesse mesmo contexto, de qualquer outra variante. A distribuição complementar ocorre, pois, quando duas variantes se excluem mutuamente devido ao contexto em que ocorrem.

Para Corbin (1987:286-287), a presença de vocábulos desprovidos de uma relação derivacional, mas que partilham uma relação semântica, despoleta outro fenómeno similar à alomorfia, nomeadamente o supletivismo. Corbin (1987:286-287) delimita as fronteiras entre a alomorfia e o supletivismo, referindo que o primeiro conceito se insere entre as alterações do foro fonológico e no supletivismo, por um lado, as alterações fonológicas traduzem-se em alternâncias formais desencadeadas por um contexto, e a relação que se estabelece entre a forma de base e o produto derivado é, de alguma maneira, regular e, por outro lado, segundo a mesma autora, o supletivismo é assumido como uma relação de carácter semântico entre a base e o derivado sujeito ao fenómeno alomórfico, sendo que a alternância formal que ocorre não é despoletada por meio de qualquer contexto<sup>57</sup>.

Desta forma, segundo esta autora, o supletivismo remete-nos para a ocorrência de formas lexicais fonológica e formalmente distantes, mas próximas do ponto de vista semântico, causando a existência de duas formas lexicais independentes. A explicação para este facto reside na diferente etimologia dos vocábulos em causa e nas alterações por eles sofridas, aquando da sua passagem da língua de origem para a língua de chegada<sup>58</sup>.

Na medida em que a alomorfia decorre de um processo morfofonológico, é fulcral que as regras de formação de novos itens contenham informações a respeito do tipo dos afixos e das bases a que estes se soldam para se formarem vocábulos derivados. Booij (1997:37;40) aponta como causas para a ocorrência de um fenómeno de

---

<sup>57</sup> Corbin (1987:294) apresenta a seguinte definição no que diz respeito às formas supletivas: “On analysera donc comme formes supplétives non seulement les mots comme *cécité* qui ne présentent aucun rapport formel avec le mot dont ils paraissent sémantiquement dérivés, mais aussi les formes qui présentent un rapport formel non reproductible avec les mots dont ils paraissent sémantiquement dérivés”.

<sup>58</sup> Cf. Spencer (1991).

alomorfia a natureza fonológica das bases e afixos, as alterações sofridas pelos vocábulos e as palavras herdadas e/ou tomadas de empréstimo. Portanto, podemos constatar que a alomorfia afixal, por ocorrer graças a um processo de afixação, opera no domínio da Morfologia, consiste numa alteração da forma fonológica, e é desencadeada pelo contexto morfológico, fazendo uso de elementos linguísticos (formas de base e afixos) listados no léxico.

Em síntese, observámos que o empréstimo lexical ou o vocabulário herdado das línguas grega e latina explicam alguns dos problemas levantados aquando da tentativa de descrição morfológica sincrónica. Torna-se pertinente, por isso, adoptar uma perspectiva mais abrangente, de forma a compreendermos as diferenças formais presentes em determinados vocábulos, herdados ou tomados de empréstimo a outras línguas, que enriqueceram lexicalmente outras.

Verificou-se que a aceção de produtividade, aliada à noção de rentabilidade, pode implicar alguma variabilidade, na medida em que aquilo que é rentável numa determinada época pode já não o ser noutro período. A disponibilidade, enquanto conceito relacionado com o sistema, leva a que aconteça uma de duas coisas: ou um determinado processo está disponível ou então não está. Se associarmos a produtividade à noção de disponibilidade, então estamos perante um conceito absoluto, já que um dado processo ou será produtivo ou então não será produtivo, sendo igualmente importante frisar que uma grande rentabilidade implicará, em princípio, disponibilidade. De igual forma, foi importante destacar que algumas das restrições inerentes à produtividade / não-produtividade dos processos de formação de palavras estão relacionadas com as imposições colocadas por determinados afixos aquando da sua associação a uma base, de modo a formar-se um vocábulo derivado.

Paralelamente às dificuldades marcadas pela herança / apropriação de vocábulos de outras línguas, constatei que não se pode discutir se os processos de formação de palavras são produtivos ou não-produtivos, na medida em que essas palavras fazem parte de outros sistemas linguísticos que não o Português, ainda que muitos elementos tenham passado do Latim para o Português, mantendo a sua vitalidade. Como tal, abordou-se um dos factores que influencia a produtividade, sobretudo no âmbito da derivação sufixal e que não decorre do sistema, como o fenómeno de bloqueio. Observou-se que, relativamente a este fenómeno, as opiniões não são sempre unânimes entre todos os estudiosos quanto a esta temática, na medida em que o

bloqueio assume diversas nuances por parte dos autores que tentam delimitar as suas fronteiras e aplicar este fenómeno ao maior número de situações possível.

Finalmente, outro problema que dificulta a descrição morfológica é a alomorfia, fenómeno que se afigura como uma regra fonológica despoletada por um contexto morfológico, e o qual não é possível descrever sincronicamente, uma vez que levanta dificuldades de análise. De igual modo, verificou-se que se trata de um processo detentor de alguma regularidade e que pode ser desencadeado graças a um processo de afixação, provocado por uma alteração a nível formal através do contexto morfológico. Existem outros casos de alomorfia que não a afixal, como o morfema de plural *-s*; neste caso, a alteração formal existente vai determinar a escolha de uma dada variante alomórfica, e cujas variantes formais, caso existam, se designam por alomorfes e que se encontram em distribuição complementar. Este tipo de alomorfia não afixal é desencadeada, para alguns autores através de um contexto fonológico, devido aos vestígios presentes que levaram à existência de uma alteração formal. Para outros autores, trata-se de um fenómeno que é desencadeado pelo contexto morfológico.

Nesta tese, defende-se que a alomorfia afixal corresponde a um fenómeno fonológico, que consiste numa variação formal, despoletado pelo contexto morfológico que o vai desencadear.

## 1.2 – Morfemas derivacionais em Português e em Inglês

Como é do conhecimento comum, a Morfologia, centra-se, por um lado, no estudo da estrutura interna das palavras, e, por outro, na análise acerca das regras e processos que conduzem à formação dos vocábulos de uma determinada língua.

Na medida em que, neste capítulo, iremos analisar alguns morfemas derivacionais em Português e em Inglês mais adiante, tratados aprofundadamente no estudo experimental, torna-se fundamental apresentar as propostas de alguns autores no que diz respeito à definição do conceito de morfema, colocando a ênfase nas propostas que serviram posteriormente de discussão e que, nalguns casos, foram substituídas por outras.

A primeira noção de morfema, tanto quanto se julga saber, remonta à década de 80 do século XVIII, tendo sido introduzida por Jan Baudouin de Courtenay (1972:153) e definida como “that part of a word which is endowed with psychological autonomy and is for the very same reasons not further divisible”<sup>59</sup>. No entanto, e de acordo com Aronoff & Volpe (2006:274), o conceito de morfema começou a ganhar visibilidade apenas aquando do seu uso por parte de Bloomfield (1933), e que, por sua vez, o definiu da seguinte forma (Bloomfield, 1933:161):

“A linguistic form which bears no partial phonetic-semantic resemblance to any other form, is a *simple* form or *morpheme*. (...) Morphemes may show partial phonetic resemblances, as do, for instance, *bird* and *burr*, or even homonymy, as do *pear*, *pair*, *pare*, but this resemblance is purely phonetic and is not paralleled by the meanings.”

Tendo em conta a definição acima exibida, um morfema consiste numa forma única dotada de significado e de uma forma fonética, não equiparável a nenhuma outra forma em termos semânticos, embora possa apresentar, parcialmente, algumas

---

<sup>59</sup> Em Courtenay (1972:151), é feita outra alusão ao vocábulo *morfema*: “unification of the concepts of root, affix, prefix, ending, and the like under the common term, morpheme”.

formas similares, ainda que este facto possa ocorrer estritamente em termos fonéticos<sup>60</sup>.

Para Bloomfield (1933:162), o significado que um determinado morfema pode apresentar designa-se por semema, afigurando-se esta como uma unidade básica relacionada com o significado que um dado morfema pode exhibir. No entanto, esta relação entre o significado de um morfema e a sua estrutura formal é arbitrária, já que a estrutura do mesmo não contém qualquer tipo de informação relativa ao semanticismo que o morfema pode apresentar.

Por outro lado, unidades linguísticas formadas por morfemas, ou signos mínimos, são, de acordo com Bloomfield (1933:162) denominados *signos*.

Na mesma obra, Bloomfield (1933:207) faz, por um lado, referência às formas livres e formas presas, ocorrendo as primeiras isoladamente, contrariamente às segundas<sup>61</sup> e, por outro lado, esboça uma divisão de determinadas palavras e classes em grupos, tendo em conta os *constituintes imediatos*<sup>62</sup>: o primeiro grupo, designado por *palavras secundárias*, abarca as palavras formadas por composição e os vocábulos nos quais tem de estar incluído um morfema livre<sup>63</sup>, sendo este apelidado de *forma subjacente*; o segundo grupo, denominado *palavras primárias*, abrange os vocábulos desprovidos de formas livres, sendo fragmentados em dois subgrupos com a nomenclatura *palavras primárias derivadas* e *palavras-morfema*, respectivamente. Assim, o primeiro subgrupo contempla os vocábulos que contêm mais do que um morfema preso, apresentando como exemplos os itens lexicais *receive* e *detain*, entre outros, enquanto o segundo subgrupo é destinado às palavras formadas por um único morfema (e, por isso, livre), como é o caso de *cut* ou de *boy* e que se afiguram, simultaneamente e tal como o nome indica, como morfema e como palavra.

---

<sup>60</sup> Bloomfield considera o vocábulo inglês *ran* como um só morfema. De acordo com Aronoff & Volpe (2006:274), o autor considera tal na medida em que defende que as respectivas formas de passado (*ran*) e de infinitivo (*to run*) afiguram-se como variantes, modificadas foneticamente.

<sup>61</sup> Bloomfield (1933:207) refere ainda que línguas analíticas, como a língua chinesa, apresentam poucas formas presas, contrariamente às línguas sintéticas, como o Português, que apresentam um número considerável de tais formas. Mais adiante, Bloomfield (1933:264) define os morfemas como “smallest (lexical) meaning unit[s] of linguistic signaling”.

<sup>62</sup> Segundo Duarte (2000:12), um constituinte é “cada palavra ou combinação de palavras que funciona como uma unidade sintáctica”, sendo, então, os constituintes imediatos “os constituintes que se combinam para formar uma unidade sintáctica”.

<sup>63</sup> Segundo o mesmo autor, vocábulos incluídos no grupo das *palavras secundárias* denominam-se *palavras secundárias derivadas*. Este é o caso, por exemplo, do vocábulo em inglês *childish* ou do português *eficazmente*.

No entanto, existem dois problemas relativamente ao agrupamento destas palavras nas classes acima mencionadas, mais particularmente no grupo das denominadas *palavras primárias*. Em primeiro lugar, um dos problemas encontrados está relacionado com a terminologia utilizada para descrever os vocábulos integrados no subgrupo das *palavras primárias*, nomeadamente em *palavras-morfema*, onde figuram palavras constituídas por um único morfema livre. Tendo em conta este facto, torna-se incompatível a inclusão de tais palavras num grupo que, segundo a proposta de Bloomfield (1933:209), abrange vocábulos que não tenham neles incluídos morfemas livres.

Em segundo lugar, Bloomfield (1933:209 e 230) considera que vocábulos como *receive* são constituídos por mais do que um morfema preso<sup>64</sup>. Tendo em conta que o morfema é, por definição, uma unidade linguística mínima dotada de significado, e na medida em que a palavra *receive* pode ser explicada, entre outras definições, como “be given; presented with; suffer, experience, or be subject to; greet or welcome”<sup>65</sup>, que significado apresentarão, segundo a perspectiva de Bloomfield, os morfemas *re-* e *-ceive* que constituem a mesma palavra? Como é sabido, o prefixo *re-* contém, tanto em português como em inglês, a ideia de repetição, facto que, no entanto, não está contemplado na definição do vocábulo *receive*, tendo em conta as acepções acima referidas. Por seu turno, o morfema *-ceive*<sup>66</sup>, assim considerado por Bloomfield (1933), não contém qualquer tipo de semanticismo a ele associado e, deste modo, torna-se difícil, se não mesmo, impossível, considerá-lo como morfema. Este tipo de formas “estrangeiras”, ou “semi-estrangeiras”, como o próprio as denomina, como *-tain*, *-fer* ou *-duce*, entre outras, vão desencadear aquilo que Bloomfield (1933:154) designa por modificações fonéticas, como em *receive* e *reception*, sendo este um dos motivos pelo qual o autor as apelida de “formas estrangeiras herdadas”<sup>67</sup>. Por outro lado, a proposta apresentada pelo mesmo autor coloca em causa a sua própria definição de morfema.

---

<sup>64</sup> Para Bloomfield (1933:230), palavras primárias com um só morfema são denominadas simples (*run*), e com mais do que um morfema são designadas por complexas (*detain* – *de-* + *-tain*).

<sup>65</sup> Acepções extraídas de *Oxford Dictionaries Online* (disponível em <http://oxforddictionaries.com/definition/receive>).

<sup>66</sup> Para o mesmo autor (Bloomfield, 1933:242-243), o elemento *-ceive*, presente em vocábulos como *receive* ou *conceive*, afigura-se como uma raiz oriunda de outra língua e, por conseguinte, uma forma presa.

<sup>67</sup> Originalmente, “foreign-learned forms”. Estão igualmente contemplados alguns prefixos como elementos integrantes de tais formas, como *con-*, *per-* ou *ad-*, entre outros.

Paralelamente às formas linguísticas “estrangeiras herdadas”, Bloomfield (1933:160) menciona um outro elemento, nomeadamente *cran-*, presente no vocábulo *cranberry*, e cuja existência parece estar limitada exclusivamente à sua inclusão em tal palavra<sup>68</sup>.

Isto significa que o elemento linguístico *cran-* apenas tem existência quando associado ao morfema *-berry*, situação que leva a que Bloomfield (1933:161) classifique o primeiro como constituinte ou *elemento único*. Na opinião do autor, e à semelhança do que sucede com *-berry*, o elemento *cran-* apresenta algum significado, ainda que este esteja relacionado com o facto de poder distinguir esse tipo de fruto (*berry*) de outro ou de outros, como *strawberry* ou *blackberry*.

Por outro lado, Bloomfield (1933:240) atenta para o facto de existirem, em línguas como o Inglês, vocábulos agrupados na classe das palavras primárias que se assemelham, do ponto de vista formal, das denominadas palavras secundárias derivadas, dando, a título de exemplo, o caso da palavra *spider*, que integra o núcleo dos itens lexicais primários, e da sua similitude com a palavra *dancer*, considerada, pelo mesmo autor, como pertencente ao domínio dos vocábulos secundários derivados, na medida em que, pelo menos, um dos morfemas que o integra é livre, ou seja, uma forma subjacente (*dance*, em *dancer*), ao qual se associa, pelo menos, um morfema preso (*-er*, no caso da palavra *dancer*). Nesse sentido, Bloomfield (1933:218) considera que um determinado afixo é definível como uma forma presa que se solda a uma forma subjacente, formando-se, assim, uma palavra secundária derivada. No caso dos itens lexicais primários como *spider*, devido à similitude que o final desta palavra apresenta com o sufixo derivacional *-er*, Bloomfield (1933) defende que este é um afixo primário, neste caso um sufixo, enquanto a parte remanescente de *spider* (*spid-*) é designada, pelo mesmo autor, por raiz, e desempenhando um papel idêntico ao da forma subjacente nos vocábulos secundários<sup>69</sup>.

O modelo defendido tanto por Bloomfield (1933) como por Nida ([1946]1970<sup>11</sup>) é semelhante ao paradigma de análise gramatical levado a cabo por Hockett (1954) e denominado *Item and Arrangement*, segundo o qual os vocábulos são formados

---

<sup>68</sup> Segundo Bloomfield (1933:160): “For instance, having heard the form *cranberry*, we recognize the component *berry* in other forms, and may even hear it spoken alone, but with the other component of *cranberry* we shall have no such luck.”

<sup>69</sup> Bloomfield (1933:240) chega a considerar *-le* em *little* como sufixo.



através da concatenação de morfemas. Outra proposta apresentada por Nida ([1946]1970<sup>11</sup>) e que vai ao encontro da teoria preconizada por Bloomfield (1933) está relacionada com aquilo a que o autor considera como afixo derivacional, nomeadamente o prefixo *con-* que, segundo Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:59), está presente em vocábulos como *conceive* ou *consume*. Na medida em que, de acordo com este autor, o elemento linguístico *dense* possui existência independente, então, *con-* deve ser considerado um morfema. Adicionalmente, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:60) salienta o facto de existirem morfemas, como *cran-* ou *rasp-*, que têm existência única quando associados a outro morfema, tendo sido esta característica designada, por parte de Bloomfield (1933), por *constituente único*. Além disso, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:56) defende que este é o último de um conjunto de seis princípios respeitantes ao isolamento e consequente identificação de formas linguísticas como morfemas. De acordo com o mesmo autor, “a morpheme is isolatable if (...) in multiple combinations in at least one of which the unit with which it is combined occurs in isolation or in other combinations”. Para Nida ([1946]1970<sup>11</sup>), isto é o que sucede com o elemento *con-*. Este autor ([1946]1970<sup>11</sup>:81) sustenta também, à semelhança de Bloomfield (1933), que o elemento *-ceive* se afigura como um morfema preso. No entanto, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:162) admite que existem obstáculos aquando da tentativa de definição do semanticismo inerente a este morfema preso, como assim o encara, isto porque se baseia, como sabemos, em critérios estruturais.

Por sua vez, Marchand (1960) defende que a formação de palavras assenta sobre o princípio da motivação, ou seja, aquilo que, na actualidade, é mencionado como o princípio da composicionalidade. Com isso, Marchand (1960) pretendeu demonstrar que, por um lado, os “itens linguísticos simples<sup>70</sup>” apresentam, supostamente, uma natureza arbitrária no que concerne à correspondência forma-significado e que, por outro lado, os itens complexos são supostamente motivados, na medida em que os morfemas são semanticamente interpretáveis através do significado dos elementos pelos quais são constituídos, bem como através de um determinado paradigma subjacente. Por outro lado, Marchand (1960) não foi apologista da relação bi-

---

<sup>70</sup> Cf. Kastovsky (2005:101).

morfémica de vocábulos como *receive* ou *conceive*, uma vez que *con-*, *re-* ou *-ceive* não apresentam um semanticismo que possa ser identificado<sup>71</sup>.

Por seu turno, Matthews (1974:78) apresenta a seguinte noção de morfema:

“(...) single minimal or primitive unit of grammar, the ultimate basis for our entire description of the primary articulation of language.”

Assim, Matthews (1974:78) pretende demonstrar que, de acordo com a teoria proposta por parte de Bloomfield (1933), o morfema se afigura como a unidade inicial de análise e descrição, o elemento mínimo que figura numa palavra. Mais adiante, o mesmo autor (1974:81) reforça a noção de morfema, explanando que, no seu estado mais básico ou “primitivo”, uma determinada unidade linguística pode ser formada por um único morfema, e que, no seu expoente máximo, essa unidade pode constituir-se por vários morfemas, ou como Matthews (1974:81) por vezes os intitula como “smaller fragments”. No entanto, este autor (1974:161) contesta parte desta perspectiva, nomeadamente o facto de Bloomfield (1933) considerar que uma palavra possa figurar isoladamente numa determinada frase, desprovida da presença de outras formas lexicais. Matthews (1974:161) salienta, por isso, a questão da coesão e coerência textuais, revelando-se estes, em meu entender, como aspectos fulcrais que permitem a interpretação e compreensão de um determinado texto, ainda que este contenha uma frase constituída por uma só palavra; este facto torna possível que um vocábulo possa estar exclusivamente representado numa dada frase.

A existência do elemento linguístico *cran-*, a par com os elementos anteriormente mencionados como *-ceive*, *-tain*, ou *-fer*, desprovidos de existência independente, função gramatical ou semanticismo, fez com que Aronoff (1976) reflectisse acerca do conceito de morfema como unidade linguística mínima portadora de significado e, por conseguinte, apresentasse a proposta de que as palavras são os únicos elementos linguísticos capazes de formar processos de formação de palavras regulares. Assim, de acordo com Aronoff (1976:21), uma nova palavra é formada através da aplicação

---

<sup>71</sup> Bally (1944) havia já assumido que só os vocábulos providos de motivação semântica e morfológica podem desencadear novos produtos derivados passíveis de serem analisados tanto do ponto de vista morfológico como semântico.

de uma regra a um vocábulo já existente numa língua, e não a um morfema, na medida em que, por um lado, este não detém um significado constante, sendo por vezes inclusivamente inexistente e, por outro, não pertence a nenhuma categoria lexical maior, condição *sine qua non*, segundo Aronoff (1976), para que ocorra um processo de formação de palavras regular, e é uma característica que tem de ser inerente tanto à palavra existente que serve à formação de outra como ao novo vocábulo formado. Esta proposta apresentada por Aronoff (1976) é também denominada *word-based morphology*<sup>72</sup>, por oposição à perspectiva preconizada por Bloomfield (1933), apelidada de *morpheme-based morphology*<sup>73</sup>, segundo a qual as regras de formação de palavras se servem de morfemas com vista a formar um novo vocábulo. A propósito deste último modelo, Booij (2005:8) apresenta a seguinte definição:

“ [It is] the analysis of words into their constituent morphemes, minimal linguistic units with lexical or grammatical meaning.”

Contrariamente ao modelo de *morpheme-based morphology*, proposto por Bloomfield (1933) e Nida ([1946]1970<sup>11</sup>), Aronoff (1976:21) apresenta, então o modelo de *word-based morphology*, e sobre o qual expõe o seguinte:

“All regular word-formation processes are word-based. A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word.”

Assim, a proposta de Aronoff (1976) eleva a palavra ao estatuto de desencadeador de um processo regular de formação de palavras. É a existência de uma determinada palavra numa língua que permite a formação de um novo item lexical derivado. Por seu turno, Beard (1998:52) defende, igualmente, a formação de palavras com base em

---

<sup>72</sup> Cf., também, Booij (1977) e Scalise (1984).

<sup>73</sup> Cf., entre outros, Halle (1973) e Siegel (1974). Stump (2005:65) sustenta que, de acordo com este modelo, “word’s morphosyntactic properties are built up incrementally through the addition of its component morphemes”.

vocábulos já presentes numa língua, uma vez que, como o próprio afirma, a palavra é o alvo de todas as operações morfológicas de afixação:

“The scope of all derivational functions is the entire word to which it is added, derived or underived; the only variation is the placement of affixes marking them.”

No caso do Português, afigurando-se como a proposta mais razoável, Caetano (2003), no seu trabalho, dispensa a *word-based morphology*, adoptando, em detrimento desta, a denominada *Condição Sobre a Base*, preconizada anteriormente por Villalva (2000:122-124), e segundo a qual a forma de base é, imperativamente, uma variável lexical, podendo, por conseguinte, ser desdobrável em radical, tema ou palavra; já os afixos são considerados, de acordo com esta autora, como constantes lexicais. De acordo com Caetano (2003: 181), esta condição permite assim evitar quase constantemente o recurso às regras de truncamento aquando da formação de uma nova palavra complexa derivada.

Concomitantemente, Booij (2005:12) partilha a mesma opinião de Aronoff (1976) e de Beard (1998), mostrando, a título de exemplo, que caso um determinado vocábulo apresente características de natureza idiossincrática, as mesmas irão estar patentes nas palavras derivadas desse item lexical já existente. O mesmo autor coloca, como obstáculo para os defensores do paradigma baseado na análise dos morfemas, o caso de intervenções de cariz morfológico que não contemplam a concatenação de morfemas, como, por exemplo, o passado do verbo *to sing*, nomeadamente *sang*, onde não existe qualquer encadeamento de morfemas<sup>74</sup>. Adicionalmente, Booij (2005:30) acrescenta, à semelhança de Aronoff (1976), que morfemas como *cran-* presentes em *cranberry* são dotados de um significado vago e, portanto, não reconhecível do ponto de vista gramatical ou lexical, e que a mesma dificuldade, imposta pelo modelo baseado na concatenação de morfemas, é verificável em vocábulos como *receive* ou *conceive*, produtos herdados da língua latina. Por isso, submeter os elementos linguísticos acima mencionados a uma abordagem centrada na concatenação de morfemas na qual, segundo Booij (2005:34), os processos morfológicos de formação de palavras como a afixação apresentam um grau de transparência formal e semântica

---

<sup>74</sup> Note-se que isto se trata de flexãoferbal e não de derivação propriamente dita.

bastante elevado, levaria a um desvirtuamento das informações inerentes a esses elementos linguísticos, tanto em termos semânticos como em termos etimológicos, respectivamente.

Carstairs-McCarthy (2005), numa tentativa de dar conta do conceito de signo linguístico, aborda o trabalho desenvolvido por Saussure no seu *Cours de Linguistique Générale*, com vista a descodificar se os signos, assim apelidados por Saussure, se afiguram como morfemas, palavras ou ambos. De acordo com Carstairs-McCarthy (2005:6), o conceito de signo contribuiu para que a análise das palavras e elementos menores nelas incluídos passe por considerá-los como “unidades gramaticais”. Na sua obra, Saussure estabelece uma divisão entre *langue* e *parole*, remetendo o segundo conceito para uma convenção social, dominada por um determinado conjunto de falantes, e de carácter idiomático. Por sua vez, a primeira noção envolve a construção de frases<sup>75</sup>, formuladas individualmente por cada falante de uma dada língua, e está relacionado com o uso dado, por parte dos mesmos, à sua língua. A título de exemplo, Carstairs-McCarthy (2005:6) menciona o vocábulo analisado por Saussure, nomeadamente a palavra latina *arbor*, portadora de um significado (*signifié*), denominador de um dado conceito, e de um significante (*signifiant*), que consiste na sua forma gráfica e do respectivo som. Segundo Saussure, os signos, como o próprio os denomina, estão interligados e, por isso, não operam individualmente ou em separado na língua; em vez disso, os signos apresentam, como propriedades inerentes, “valores” conceptuais que levam a que aqueles sejam elencados no sistema linguístico<sup>76</sup>. Numa busca por saber se o signo Saussuriano se afigura como um morfema ou uma palavra, Carstairs-McCarthy (2005:6) atenta para o facto de Saussure referir sempre, como exemplo de signos linguísticos, palavras simples que não são passíveis de serem divididas em partes menores. Contudo, este último autor, aquando da análise do item lexical francês *relire*, considera *re-* como signo, e apelida os morfemas franceses *-ment* e *-eux* de “elementos comuns”, o que

---

<sup>75</sup> Devido a este facto, Saussure considera que a Sintaxe envolve o estudo da *parole*.

<sup>76</sup> Carstairs-McCarthy (2005:6) expõe que o conceito afecto a uma determinada palavra diverge de língua para língua no que diz respeito ao valor associado a esse conceito, por exemplo, o número de signos relacionados com os quais contrasta um dado signo. Ackema & Neeleman (2004:91), numa reflexão acerca da ordem dos afixos derivacionais e do seu respectivo semanticismo, consideram que esses morfemas não consistem em signos tal como foram esboçados por Saussure, i.e., elementos linguísticos dotados de forma e significado, sublinhando antes a importância do modo através do qual os afixos se associam às formas de base, sendo este regido por determinados princípios.

indicia uma possível identificação de morfemas enquanto signos linguísticos<sup>77</sup>. Por outro lado, Saussure apresenta, adicionalmente, como exemplo, o vocábulo *défaire*, conferindo especial destaque à relação análoga que este item lexical estabelece com palavras onde estão incluídos elementos como *dé-* ou *-faire*, como *décoller*, *découdre*, *refaire* ou *contrefaire*. No entanto, o vocábulo *contrefaire*<sup>78</sup> mencionado não contém um significado composicional na sua acepção, na língua francesa, quando significa “caricaturar”, na medida em que este não é preditível a partir das partes que o compõem. Ainda assim, o semanticismo dos restantes vocábulos mencionados é composicional, e Carstairs-McCarthy<sup>79</sup> (2005:9) salienta que os morfemas que os integram (*ré-*; *dé-*; *-faire*) se assumem como signos.

### 1.2.1 Alguns estudos teóricos acerca da Morfologia Derivacional

Como iremos proceder à análise de alguns morfemas derivacionais, para além do conceito de morfema, considera-se pertinente destacar o trabalho de alguns dos principais autores relativamente a outros aspectos do campo da Morfologia Derivacional – Prefixação e Sufixação. Esta área, também denominada Formação de Palavras<sup>80</sup>, que comporta também a Composição, abrange a formação de novos itens lexicais, tendo como ponto de partida palavras já existentes numa determinada língua, alterando o semanticismo básico da palavra que serve de suporte à sua formação. Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:76), que defende que os vocábulos são formados através da concatenação de morfemas, sustenta, referindo-se ao caso da Morfologia Derivacional, que os morfemas podem ocorrer, em termos de posição, de modo sucessivo (num processo de prefixação ou de sufixação) ou de modo simultâneo (num processo de formação de palavras por derivação parassintética). Adicionalmente, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:69) sublinha que os morfemas sujeitos a um processo de formação de palavras mantêm, entre si, uma relação, em termos de estrutura, de carácter aditivo. Entrando especificamente no domínio dos processos de afixação, o mesmo autor ([1946]1970<sup>11</sup>:83) sustenta que, nessas construções morfológicas, a forma de base, ou

---

<sup>77</sup> No entanto, este aspecto nunca chega a ser validado no trabalho de Saussure.

<sup>78</sup> Este vocábulo constitui uma exceção face aos restantes itens lexicais acima mencionados.

<sup>79</sup> De acordo com Carstairs-McCarthy (2005:20) são três as acepções que, desde a década de 1960, podem ser tidas em linha de conta acerca do conceito de morfema: utilizado, mas excluído do conceito Saussuriano de morfema; utilizado para referência a raízes e afixos (consideração partilhada pelo próprio autor), sem um suporte teórico muito vasto; não utilizado de todo.

<sup>80</sup> Cf. Beard (1998:44).

raiz, como a denomina Nida, é o núcleo desse item lexical derivado, remetendo a noção de não-núcleo para os afixos, ou como o autor as apelida, para as não-raízes<sup>81</sup>. Além disso, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:84) intitula os afixos, em termos de estrutura, como periféricos, já que, em primeiro lugar, apresentam o estatuto de não-raiz e, em segundo, estão excluídos do domínio das raízes. Por sua vez, os núcleos ou não-raízes são nomeados como estruturas nucleares, dado o papel que desempenham no item derivado. No que diz respeito à noção de palavras derivadas, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:98) apresenta a seguinte definição:

“Complex structures which belong to the same general external distribution class as the simplest member of the class in question are derivational formations.”

Através desta afirmação, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>) pretende demonstrar que um item lexical derivado será sempre uma estrutura complexa, e que pertence à mesma categoria sintáctica (ou “external distribution class”, na terminologia do autor) do que os vocábulos mais simples que elencam tal categoria. Por exemplo, Nida ([1946]1970<sup>11</sup>: 99) sustenta que os vocábulos ingleses *farmer*, *refusal*, *formalizer* e *instrumentalist* pertencem à mesma categoria sintáctica, na medida em que são passíveis de ocorrer no plural, facto que sucede, igualmente, com os itens lexicais simples da mesma categoria sintáctica, como *boys* ou *houses*.

Scalise (1984:42), que corrobora a ideia de que os processos de formação de palavras, mais precisamente a derivação, formam novos vocábulos através do emprego de regras específicas a vocábulos já existentes numa dada língua, apresenta como exemplo a formação do vocábulo *culturist*, demonstrando que o mesmo ascendeu ao estatuto de item lexical derivado na língua inglesa através do item lexical já existente *culture*. Com este exemplo, Scalise (1984:42) pretende provar que a

---

<sup>81</sup> Já Scalise (1984:124) apelida a forma de base de “operand”. Nida ([1946]1970<sup>11</sup>:83) sustenta ainda que os não-núcleos podem desdobrar-se em bipartidos, como no caso do vocábulo *hipopótamo*, ou tripartidos como, por exemplo, *afro-luso-americano*, por apresentarem, respectivamente, dois e três núcleos. Booij (2005:23) classifica estas “não-raízes” como *compostos neoclássicos* ou *formas híbridas*, e são passíveis de ocorrer apenas em parceria com outros morfemas.

formação de palavras ocorre socorrendo-se de material já presente, como o próprio afirma<sup>82</sup>:

“ (...) we are facing something new from the existing resources of the language.”

Adicionalmente, Scalise (1984:123-124), referindo-se à afixação enquanto processo morfológico dos mais relevantes existente em inúmeras línguas, considera que tal processo vai formar uma palavra derivada, ou, nas palavras do autor, um *derivand*, produto resultante da aplicação do processo de afixação, e que é formado por um *operand*, ou forma de base, e por uma unidade mínima dotada de significado ou, segundo Scalise (1984:124), *formative*, que se soldou a essa forma de base.

Por seu turno, Beard (1998:46) sublinhou que o processo morfológico de derivação tem sido encarado de três formas. A primeira, que o autor denomina selecção lexical, consiste na adição de um afixo a uma palavra (cf. Lieber, 1981, Selkirk, 1982 e Scalise, 1984). Aqui, adapta-se a teoria X-barras, onde determinadas palavras podem desdobrar-se em núcleos, especificadores ou complementos. A segunda resume-se a um conjunto de operações de cariz morfológico, o qual consiste na inclusão de afixos (cf. Aronoff, 1976, Beard, 1981 e Anderson, 1992) e onde se dá especial destaque à ordem de concatenação de tais afixos. Finalmente, a terceira é vista como um conjunto de relações lexicais paradigmáticas (cf. Jackendoff, 1975 e Bybee, 1988), na qual é dado especial relevo ao lugar que os novos produtos lexicais derivados devem ocupar, nomeadamente o léxico, na medida em que os mesmos são submetidos a um processo de lexicalização, aqui entendido como desencadeador da formação de itens lexicais e não como processo relacionado com a perda de transparência formal e/ou semântica de certos vocábulos.

### 1.2.2 Algumas definições acerca do conceito de léxico

Uma vez que vamos entrar no domínio dos processos derivacionais, não podemos deixar de fazer menção à noção de léxico, já que este funciona como um repositório

---

<sup>82</sup> Mais adiante, Scalise (1984:137) reforça a proposta da *word-based* morphology, sustentando que o lexema (por ser considerado a forma concreta de um vocábulo) é a origem dos itens lexicais derivados, enquanto o morfema se resume a uma mera unidade gramatical de carácter abstracto.



de elementos linguísticos de que se irão servir aqueles processos de formação de palavras que têm particularmente em vista o desencadeamento de uma operação de derivação.

Bloomfield (1933:162) refere-se ao léxico como “total stock of morphemes in a language”. Por seu turno, Aronoff (1976:43) descreve o léxico como “repository of all the arbitrary items of a grammar”. Assim, e enquanto parte integrante do conhecimento linguístico de qualquer falante nativo de uma determinada língua, adopta-se, geralmente, a perspectiva de que o léxico abrange ainda os itens lexicais detentores de propriedades idiossincráticas, algo arbitrárias, itens cujo significado não é preditível a partir das partes que o compõem.

De acordo com a perspectiva de Bloomfield (1933:269), o léxico é constituído, por um lado, por morfemas, considerados pelo autor como unidades mínimas portadoras de significado e, por outro, por formas lexicais que apresentam propriedades idiossincráticas, tal como o próprio afirma:

“ (...) a *lexicon*, or list of morphemes, which indicates the form-class of each morpheme, as well as lists of all complex forms whose function is in any way irregular.”

Perante estas asserções, podemos constatar que o conceito de léxico implica duas noções: a primeira, enquanto repositório onde estão disponíveis bases e afixos, que servirão de material para a ocorrência de um determinado processo de palavras; em segundo lugar, o léxico assume-se como uma lista<sup>83</sup> onde estão registados os vocábulos dotados de propriedades idiossincráticas, excluindo, portanto, as palavras que sofreram a intervenção de uma operação de derivação.

Adicionalmente, Bloomfield (1933:264) sustenta que cada forma lexical se interrelaciona bilateralmente com as formas gramaticais porque, em primeiro lugar, contém uma estrutura gramatical portadora de significado e, em segundo lugar, contém uma função gramatical, na medida em que uma dada forma lexical apresenta, como propriedade inerente, uma função gramatical.

---

<sup>83</sup> Para uma noção de léxico como dicionário, cf., entre outros, Spencer (1991:47).

Bloomfield (1933:269) destaca ainda o carácter arbitrário que os morfemas contêm. Devido a este aspecto, este autor considera necessária a existência de uma lista, ou léxico, de modo a elencar todos e quaisquer morfemas, devido à sua natureza idiossincrática, não sendo, por isso, determinados pela estrutura que os representa. Para além dos morfemas, devem fazer parte desta lista, igualmente, itens lexicais complexos cuja natureza seja, de alguma maneira, idiossincrática.

No entanto, e à medida que tece considerações acerca da constituição do léxico, Bloomfield (1933:274), referindo-se à diferença entre formas regulares e irregulares, considera que não é necessário listar no léxico determinados nomes, nomeadamente os que detêm um carácter regular, por oposição àqueles que comportam uma índole irregular:

“ (...) we can state the regular plural-formation of English nouns without attempting to list all the nouns in the language. Irregular functions, on the other hand, they force us to list all the forms of the class (...)”.

Com base nesta afirmação, Bloomfield sugere que, assim, todo e qualquer morfema existente numa determinada língua é, ele próprio, irregular, já que o falante dessa língua só o utilizará após ter tido conhecimento do mesmo, por outro falante, e após o próprio ter esse morfema listado no léxico. Devido a estas considerações, o léxico é, por excelência, o local onde estão inseridos os elementos lexicais de cariz arbitrário<sup>84</sup>.

Di Sciullo & Williams (1987:3) defendem que todos os elementos linguísticos dotados de um cariz idiossincrático estão elencados no léxico. Estes elementos, designados, pelos autores, como listemas, podem consistir em palavras, afixos, expressões e algumas frases, sendo o léxico o local de armazenamento de qualquer elemento linguístico, desprovido de transparência semântica e/ou formal, que os

---

<sup>84</sup> Paralelamente à estrutura irregular dos morfemas, Bloomfield (1933:274) sublinha também que o valor gramatical associado a cada um deles apresenta, igualmente, uma componente irregular, pois “the speaker must learn from experience and the describer must list the fact that *pin* is a noun, *spin* a verb, *thin* an adjective, *in* a preposition, and so on”. Além deste aspecto, Bloomfield (1933:274-275) defende ainda que cabe à gramática dar conta das irregularidades que não estão incluídas em todos os morfemas de uma língua em particular.

falantes de uma determinada língua necessitem de fixar, e que será alocado nesse repositório.

Muitos anos mais tarde, Beard (1998:45), que dirige a sua atenção para o âmbito da Morfologia Derivacional, defende que qualquer processo morfológico de derivação é puramente lexical e que, por isso, o novo produto derivacional vai ser listado no léxico.

Aronoff & Anshen (2001:237) sustentam que o léxico consiste num inventário de itens lexicais que detêm uma natureza idiossincrática, aqueles cujo significado é imprevisível a partir das partes que os compõem.

É importante destacar que, nesta tese, considera-se que o léxico abrange não só itens lexicais cuja natureza é idiossincrática. Assim, nele estão também incluídos bases e afixos, ou seja, os materiais de que se serve a morfologia e as suas respectivas regras para originar novos vocábulos complexos. Este define-se, então, como uma lista de itens lexicais atestados numa determinada língua, incluindo formas simples e formas complexas desprovidas de transparência formal e/ou semântica, bem como formas de base e afixos que desencadeiam palavras complexas derivadas.

De igual modo, o léxico pode ainda assumir-se como uma espécie de inventário mental onde está contido o conhecimento que cada falante nativo de uma dada língua apresenta relativamente às palavras que compõem essa língua – léxico mental<sup>85</sup>.

Booij (2005:18) tenta estabelecer uma distinção entre o léxico e o léxico mental; enquanto o primeiro, para o mesmo autor, consiste num inventário onde se encontra a informação relativa às palavras existentes e expressões, o segundo diz respeito ao esquema mental referente ao conhecimento e à compreensão lexical. Relativamente a este último tipo de léxico, Booij (2005:232) sustenta que o léxico mental contém itens lexicais que não estão atestados nos dicionários. Além disso, este autor (2005:233) destaca a vertente multidimensional que caracteriza o léxico mental, na medida em que o conhecimento que cada falante possui acerca do vocabulário da sua língua é pautado por um número considerável de relações e semelhanças entre os vocábulos que integram esse mesmo léxico mental<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> Para Aronoff & Anshen (2001:238), o léxico mental de cada indivíduo consiste numa “list of irregular items that he carries around his or her head”.

<sup>86</sup> Relações em rede entre as palavras, constituídas por associações.

Segundo Lieber (2010:15), o léxico mental abrange o conhecimento dos tipos de informação relativos ao vocabulário de uma língua por parte dos falantes:

“This knowledge includes information about pronunciation, category (part of speech), and meaning, of course, but also information about syntactic properties (...), level of formality, and what lexicographers call ‘range of application’, that is, the specific conditions under which we might use the word.”

Assim, o léxico mental afigura-se como uma espécie de repositório no qual estão registadas todas as propriedades inerentes aos vocábulos de que um falante tem conhecimento.

### 1.2.3- Prefixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *des-*, *de-*, *dis-* e *di-* em Português

O procedimento que elegi para a presente análise foi a confrontação dos morfemas derivacionais *des-*, *de-*, *dis-* e *di-* em dicionários etimológicos e de língua corrente, baseando-me igualmente na literatura acerca da derivação. Todos estes morfemas foram submetidos a um processo de filtragem, na medida em que se procurou delimitar a origem e proceder à análise de tais elementos. Assim, fez-se uma síntese das diversas exposições nas obras anteriormente mencionadas, de modo a chegar a uma descrição, tão completa quanto possível, desses elementos, pois isso em muito contribuirá para alcançar o estudo que se pretende desenvolver. Para além de questões etimológicas, esta confrontação, provida de alguma complexidade, teve sobretudo como objectivo a averiguação acerca dos aspectos derivacionais associados a cada morfema seleccionado, como o tipo de bases a que os mesmos se soldam e o tipo de derivados que formam.

Como é sabido, nos estudos que contemplam a área da Morfologia, tem-se conferido mais ênfase à Morfologia Flexional em detrimento da Morfologia Derivacional, facto que, de acordo com Brocardo & Caetano (1998), pode estar relacionado, por um lado, com uma maior disseminação dos objectos de análise aquando da realização de um estudo de natureza derivacional e, por outro, com a existência de um maior número de irregularidades ao nível da derivação do que no que diz respeito à flexão, segundo outros autores.

Na medida em que, neste trabalho, a análise dos morfemas derivacionais em português vai ser iniciada pela prefixação, é igualmente pertinente registar que nem sempre é linear o lugar que esta ocupa na Morfologia Derivacional, já que alguns autores defendem a inclusão da prefixação no domínio da composição, enquanto outros atribuem o campo da derivação como o lugar onde a prefixação se deve inserir. Um dos motivos que leva a que esta situação não receba consensualidade por parte dos especialistas prende-se com o estatuto mais autónomo que, supostamente, certos prefixos apresentam. Por exemplo, Vasconcelos, na *Grammática Portuguesa* (1900:96), insere a prefixação no domínio da composição por prefixação, processo este que, segundo o autor, consiste na junção de “duas ou mais palavras, embora de

categorias diferentes, em ordem a formarem uma só palavra”. Adicionalmente, Vasconcelos (1900:96) sustenta que, no âmbito da composição, procedimento fecundo de formação de palavras, a prefixação é o processo que adquire maior importância, através do qual, nas palavras do mesmo autor, “partículas”, ou prefixos, associam-se a palavras (nomes ou verbos), precedendo-as<sup>87</sup>, elegendo a sufixação como único processo de derivação<sup>88</sup>. De forma distinta, na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* ([1931] 1964<sup>3</sup>), Said Ali é um dos gramáticos históricos que, contrariamente a quase todos os outros, defende que da derivação fazem parte quer a sufixação quer a prefixação<sup>89</sup>. Para além de Vasconcelos (1900), também Sequeira, na *Gramática de Português* (1938:106), para referir simplesmente só alguns dos gramáticos históricos que estudaram a Formação de Palavras e que sustentam esta posição, cinge a prefixação ao campo da composição, referindo-se ao prefixo como “elemento que não tem significação própria autónoma<sup>90</sup>” e ao próprio processo como uma forma de composição através da anteposição desses “elementos” à forma de base, cuja alteração de significado, resultante de tal processo, o autor considera ser “acessória”. De igual modo, Varela & García (1999:4997), no capítulo consagrado à prefixação, defendem que a prefixação não deve estar inserida no campo da derivação, na medida em que, segundo as mesmas autoras, a derivação possui como particularidade o facto de modificar a categoria sintáctica da base, situação que não ocorre no âmbito da prefixação, tal como podemos verificar na afirmação seguinte:

“(…) el prefijo no determina nunca la categoría de la base a la que se añade y, en este sentido, la prefijación no puede, en rigor, ser considerada derivación ya que una característica fundamental de la derivación por excelencia —la sufijación— es cambiar la categoría de la base.”

Pelo contrário, Cuesta & Luz, na *Gramática Portuguesa* (1961<sup>2</sup>:175), consideram que a prefixação, tal como a sufixação, integra a derivação, na medida em que ambas

---

<sup>87</sup> Vasconcelos (1900:97) defende que prefixos como *des-*, *pre-* ou *re-* apenas se encontram na composição, e não como “partículas independentes”.

<sup>88</sup> Cf. Vasconcelos (1900:86).

<sup>89</sup> Cf. ainda Piel ([1940] 1989<sup>2</sup>), entre outros.

<sup>90</sup> Mais adiante, Sequeira (1938:106) expõe que a maioria dos prefixos não existe autonomamente, e são, por isso, “inseparáveis” de uma dada forma de base, por oposição aos prefixos considerados “separáveis” e que, de acordo com o mesmo autor, correspondem (apenas) a preposições e a advérbios.

contribuem para o enriquecimento lexical de uma língua, por participarem num processo de formação de palavras. Embora assumam a perspectiva de que a prefixação está inserida na derivação e não na composição, ambas as autoras destacam como formas “separáveis” algumas preposições e advérbios, e justificando, por isso, o uso de tais elementos fora da composição, devido ao seu carácter autónomo. As mesmas autoras destacam também vários afixos derivacionais como sendo “inseparáveis”, ou seja, desprovidos de existência autónoma. Além disso, Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:175) acrescentam ainda que a composição serve-se de vocábulos já existentes na língua para desencadear a criação de novas palavras, enquanto a derivação utiliza itens lexicais já existentes para lhes conceder um novo significado, através da sua combinação com “determinados elementos formativos”, como os prefixos ou os sufixos, salientando ainda que os primeiros correspondem geralmente a preposições ou advérbios, pelo menos em português<sup>91</sup>. A mesma perspectiva é preconizada por Cunha & Cintra na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1984:85), onde encaram a prefixação como um processo de formação de palavras pertencente à derivação, realçando a maior autonomia por parte dos prefixos em detrimento dos sufixos, precisamente pelo facto de os primeiros se constituírem como antigas preposições ou advérbios, ou ainda pelo facto de, anteriormente, terem sido autónomos. Cunha & Cintra (1984:86) sublinham ainda a distinção que existe entre prefixos desprovidos de autonomia numa dada língua, como *des-* ou *re-*, daqueles que podem figurar como itens lexicais autónomos, como *contra-* ou *entre-*<sup>92</sup>.

Recentemente, a posição que prevalece é a segunda, ou seja, a integração da prefixação na derivação, posição que também partilho.

Os prefixos, ainda que se tenham originado de formas com autonomia, não podem ser confundidos com o elemento inicial de um composto. Ao terem passado para prefixos, estes elementos deixaram de possuir essa independência, facto este que também sucedeu com os sufixos. Por isso, sendo o prefixo um afixo, como qualquer um dos afixos, ele não possui autonomia, precisando sempre de se soldar a uma base

---

<sup>91</sup> Cf. Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:178).

<sup>92</sup> Também Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>) já havia considerado que “os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras”, o que leva a que haja diferentes opiniões relativamente ao lugar que ocupa a prefixação (na derivação ou na composição). Contudo, o autor não hesita em considerar a prefixação dentro da derivação.

autónoma, não devendo confundir-se prefixos (e sufixos) com elementos iniciais (ou finais) de um composto.

Para concluir, defende-se aqui que a prefixação deve ser incluída no campo da derivação e não no da composição, na medida em que os prefixos, por definição, são formas presas, pois a sua existência depende sempre da sua inclusão noutros itens lexicais.

No que diz respeito à noção de prefixo, nesta dissertação, concorda-se com a definição fornecida por Varela & García (1999:4995), segundo a qual este elemento consiste num “morfema que se adjunta al inicio de una palabra independiente (...) o de un tema o raíz ligada (...), según el esquema básico: [BASE LÉXICA]<sub>x</sub> → [prefijo [BASE LÉXICA]<sub>x</sub> ]<sub>x</sub>”.

Seguidamente, passarei à descrição e análise efectuada dos morfemas derivacionais seleccionados para a presente tese, procurando, para cada um dos afixos, seguir um esquema aproximado de análise.

### 1.2.3.1 *des-*

O prefixo *des-* é considerado um dos prefixos mais frequentes na língua portuguesa e, de acordo com Caetano & Brocardo (1998:210), *des-* estava já disponível, desde o início do século XIII, em Português, para a formação de palavras complexas<sup>93</sup>.

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), é expresso que *des-* apresenta origem latina, deixando todavia por esclarecer se este prefixo provém de *dis-* ou de *de-*, exprimindo, geralmente, a noção de ‘oposição’, ‘separação’, ‘ausência’ e ‘afastamento’. Os exemplos referidos neste dicionário são baseados em Said Ali (1931), que analisa mais exaustivamente os derivados em *des-* e que, enquanto nomes, exprimem a noção de ‘contradição’ ou ‘ausência de algo’ (*desordem*), ‘rompimento de algum estado’ (*desilusão*) ou ‘algo mal efectuado’

---

<sup>93</sup> Caetano & Brocardo (1998a:211-213) sustentam ainda que, num texto português do século XV, o prefixo *des-* era já passível de se soldar a nomes, adjectivos, derivados regressivos e, maioritariamente, a verbos, ostentando um significado estável, na medida em que *des-* apresenta um carácter regular no que diz respeito à interpretação da palavra à qual este prefixo se associou. Num outro trabalho, Caetano & Brocardo (1998b:9) sublinham também que *des-* viola o denominado Princípio da Unicidade da Base (*Unitary Base Hypothesis*), segundo o qual as regras de formação de palavras apenas podem operar sobre um só tipo de base a nível sintáctico.



(*desgoverno*); enquanto adjetivos, exprimem a ‘negação de uma determinada qualidade’ (*desleal*). Por seu turno, quando associado a verbos, o prefixo *des-* pode assumir a realização de uma ‘acção contrária à que é manifestada pela forma de base verbal’ (*desfazer*), o ‘fim de um acto ou efeito’ (*desimpedir*) ou uma ‘separação entre duas coisas’ (*descascar*)<sup>94</sup>.

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), o prefixo *des-* é descrito de forma idêntica à que surge em Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>). Assim, no presente dicionário, este afixo derivacional apresenta uma “vitalidade” elevada na língua portuguesa e, ainda de acordo com esta obra, *des-* surge associado às noções de ‘acção contrária à forma de base’ (*desacordo*), ‘fim de um estado ou situação’ (*desoprimir*), ‘acto ou coisa mal efectuada’ (*desgoverno*), ‘negação de uma qualidade inserida na forma de base’ (*desconexo*), ‘separação’ (*desmascarar*), ‘alteração de aspecto’ (*desfigurar*) e ‘reforço’ (*desinfeliz*)<sup>95</sup>.

No *Dicionário Novo Aurélio* (1986), assume-se que o prefixo *des-* é de origem latina e que o semanticismo a ele associado está relacionado com ‘separação’, ‘mutação’, ‘negação’ e ‘ausência’ (*despedaçar*; *desumano*). Nesta obra, é referido que *des-* apresenta, em certos casos, uma ideia de ‘reforço’ ou de ‘intensidade’ (*desafastar*; *desapagar*). Adicionalmente, o *Dicionário Novo Aurélio* (1986) regista uma ocorrência em que o prefixo em questão desempenha uma função ‘reiterativa’, nomeadamente em *deslavar*, “lavar novamente”.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003)<sup>96</sup>, o prefixo *des-* é descrito como detentor de formação vernacular e como sendo de grande produtividade. Os exemplos e o respectivo semanticismo exibidos em Houaiss (2003) acerca deste prefixo são idênticos aos que figuram em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), não havendo, portanto, nada de novo a acrescentar relativamente à caracterização do prefixo em questão.

No *Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa* (2010), daqui em diante D.E.H. (2010), este prefixo é considerado como uma formação vernácula, oriundo

---

<sup>94</sup> Neste dicionário, Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>:787) salienta que “são muitos os vocábulos portugueses formados com *des-* (...)” na língua portuguesa, bem como a relação deste prefixo com *de-*.

<sup>95</sup> Neste dicionário ([1982] 1986<sup>2</sup>), é referido também que *des-* alterna com *es-* em pares de sinónimos como *desfarelar* e *esfarelar*.

<sup>96</sup> Daqui em diante, Houaiss (2003).

provavelmente do prefixo latino *dis-*, pertencente à língua latina, sendo que a mesma fonte coloca também como hipótese que *des-* provenha de *de-*.

Em termos de semanticismo, o D.E.H. (2010) regista que o prefixo *des-* apresenta, maioritariamente, um significado relacionado com a ideia de ‘oposição’, ‘ausência de algo’ ou ‘negação’, demonstrado, por exemplo, através de *desabrigo*. Por outro lado, este prefixo pode também exprimir a ideia de ‘separação’, visível em *descaroçar*, e também de ‘reforço’ ou de ‘intensidade’, sendo que, neste caso, não está expressa qualquer alteração semântica da forma de base após a associação do prefixo *des-*, como é o caso de *desinquieta*<sup>97</sup>.

Por sua vez, Vasconcelos (1900:98) descreve sucintamente *des-* como prefixo ao qual estão relacionadas as ideias de ‘separação’ (*destronar*) e ‘negação’ (*desventura*).

Já Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:250) sustenta que *des-*, enquanto prefixo associado à noção de ‘negação’ ou ‘contradição’, é um produto resultante da romanização de *dis-*, por força da necessidade da formação de “novos termos” e que, segundo o autor, juntamente com esta modificação fonética, veio trazer uma acentuação da ideia de ‘negação’ deste prefixo, e uma atenuação da noção de ‘separação’ do mesmo. Adicionalmente, Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:250) alude à ideia de ‘positivismo’ ou ‘pleonismo’ relacionada com algumas palavras derivadas com o prefixo *des-* e que, embora existam em número reduzido, provêm, de acordo com o mesmo autor, da “confusão de elementos já romanizados” (*desaliviar/aliviar*).

Por sua vez, Sequeira (1938:111) refere-se ao prefixo *des-* como afixo derivacional latino e um dos principais em Português, e do qual derivam as noções de ‘operação contrária’ (*desfazer*), ‘separação’ (*desenterrar*) e ‘negação’ (*desleal*). Sequeira (1938:112) salienta que vocábulos como *desviar* “já nos vieram compostos do latim”, o que significa que estes itens lexicais não permitem uma segmentação em unidades de significação menores, como é, por vezes, erradamente referido por alguns autores.

Cunha & Cintra, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1984), mencionam que *des-*, enquanto prefixo latino, manifesta as noções de ‘separação’ (*desviar*) e ‘acção contrária’ (*desfazer*).

No capítulo consagrado à prefixação, Varela & García (1999:4996-4997 e 5001) defendem que *des-* pertence à categoria dos prefixos intercategoriais, já que o mesmo

---

<sup>97</sup> O D.E.H. remete-nos para o prefixo *de-*.

é passível de se associar a nomes, (*desamor*), verbos<sup>98</sup> (*desaproveitar*) e adjetivos<sup>99</sup> (*desonesto*), apresentando geralmente a noção de ‘separação’<sup>100</sup>, ‘ausência’<sup>101</sup>, ‘negação/oposição’<sup>102</sup>, ‘localização’<sup>103</sup> e ‘reversão’<sup>104</sup> e pertencendo ao núcleo dos prefixos “contrários”, por contradizer o semanticismo da forma de base à qual se solda. Varela & García (1999:5001) destacam ainda que *des-* pode adquirir o estatuto de prefixo adverbial, já que pode negar o significado daquilo que é expresso pela base do ponto de vista aspectual (*descoser*). Neste âmbito, *des-* pode apresentar um ‘valor perfectivo’, aquando da sua associação a um verbo perfectivo (*desfazer*<sup>105</sup>), ou imperfectivo quando combinado com um verbo imperfectivo (*desobedecer*).

### 1.2.3.2 *de-*

Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), não existe nenhum verbete relativo a este morfema; apenas na entrada relativa a *des-* é possível encontrar algumas referências a *de-* e cuja explicação nos remete para Corominas & Pascual (1991), que destacam o uso do prefixo *de-* na formação de palavras em Português Antigo e que adquiriu um peso maior aquando do processo fonológico de dissimilação por parte do prefixo latino *di-*.

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), não está atribuída nenhuma entrada para o elemento *de-*.

<sup>98</sup> Para as autoras (1999:5021), a ideia de ‘negação’ ostentada por *des-* junto a formas de base verbais não requer obrigatoriamente a realização da acção anterior. O mesmo sucede com o valor ‘reversivo’ que *des-* pode apresentar (Varela, 1999:5028) e que conduz, consequentemente, à seleção de bases verbais imperfectivas (*desconfiar*; *descontar*), não remetendo para a concretização da acção prévia e contrastando com os que envolvem um estado anterior (*descalçar*). As formas de base verbais que combinam com *des-* relacionado com a noção de ‘oposição’ podem apresentar natureza ‘negativa’ (*desaproveitar*) ou ‘reversiva’ (*desintegrar*).

<sup>99</sup> Varela & García (1999:5009) realçam que, sempre que o prefixo *des-* relativo à ideia de ‘negação’ seleciona um adjetivo como forma de base, este tem de ser ‘imperfectivo’ (*descortês*). Além disso, as mesmas autoras corroboram que os adjetivos aos quais *des-* se vai soldar são sempre ‘qualificativos’ e não estão vinculados a uma acção anterior (*desleal*).

<sup>100</sup> Varela & García (1999:5011) sugerem que a ideia de ‘separação’ relacionada com *des-* pode desencadear as noções de ‘ausência’, ‘negação/oposição’ e ‘reversão’.

<sup>101</sup> De acordo com as autoras (1999:5029), a noção de ‘privação’ que o prefixo *des-* pode assumir, ocorre quando este se solda a formas de base nominais e adjectivais (*desbravar*).

<sup>102</sup> *Des-* assume a ideia de ‘negação’ quando se associa a verbos (perfectivos - *desunir* - e imperfectivos - *desobedecer*) e a adjetivos.

<sup>103</sup> Cf. também Varela & García (1999:5010).

<sup>104</sup> Varela e García (1999:5001) exemplificam a noção de reversão relativa ao prefixo *des-* através do vocábulo *desaparecer*. Posteriormente, Varela e García (1999:5028) caracterizam esta ideia como a concretização de uma dada acção para retomar uma situação anterior, sendo que esta última se afigura como ‘não reversiva’. Por este motivo, as autoras consideram que ambas as acções pressupõem o mesmo processo, ainda que contrário.

<sup>105</sup> Aqui com valor ‘reversivo’.

No *Novo Aurélio* (1986), *de-* é descrito como prefixo latino, e cujas noções remetem para ‘movimento de cima para baixo’, ‘origem’, ‘distanciamento’, ‘extração’, ‘reforço’ e ‘ideia contrária à forma de base’<sup>106</sup>.

No que diz respeito à referência ao morfema *de-*, em *Houaiss* (2003) é conferido um grande destaque a este elemento, cuja posição é unânime relativamente à origem do mesmo, comparado com as obras anteriores; trata-se, então, de um morfema que deriva do latim, mais precisamente da preposição latina análoga. As glosas referentes a *de-* envolvem as noções de “de cima de”, “de fora de”, “procedente de”, “em”, “sobre”, “no alto de”, “debaixo de”, “depois de”, “no meio de”, “à custa de”, “feito de”, “em vez de”, “por causa de”, “acerca de” e “contra”. Na língua de origem, o morfema *de-* caracteriza-se por manifestar as ideias de ‘movimento de cima para baixo’ (*defluxo*), ‘repulsa’ (*detestar*), ‘distanciamento’ (*demover*), ‘redução’ (*decapitar*), ‘ausência’ (*demente*), ‘cessação’ (*determinar*, *debelar*), ‘reforço’ (*detonar*) e ‘progressão’ (*decair*, *deperecer*)<sup>107</sup>.

No *D.E.H.* (2010), este morfema é considerado oriundo da preposição latina, apresentando como paráfrases “de cima de”, “procedente de”, “do meio de”, “feito de”, “por causa de” e “contra”. Neste dicionário, associado a este prefixo estão as noções de ‘descida’ (*defluxo*), ‘distanciamento’ (*demover*), ‘redução’ (*decrecer*), ‘ausência’ (*demérito*), ‘cessação’ (*debelar*), ‘reforço’ (*dearticular*) e ‘progressão’ (*deperecer*)<sup>108</sup>.

Na sua obra, Vasconcelos (1900:98) considera *de-* como um dos principais prefixos da língua portuguesa, atribuindo-lhe as noções de ‘separação’ (*depenar*), ‘negação’ (*decompor*) e ‘reforço’ (*delamber-se*).

Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:250) não faz qualquer referência ao morfema derivacional *de-*.

Sequeira (1938:107), embora não se refira ao semanticismo associado a *de-*, engloba este elemento na lista dos prefixos latinos principais.

---

<sup>106</sup> Por exemplo, *decair* (‘movimento de cima para baixo’) e *depenar* (‘extração’).

<sup>107</sup> Em *Houaiss* (2003), refere-se que o prefixo *des-* é o mais produtivo na formação de derivados em Português Europeu, ao passo que, no Português do Brasil, o morfema *de-* é o mais utilizado na construção de novos itens lexicais derivados (*descodificar*/*decodificar*).

<sup>108</sup> É mencionado no *D.E.H.* (2010) que o prefixo *de-* é confundido com *des-*, sendo o primeiro referido como cultismo e o último como vulgarismo.

Cunha & Cintra (1984), que sustentam que *de-* se afigura como prefixo de proveniência latina, referem que este apresenta a ideia geral de ‘movimento de cima para baixo’ (*decair*).

Varela & García (1999:5000) expõem que este morfema (*de(s)-*) apresenta a ideia de ‘localização de procedência’ e que, a partir da mesma, surge a ideia de ‘separação’ (*deadjectival*). Adicionalmente, as mesmas autoras (1999:5017), referindo-se à noção de ‘procedência’<sup>109</sup>, defendem que este(s) morfema(s) nos remetem para a ideia geral de ‘lugar desde onde’, alegando, igualmente, que elementos como *de-* surgem em vocábulos herdados e cujo semanticismo pode apresentar uma motivação maior (*devir*) ou menor (*depende*)<sup>110</sup>.

Torna-se fundamental sublinhar que, relativamente a este morfema, mencionado em Houaiss (2003), há dois aspectos que se revestem de grande importância. Em primeiro lugar, é exposto que *de-* está presente em derivados que tiveram formação ainda na língua latina, apontando-se como exemplos vocábulos como *declarar*, *defender*, *demitir* ou *definido*, entre outros. Em segundo lugar, é referido que o significado atribuído a este elemento perdeu algum valor em termos de interpretação, exemplificando-se com os vocábulos *dealbar* e *deambular*. De facto, estes dois últimos exemplos são de origem latina e, em termos de semanticismo apenas reforçam a ideia que estava já presente na forma de base (*albar*; *ambular*). No entanto, se focarmos a nossa atenção para os exemplos acima mencionados como *declarar* ou *defender*, verificamos que é impossível segmentar estes vocábulos em unidades menores de significação e forma, na medida em que, em primeiro lugar, não existem, na língua portuguesa, itens lexicais como *\*fender* ou *\*clarar*; em segundo lugar, estas palavras são oriundas do Latim, facto que torna inviável, em casos como estes, a existência de *de-* como prefixo. Se tal ocorresse, este morfema seria equiparado a um morfema *cran-*, tópico este já aflorado no subcapítulo anterior, pois estaríamos na presença de um morfema desprovido de qualquer conteúdo semântico. Torna-se, por isso, essencial ter em conta uma perspectiva diacrónica na análise de determinados vocábulos, já que esse caminho nos conduz, como sustenta Rio-Torto (1998:138), a

---

<sup>109</sup> Varela & García (1999:5017) servem-se exactamente desta noção de ‘procedência’ e das mesma análise com ela relacionada para abranger, igualmente, o morfema derivacional *dis-*.

<sup>110</sup> Varela & García (1999:5017) afirmam também que o elemento *de(s)-* é utilizado na formação de verbos parassintéticos a partir de bases adjectivais (*depurar*) ou nominais (*derrocar*). Neste último exemplo, pode verificar-se que as autoras identificam incorrectamente *de-* como morfema, tal como o vocábulo *divagar* exemplificado anteriormente para um semanticismo de *de-* mais motivado.

uma “verdade histórica dos factos e, subsequentemente, do presente das unidades lexicais”; caso contrário, poder-se-á chegar “a uma incorrecta análise da estrutura interna das palavras”. Também Varela & García (1999:4998) sustentam que exemplos como *defender* ou *declarar* perderam a sua transparência semântica, já que o significado não é dedutível a partir das partes que compõem tais palavras complexas. Por isso, Varela & García (1999:4998) referem que “esto ocurre cuando el prefijo se añade a un tema que no se realiza como independiente de la lengua (...)”. Neste caso, segundo Varela & García (1999:4998), a opacidade semântica ocorre sempre que se dá uma lexicalização de um determinado item lexical complexo ou quando o prefixo que se solda a uma dada forma de base ficou desprovido do conteúdo lexical inicial, como é o caso do afixo derivacional *re-* em, por exemplo, *rematar*, com acepção presente no D.E.H. (2010) de “fazer o acabamento de, aperfeiçoar” e de “tornar(-se) completo; ter fim, acabar(-se), findar(-se)”.

Assim, a par da perspectiva sincrónica, a vertente diacrónica deve ser parte integrante da análise dos vocábulos, pois só deste modo é que se torna possível levar a cabo esse procedimento de modo adequado.

### 1.2.3.3 *dis-*

Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), tanto *di-* como *dis-* são considerados elementos cultistas, oriundos da língua grega, e às quais está associada, segundo aquele autor, a ideia de ‘duplicação’<sup>111</sup>.

Numa outra entrada, *dis-* é referido, em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>:821), por um lado, como um “elemento de composição” que exprime as noções de ‘distanciamento’ e ‘diferenciação’ (*discórdia*; *dissemelhança*) e está presente em palavras tomadas de empréstimo de outras línguas; por outro lado, *dis-* é uma “partícula usada como primeiro termo de vocábulos compostos”, expressando acepções relacionadas com ‘divisão’, ‘distanciamento’ e ‘oposição/negação’<sup>112</sup>.

Para concluir as referências ao morfema *dis-* em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), *dis-* é ainda apontado como elemento composto cultista, ao qual se associam as concepções

---

<sup>111</sup> O prefixo *dis-* surge numa entrada em separado, contudo a mesma encaminha-nos para o morfema *di-*.

<sup>112</sup> Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) salienta que este elemento se contrapõe ao elemento *com-*.

de ‘dificuldade’ e ‘mau estado’, noções essas originárias do elemento grego *dys-*, sem no entanto nos ser apresentado qualquer exemplo.

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), podemos encontrar duas entradas diferentes para este morfema, sendo a primeira correspondente a uma formação latina, e cuja descrição nos remete para as noções de ‘negação’, ‘fim’ e ‘separação’, e onde surgem como exemplos os vocábulos *discordar*, *discorrer* e *disparar*, sem no entanto se saber que exemplo surge associado a cada noção. Neste dicionário, defende-se que este morfema sofreu um processo fonológico “evolutivo”, dando origem ao prefixo *des-*, reforçando-se uma vez mais o carácter “vital” deste último afixo derivacional na formação de novas palavras complexas derivadas. O segundo verbete relativo a *dis-* corresponde, segundo o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), a um prefixo originário do análogo grego *dys-*, o qual aduz como ideias principais ‘mau estado/anomalia’ e ‘mau funcionamento/disfunção’, sendo o seu uso constante ao nível das terminologias científicas internacionais, como evidenciam os vocábulos *disfagia* ou *dislexia*.

No *Novo Aurélio* (1986), a primeira entrada relativa ao morfema *dis-* encaminha-nos para *di-*, que será tratado na alínea seguinte. No segundo verbete, é mencionado que *dis-* é oriundo do grego *dys-*, cujo semanticismo está relacionado com as noções de ‘dificuldade’ ou ‘mau estado’ (*dislalia*). Ainda no segundo verbete reservado para *dis-*, é mencionado que este elemento é de origem grega (*dis-*), tendo adquirido uma “grande vitalidade” no Grego Clássico, especialmente no que diz respeito às terminologias científicas e médicas. Neste caso, *dis-* está associado às noções de ‘dificuldade’ (*disenteria*), ‘debilidade’ (*dismnésia*) e ‘ausência’ (*disbulia*). Finalmente, a terceira entrada contemplada com este morfema remete-nos para *di-*<sup>113</sup>.

Em *Houaiss* (2003), é referido que *dis-* é um elemento culto, originário da língua latina *dis-*, e que *dis-* é exclusivamente utilizado como elemento inicial de um item lexical derivado, expressando ideias de ‘divisão’ (*dissolver*), ‘dissimilação’ (*difundir*), ‘oposição/negação’ (*discordar*; *díspar*), ‘reforço’ (*dissimular*) e ‘ordem/sequência’<sup>114</sup> (*dispor*). Este dicionário salienta ainda que este morfema sofre um processo fonológico de “síncope” em situações específicas, nomeadamente nos casos em que

---

<sup>113</sup> Tema tratado em 1.2.1.4 deste capítulo.

<sup>114</sup> Uma vez mais, o vocábulo *distribuir* é aqui mencionado como exemplo de noção de ‘ordem/arranjo’.

não é seguido das consoantes <c>, <j>, <p>, <q>, <s> ou <t>, sofrendo igualmente de “rotacismo” na presença de uma vogal ou da consoante <h><sup>115</sup>. É ainda exposto na mesma obra que *dis-* “é fonte de” *des-*.

De acordo com o *D.E.H.* (2010), trata-se de um elemento culto, proveniente da língua latina, e que é descrito como presente apenas em itens lexicais derivados já nessa língua. Neste dicionário, *dis-* apresenta um semanticismo relacionado com as noções de ‘divisão’ (*dissolver*), ‘disseminação’ (*distender*), ‘negação/oposição’ (*discordar*) e ‘ordem/arranjo’<sup>116</sup> (*dispor*).

Num verbete distinto, outras acepções são concedidas ao morfema *dis-* no *D.E.H.* (2010), sendo que, desta vez, é descrito como um elemento que apresenta origem grega<sup>117</sup>, e que está associado às noções de ‘dificuldade’ (*dispneia*) e ‘ausência’ (*dissimetria*).

Por último, o *D.E.H.* (2010) inclui ainda uma outra entrada para este morfema, mas remete-nos para o elemento *di-*, que descreveremos no ponto seguinte.

Tanto Vasconcelos (1900) como Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>) não fazem referência ao morfema *dis-*.

Sequeira (1938:111-112) descreve este prefixo como elemento latino associado às noções de ‘separação/apartamento/procedência’ (*dissociar*; *discordar*), bem como ‘depreciação do significado primitivo’ (*dispepsia*, *disfonia*).

Por sua vez, Cunha & Cintra (1984) abarcam *dis-* e *di-* (*dir-*) no mesmo grupo em termos de semanticismo, considerando-se que são prefixos latinos, a que estão associadas as ideias de ‘separação’ (*dilacerar*), ‘movimento para diversos lados’ (*distender*) e ‘negação’ (*dissidente*). No entanto, Cunha & Cintra (1984) separam deste grupo o prefixo *dis-* de origem grega, relacionado com as ideias de ‘dificuldade’ (*dispneia*) e ‘mau estado’ (*disenteria*).

Relativamente a *dis-*, Varela & García (1999:5017) apresentam as mesmas noções que são encontradas para a análise de *de-* (*de(s)-*).

---

<sup>115</sup> Por exemplo, *dirigir* e *dirimir* (Cf. Houaiss (2003)).

<sup>116</sup> Para as noções de ‘ordem/arranjo’ relativas ao morfema *dis-*, no *D.E.H.* (2010) é dado como exemplo o vocábulo *distribuir*, que, como já foi referido anteriormente, é um item lexical de origem latina (*distribuere*); daí que a sequência lexical que resta aquando da eliminação de *dis-* não se afigurar como palavra existente na língua portuguesa (*\*tribuir*).

<sup>117</sup> Adicionalmente, é descrito no *D.E.H.* (2010) que *dis-* é bastante produtivo no Grego Clássico e nos vocábulos pertencentes às terminologias de carácter científico.



#### 1.2.3.4 *di-*

Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), não existe uma definição autónoma para o prefixo *di-*, estando este agrupado ao morfema *dis-*, cuja descrição se encontra presente em 1.2.1.3.

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), é referido que se trata de um prefixo oriundo do Grego e cuja paráfrase correspondente é “duas vezes”, como atestam os exemplos *diedro* ou *dióico*.

No que diz respeito ao *Novo Aurélio* (1986), existem dois verbetes para este elemento: no primeiro, atesta-se que *di-* é oriundo da língua grega, nomeadamente do morfema *dis-*, e que se trata de um afixo pertencente à composição, cujo semanticismo nos remete para a paráfrase “em dois” (*dígrafo*); no segundo verbete, é indicado que *di-* provém da língua latina, e que apresenta as noções de ‘divisão’, ‘negação’<sup>118</sup> e ‘movimento para diferentes lados’, sendo idêntico ao morfema *dis-*.

Em *Houaiss* (2003), e à semelhança do *Novo Aurélio* (1986), duas entradas estão reservadas para este elemento. Relativamente à primeira, está atestado que *di-* provém da língua grega *dis-*, que já na época clássica sofreu uma mutação para *di-* e que tem como glosa “duas vezes” (*diedro*, *dicéfalo*). Salienta-se ainda o seu uso frequente no domínio da química, acompanhado da ideia de ‘função dupla’, bem como do uso deste elemento, considerado em *Houaiss* (2003:1331) como prefixo, “para nomear compostos bissubstituídos”. Por outro lado, na segunda entrada referente a *di-*, é mencionado que este morfema ocorre maioritariamente em cultismos latinos, para os quais *Houaiss* (2003) apresenta exemplos como *diverso* e *disputa*. Simultaneamente, na mesma obra refere-se que *di-* participa na formação de variados cultismos, como *difração* ou *distorção*, nos quais o semanticismo a eles associado (geralmente de divisão, por vezes de negação) mantém o significado que apresentavam na língua latina<sup>119</sup>.

---

<sup>118</sup> Para a noção de ‘negação’, é dado como exemplo no *Novo Aurélio* (1986) o vocábulo *difícil*, mais uma vez ignorando-se a vertente etimológica na análise deste item lexical, sendo impossível a sua segmentação em morfemas, na medida em que *\*fícil* não existe na língua portuguesa.

<sup>119</sup> *Dif-* é referido como prefixo latino em *Houaiss* (2003), integrando a noção de divisão, tal como *di-* e *dis-*.

No *D.E.H.* (2010), este prefixo contém dois verbetes: no primeiro, é descrito que se trata de um afixo derivacional originário da língua grega (*di-*) e que apresenta como paráfrase “duas vezes” (*dígrafo*); no segundo, é mencionado enquanto elemento pertencente à língua corrente, oriundo de determinados cultismos herdados da língua latina ou de origem vernácula, e que exprime maioritariamente as ideias de ‘divisão’ e, nalguns casos, de ‘negação’ (*divórcio*; *difração*<sup>120</sup>).

Vasconcelos (1900) e Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>) não mencionam o morfema derivacional *di-* nas suas obras.

Sequeira (1938:107) enumera as mesmas noções que utilizou para *dis-*, nomeadamente ‘separação/apartamento/procedência’ (*difundir*; *dimanar*<sup>121</sup>)

Cunha & Cintra (1984:110) referem-se a *di-* como um radical grego, detentor da glosa “dois” (*dipétalo*, *dissílabo*).

Varela & García (1999) não se pronunciam relativamente a *di-*.

#### **1.2.4- Prefixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *de-*, *dis-* e *di-* em Inglês**

##### **1.2.4.1 *de-***

De acordo com o *Etymological Dictionary of the English Language* ([1910] 1946<sup>2</sup>)<sup>122</sup>, este prefixo provém da língua latina, nomeadamente da preposição *de*, que nos remete para as noções de ‘movimento para baixo’, ‘movimento de’ e ‘movimento para fora’. Adicionalmente, indica-se que este afixo derivacional é recorrente no Francês, “being the O[ld]. F[rench]. *des-*. F[rench]. *dé-* in composition”. No que diz respeito ao semanticismo associado a este prefixo, as noções principais que o mesmo exprime estão relacionadas com ‘oposição/negação’ (*deform*) e ‘reforço/intensidade’ (*desolate*, *dessicate*); para esta conotação, o *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>) apresenta ainda como exemplo *declare*, para além dos outros que foram anteriormente mencionados, enquanto para a primeira é selecionado o vocábulo *destroy* para exemplificar aquela

<sup>120</sup> É também referido como exemplo no *D.E.H.* (2010), no espaço consagrado à análise do morfema *di-*, o vocábulo *distorção*.

<sup>121</sup> Como se pode verificar, nos exemplos dados é impossível segmentar *di-*.

<sup>122</sup> Daqui para a frente, *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>).

noção. Uma vez mais, podemos constatar que a análise destes itens lexicais, desconsiderando a verdade histórica dos mesmos, inviabiliza a sua caracterização apropriada.

Em *The Oxford Dictionary of English Etymology* (1966)<sup>123</sup>, atesta-se que *de-* é um prefixo oriundo da preposição latina *de-*, que apresentam como glosas “debaixo de”, “fora/fora de”, “aparte” e que, segundo o mesmo dicionário, são “used in verbal comp[ound]s” (*decrease, defend*), e chegaram à língua inglesa através do Francês, ao passo que os vocábulos aos quais *de-* se integrou tardiamente resultaram de heranças lexicais de infinitivos ou preposições de origem latina. Em *O.D.E.E.* (1966), este prefixo está ligado às ideias de ‘movimento para baixo’ ou ‘movimento de um sítio’, tanto em lugares como em estados (*descend, depress, detrain*), ‘ausência’, ‘saída’<sup>124</sup> (*deport*), ‘descida do fundo’ (*decoction*<sup>125</sup>), ‘reforço/intensidade’<sup>126</sup> (*declaim, denude*), ‘sentido pejorativo’<sup>127</sup>, uso em terminologias científicas como química ou botânica (*decompound*) e ‘sentido oposto ao que é expresso pela forma de base’ (*disarm*, proveniente do Latim *dearmare, decollation*), ‘descarte/remoção’ (*defrost, dehydrate*) e ‘força contrária’ (*demagnetize, denazification*).

No *Oxford Advanced Learner’s Dictionary* ([1948] 2000<sup>6</sup>)<sup>128</sup>, é exposto que o prefixo *de-* é passível de se soldar a nomes, verbos, adjectivos e advérbios, e exprime as ideias de ‘oposição’ (*decentralization*) e de ‘remoção’ (*defrost*).

Por sua vez, em *The Categories and Types of Present-Day English Word-Formation*, Marchand (1960) remete-nos para o *Oxford English Dictionary*<sup>129</sup>, no qual se sustenta que este prefixo resultou do acolhimento, na língua inglesa, de vocábulos franceses, língua esta que teve uma influência considerável no que diz respeito a derivados em *de-*, sobretudo verbos<sup>130</sup>. Marchand (1960) destaca, como noções principais relacionadas com *de-*, ‘remoção daquilo que é denotado pela base’

---

<sup>123</sup> *O.D.E.E.* (1966) daqui em diante.

<sup>124</sup> Cf. *O.D.E.E.* (1966): *deter, design, defend*.

<sup>125</sup> Do Latim *decoquere* = destilar; a noção de ‘descida do fundo’ é aqui descrita como o depósito que fica alojado no fundo de uma garrafa e que é vertido juntamente com o líquido que a acompanha.

<sup>126</sup> Cf. *O.D.E.E.* (1910): *declare*.

<sup>127</sup> Nos exemplos apresentados, uma vez mais, uma vez mais, não é possível segmentar *de-* enquanto prefixo nos vocábulos *deceive, deride, detest*.

<sup>128</sup> Daqui para a frente, *O.A.L.D.* ([1948] 2000<sup>6</sup>).

<sup>129</sup> Não é feita qualquer referência à data de edição do dicionário em Marchand (1960).

<sup>130</sup> Nos verbos com *de-*, Marchand (1960:105-107) sublinha que o número de derivados deste tipo é maior com verbos terminados em *-ate* do que em *-ify*, embora sustente que ambos os sufixos são, na sua maioria, de cariz erudito.

(*demilitarize*; *delouse*). O mesmo autor menciona as ideias que se encontravam associadas aos itens lexicais em que *de-* está incluído já em Francês, como ‘privação/remoção’<sup>131</sup> (*dépanner*) e ‘reversão daquilo que é denotado pelo verbo’<sup>132</sup> (*défaire*; *devalorizer*), indicando ainda que a adoção de *de-*, após o estabelecimento da noção de ‘remoção’ a ele associado, se combina com alguns verbos em *-ate* e com todos os verbos em *-ize* (*decolor-decolorize-decolorate*). Já para a ideia de reversão, Marchand (1960) salienta que *de-* é passível de se soldar a verbos em *-ify* e *-ize*. Para derivados em *de-* relacionados com meios de transporte, Marchand (1960) menciona que a noção a eles agregada é a de ‘descer de/deixar’ (*debus*; *deplane*). No que diz respeito à ideia de ‘perda’, Marchand (1960) considera que *de-* é parco em formações nominais desta natureza (*denutrition*). Para a ideia de ‘negação’, o autor considera que *un-* e *dis-* são rivais de *de-* em derivados verbais, sem, no entanto, apresentar exemplos<sup>133</sup>.

De acordo com a perspectiva de Bauer (1983:218), este prefixo apresenta um número diversificado de significados, sem, no entanto, apresentar qualquer exemplo, apenas referindo que *de-* costuma rivalizar com os afixos derivacionais *dis-* e *un-* quando combinado com formas de base verbais; para o mesmo autor, *de-* só é passível de se soldar a este tipo de bases e, quando se dá esse processo, é possível a ocorrência de nominalizações<sup>134</sup>.

#### 1.2.4.2 *dis-*

No *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>), é mencionado que *dis-* corresponde a um prefixo que provém do Latim, cujo semanticismo já nessa língua nos remete para a ideia de ‘distanciamento’<sup>135</sup>. Por outro lado, o referido prefixo, a par com *bis*, origina-se de *duis*, forma antiga que significa “dois” e, portanto, o significado está relacionado com

<sup>131</sup> Marchand (1960:108) sustenta também que associada a esta noção se encontra uma conotação “técnica”, nomeadamente a remoção de algo ou alguma coisa por meio de um determinado processo (*defrost*).

<sup>132</sup> Marchand (1960:106) destaca que o prefixo *dis-* entra em competição com *de-* com esta noção de reversão (*disconnect*), mencionando, no entanto, a diminuição do primeiro prefixo em termos de produtividade durante algum tempo.

<sup>133</sup> Marchand (1960:108) apenas indica, para este caso, que *de-* não entra em competição com *dis-* para transmitir a ideia de ‘negação’ presente especificamente em *disagree*.

<sup>134</sup> Dos prefixos selecionados neste capítulo da presente dissertação, Bauer (1983) apenas se pronuncia acerca de *de-*.

<sup>135</sup> No *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>), é descrito que *di-* corresponde à forma grega do afixo derivacional *dis-*.

‘divisão’<sup>136</sup>. Concomitantemente, no *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>) está presente a ideia de que *dis-* simboliza também uma substituição da forma antiga *des-*, utilizada no Francês Antigo.

No que diz respeito ao *O.D.E.E.* (1966), expõe-se no mesmo que *dis-* apresenta origem latina (*dis-*) e cuja forma análoga se encontra na língua alemã (*tiz-*). Na língua inglesa, este prefixo surge em vocábulos herdados do Latim e noutros análogos ao Francês Antigo *des-* (igualmente oriundos da língua latina). *Dis-* surge assim associado às noções de ‘distanciamento/divisão’ (*distend*, *discern*<sup>137</sup>), ‘força contrária’ (*displease*<sup>138</sup>, *disestablish*), ‘descarte ou ausência de qualidade’, ou ‘oposição a uma situação’<sup>139</sup> (*dischurch*, *disrobe*), ‘privação’ (*disservice*, *disunion*), ‘negação/oposição’<sup>140</sup> (*discourteous*, *disreputable*) e ‘reforço/intensidade’ (*disannul*). Por último, é considerado que *dis-* substituiu, em alguns casos, o prefixo *mis-* (*dislike*). Igualmente, é importante sublinhar que o *O.D.E.E.* (1966) sustenta que o prefixo *dis-* sofreu um processo de redução da consoante <s> sempre que este afixo precede consoantes vozeadas (*diligent*), e que sofreu uma alteração para *dir-* sempre que se encontra em posição intervocálica (*diriment*).

Por seu turno, no *O.A.L.D.* ([1948] 2000<sup>6</sup>) atesta-se que o prefixo *dis-* solda-se a nomes, verbos, adjectivos e advérbios e cujo significado se encontra relacionado com a ideia de ‘oposição’ (*dishonest*, *disappear*).

No que concerne à formação de *dis-*, Marchand (1960) remete-nos para o *Oxford English Dictionary*, caracterizando este prefixo como o resultado da latinização do afixo derivacional do Francês Antigo *des-*<sup>141</sup>, e considerando que este processo simboliza um “popular phonetic development of Latin *dis-*” (Marchand, 1960:9). Para o mesmo autor, *dis-* assume as ideias de ‘oposição contraditória à que é manifestada pela base’ (*disadvise*), ‘oposição contrária’ (*disimprove*), ‘reversão da acção verbal’

---

<sup>136</sup> De salientar ainda que, no mesmo dicionário, é considerado que esta forma, de origem latina, sofreu uma mutação para *des-* no Francês Antigo, e para *de-* no Francês Contemporâneo.

<sup>137</sup> Cf. *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>): *discuss*, *disperse*, *dispute*.

<sup>138</sup> Mas também *disaster*, *dissuade*. É ainda considerado, no *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>), *disturb* como exemplo de vocábulo relacionado com reforço/intensidade.

<sup>139</sup> Também forma verbos a partir de adjectivos, como *disable*.

<sup>140</sup> Em particular com adjectivos.

<sup>141</sup> Marchand (1960:109) expõe ainda que *des-* ocorria como *de-* quando precedido de consoante no Francês Antigo. Adicionalmente, o mesmo autor (1960:110) refere que o número de derivados em *des-* aumentou no século XIV devido ao empréstimo, à língua francesa, de verbos iniciados por vogal, considerando que *des-* se constitui como alomorfe do morfema *de-* em posição pré-vocálica e que, posteriormente, sofreu um processo fonético de latinização para *dis-*, devido, provavelmente, à influência do prefixo *mis-* em Inglês Antigo e *mes-* em Francês Antigo.

(*disclose*) e ‘remoção/privação daquilo que é denotado pela base verbal’<sup>142</sup>, (*discharge*; *dishouse*). Em casos pouco numerosos, este morfema surge relacionado com a noção de ‘cessação’ (*discontinue*), ‘deixar de’ (*disown*), e ‘intensificador’ (*disgruntled*). Quando associado a formas nominais, Marchand (1960) sustenta que *dis-* está ligado à noção de ‘negação/reversão/ausência’ (*desloyal* – Francês Antigo; *disease*; *discomfort*) e, junto a bases adjectivais, representa a ideia de ‘oposição contrária e/ou contraditória’ (*disobedient*). De acordo com Marchand (1960), *dis-* não costuma ser passível de se soldar a formas não românicas, associando-se geralmente a bases nominais<sup>143</sup> e adjectivais românicas, reforçando mesmo que, no caso das bases adjectivais, *dis-* se junta apenas a formas românicas.

#### 1.2.4.3 *di-*

No *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>), estão presentes dois verbetes para o prefixo em questão. Na primeira entrada, *di-*, enquanto prefixo originário do Latim com forma análoga, é considerado uma forma reduzida do afixo derivacional *dis-*, remetendo-nos, de imediato, para este último. Na segunda entrada, *di-*, oriundo da língua grega, apresenta como paráfrases “duas vezes” ou “duplo”, não se exemplificando, contudo, com nenhum item lexical.

De acordo com o *O.D.E.E.* (1966), e à semelhança do que podemos encontrar no *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>), existem dois verbetes para o prefixo *di-*: o primeiro não apresenta qualquer informação etimológica, pois é recomendado o confronto com *dis-*, enquanto no segundo é expresso que se trata de um prefixo proveniente do Grego, cujas glosas apresentadas são idênticas às que estão registadas no *E.D.E.L.* ([1910] 1946<sup>2</sup>), na segunda entrada reservada a *di-*<sup>144</sup> e apresentando como exemplo *digraph* e *dilema*, entre outros.

Por sua vez, o *O.A.L.D.* ([1948] 2000<sup>6</sup>) consagra um único verbete para o afixo derivacional *di-*, atestando que o mesmo é utilizado no domínio da Química, nomeadamente em itens lexicais relativos a compostos químicos, na medida em que,

<sup>142</sup> Marchand (1960:111) revela que muitos dos vocábulos tomados de empréstimo à língua francesa e detentores desta noção consistiam em verbos denominais. Esta ideia de ‘remoção/privação’ estabeleceu-se, de acordo com Marchand (1960:112), por volta da segunda metade do século XV.

<sup>143</sup> Marchand (1960:113) menciona que os três vocábulos mais comuns em que *dis-* figura são *distrust*, *dislike* e *disbelief*.

<sup>144</sup> No *O.D.E.E.* (1966), salienta-se o uso de *di-* com o sentido de “duas vezes” na área da Química; no entanto, não é apresentado nenhum vocábulo como exemplo.

de acordo com esta obra, *di-* se refere a objectos que “containing two atoms or groups of the type mentioned: *carbon dioxide*”.

Segundo Marchand (1960), o prefixo *di-* apresenta, como significado principal, “dois” e, para este autor, *di-* produz exclusivamente vocábulos de carácter científico, sobretudo na área da botânica, zoologia, mineralogia e química, onde representa a ideia da “presença de átomos, radicais, grupos, etc.” (Marchand, 1960:109). Adoptado, segundo o mesmo, da língua grega e parcialmente de itens lexicais neo-latinos (*didactyl*; *dicephalous*), *di-* participa em formações nominais e adjectivais de modo semelhante a uma formação nativa (*dichloride*; *digallic*).

Em síntese:

Relativamente aos morfemas derivacionais prefixais em Português seleccionados nesta dissertação, podemos constatar que:

- o prefixo *des-*, unanimemente proveniente da língua latina, apresenta um significado relativamente constante, que nos remete para noções que, na sua globalidade, parecem ser unânimes entre a literatura examinada: ‘reversão’, ‘oposição/negação’, ‘privação’ e ‘separação/extracção’, sendo a ideia de ‘reversão’ a mais ligada a este morfema derivacional. Apenas numa perspectiva de ‘reforço’ este prefixo não vem alterar substancialmente o significado da base e, de entre as obras consultadas, somente no *Novo Aurélio* (1986) surge a referência ao aspecto reiterativo que este afixo derivacional pode assumir;

- em termos de produtividade, *des-* é bastante frequente na língua portuguesa, estando disponível para formar novos derivados. Este prefixo ostenta uma elevada frequência, devido à sua principal noção, que assenta na ‘acção contrária à que é expressa pela forma de base’ e da qual derivam outras noções. Assim, e apesar de os derivados em *des-* apresentarem, no geral, esta noção, quando combinado com nomes, *des-* assume maioritariamente as ideias de ‘privação’ (*descoloração*), ao passo que, com a sua associação a verbos, apresenta a ideia de ‘reversão’, ‘cessação de um estado ou situação’ (*desalgemar*), ‘separação/extracção de algo’ (*desalagar*) e, em menor escala, de ‘reforço’ (*desapagar*), partilhando, portanto a perspectiva exposta em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>). No entanto, e para o caso dos adjectivos aos quais *des-* se solda, discordamos da posição que é assumida na mesma obra, nomeadamente o

facto de os derivados em *des-* deadjectivais negarem exclusivamente uma qualidade, situação que defendemos que não ocorre necessariamente. Por exemplo, em vocábulos como *descapotável* não se cinge apenas à ‘negação de uma qualidade’, podendo também denotar a ‘negação’ ou ‘ausência de um determinado objecto’;

- o morfema *de-*, proveniente da preposição latina análoga, é muitas vezes parafraseado como indicando o ‘movimento de cima para baixo’, referente a estados (*decadência*), ‘posição de inferioridade’ (*debaixo*), bem como a ‘deterioração de alguém ou algo’ (*decomposição*). Por outro lado, apontam-se como estando igualmente presentes, neste morfema, as ideias de ‘separação’, ‘redução’, ‘privação’ e ‘reforço’. Em suma, *de-* surge geralmente classificado como afixo que, junto a formas de base, apresenta uma noção de ‘inferioridade’ face ao que é expresso pelas mesmas, bem como, embora em menor número, de ‘procedência de localização a partir de um determinado lugar’. É importante realçar que, relativamente a este morfema, as análises das formas em que ocorre não se afiguram como as mais acertadas, na medida em que algumas das obras consultadas expõem que vocábulos como *defender*, *demitir*, *determinar* e *detestar*, entre outros, apresentam *de-* como prefixo. Como já foi observado anteriormente, se retirarmos o elemento *de-* dos itens lexicais em que está presente, ficamos com *\*fender*, *\*mitir* e *testar*, por exemplo. No caso dos primeiros dois vocábulos, constatamos que estes não se afiguram como palavras em Português. No que diz respeito à terceira forma, podemos verificar que é um vocábulo existente na língua. No entanto, o semanticismo atribuído a *de-* nada tem a ver com o significado dessa palavra. Logo, a forma *testar* que resta, aquando da remoção de *de-*, tem como glosa “pôr à prova; experimentar; submeter a teste”, e a suposta combinação de *de-* a esta base verbal não implicaria a ideia de ‘movimento de cima para baixo’, ‘inferioridade em relação à base a que se solda’ ou ‘procedência’, nem mesmo qualquer uma das noções anteriormente; *detestar* significa “ter horror a, sentir aversão por”. Deste modo, é essencial realçar a importância de que se reveste a etimologia para uma análise correcta e adequada dos vocábulos de uma determinada língua, a fim de não deturpar os processos de formação de palavras envolvidos;



- perante a análise efectuada a este morfema, pode concluir-se que *de-* não se afigura como prefixo, já que, dos exemplos apresentados, os vocábulos que integram *de-* são herdados, na sua esmagadora maioria, da língua latina<sup>145</sup>;

- relativamente ao morfema *dis-*, verificou-se que, na maioria dos trabalhos consultados, duas entradas distintas, pelo menos, são expostas: de um lado, o prefixo que deriva do Latim e que manifesta, principalmente, as noções de ‘separação’, ‘diferenciação’ e ‘negação/oposição’; do outro lado, o mesmo prefixo que, sendo proveniente da língua grega, arroga, geralmente, ideias associadas a ‘anomalia’, ‘dificuldade’ e ‘ausência’, e cujo uso é bastante recorrente no domínio científico, especialmente no médico;

- é importante salientar que, à semelhança do que sucedeu com *de-*, *dis-* é apontado, em certos vocábulos, como afixo derivacional, casos em que apenas a perspectiva sincrónica foi tomada em consideração, não sendo, contudo, correcta a segmentação dos itens lexicais em morfemas do Português. De entre as obras examinadas, todas nos remetem para o prefixo *di-* (cf. Machado, [1952] 1967<sup>2</sup> e Sequeira, 1938), e tanto *dis-* como *di-* surgem agrupados na mesma entrada. Como vimos, *dis-* só terá o estatuto de prefixo em Latim e em Grego, na medida em todos os exemplos analisados nos remetem para vocábulos originários do Grego e/ou do Latim e referentes a domínios pertencentes às áreas técnicas e científicas, nomeadamente à área da Medicina;

- por fim, observou-se que, no que concerne ao morfema *di-*, todos os dicionários portugueses<sup>146</sup> são unânimes em destacar dois verbetes para este afixo, por apresentarem distintas origens e diferentes significados. Assim, verificou-se que *di-*, enquanto elemento proveniente do Latim, surge ligado, maioritariamente, às noções de ‘negação’ e ‘separação’, ocorrendo sobretudo no vocabulário da língua corrente, ao passo que, enquanto oriundo da língua grega, *di-* surge com a paráfrase ‘duas vezes’, sendo visto por alguns autores como elemento de compostos neoclássicos e, por conseguinte, excluído da derivação. De acordo com a definição de Bauer (1983:213) relativamente a estes constituintes, “while they [neoclassical compounds] function as affixes in some places, appear to be distinguishable from affixes in other facets of

---

<sup>145</sup> Esta é, também, a perspectiva preconizada por Caetano & Brocardo (1998a:8-9), que apontam a presença de *de-* em vocábulos da língua portuguesa mas que apresentam origem latina.

<sup>146</sup> À excepção de Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), para cujo prefixo não apresenta entrada, estando agrupado a *dis-*.

their bahaviour<sup>147</sup>”. Estes elementos apresentam uma natureza que leva a que os mesmos não se insiram exclusivamente no domínio da derivação, pois apresentam como características principais<sup>148</sup> uma consistência semântica mais elevada e mais concreta do que a de um afixo paradigmático, apresentando este último, por sua vez, um semanticismo mais abstracto e de cariz funcional. Por outro lado, existe uma grande dificuldade em inserir um elemento neoclássico exclusivamente na área da composição, na medida em que, de acordo com Caetano (2010:136), os vocábulos presentes nos compostos apresentam autonomia sintáctica, enquanto os elementos neoclássicos estão desprovidos desta autonomia<sup>149</sup>. Adicionalmente, é importante frisar que, segundo a mesma autora (2010:137-138), estes elementos possuem como propriedades, para além das que foram mencionadas anteriormente, o facto de se soldarem, geralmente, a outros constituintes detentores de características etimológicas, morfológicas e semânticas idênticas. Além disso, participam na formação de vocábulos complexos, são passíveis de se combinar entre si e a posição que ocupam não é constante (em início ou em final de palavra). Neste caso, *di-* tem existência apenas como elemento morfológico desprovido de autonomia, não ascendendo ao estatuto de item lexical, possui um conteúdo lexical consistente e é, na esmagadora maioria dos casos, utilizado na formação de palavras complexas, sobretudo no âmbito das terminologias científicas e/ou médicas. No entanto, e contrariamente à natureza dos elementos neoclássicos que foi anteriormente referida, *di-* não é passível de se juntar a outros constituintes detentores de características etimológicas, morfológicas e semânticas idênticas, ou seja, não é passível de se combinar com outros elementos análogos, e a posição em que este elemento ocorre é sempre fixa: em início de palavra, tal como os prefixos. Por isso, em suma, *di-*, desprovido de autonomia na língua que o adopta<sup>150</sup>, neste caso em Português,

---

<sup>147</sup> Bauer (1983:216) prefere encarar tais elementos de acordo com a sua natureza etimológica, ou seja, constituintes provenientes do Latim ou do Grego e que integram a formação de palavras na língua inglesa.

<sup>148</sup> Cf. Gonçalves (2011:15), para quem também estes elementos se definem como “construções com bases presas de origem grega ou latina” (Gonçalves, 2011:6).

<sup>149</sup> De acordo com Gonçalves (2011:9), a própria existência de nomenclaturas diversas para identificar estes constituintes demonstra a complexidade inerente à sua classificação: “raízes neoclássicas (Scalise, 1984); raízes de fronteira (ten Hacken, 1994); afixoides (Marchand, 1969); semiafixos (Schmidt, 1987); pseudoafixos (Katamba, 1990); formas combinatórias iniciais / finais (Bauer, 1988); confixos (Martinet, 1979); arqueoconstituintes (Corbin, 2001); afixos (Bauer, 1979)”. Apesar da existência desta complexidade, apresentada ao nível da categorização destes elementos, as formações com elementos de composição neoclássicos estão munidas de transparência tanto a nível formal como semântico, ocasionando uma clara segmentação dos constituintes.

<sup>150</sup> Cf. Gonçalves (2011:14-15).

reflectindo o uso de elementos greco-latinos na formação de palavras nesta língua, não é um elemento pertencente ao domínio da composição, mas antes à área da prefixação, já que as características apontadas que são inerentes a *di-* o equiparam às propriedades manifestadas por um prefixo.

Por outro lado, os vocábulos exemplificados nas obras anteriores relativos a *di-* servem para ilustrar a qualidade do prefixo proveniente da língua latina (*divórcio*, *diverso* ou *difícil*), e são itens lexicais que não podem ser segmentados em unidades menores de significação; trata-se, antes, de vocábulos que, apesar de possuírem origem latina, foram herdados no seu todo e, por isso, não são segmentáveis em morfemas. Nesta tese, defende-se que *di-* se assume na qualidade de prefixo apenas para os casos em que, quando soldado a uma determinada forma de base, apresenta a acepção de “duas vezes”<sup>151</sup>, e não em casos como *divórcio* ou *distorção*, que são vocábulos herdados da língua latina.

Quanto aos morfemas derivacionais prefixais em Inglês:

- no que diz respeito ao prefixo *de-* em Inglês, é consensual a origem latina, por herança directa ou por via do Francês, que o mesmo apresenta, bem como as interpretações associadas a este afixo: ‘movimento para baixo ou para fora’, ‘negação/oposição’, ‘remoção/privação’ e também ‘reforço’, sendo passível de soldar a qualquer constituinte das classes maiores. Na língua inglesa, ficou demonstrado, pelas acepções e origem que os vocábulos analisados apresentam, que *de-* integra o núcleo dos prefixos.

Quanto ao morfema *dis-*, de ascendência latina, verificou-se que este afixo se manifesta essencialmente pelas ideias de ‘separação/divisão’, ‘negação/oposição’ e ‘privação’, facto este que recebe anuência por parte de todas as obras examinadas. Neste ponto, defendo que *dis-* se afigura como prefixo em Inglês, encontrando-se disponível para formar novas palavras complexas derivadas, tratando-se de um elemento bastante rentável nessa língua, a que corresponde o sufixo *des-* da língua portuguesa.

Por último, após a análise dos resultados obtidos com o elemento *di-*, duas entradas foram reservadas para este nalgumas obras, estando, enquanto afixo proveniente do

---

<sup>151</sup> Veja-se o caso de *dissimetria*, formação esta, de acordo com o D.E.H. (2010), de origem portuguesa, e onde *di-* desempenha a acepção de ‘duas vezes’, ocorrendo no domínio da Biologia, e cujo vocábulo é descrito como “aquela [simetria] que é, ao mesmo tempo, radial e bilateral”.

Latim, vinculado, para alguns autores, ao prefixo *dis-* e, enquanto forma originária do Grego, à paráfrase ‘duas vezes’, cujo uso é recorrente na terminologia científica. Neste último caso, e para este constituinte proveniente da língua grega, partilho a mesma opinião concedida no caso do elemento *di-* na língua portuguesa, ou seja, trata-se de um prefixo do Grego e/ou do Latim e não da língua inglesa, excepto nos casos em que o mesmo tem como glosa ‘duas vezes’ ou a ideia de ‘duplicação’.

### **1.2.5 Sufixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *-ez/-eza*, *-ês/-esa* e *-dade/-idade* em Português**

No âmbito da sufixação, é consensual entre todos os autores considerados o lugar ocupado por esta área na formação de palavras. Respeitando a ordem apresentada no subcapítulo consagrado à prefixação, apresentar-se-ão primeiro as descrições contempladas nos dicionários (etimológicos e de língua corrente) e, posteriormente, as descrições expostas nas gramáticas (históricas e outras) e nalguns trabalhos teórico-descritivos.

Antes de proceder às observações presentes nas obras acima referidas relativamente aos morfemas sufixais a tratar neste ponto, torna-se pertinente assinalar algumas observações respeitantes à sufixação em geral. Assim, na sua obra, Vasconcelos (1900:86), que apenas insere a sufixação na área da derivação<sup>152</sup>, considera que este domínio é “uma fonte abundantíssima de vocábulos”, que consiste na “formação de novas palavras pela aplicação de suffixos a outras palavras já existentes”<sup>153</sup>. Este autor destaca o facto de, aquando da associação de um sufixo a uma determinada base, nem sempre ocorrer a preservação, em termos fonéticos, da sua estrutura formal. Por este motivo, Vasconcelos (1900:86) enumera os casos em que esta alteração sucede, nomeadamente em situações em que a forma de base, ou, nas palavras do autor, a “palavra”, finda em vogal átona e, por sua vez, o morfema sufixal é iniciado por vogal; nestes casos, a vogal átona presente na forma de base é suprimida (*palha-palheiro*). Por outro lado, segundo o gramático, existem também alterações do foro formal sempre que um sufixo se solda a uma base de natureza

---

<sup>152</sup> Como se observou anteriormente, Vasconcelos (1900) não insere a prefixação dentro da derivação, mas antes no domínio da composição.

<sup>153</sup> Cf. Vasconcelos (1900:86).

verbal, já que a consoante /r/ referente ao infinitivo nela presente é suprimida (*lavar-lavadouro*). Adicionalmente, Vasconcelos (1900:87) sustenta que alguns sufixos actualmente existentes estabelecem uma ligação com formas iniciais que se encontravam anteriormente presentes na língua portuguesa, ou então na língua latina, realçando como exemplo o caso dos vocábulos terminados em *-vel* e que, segundo o ponto de vista do autor, a forma anteriormente existente era *-bil* (*móvel-mobilizar*, proveniente de *mobil*), assim como os itens lexicais terminados em *-ão*, outrora terminados em *-an*, *-on* ou *-ano* (cf. *grão-granel*, *granada*, de *grano*). Vasconcelos (1900:87) salienta ainda a ocorrência de vocábulos derivados cuja formação resultou de formas já derivadas (cf. *pantheista-pantheismo*). Por último, Vasconcelos (1900:87) classifica os sufixos existentes de acordo com a formação para que são destacados, ou seja, para a construção de nomes, verbos ou advérbios, identificando-os como sufixos nominais, verbais ou adverbiais, respectivamente.

Por seu turno, Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:230) refere-se à sufixação apelidando-a de “derivação sufixal”, processo que é definido como a adição de “certos elementos formativos” à direita de vocábulos já existentes na língua, eliminando a parte final dos mesmos, de forma a desencadear novos itens lexicais providos de novo semanticismo, embora este esteja relacionado com a forma de base à qual o sufixo se soldou. À semelhança das observações realizadas por Vasconcelos (1900:86-95), também Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:230) se pronuncia acerca de alguns problemas decorrentes da derivação sufixal. Deste modo, este autor conjectura acerca da fronteira ténue que separa a sufixação da composição, exemplificando esta afirmação através dos advérbios em *-mente*, na medida em que, na língua latina, o sufixo *-mente* aparecia, graficamente, separado da forma que o precedia, mais propriamente do adjectivo, e junto quando pronunciado, por exemplo *bona mente*. Na óptica de Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:230), estaríamos então perante o processo de composição, através do qual se obtiveram, como produtos finais, formações análogas em *-mente*, tendo esta forma passado de substantivo para sufixo adverbial. Este autor sublinha ainda que este fenómeno ocorreu também em línguas germânicas como o Inglês, em que o actual sufixo *-ly* se originou da forma autónoma adjectival *like*.

Sequeira (1938:94), que apenas consagra a sufixação no campo da derivação, denomina este processo como “derivação própria”, onde intervêm os sufixos, que são passíveis de se associar, segundo este autor, a formas de base como palavras simples

(que o autor apelida de “primitivas”), como *formal*, complexas (“compostas”, para o autor), por exemplo *informação*, ou vocábulos já providos de um sufixo derivacional, como *formalmente*<sup>154</sup>. O mesmo autor estabelece ainda uma distinção entre aquilo que considera serem sufixos “mortos”, aqueles que, para o próprio, já não entram na formação de novos derivados (-ar; -onho), por oposição aos sufixos que apresentam a “mais fecundante vitalidade” e que prosseguem na formação de palavras complexas derivadas, desdobrando-se ainda em populares (-dor; -oso) e em eruditos (-ário; -ense), bem como em latinos (-ino; -ismo) ou gregos (-ite; -ose). No que concerne à preservação ou alteração da estrutura formal da base, (1938) apresenta cinco exemplos relativos a esta questão. O primeiro é idêntico ao que foi exposto por Vasconcelos (1900:86) a respeito da supressão da vogal átona presente na forma de base aquando da formação de um novo derivado por sufixação, na presença de um sufixo iniciado por vogal (*brasa-braseiro*). O segundo exemplo é também análogo ao que foi descrito por Vasconcelos (1900:86-87) quando, para a formação de um novo derivado por sufixação, a forma de base se afigura como verbo, desencadeando-se um apagamento do /r/ final pertencente ao modo infinitivo, bem como da vogal prévia a esta consoante, no caso de o sufixo se iniciar por vogal. Além destes aspectos, Sequeira (1938:95) faz referência aos vocábulos terminados em -vel, -az, -iz ou -oz, postulando que estas terminações correspondem às formas antigas -bil, -ace, -ice e -oce (*móvel-mobilizar*; *capaz-capac(e)íssimo*; *feliz-felic(e)itar*; *feroz-feroc(e)íssimo*), respectivamente, que entram em acção após a combinação do sufixo a bases detentoras de uma das primeiras terminações acima mencionadas<sup>155</sup>. Por outro lado, Sequeira (1938:95) refere-se aos vocábulos em -ão que, aquando da intervenção de um processo de derivação sufixal, alteram a sua forma para -an ou -on<sup>156</sup> (*irmão-irmanar*; *limão-limonada*), bem como da inserção de uma consoante ou sílaba no novo vocábulo derivado, caso a forma de base termine em sílaba tónica (“aberta”), ou em ditongo (*café-cafeteira*; *melão-melãozito*). Sequeira (1938:95) classifica também, à semelhança de Vasconcelos (1900:87), os sufixos em nominais, verbais ou adverbiais.

---

<sup>154</sup> Sublinhados meus.

<sup>155</sup> Excepção feita, segundo Sequeira (1938:95), aos sufixos -inho e -mente, que conservam a terminação presente na forma de base (*móvel(z)inho*; *felizmente*).

<sup>156</sup> Excepto, de acordo com Sequeira (1938:95), nos casos em que nos avaliativos ocorre um <z> antes do sufixo, e também em certas formações antigas em que se verifica a perda da nasalidade (*feijão-feijoal*).

Além dos gramáticos históricos, muitos outros autores trataram a sufixação. Por exemplo, por procederem a uma análise bastante exaustiva, ainda que exclusivamente sincrónica, Lacuesta & Gisbert (1999:4507) apontam como principais dificuldades inerentes à sufixação a determinação do número de sufixos existentes, neste caso para a língua espanhola, bem como a identificação dos seus traços formais. Este obstáculo prende-se, em primeiro lugar, com o facto de haver sufixos que promovem tanto a formação de nomes como de adjectivos (*-dor* e *-e(i)ro*, entre outros). Em segundo lugar, de acordo com os autores, torna-se complicado, por vezes, aferir se os sufixos apresentam ou não alomorfes, dadas as alternâncias formais e/ou fonológicas verificadas (*-tad(e)/-dad(e)*, por exemplo), ou se são, por oposição, sufixos distintos. Por outro lado, Lacuesta & Gisbert (1999:4507) referem-se a casos em que um determinado vocábulo serviu de base para a formação de outro item lexical derivado, mas cuja produtividade é praticamente inexistente (*perder-perda*). Outra barreira que estes autores destacam verifica-se ao nível da segmentação de vocábulos derivados em que interveio um processo de sufixação, mais especificamente na divisão da vogal temática da forma de base verbal e do sufixo, na segmentação de palavras derivadas deverbais, quer seja em verbos com uma conjugação própria (*señoreaje*; *mareaje* – sufixo *-je* ou *-aje*?), quer seja em situações em que a palavra derivada deverbal não distinga verbos da segunda e da terceira conjugações (*-do/-da*, o que levou alguns autores a defender a inclusão de vogal antes do sufixo: *-adol/-ada* ou *-idol/-ida*). Lacuesta & Gisbert (1999:4508) destacam ainda o par sufixal *-edad(e)/-idad(e)* como exemplo de obstáculo na segmentação de derivados sufixais, o que leva a que alguns autores defendam que se trata de sufixos distintos, enquanto outros consideram que são alomorfes do mesmo sufixo. Outras complexidades surgem também no caso de derivados portadores de infixos, cuja divisão em unidades menores não é totalmente vaticinada do ponto de vista sincrónico, segundo os mesmos autores (*panadero*, de *pan*), e também nas ocorrências de vocábulos derivados que não apresentam como forma de base uma palavra (*ironia*). Por outro lado, Lacuesta & Gisbert (1999:4509) pronunciam-se acerca de algumas alterações que a forma de base que serviu à derivação de um novo item lexical pode sofrer. Assim, podem dar-se alterações a nível da última vogal da base, que pode sofrer um processo de monotongação devido à transposição da sílaba tónica da base para o sufixo derivacional (*cierto-certeza*), pelo menos na língua espanhola. Adicionalmente, podem emergir modificações entre vogais médias e fechadas: nesta língua, determinados vocábulos, após a ocorrência de

um processo de derivação, alteram a vogal presente na forma de base, passando esta de vogal média para alta (são dados como exemplos *contener-continencia*; *asador-asadura*). Ainda no panorama das modificações do foro vocálico, Lacuesta & Gisbert (1999:4509) realçam, à semelhança de Vasconcelos (1900:86) e Sequeira (1938:94), a supressão da vogal final da forma de base, sempre que esta seja nominal ou adjectival, aquando da associação de um sufixo (*blanco-blancura*), embora existam outras ocorrências que comprovem a preservação dessa vogal (*maoísta*). As complicações aumentam se estivermos, segundos os mesmos autores, perante bases verbais, devido ao facto de se afigurar difícil identificar a base que serviu ao processo de derivação, e ainda devido ao facto de existirem três sufixos distintos entre si. Deste modo, Lacuesta & Gisbert (1999:4509) elencam os sufixos cujas alterações não contemplam a forma de base: *-de(i)ro/-de(i)ra*, *-dor/-dora*, *-dura*, entre outros, por contraste com *-ido*, *-do/-da* ou *-m(i)ento*, só para mencionar apenas alguns, que mostram diferenças vocálicas entre a forma de base e o vocábulo derivado (*batida*, de *bater*; *perdição*, de *perder*) e que colocam as bases verbais de segunda conjugação no mesmo patamar do que as de terceira conjugação, por não manifestarem diferenças entre si (*batida*, de *bater* – 2.<sup>a</sup> conjugação vs. *partida*, de *partir* – 3.<sup>a</sup> conjugação). Por fim, e a respeito das alterações vocálicas, Lacuesta & Gisbert (1999:4510) referem-se ao par *-tor/-sor*, cuja intervenção num processo de formação de palavras por derivação pode implicar uma ausência de traços relativos à vogal temática, bem como ao apagamento de mais elementos da forma de base que não somente a vogal final (*receptor*, de *receber*). No que concerne às alterações consonânticas, os autores (1999:4510) registam dois exemplos: o primeiro está relacionado com as alternâncias entre as consoantes /k/ e /s/ presentes em certas formas de base e nos vocábulos derivados (ex. *dinâmico-dinamicidade*) em que, antes de uma vogal alta não recuada, a consoante velar que se encontra na base passa para fricativa dental não vozeada. O segundo exemplo remete-nos para a existência de determinados itens lexicais derivados que apresentam um arranjo pouco habitual na língua, como *conectar-conexión* ou *elegir-elección*, quer seja em Castelhana ou em Português<sup>157</sup>. Por último, no campo das alterações da forma de base derivacional, Lacuesta & Gisbert (1999:4510) destacam a existência de haplologias, como em *caridoso*, de *caridade*, e não *\*caridadoso*, ou em *humilde*, de *humildade*, em vez de *\*humildadoso*. Referindo-se à distribuição que as variantes

<sup>157</sup> Trata-se, na minha opinião, de uma perspectiva acrónica, na medida em que formas como as que são exemplificadas foram herdadas do Latim e isso não é tido em conta pelos autores.



alomórficas sufixais podem apresentar, estes autores (1999:4511) sustentam que os motivos que levam à sua existência estão relacionados com determinadas predilecções por parte de certos sufixos, tais como o número de sílabas da base (para *-dad(e)/-idad(e)*) ou o contexto que esses sufixos encontram (como *-ción/-ção*). No que diz respeito à componente semântica dos vocábulos derivados nominais, Lacuesta & Gisbert (1999:4511) atentam para a importância da separação de tipos distintos de estudo: em primeiro lugar, é necessário contemplar a vertente relativa ao teor semântico que os sufixos comportam, ou seja, as noções e ideias inerentes a cada um destes afixos derivacionais ('qualidade', 'estado', 'lugar', entre outras noções). Aqueles autores (1999:4512) salientam ainda a existência, na língua espanhola, de numerosos sufixos associados a noções específicas (em Português, *-dor/a* ou *-ista*; em Inglês *-er*; em Castelhana *-ista*, esta última de acordo com os autores), ao mesmo tempo que defendem que o facto de um falante ter conhecimentos acerca do significado de um dado sufixo não garante o conhecimento do significado do vocábulo derivado no qual esse sufixo entra, apontando, para isso, três motivos: o primeiro está relacionado com o facto de a base dessa palavra poder pertencer a um domínio científico ou técnico, ou ainda de poder pertencer ao campo das metáforas; o segundo motivo está relacionado com a extensão deste domínio científico, técnico e/ou metafórico para o vocábulo derivado no seu todo, enquanto o terceiro factor nos transporta para as situações em que os itens lexicais derivados apresentam um comportamento idêntico ao dos simples, ascendendo ao estatuto, em termos semânticos, de uma metáfora ou metonímia que não é justificável à luz da derivação.

Seguidamente, ir-se-á proceder, então, à descrição e análise dos morfemas referenciados no título deste subcapítulo.

#### **1.2.5.1 -ez**

De acordo com Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), este morfema provém do elemento análogo latino *-itie* e que, segundo o mesmo, é correspondente a *-itia* (*mundities/munditia*), cuja existência parece estar presente apenas nas línguas

portuguesa e castelhana (*acidez*; *gaguez*; *timidez*). Não é mencionada qualquer paráfrase nesta obra relativamente a *-ez*<sup>158</sup>.

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), *-ez* é considerado um sufixo nominal, proveniente da forma latina *-itie*, *-itia*, e cujas noções nos remetem para ‘qualidade’ e ‘propriedade’ (*escassez*; *pequenez*). É igualmente referido, no mesmo dicionário, que este sufixo está associado a substantivos de cariz popular e/ou semi-culto.

No que diz respeito ao *Novo Aurélio* (1986), é exposto que *-ez* se afigura como um sufixo nominal, relacionado com as ideias de ‘qualidade’, ‘propriedade’, ‘estado’ e ‘modo de ser’ (*sensatez*; *surdez*; *mudez*), sem haver no entanto, referência à origem deste sufixo.

De acordo com *Houaiss* (2003), *-ez* é um sufixo deadjectival que dá origem a substantivos abstractos. Neste dicionário, considera-se que este afixo derivacional provém do Latim *-ities*, consistindo este numa variante de *-itia* e que, por sua vez, deu origem a *-eza*, e cujo padrão de formação de novas palavras complexas derivacionais é idêntico. Este facto explica, segundo *Houaiss* (2003), alternâncias como *altivez/altiveza* ou *honradez/honradeza*. Na mesma obra, é ainda sustentado que *-ez* remonta às origens da língua portuguesa no que concerne à formação de substantivos abstractos de forma análoga à de sufixos nominais como *-mento*, *-ção*, *-dade*, *-ura* e *-eza*, entre outros.

No *D.E.H.* (2010), este morfema é descrito como sufixo proveniente da forma latina *-ities*, e, à semelhança da exposição efectuada em *Houaiss* (2003), alude-se a *-ez* como formador de derivados deadjectivais nominais de carácter abstracto (*escassez*), bem como a existência da variante *-eza*, proveniente do Latim *-itia*. É ainda mencionado que o facto de *-ez* e *-eza* alternarem, por vezes, em Português (*malvadez/malvadeza*), se trata de uma herança da língua latina, onde “o latim *-ities* alternava com *-itia*”.

Em Vasconcelos (1900), não é efectuada nenhuma análise relativamente a este morfema.

---

<sup>158</sup> Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), faz-se referência a Piel (1940), que considera que a forma que medeia o morfema do Latim *-itie* e o português *-ez* é *-ece*, como em *grandece* ou *sandece*.

Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:233) insere este morfema em conjunto com os elementos –*eza*, –*ice* e –*ície*, expondo que todos eles são oriundos da forma latina correspondente –*itia*, –*itie*, aludindo aos morfemas –*ez* e –*eza* como representantes das “formas populares mais antigas do idioma”. Para este gramático histórico, o morfema –*ez* aparenta ter demonstrado uma produtividade mais reduzida face à forma –*eza*, não deixando de referir, contudo, a existência, nas palavras do próprio autor, dos “vocábulos de forma dupla”, como *rudez/rudeza* ou *altivez/altiveza*.

Por sua vez, em Sequeira (1938:97-98) é indicado que este elemento forma substantivos a partir de adjetivos, de índole abstracta, e cujas acepções estão relacionadas com ‘estado’ e ‘qualidade’ (*viuvez*; *rapidez*).

Segundo a perspectiva de Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:176), –*ez* integra o núcleo dos sufixos de proveniência latina que assumem maior importância, sem, contudo, indicarem qualquer tipo de ideia ou noção a ele associada (*nudez*).

Cunha & Cintra (1984:97) não se pronunciam acerca da etimologia do morfema –*ez*, cingindo-se à indicação anteriormente mencionada relativa às formações e noções, nomeadamente o facto de –*ez* formar novos derivados nominais de adjectivais de natureza abstracta, remetendo-nos para as noções de ‘qualidade’, ‘propriedade’, ‘estado’ ou ‘modo de ser’ (*altivez*; *honradez*).

Por último, Lacuesta & Gisbert (1999:4560)<sup>159</sup> indicam que, para alguns autores, –*ez* apresenta um alomorfe, mais precisamente –*eza*, devido a algumas características partilhadas entre ambos os morfemas, nomeadamente o facto de formarem derivados complexos abstractos de género feminino, e também devido ao facto de, na maioria dos casos, a base de que –*ez* e –*eza* se servem para o processo de derivação ser a mesma<sup>160</sup>. Os mesmos autores (1999:4561) destacam ainda que, em Castelhana, apesar de se soldar também a formas de base nominais (*viudez*) e participiais (*pesantez*), –*ez* junta-se sobretudo a bases adjectivais, preferencialmente adjectivos proparoxítonos terminados em –*ido* (*ácido-acidez*; *árido-aridez*) ou bases adjectivais terminadas em dental, quer seja vozeada (*honradez*), quer seja não-vozeada (*esbeltez*).

---

<sup>159</sup> Os exemplos apresentados em Lacuesta e Gisbert (1999) encontram-se, por motivos óbvios, na língua castelhana. Daqui em diante, e sempre que for possível, os exemplos apresentados serão adaptados para a língua portuguesa.

<sup>160</sup> Lacuesta & Gisbert (1998:4560) consideram que as divergências, em termos de semanticismo, relacionadas com –*ez* e –*eza* são, na sua maioria, imperceptíveis, embora estes morfemas, supostamente, não sejam acolhidos pelas formas de base a que se soldam de modo indiscriminado.

Por outro lado, Lacuesta & Gisbert (1999:4562) aludem às noções de ‘qualidade’ ‘estado ou características humanas negativas’ associadas ao morfema *-ez* (*estupidez*), bem como ‘traços externos e materiais’ (*amarelez*; *lividez*), ‘realidades imaturas’ (*flacidez*), ‘qualificação etária’ (*madurez*), ‘actividade predominante’ (*insensatez*). Os autores anteriormente mencionados realçam ainda que, aquando da junção de *-ez* a uma forma de base terminada em vogal, dá-se a eliminação da mesma<sup>161</sup>. Os derivados em *-ez*, cuja pluralização é pouco frequente, são passíveis de alternar, segundo Lacuesta & Gisbert (1999:4562), com os morfemas *-era*, *-ería*, *-ície*, *-dad(e)*, *-ura* e *-eza*, devido à similaridade que manifestam em termos de semanticismo, sendo *-ez* actualmente produtivo, pelo menos na língua castelhana, juntamente com *-eza*.

Na análise que Caetano (2003) efectua relativamente a *-ez*<sup>162</sup>, a autora destaca as noções de ‘qualidade’<sup>163</sup> e ‘propriedade’ que este morfema apresenta quando adicionado a formas de base adjectivais (*mesquinhez*; *palidez*), bem como a ideia de ‘dimensão’ (*alteza*; *grandeza*). Quando associado a formas de base nominais, *-ez* surge ligado à noção de ‘característico de’ (*meninez*). Aquando do tratamento do morfema *-ez*, Caetano (2003) verificou, através das descrições das gramáticas históricas, que este elemento, detentor de elevada rentabilidade em Português Antigo, desencadeou a existência de um grande número de substantivos denominais de carácter abstracto na língua portuguesa, com as noções acima referidas, considerando a mesma autora que “*-ez-* será o descendente português mais genuíno do latim *-itia*” (Caetano, 2003). No entanto, a autora (2003) manifestou algumas reticências quanto à classificação a conferir aos morfemas *-ez* e *-eza*, mais especificamente quanto ao seu estatuto de alternantes sufixais ou de sufixos distintos. Caetano (2003) recorre a Lacuesta & Gisbert (1999:4561), que postulam que *-ez* e *-eza* são sufixos diferentes, dada a existência de limitações de pendor fonológico e semântico para com as formas de base, relacionadas com as noções que os vocábulos derivados de *-ez* adquirem<sup>164</sup>.

<sup>161</sup> Por exemplo, *altivo-altivez*.

<sup>162</sup> Caetano (2003) abarca na mesma análise *-ícia/-iça* e *-ície (-ece)* devido ao facto de estas formas sufixais terem a mesma origem latina (*-itia*, *-itie*), bem como pelo facto de estes elementos participarem na formação de substantivos abstractos, e não considera *-ez* e *-eza* como sufixos distintos, como referirei mais adiante.

<sup>163</sup> Segundo a autora (2003), geralmente “qualidades morais valorativas” (*gentileza*; *honradez*).

<sup>164</sup> Estas restrições são, de acordo com Lacuesta & Gisbert (1999:4561), fonológicas, devido à tendência de *-ez* de se soldar a bases adjectivais proparoxítonas terminadas em *-ido* e em consoante dental, e também semânticas, em que, segundo os mesmos autores, os derivados em *-ez* representam determinadas ‘características humanas negativas’ ou ‘aspectos externos e materiais’, como já havia indicado.

Após discorrer acerca das diversas descrições efectuadas por alguns gramáticos históricos, Caetano (2003) opta por não proceder à análise em separado de *-ez* e *-eza*, ou seja, na qualidade de sufixos distintos, justificando para tal que ambos os morfemas participam na formação de substantivos abstractos, seleccionando, num grande número de vezes, o mesmo tipo de bases. A autora (2003) não deixa, contudo, de mencionar o semanticismo que subjaz a estes dois morfemas e que, de acordo com a mesma, é equivalente, remetendo-nos para a ideia de ‘qualidade’ daquilo que está presente nas formas adjectivais a que se associam tanto *-ez* como *-eza*. No entanto, Caetano (2003) atenta para o facto de haver uma maior abundância de derivados em *-eza* por comparação com *-ez* e, em contrapartida, realça o carácter mais recente de certos derivados terminados em *-ez*<sup>165</sup>. Por último, Caetano (2003) salienta que *-ez* implica, por vezes, que ocorra o truncamento do morfema existente no final da forma de base (por exemplo, *embriaguez*, de *embriagado*, com a consequente alteração de <g> para <gu>), a alteração de <c> para <qu> (em, por exemplo, *franqueza*, de *franco*) ou ainda uma modificação do derivado face à forma de base devido à selecção de bases de origem latina (*nu*>*nudez*, de *nudu*).

### 1.2.5.2 *-eza*

De acordo com a perspectiva de Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), este morfema é originário do elemento correspondente em Latim *-itia*<sup>166</sup> e solda-se a formas de base adjectivais “simples” (*beleza*; *riqueza*).

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), *-eza* é agrupado no mesmo conjunto de *-ez*, e a análise efectuada ao primeiro morfema é idêntica à que foi efectuada para *-ez* e exposta no ponto anterior, diferindo apenas quanto aos exemplos exibidos (*malvadeza*; *rudeza*).

Procedimento idêntico encontramos no *Novo Aurélio* (1986), onde é indicado que *-eza* provém do elemento latino *-itia*, e cujas noções apresentadas são

<sup>165</sup> Na sua obra, Caetano (2003) conclui que os exemplos que retirou das diversas gramáticas históricas consultadas são derivados em *-eza* e não em *-ez*, deixando como sugestão o estudo de obras semelhantes posteriores ao século XV, com vista ao apuramento relativo ao início da alternância entre *-ez* e *-eza*.

<sup>166</sup> Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) destaca que ao morfema latino *-itia* corresponde o elemento do português *-iça*, para além de *-eza*.

equivalentes às que foram apontadas relativamente ao morfema *-ez* referido no ponto anterior, residindo a única diferença nos vocábulos exemplificados (*avareza; crueza; beleza*).

Por sua vez, é apontado em Houaiss (2003) que este morfema é proveniente do sufixo latino *-itia*, participando na formação de substantivos deadjectivais de cariz abstracto (*delicadeza*). Neste dicionário, alude-se à alternância existente entre os elementos *-ez* e *-eza* (*absurdez/absurdeza; malvadez/malvadeza*), mas sem tecerem mais considerações.

Relativamente ao D.E.H. (2010), *-eza* é analisado de maneira idêntica à que surge em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), tanto em termos de etimologia como no que concerne ao recurso limitado ao material de que *-eza* se serve para formar novos derivados, nomeadamente adjectivos “simples” (*beleza; certeza*).

Vasconcelos (1900) não tece qualquer tipo de consideração acerca de *-eza*.

Segundo o ponto de vista de Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:233), o morfema *-eza* enquadra-se na descrição equivalente à que foi realizada para *-ez*, destacando-se apenas adicionalmente que alguns vocábulos derivados em *-eza* foram perdendo o seu uso ou chegaram, inclusivamente, a ser preteridos para outros derivados em *-dade* (*igualeza* por *igualdade; crueleza* por *crueldade*).

Sequeira (1938:98) serve-se da análise efectuada para o elemento *-ez* para nela também incluir *-eza*, alterando apenas os exemplos relacionados com este morfema (*baixeza; ligeireza*).

Por seu turno, Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:176) elencam *-eza* no conjunto dos sufixos mais importantes originários do Latim, embora não seja feita qualquer alusão aos significados que este morfema manifesta (*magreza*).

Para Cunha & Cintra (1984:97), que não indicam a etimologia relativa a *-eza*, este elemento insere-se no grupo dos sufixos formadores de novos derivados nominais deadjectivais abstractos, e apresenta, tal como *-ez*, as ideias de ‘qualidade’, ‘propriedade’, ‘estado’ ou ‘modo de ser’ (*beleza; riqueza*).

De acordo com a análise realizada por Lacuesta & Gisbert (1999:4563-4564), *-eza* afigura-se como “sufixo paroxítono” que se solda a bases adjectivais simples (*agudeza; certeza*), formando substantivos de natureza abstracta. Para estes autores,

este morfema não difere de *-ez* no que diz respeito à formação de itens lexicais complexos derivados e não ocorre em formações em que participem interfixos<sup>167</sup>, relacionando-se com as noções de ‘qualidade’ associadas a ‘conceitos relativos a condições estética, intelectual, moral de categoria social ou pessoal’ (*beleza; certeza; fineza*)<sup>168</sup>. Lacuesta & Gisbert (1999:4564) consagram ainda o uso do morfema *-eza* no domínio dos ‘títulos’ e ‘dignidades’ (*Alteza; Nobreza; Realeza*), sendo os derivados igualmente passíveis de serem pluralizados ou empregados como substantivos contáveis (*simplezas*)<sup>169</sup>. No que concerne à alternância de *-eza* com outros morfemas rivais na formação de derivados nominais relativos à noção de ‘qualidade’, este concorre essencialmente, segundo os autores, para além de *-ez*, com *-ura* e *-dad(e)* (*braveza/bravura*<sup>170</sup>; *clareza/claridade*<sup>171</sup>). Para Lacuesta & Gisbert (1999:4564), *-eza* é um sufixo que, se não se encontra já obsoleto, é pouco rentável, ainda que, de acordo com os mesmos autores, seja empregado mais vezes do que *-ez*.

### 1.2.5.3 *-ês*

Segundo Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), *-ês* afigura-se como um sufixo combinável com um determinado topónimo, apresentando como acepção ‘habitante ou indígena de X’. É ainda descrito, no mesmo dicionário, que este sufixo adquiriu um cunho popular, nomeadamente na formação de substantivos pátrios (*chinês; inglês*). Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), é ainda mencionado que, para as formações cultas, *-ense* é o sufixo seleccionado (*forense; londrinense*).

<sup>167</sup> Lacuesta & Gisbert (1998:4564) exceptuam o caso do vocábulo *fortaleza*. De acordo com Corominas & Pascual ([1980] 1984:972), esta palavra foi tomada de empréstimo ao Provençal ou Occitano *fortalesa*, análogo ao vocábulo francês *forteresse*, não deixando de mencionar a existência *fortalitium* nessa mesma língua, desde 1060. Para estes autores, *fortaleza* não foi um vocábulo formado através da junção do sufixo latino *-itia*, tendo a sua formação resultado antes na nominalização de um adjetivo, nomeadamente *fuerte*. Corominas & Pascual ([1980] 1984:972) acrescentam ainda que, em Português, a palavra *fortaleza* parece ter sido consequência do “vocalismo del fr[ancês]. Ant[igo]. *fortalece* e que, a partir de *fortaleza*, ter-se-á formado o verbo *fortalecer*.

<sup>168</sup> Cf. Ramírez (1986:84).

<sup>169</sup> De acordo com o D.E.H. (2010), o vocábulo *simpleza* é pouco utilizado na língua portuguesa, rementendo-nos preferencialmente para o item lexical *simplicidade*.

<sup>170</sup> No entanto, já o par *alteza/altura* igualmente referido pelos autores (1998:4564) apresenta divergências quanto ao significado. É também mencionado o morfema *-or* como alternante com *-eza* na formação de derivados nominais, embora usado menos regularmente e apesar de o semanticismo ser distinto (*largueza/largor*).

<sup>171</sup> Lacuesta & Gisbert (1998:4564) consideram que este par vocabular apresenta o mesmo semanticismo, divergindo apenas quanto ao uso que é concedido a cada um destes derivados.

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), este morfema é considerado como correspondendo a um sufixo, proveniente do Latim *–ense*, e cujas ideias a ele referentes são, geralmente, relacionadas com ‘relação’, ‘procedência’ e ‘origem’ (*cortês*, *francês*, *montês*). Nesta obra, é observado que este morfema equivale ao sufixo culto *–ense*.

Relativamente ao *Novo Aurélio* (1986), apenas se alude ao facto de *–ês* corresponder ao morfema *–ense*, não sendo dado qualquer tipo de exemplo.

Por sua vez, em *Houaiss* (2003) é exposto que *–ês* figura como sufixo formador de derivados nominais e adjectivais gentílicos (*cortês*; *montês*), cuja origem remonta ao elemento latino correspondente *–ense*, morfema este que formava derivados masculinos e femininos em Português Antigo. Para além desta informação é também descrito que *–ês* se assume como sufixo rival de *–ense* no que concerne à formação de novos vocábulos pátrios, apesar de este último elemento apresentar uma “fecundidade maior”, devido ao facto de *–ense* se apresentar como forma culta, sendo que, na maioria dos casos, são os cultismos que participam na formação de novos derivados gentílicos.

Segundo a análise presente no *D.E.H.* (2010), *–ês* é referido como sufixo, correspondente à forma latina *–ense*, que forma vocábulos pátrios (*holandês*), embora possa ocorrer, igualmente, em adjectivos em que se aplicam os dois géneros (*cortês*).

No que diz respeito às gramáticas históricas, em Vasconcelos (1900:91), *–ês* é descrito como sufixo formador de derivados relacionados com naturalidade (*mirandês*; *português*), a par com *–ense*.

De acordo com Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:245), este morfema é analisado como o produto resultante da redução do morfema *–ense*, ascendendo a forma popular, presente num grande número de itens lexicais da língua portuguesa, mais precisamente nos vocábulos relacionados com nomes gentílicos (*inglês*; *genovês*).

Para Sequeira (1938:99), *–ês* é considerado como um sufixo formador de derivados adjectivais e um dos sufixos de maior uso (*camponês*; *chinês*), sendo ainda apelidado de “alotrópico”, juntamente com *–ense*, devido ao facto de se afigurar como forma popular, enquanto este último corresponde à forma “literária”.

Em Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>), não se encontra nenhum registo relativo ao morfema *–ês*.



Em Cunha & Cintra (1984:100), *-ês* é sumariamente apresentado, a par com *-ense*, como sufixo associado às noções de ‘relação’, ‘procedência’ e ‘origem’, sendo formador de derivados adjectivais denominais (*cortês*; *norueguês*).

Em Lacuesta & Gisbert (1999) não é consagrada nenhuma análise a *-ês*, já que os autores analisam os dados relativos ao Castelhana e não ao Português.

#### 1.2.5.4 *-esa*

Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), não se encontra registada qualquer menção a este morfema, o mesmo acontecendo no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>) e no *Novo Aurélio* (1986), em que também não se encontra nenhuma atestação relativa a este elemento.

Por sua vez, em Houaiss (2003) este morfema é apresentado como sufixo, correspondendo ao género feminino de *-ês* e que, à semelhança deste, forma novos derivados gentílicos (*albanesa*; *francesa*; *inglesa*). Por outro lado, nesta obra salienta-se também que este sufixo se afigura como uma variante do morfema *-essa*, oriundo do elemento latino equivalente *-essa*<sup>172</sup>.

No *D.E.H.* (2010), a descrição efectuada é idêntica à que está presente em Houaiss (2003), diferindo apenas no exemplo apresentado para o sufixo formador de substantivos pátrios (*holandesa*).

Na gramática de Vasconcelos (1900), não é descrito o morfema *-esa*, procedimento idêntico ao de Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>) e de Sequeira (1938), trabalho que não contempla nenhuma alusão a este elemento.

Relativamente a Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:177), estas autoras agrupam *-esa* no mesmo conjunto de *-essa*, *-isa* e *-issa*, o que nos leva a observar que, nesta obra, estes morfemas são variantes/alomorfes (*condesa*<sup>173</sup>; *duquesa*; *poetisa*).

Em Cunha & Cintra (1984) não se observam considerações acerca do morfema *-esa*.

---

<sup>172</sup> São exemplificados em Houaiss (2003), a propósito de *-essa*, *baronesa* e *princesa*.

<sup>173</sup> Muito provavelmente, ocorreu uma gralha em *condesa*, pensando-se que as autoras queriam ter escrito antes *condessa*.

Finalmente, em Lacuesta & Gisbert (1999) também não se registam informações acerca deste elemento.

#### 1.2.5.5 –*dade*

Na óptica de Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), *-dade* assume-se como sufixo proveniente da forma latina correspondente *-tate* e que, segundo a perspectiva do mesmo autor, é um afixo derivacional formador de novos derivados nominais abstractos deadjectivais. Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) socorre-se da análise realizada por Piel (1940) acerca de *-dade*, que destaca a causa para a “fertilidade” deste morfema, que reside no facto de este ser passível de se soldar tanto a adjetivos simples como derivados (*beldade, bondade, verdade, amizade, metade*). Para Piel (1940), esta “fertilidade” já tinha existência em Latim, onde ocorriam inúmeros derivados em *-aliare, -abilitate, -ositate* e *-iditate*. Segundo este autor, o facto de a “vogal intertónica” surgir preservada sugere a presença de latinismos, mais especificamente em vocábulos como *brevidade, castidade, raridade* e *validade*, entre outros. Já para os casos de vocábulos como *fealdade* ou *frialdade*, Piel (1940) sustenta que estes foram influenciados por itens lexicais terminados em *-aliare*, indiciando uma formação por meio de analogia com a palavra latina *legalitate*, em Português *lealdade*. Por outro lado, Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) inclui também algumas considerações tecidas por Said Ali (1931) a respeito de *-dade*, que reitera que, nos casos em que um dado vocábulo apresenta uma terminação em *-ável, -ível* ou *-ível*, restabelece-se a forma utilizada em Latim, prévia à formação do novo item lexical derivado (*probabilidade, falibilidade, solubilidade*). No que concerne às ocorrências de *-tate* precedidas de *-ni-*, Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) indica que se dá uma nasalização vocálica em Português, abolindo, então a vogal /i/<sup>174</sup> (*virgindade, trindade, bondade, orfandade*). De igual forma, Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) inclui ainda a perspectiva de Said Ali (1931) relativamente aos casos em que a “vogal intertónica” permanece preservada em determinados vocábulos, nomeadamente nos itens lexicais terminados em *-li-* antes da associação de *-dade*, resultante da tomada de empréstimo dos mesmos à língua latina (*criminalidade, parcialidade, pontualidade*)<sup>175</sup>.

<sup>174</sup> Exceptuam-se, segundo o autor, os casos de *unidade, imunidade* e *impunidade*.

<sup>175</sup> Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>) inclui ainda a observação realizada por Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:236) relativamente ao vocábulo *humidade*, proveniente da forma latina *humiditate*, palavra esta que sofreu,

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>2</sup>), *-dade* surge classificado como sufixo formador de substantivos, proveniente da forma latina *-itatem*, existente num grande número de itens lexicais com formação latina (*humanidade; impunidade*). Nesta obra, é mencionado que este morfema ocorre sob a forma *-dade*, sendo esta a “forma reduzida” de *-idade*. A ocorrência de *-dade*, segundo o mesmo dicionário, ganha existência em palavras provenientes de substantivos em Latim terminados em *-nitatem*, onde se deu uma supressão da vogal /i/, procedendo-se, conseqüentemente, à nasalização da vogal prévia (*divintatem* – Latim / *divindade* – Português). De igual modo, *-dade* ocorre ainda em itens lexicais que possuem “formação vernácula” (*fielidade; lealdade*).

De acordo com o *Novo Aurélio* (1986), o morfema *-dade* é identificado como sufixo formador de nomes, originário da forma latina análoga *-tate*. A este sufixo estão associadas, de acordo com esta obra, as noções de ‘qualidade’, ‘modo de ser’, ‘estado’ e ‘propriedade’ (*bondade; ruindade; orfandade*).

Em Houaiss (2003), é descrito que *-dade* participa na formação de substantivos deadjectivais abstractos de acordo com o paradigma do Latim *fidelis* > *fidelitatis*, correspondente ao Latim vulgar *fidelitate*, que evoluiu, em Português, para *fidelidade*<sup>176</sup>. Nesta obra, é referido que a formação de derivados em *-dade* existe desde os primórdios da língua, diferenciando-se do morfema *-idade*. Adicionalmente, sustenta-se nesse dicionário que o vocábulo latino *proprietas/proprietatis* serviu de paradigma para a formação de substantivos deadjectivais terminados em duas vogais desprovidas de ditongação, e que este modelo se padronizou na língua portuguesa, estando presente em vocábulos como *obrigatoriedade* ou *solidariedade*, entre outros.

No que diz respeito ao *D.E.H.* (2010), *-dade* é exposto como sufixo oriundo do Latim (através do paradigma latino *fidelitas/fidelitatis*) que forma novos derivados nominais deadjectivais abstractos, sobretudo através do uso da “forma” *-idade* (*atualidade*). Para além de *-idade*, este dicionário destaca também a ocorrência de vocábulos em que *-dade* surge sob a forma de *-iedade* (*variedade*)<sup>177</sup>, *-ldade*

---

de acordo com o autor, na língua portuguesa, uma supressão de /di/, o que se justifica devido à influência que esta sílaba sofreu por parte da consoante dental que a sucede.

<sup>176</sup> É atestado, em Houaiss (2003), que vocábulos como *vontade, metade, majestade* ou *tempestade* provêm de formas latinas em *-tate*.

<sup>177</sup> A explicação de Houaiss (2003), acrescentaríamos que, nos exemplos em questão, os radicais adjectivais, por terminarem em *-i* (*obrigatori-*; *solidari-*), obrigam à alomorfia do sufixo, passando este a ocorrer como *-edade*.

(*beldade*), *-ndade* (*irmandade*), *-rdade* (*liberdade*), *-edade* (*soledade*), *-udade* (*saudade*) e *-eidade* (*simultaneidade*)<sup>178</sup>.

Na sua obra, Vasconcelos (1900) não faz alusão ao morfema *-dade*.

Por sua vez, Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>:235) considera que este elemento deriva da forma latina *-tate*, que intervém num número elevado de substantivos deadjectivais abstractos. As referências seguintes manifestadas por este autor são aquelas que foram apresentadas por Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>).

Sequeira (1938) não se pronuncia acerca do morfema *-dade*.

Em Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:176), *-dade* apenas é mencionado enquanto parte integrante do grupo de sufixos portugueses de proveniência latina mais importantes (*liberdade*)<sup>179</sup>.

Cunha & Cintra (1984:97) elencam este morfema no núcleo dos elementos formadores de derivados nominais deadjectivais de carácter abstracto, associados às ideias de ‘qualidade’, ‘propriedade’, ‘estado’ ou ‘modo de ser’ (*crueledade*; *dignidade*). É ainda realçado nesta obra que, no momento anterior à junção de *-dade* a formas de base adjectivais terminadas em *-az*, *-iz*, *-oz* e *-vel*, estas sofrem uma alteração, tal como as formas latinas análogas, para *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* e *bil(i)*, respectivamente.

Lacuesta & Gisbert (1999:4536) descrevem este morfema como correspondendo a um sufixo de género feminino, acrescentando que “en casi todos los ejemplos la base de derivación es adjetiva (*fraternidade(e)*), aunque existen algunos casos derivados de bases nominales”<sup>180</sup> (*rivalidade(e)*). Estes autores questionam a possibilidade de considerar *-dad(e)* e *-idad(e)* como alomorfes distintos de um só sufixo ou como dois sufixos diferentes. Para ajudar a responder a esta questão, estes autores traçam três argumentos válidos que sustentam a primeira hipótese, ou seja, a existência de *-dad(e)* e *-idad(e)* como alomorfes do mesmo sufixo. Assim, Lacuesta & Gisbert (1999:4536) aludem ao facto de determinados derivados se encontrarem em

---

<sup>178</sup> Como se pode observar, procede-se a uma segmentação errónea entre base e sufixo (caso, por exemplo, de *simultaneidade*), ou são segmentados vocábulos não formados em Português (por exemplo, *liberdade*). Pelo que considerámos anteriormente, a forma será *-edade* e não *-iedade*.

<sup>179</sup> Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>:176) agrupam *-dade* no mesmo conjunto de *-dão* (*mansidão*), *-tude* (*beatitude*), ou seja, enquanto sufixos portugueses nominais oriundos do Latim de maior importância.

<sup>180</sup> Neste caso, consideramos que as formas de base exemplificadas *fraternal* e *rival* não são exclusivamente adjectivos ou nomes, sendo portadoras de ambas as categorias, e cuja distinção só é possível através do contexto em que se inserem.

distribuição complementar, e que a presença de *-dad(e)* bloqueará a ocorrência de outros derivados (por exemplo, em *-idad(e)*). Em segundo lugar, os mesmos autores defendem a existência de regras de cariz morfológico e/ou fonológico que fazem antever o uso de uma forma em detrimento de outra, nem que seja parcialmente, exemplificando com os casos de *-ad (voluntad)*, *-dad (igualdad)* e *-tad (dificultad)*. Por último, *-dad(e)* e *-idad(e)* partilham o mesmo semanticismo relativo à noção de ‘qualidade’. Lacuesta & Gisbert (1999:4536) fazem menção também à formação do morfema *-dad(e)*, referindo que o mesmo intervém na formação de um “derivado regular” por meio da supressão da vogal que o antecede, procedendo-se de seguida à inclusão do alomorfe correspondente (neste caso, para a língua castelhana)<sup>181</sup>.

### 1.2.5.6 *-idade*

Em Machado ([1952] 1967<sup>2</sup>), *-idade* é referido como sufixo formador de substantivos abstractos e cuja forma de base, por norma, provém de adjectivos de origem latina. Segundo este autor, *-idade* corresponde à forma latina análoga *-itatem*, tanto em termos formais como semânticos (*capacidade; profundidade; gravidade*).

No *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* ([1982] 1986<sup>3</sup>), *-idade* surge elencado juntamente com *-dade*, cuja análise se encontra na alínea anterior.

No *Novo Aurélio* (1986), não está atribuída nenhuma entrada relativamente a este morfema.

No que diz respeito a Houaiss (2003), encontram-se referências a *-idade* dentro do verbete consagrado a *-dade*, já que o mesmo nos remete para essa entrada. Assim, neste dicionário é mencionado que *-idade* entra em rivalidade com *-ldade (beldade; faculdade)*, *-ndade (divindade; orfandade)*, *-rdade (puberdade; verdade)*, *-edade (necedade; soledade)*, *-udade (saudade)* e *-eidade (contemporaneidade; espontaneidade)*. Em Houaiss (2003), é ainda realçado o carácter preponderante e habitual característico de *-idade* enquanto formador de derivados nominais

<sup>181</sup> Lacuesta & Gisbert (1999:4536-4537) consagram também o morfema *-edade* como alomorfe do morfema *-dade*, e destacam o seu uso, para o Castelhana, particularmente com a maioria das formas de base terminadas em *-io (obrigatório-obrigatoriedade; arbitrário-arbitrariedade)*. Estes autores defendem ainda que *-edad* solda-se sobretudo a bases adjectivais com duas sílabas e terminadas em vogal, por contraste com *-idad* que, para além de se juntar a bases adjectivais formadas por duas sílabas e terminadas em consoante (excepto vocábulos como *claridade, densidade* ou *castidade*, entre outros), podem associar-se a bases adjectivais de três ou mais sílabas.

(*obesidade; qualidade*), morfema este que, de acordo com a mesma obra, continua a apresentar “fecundidade”. Além deste aspecto, importa ainda mencionar que em Houaiss (2003) é exposto que formações do tipo Nome + *-al* (por exemplo, *documento-documental*) despoletaram e ainda desencadeiam a formação de substantivos terminados em *-dade*, e cujo “grau de imaterialidade” presente nesses derivados é, à luz desta obra, maior<sup>182</sup>.

No *D.E.H.* (2010), a entrada alusiva a *-idade* apenas nos remete para a que está reservada ao morfema *-dade*.

Em Vasconcelos (1900), este morfema não é tido em consideração.

Também Said Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>) não se pronuncia acerca de *-idade*.

Em Cuesta & Luz (1961<sup>2</sup>), também não é manifestada qualquer consideração relativamente a este elemento.

Cunha & Cintra (1984) não contemplam, de igual forma, nenhuma análise a *-idade*.

Finalmente, Lacuesta & Gisbert (1999:4535-4536) integram *-idad(e)* no mesmo grupo de *-dad*, *-edad* e *-tad*, reportando a Rainer (1993), que esboça algumas considerações relativamente a *-idade*, mais precisamente uma preferência quanto ao uso deste morfema em determinados contextos morfo-fonológicos, nomeadamente depois de formas de base do Castelhana terminadas em *-ble* (*-vel*) (*amable-amabilidad*), *-oso* (*cremoso-cremosidad*), *-al* (*formal-formalidad*), *-ico* (*dinámico-dinamicidad*), *-ivo* (*agresivo-agresividad*), *-il* (*pueril-puterilidad*), *-ino* (*feminino-feminidad(e)*), *-uo* (*asiduo-assiduidad*), *-ano* (*quotidiano-quotidianidad*), *-ero* (*austero-austeridad*), *-orme* (*conforme-conformidad*), *-az* (*capaz-capacidad*), *-eo* (*idóneo-idoneidad*), *-ior* (*posterior-posterioridad*), *-erno* (*eterno-eternidad*), *-oz* (*atroz-atrocidad*), *-imo* (*próximo-proximidad*) e *-uro* (*seguro-seguridad(e)*)<sup>183</sup>. No entanto, e apesar da perspectiva preconizada por Rainer (1993), Lacuesta & Gisbert (1999:4537) não deixam de atestar que alguns autores consideram que o motivo principal para a escolha do sufixo adjectival em questão reside na quantidade de sílabas que os adjectivos possuem (preferência por mais do que duas sílabas), em

<sup>182</sup> Apesar de em Houaiss (2003) se fazer menção aos derivados em *-dade*, os exemplos expostos seguidos dessa afirmação terminam em *-idade*: *actualidade; sensualidade; textualidade*.

<sup>183</sup> De acordo com o *D.E.H.* (2010), o vocábulo *seguridade* é pouco usado na língua portuguesa, sendo mais frequente a palavra *segurança*.

detrimento do contexto morfo-fonológico em que estes se encontram. Adicionalmente, estes dois autores apresentam quatro situações em que os substantivos ocorrem num contexto morfo-fonológico extraordinário, nomeadamente quando, antes da sua junção às bases, há uma supressão das respectivas terminações (*calamidade*; *gratuidade*; *humidade*), quando existem interfixos ou uma “falsa sufixação” (*credibilidade*; *multiplicidade*), quando, por um lado, a nível do vocalismo, se desencadeiam monotongações (*órfão-orfandade*) e, na passagem de forma de base a item derivado, quando a vogal /e/ é substituída por /i/ (*virgindade*) e, por outro lado, em termos de consonantismo, o som [k] passa a [s] (*caduco-caducidade*) e a consoante /d/ é substituída por /s/ (*privado-privacidade*), e, por último, sempre que ocorre um supletivismo (*amizade*; *mendicidade*; *infinidade*). Uma vez mais, estes autores não têm em conta a história dos vocábulos, já que os exemplos referidos correspondem a palavras herdadas do Latim. Lacuesta & Gisbert (1999:4537) reforçam ainda a aceção geral presente em *-idade*, designada por ‘qualidade de X’, mas que é extensível a diversas situações, tais como ‘comportamentos’ (*hostilidade*), ‘designações de pessoas/objectos’ (*preciosidade*), ‘nomes que indicam lugares’ (*cavidade*), ‘temporalidade’ (*puberdade*), ‘conjuntos’ (*natalidade*), ‘estados’ (*capitalidade*) e ‘objectos que possuem a qualidade de X’ (*antiguidade*). Finalmente, os mesmos autores destacam a possibilidade de rivalidade sufixal entre *-idade* e outros morfemas derivacionais, tais como *-ura* (*frialdade/friura*), *-ez* (*caducidade/caducuez*) *-eza* (*beldade/beleza*) e *-ismo* (*heroicidade/heroísmo*).

Na sua dissertação, Caetano (2003:416) discutiu a posição assumida pela maior parte dos gramáticos históricos, ou seja, a configuração do sufixo como *-dade* ou *-idade*. A autora (2003:468) sustenta que *-idade* participa na formação de substantivos abstractos, maioritariamente de adjectivais, embora também integre substantivos abstractos denominais que denotam ‘qualidades físicas e/ou morais’<sup>184</sup> (*caridade*; *criminalidade*; *seriedade*). De acordo com o ponto de vista de Caetano (2003:424), e contrariando a maioria dos estudiosos acerca desta matéria, é *-idade* que detém o estatuto de sufixo e não *-dade*, na medida em que, desde os primórdios

<sup>184</sup> Mais especificamente, Caetano (2003:468) refere que se trata de ‘qualidades’ que podem ser ‘valorativas’ (*estudiosidade*) ou ‘pejorativas’ (*criminalidade*), e ainda portadoras do traço [+animado] (*ceguidade*) ou [-animado] (*dilatabilidade*). Numa comparação com *-ez*, a autora defende que as formas de base adjectivais a que *-idade* se junta apresentam um grau de complexidade maior face às que *-ez* se associa (*aridez* vs. *impressionabilidade*).

da formação da língua portuguesa, é *-idade* que surge, e não *-dade*, inclusivamente nos casos mais recentes, em que seria esperada a ocorrência de *-dade*<sup>185</sup>, como a presença de formas de base terminadas em nasal (como em *africano*>*africanidade*), situação que, para a autora, anula a disponibilidade “de qualquer uma das variantes de *-idade*”. Adicionalmente, Caetano (2003:424-425) demonstra, tal como já tinha sido avançado por outros autores, nomeadamente Mattoso Câmara Jr. (1975:223), que o *-i-* presente em *-idade* já fazia parte da forma sufixal latina, sendo, portanto, parte integrante do sufixo, como o podem comprovar os itens lexicais derivados terminados em *-idade*, não podendo, por isso, essa vogal ser confundida com uma vogal de ligação<sup>186</sup>. Com o intuito de reforçar, uma vez mais, que *-idade* é o sufixo por excelência, em detrimento de *-dade*, Caetano (2003:427) expõe, através da sua pesquisa, que, desde os séculos XIII a XV, as palavras derivadas, ou seja, com formação na língua portuguesa, apresentam o sufixo *-idade* (por exemplo, *castidade*). Além deste aspecto, Caetano (2003:427) destaca que os derivados terminados em *-idade* apresentam, como já foi mencionado anteriormente, a noção de ‘qualidade’, por oposição a grande parte dos vocábulos derivados a partir de formas de base idênticas com sufixos distintos que, para além de apresentarem essa ideia, passaram a indicar outros significados.

### **1.2.6- Sufixação: perspectiva geral acerca dos morfemas *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness* em Inglês**

#### **1.2.6.1-*ess***

De acordo com o *O.D.E.E.* (1966), este morfema afigura-se como um sufixo formador de substantivos e que, segundo este dicionário, se refere tanto a pessoas como a animais, sendo ainda este um sufixo oriundo do morfema do Francês Antigo

<sup>185</sup> Caetano (2003:426) realça ainda que existe um número elevado de bases adjectivais a que *-idade* se solda e que são já bases derivadas (por exemplo, *grandiosidade*, de *grande*+*-oso*), mais concretamente aquelas que terminam em *-al*, *-vel* e *-oso*. A autora declara que, no entanto, após a associação de *-idade*, não é possível haver lugar para a recursividade sufixal.

<sup>186</sup> Além disso, Caetano (2003:470) atenta para a existência rara de variantes sufixais, sublinhando que a maioria dos vocábulos oriundos do Latim encontrados nas gramáticas históricas de que a autora se serviu para efectuar a sua análise “foram herdados no seu todo”. Já para os casos em que surge *-edade* (como em *seriedade*), a autora (2003:425) explica que se trata de um processo de abaixamento da vogal da base, quando esta é uma vogal igual àquela com que se inicia o sufixo.



correspondente *-esse*<sup>187</sup>. Particularmente presente em vocábulos antigos (*deaconess*; *abbess*), este afixo derivacional passou a formar itens lexicais derivados do gênero feminino, oriundos dos substantivos correspondentes no masculino (*countess*, de *count*; *duchess*, de *duke*; *princess*, de *prince*). No *O.D.E.E.* (1966), é também sustentado que, no período do Middle English, este morfema soldava-se a nomes agentivos terminados em *-er* e em *-ster* (*hunter-huntress*; *streamster-streamstress*). Na passagem do Francês Antigo para a língua inglesa, a forma *-esse* sofreu uma alteração para *-ess* e, de acordo com este dicionário, este sufixo é equivalente ao morfema existente na língua francesa *-trice*, por sua vez proveniente do Latim *-trix*.

Para além da formação de vocábulos derivados no feminino, *-ess* alargou o seu uso ainda para outro tipo de substantivos (*authoress*; *prioress*), sendo que alguns correspondem ao paradigma francês instituído, e cujos derivados masculinos equivalentes terminam, muitas vezes, em *-er* ou *-or* (*procuress*; *sorceress*). Este dicionário consagra ainda um segundo verbete para o morfema *-ess*, onde surge registada a sua proveniência, nomeadamente da forma latina *-itia* (por exemplo, *tristia*), formadora de substantivos relacionados com as ideias de ‘qualidade’ e ‘condição’ (*duress*; *largess*). Nesta entrada, *-ess* corresponde à forma presente em Middle English *-esse*, equivalente a *-esse* em Francês Antigo.

No *O.A.L.D.* (1948), é apenas descrito que *-ess* é um sufixo formador de substantivos do gênero feminino (*lioness*; *actress*).

No *E.D.E.L.* ([1910] 1946), o morfema *-ess* não é analisado ou descrito.

No que diz respeito à análise levada a cabo por Marchand (1960:226), *-ess* “forms feminine s[u]b[stantive]s parallel to masculine personal s[u]b[stantive]s”, e, portanto, é equivalente aos nomes análogos no gênero masculino. Segundo a perspectiva deste autor, a língua inglesa teve como fontes para a herança do morfema *-ess* as formas grega *-issa*, latina e as subsequentes formas nas línguas românicas, sem contudo especificar a forma correspondente nestas últimas línguas. Alguns vocábulos derivados em *-ess* foram tomados de empréstimo ao Francês Antigo (*countess*; *patroness*; *hostess*). Marchand (1960:226-227) expõe ainda que, no século XIV, este morfema já estava estabelecido (como formador de substantivos femininos), soldável

---

<sup>187</sup> Pela descrição do *O.D.E.E.* (1966), podemos concluir que *-esse* e o sufixo português *-esa* são correlatos. Em Francês Antigo, este morfema era combinável com substantivos de gênero masculino terminados em *-ere* ou *-eor*.

a itens lexicais oriundos das línguas romance, embora também fosse combinável com vocábulos provenientes da própria língua<sup>188</sup>. Adicionalmente, Marchand (1960:227) considera que existem diversos paradigmas derivacionais associados ao morfema *-ess*, tais como *patroness*, proveniente do substantivo masculino equivalente *patron*, e também integram *-ess* os derivados que, no género masculino, terminam em *-tor*, *-ter*, *-der*, *-ster*<sup>189</sup> e em *-erer* (*authoress*; *heiress*; *herdess*). Por outro lado, Marchand (1960:227) observa que o paradigma *-ess* actualmente existente foi instituído no século XVI, e os derivados em que participa estão relacionados quase certamente com a forma latina *-trix*. De igual forma, o autor também expõe que, na generalidade dos casos, *-ess* representa nomes agentivos femininos, correspondendo, por vezes, à esposa de uma entidade masculina (*farmeress*, de *farmer*; *sultanness*, de *sultan*). Apesar da frequência de derivados em *-ess* em séculos anteriores, este autor sublinha o facto de poucos desses derivados continuarem a ser usados actualmente, sendo os mais comumente utilizados *countess*, *stewardess*, *waitress*, *actress* ou *hostess*<sup>190</sup>.

Na sua obra, Dalton-Puffer (1996:147) descreve a dualidade formal que caracteriza aquilo que a autora considera ser o sufixo *-ess(e)*<sup>191</sup>: por um lado, trata-se de um elemento formador de substantivos derivados abstractos (*noblesse*; *richesse*) e, por outro lado, forma substantivos referentes a pessoas do sexo feminino a partir de substantivos relativos a pessoas do sexo masculino. De acordo com Dalton-Puffer (1996:147), no período do Middle English, todos os itens lexicais derivados em *-ess(e)* eram formados a partir de formas de base nominais (*clergesse*; *traiteresse*) e, na medida em que está vinculado a seres femininos, esta autora defende a necessidade de *-ess(e)* se soldar a formas de base que possuem a etiqueta de ‘pessoa’, como os substantivos masculinos. Por este motivo, Dalton-Puffer (1996:147) sustenta que os derivados em *-esse(e)* vão buscar, como base, nomes agentivos masculinos, e não bases deverbais, como atestou Fisiak (1986). Assim, e a título de exemplo, a autora sustenta que *conqueress(e)* não é formado a partir do verbo *conquer*, mas antes

<sup>188</sup> O autor destaca como empréstimos vocábulos como, por exemplo, *friendess*, *jewess* e *laudress*.

<sup>189</sup> Marchand (1960:227) defende que os derivados masculinos terminados em *-ster* e *-der* são idênticos aos vocábulos derivados que apresentam terminação em *-tor* e *-ter*.

<sup>190</sup> Casos distintos de palavras como *writer* ou *doctor*, que, segundo Marchand (1960:227), necessitam da presença das palavras *woman* ou *lady*, dado que aqueles não apresentam marcador de género. Marchand (1960:228) refere ainda que vocábulos como *lioness* ou *tigress* não despoletaram formações análogas, provavelmente devido à inexistência de género marcado na língua inglesa.

<sup>191</sup> Dalton-Puffer (1996) refere-se a *-esse* e não a *-ess*, já que esta era a forma utilizada em Middle English, período a que esta autora se dedica na sua obra.

do substantivo *conquerer* que, na passagem a *conqueress(e)*, sofreu um fenómeno de haplologia (/er/).

### 1.2.6.2 –ese

No *E.D.E.L.* ([1910] 1946), não existe nenhuma referência a este morfema.

No que diz respeito ao *O.A.L.D.* (1948), *-ese* é abordado na qualidade de sufixo formador de substantivos deadjectivais e denominais e cujas noções nos remetem para ‘de um país ou cidade’, ‘pessoa que vive num país ou numa cidade’ ou ainda ‘língua falada num país ou numa cidade’ (*Chinese; Viennese*). Neste dicionário também está atestado que, em derivados nominais, muitas vezes com sentido pejorativo, *-ese* caracteriza o ‘estilo ou língua de’ (*journalese*<sup>192</sup>).

No *O.D.E.E.* (1966), este morfema é consagrado como sufixo acentuado, correspondente à forma existente em Francês Antigo *–eis* e que, de acordo com a mesma obra, está associado às noções de ‘pertencente a’ e ‘originadas/criadas num determinado lugar’.<sup>193</sup> Na sua condição de sufixo ainda utilizado para novas formações, *-ese* participa na formação de itens lexicais complexos derivados relativos a nomes de países, defendendo-se que estes são delineados geralmente conforme os padrões existentes nas línguas românicas (*Chinese; Japanese; Portuguese*), bem como de topónimos relativos a cidades de outros países (*Cantonese; Pekinese; Milanese*). De igual modo, *-ese* é também formador de palavras derivadas relacionadas com autores que se caracterizam por apresentar uma linguagem muito particular (*Carlylese*), modelo que se disseminou a diversos meios de comunicação ou a uma dada área que se pauta por possuir uma linguagem típica desse meio (*newspaperese; guidebookese*).

No *O.D.E.E.* (1966), é realçado que os derivados adjectivais terminados em *–ese* são, por vezes, utilizados enquanto nomes de línguas ou enquanto denominações relativas a pessoas, sendo que, para esta última designação, era frequente a pluralização dos derivados em *–ese*. No *O.D.E.E.* (1966), é ainda destacado que, a

---

<sup>192</sup> De acordo com o *Longman Dictionary of English Language and Culture* (1992), *journalese* apresenta como significado “language considered to be typical of newspapers (...)”.

<sup>193</sup> No *O.D.E.E.* (1966), é exposto que *–ese* possui uma forma análoga em Latim, nomeadamente *–ensis* (*hortensis, pratensis*) e na língua italiana, mais precisamente *–ese*.

partir das formações em *-ese*, têm sido efectuadas derivações regressivas (*Chinese-Chinee*; *Portuguese-Portugee*).

Por seu turno, Marchand (1960:225) refere-se ao morfema *-ese* (*-ése*) como forma equivalente do Francês Antigo *-eis*, remetendo para o *Oxford English Dictionary*. No entanto, este autor coloca em causa a veracidade etimológica expressa nesta última obra. Assim, Marchand (1960:225-226) atesta que a forma existente em Francês Antigo evoluiu para o morfema *-eis* previamente à existência de vocábulos, em Inglês, terminados em *-ese*, e que este morfema foi antes tomado de empréstimo à língua italiana, que, por sua vez, apresenta uma forma idêntica, proveniente do morfema correspondente em Latim *-ensem*, e cuja ideia principal é a de ‘alguém que pertence a um determinado lugar’, mais especificamente um ‘habitante de um dado país e a língua desse mesmo país’ (*Milanese*; *Genoese*; *Portuguese*). Marchand (1960:226) afirma, a esse propósito, que derivados em *-ese* como *Japanese* ou *Chinese* desencadearam a formação de outros vocábulos em *-ese* relativos a “países estrangeiros” (*Burmese*; *Ceylonese*). Marchand (1960:226) considera ainda que o carácter original dos vocábulos terminados em *-ese* despoletou a extensão para a formação de nomes de gírias como *Americanese* ou *novelese*.

### 1.2.6.3 *-ity*

No *E.D.E.L.* ([1910] 1946), *-ity* não é definido.

No *O.A.L.D.* (1948), é mencionado a respeito de *-ity*, muito sumariamente, que se trata de um sufixo utilizado na formação de derivados nominais e que confere a noção de ‘qualidade ou estado de’ (*purity*; *oddity*).

No *O.D.E.E.* (1966), sustenta-se que o morfema *-ity* existia já em Middle English sob a forma de *-ite*, *-itie*, correspondendo ao elemento análogo em Francês Antigo *-itié*, o qual, por sua vez, provém do morfema latino equivalente *-itatem*, *-itas*<sup>194</sup>. Segundo o mesmo dicionário, *-ity* solda-se a inúmeras bases adjectivais, das quais

---

<sup>194</sup> No *O.D.E.E.* (1966), considera-se que a vogal /i/ presente em *-itatem*, *-itas* se afigura ou como parte integrante da base ou como vogal de ligação (*suavitas*).

surtem derivados em Inglês com as terminações *-acity*, *-ality*, *-anity*, *-arity*, *-bility*, *-idity*, *-ility*, *-ivity*, *-ocity* e *-osity*<sup>195</sup>.

No que concerne à análise realizada por Marchand (1960:250), este autor corrobora que *-ity* integra a formação de substantivos abstractos de adjectivais, cuja noção principal assenta em ‘estado, qualidade ou condição de’. O mesmo autor defende que, para as formações com *-ity*, é utilizado o paradigma latino de formações análogas, facto que, para Marchand (1960:250), explica a escassez de derivados formados a partir de raízes nativas, bem como a acentuação na antepenúltima sílaba desses derivados. O autor identifica os itens lexicais dos séculos XIV e XV como os vocábulos mais antigos em *-ity* correspondentes a empréstimos lexicais do Francês<sup>196</sup> (*ability*; *diversity*; *singularity*). Marchand (1960:250) atesta que, em Middle English, a forma usada correspondente a *-ity* era *-itee*, originária do Francês *-ite*, e que evoluiu para *-ity* em Modern English. Por outro lado, é exposto que houve um número reduzido de itens lexicais terminados em *-te*, tomados de empréstimo à língua francesa (por exemplo, *chesteté* em Francês, foi posteriormente alterado para *charity* na língua inglesa). Adicionalmente, Marchand (1960:250) afirma que os derivados nominais ingleses terminados em *-ity* consistem em “empréstimos isolados” ou em palavras herdadas de formas latinas em *-itas*. Este autor assume esta perspectiva na medida em que defende que, a título de exemplo, o adjectivo *sincere* não está relacionado derivacionalmente com o substantivo *sincerity*, devido ao facto de, do ponto de vista histórico, os substantivos e os adjectivos se afigurarem como “empréstimos separados”. No entanto, Marchand (1960:251) realça que, adoptando uma perspectiva sincrónica, existe uma relação entre os pares *-able/-ability*<sup>197</sup>, *-ible/-ibility* e *-ic/-icity*. Marchand (1960:251) expõe que a alternância *-able/-ability*, resultante da herança lexical latina, despoletou a formação de outros derivados nominais, de acordo com o mesmo modelo (*capability*, *liability*, *accountability*, de *capable*, *liable* e *accountable*, respectivamente). Contudo, o autor (1960:251) destaca a inexistência de derivados em *-ability*, para adjectivos como *appealable*, *consumable* ou *deacyable*, postulando o uso de derivados em *-ability*, actualmente, em

<sup>195</sup> No *O.D.E.E.* (1966) corrobora-se que, em Francês Antigo, a “representação orgânica” de *-ity* é *-eté* (*safety*; *bounty*).

<sup>196</sup> No entanto, Marchand (1960:250) afirma que palavras francesas como *rusticité* ou *lubricité* não derivam dos adjectivos correspondentes *rustique* e *lubrique*, mas são antes vocábulos equivalentes aos do Latim *rusticitas* e *lubricitas*, respectivamente.

<sup>197</sup> Existem também derivados de origem nativa em *-ity*, e cuja base adjectival termina em *-able*, como *saleability*, *loveability*, *readability* ou *workability* (Cf. Marchand, 1960:251).

substantivos derivados de adjetivos deverbais, com carácter passivo, remetendo a restante formação nominal deadjectival em *-able* para *-ableness*. O mesmo autor sublinha que existem, igualmente, casos em que os derivados em *-ableness* são mais frequentes do que em *-ability* (*fashionableness* ou *profitableness*, por exemplo) e casos em que ambos os pares ocorrem (*suitableness/suitability*; *amiableness/amiability*), sendo *-ableness* mais antigo e *-ability* mais recente.

Por outro lado, Marchand (1960:252) atesta ainda que *-ity* está presente na formação de substantivos deadjectivais terminados em *-ic* (*elastic-elasticity*), em *-al* (*superficial-superficiality*), em *-ar* (*regular-regularity*), e outros (*active-activity*; *convex-convexity*; *trepid-trepidity*; *ubiquous-ubiquity*), existindo um número reduzido de derivados deadjectivais a partir de bases nativas (*oddity*; *queerity*; *betweenity*).

De acordo com Marchand (1960:252), o sufixo *-ity* surge amiúde identificado como *-ty*, e este autor apresenta dúvidas acerca desta ocorrência, salvaguardando o caso de *-alty*<sup>198</sup>. Para os restantes casos, o autor considera que *-ty* consiste numa terminação existente em empréstimos e semelhante a outras formações criadas por analogia em Inglês (como *nicety*, por exemplo).

Na análise que Aronoff (1976:38) realiza relativamente a *-ity*, o autor atesta que, em termos de semanticismo, este morfema não é tão coerente como *-ness*<sup>199</sup>, sendo aquele utilizado em derivados que apresentam um sentido mais concreto, contáveis, ou usados mais vezes com sentido metafórico. De acordo com a análise de Aronoff (1976), os derivados em *-ity* apresentam um significado mais abrangente, contrariamente a *-ness*, que apresenta um semanticismo mais uniforme, indicando a ‘qualidade’ daquilo que é denotado pela forma de base. Tal como Aronoff (1976:38) tenta descrever, os derivados em *-ness* “differ only to the extent that their bases do”, nada mais acrescentando em termos de significado, ao passo que, com os derivados em *-ity*, segundo o autor, essa situação não ocorre (*continuity*; *monstrosity*; *porosity*). No que diz respeito a outros aspectos, Aronoff (1976:40) declara que *-ity* associa-se a fronteiras de morfema e que, em formas de base terminadas em *-ous*, *-ity* altera a sílaba tónica aquando da sua participação em derivados nominais, que passa a ser na

---

<sup>198</sup> A forma *-alty* correspondente à noção de ‘superioridade’ (*royalty*; *specialty*) e é proveniente, segundo Marchand (1960:252) do Francês Antigo *-alte*, equivalente, por sua vez, à forma latina *-alitem*.

<sup>199</sup> A comparação que Aronoff (1976) efectua entre *-ity* e *-ness* está presente sobretudo para o mesmo tecer comentários acerca da produtividade.

penúltima sílaba do vocábulo derivado<sup>200</sup> (*luminous>luminosity*), para além de, por vezes, este morfema desencadear a perda do morfema adjectival *-ous* (*simultaneous>simultaneity*). Relativamente à questão da perda do morfema situado na base adjectival aquando da formação de um derivado nominal em *-ity*, Aronoff (1976:40) apelida esta regra de *R<sub>I</sub>*, consistindo esta numa regra de truncamento, nomeadamente do morfema *-ous* presente em alguns adjectivos em Inglês antes da inserção de *-ity*. Segundo o autor (1976:40), trata-se de uma regra pouco frequente, já que nem todas as bases terminadas em *-ous* são truncadas antes da junção de *-ity*<sup>201</sup>. É por este motivo que Aronoff (1976:40) considera que esta é uma regra que é ou passível de ser utilizada ou, pelo contrário, impossível de ser colocada em prática<sup>202</sup>, pois não existem, na língua inglesa, derivados como *\*curiety* ou *\*variosity*. Devido a este aspecto, Aronoff (1976:40), centrado na imprevisibilidade de aplicação tendo como ponto de partida os traços gerais do vocábulo que serve de base, sustenta que esta regra deve ser “lexically governed”. Isto significa que os derivados em *-ity* devem ser inseridos no léxico, pelo seu carácter imprevisível<sup>203</sup>. Aronoff (1976:42) acrescenta até que “when there is a condition on the application of *R<sub>I</sub>* which is not lexically determined, there are very few gaps in the *+ity* paradigm”, demonstrando que quanto mais geral é a regra, menos imprevisível se torna e mais derivados desencadeia. Assim, de acordo com a perspectiva de Aronoff (1976:43), a maioria das palavras derivadas em *-ity* que apresentam bases adjectivais em *-ous* devem constar do léxico, não por factores semânticos, mas antes por factores de natureza morfofonológica, como ficou demonstrado acima.

Na óptica de Dalton-Puffer (1996:84), *-ity* (ou *-ite*) é assumido como sufixo formador de nomes abstractos deadjectivais. A mesma autora reporta a Marchand

<sup>200</sup> Aronoff (1976:40) salienta que esta sílaba é sempre átona, devido ao processo denominado *Trisyllabic Shortening*, segundo o qual uma vogal longa se torna mais curta ou enfraquece quando é seguida de duas sílabas, e ainda devido ao facto de ser o sufixo *-ity* que se encontra adicionado à forma de base.

<sup>201</sup> Aronoff (1976:40) dá como exemplos *various-variety*, em que a *R<sub>I</sub>* ocorre, e também *curious-curiosity*, em que se dá apenas a supressão do <u>, o que significa que esta regra varia consoante a base adjectival *-ous* em questão.

<sup>202</sup> No entanto, Aronoff (1976:41) mostra que a *R<sub>I</sub>* é passível de ser aplicada caso a vogal da forma de base seja <a> ou <o>, e que tal não é concretizável se a vogal presente for <e>.

<sup>203</sup> Na óptica do autor (Aronoff, 1976:40), o facto de a *R<sub>I</sub>* ser regida lexicalmente interfere com a produtividade de *-ity*, na medida em que “when *R<sub>I</sub>* is governed not by the individual word but by a more general factor, the number of *+ity* derivatives increases markedly, which is to say that the productivity of *+ity* increases”. Isto significa que quanto mais a *R<sub>I</sub>* se rege por motivos de outra ordem que não exclusivamente as propriedades de um dado vocábulo, maior é o número de palavras derivadas terminadas em *-ity* e, consequentemente, mais produtivo se torna este sufixo.

(1969) para se referir à produtividade deste sufixo, a par com *-able*, facto que desencadeou a ocorrência de vocábulos em que ambos os morfemas participam lado a lado (*implacable-implacability*) e que foram tomados de empréstimo à língua latina. No que concerne ao semanticismo que os derivados em *-ity* podem apresentar, Dalton-Puffer (1996:108) atesta que este sufixo tem como glosa ‘estado ou propriedade de ser A[djectivo]’ (*chastete* = *chastity*), sendo esta paráfrase extensível também aos escassos derivados em *-ity* denominais existentes<sup>204</sup> (*virginity* = ‘estado ou propriedade de ser N[ome]’).

#### 1.2.6.4 *-ness*

No *E.D.E.L.* ([1910] 1946), não é possível encontrar nenhuma alusão a este morfema<sup>205</sup>.

No que diz respeito à descrição exibida no *O.A.L.D.* (1948), *-ness* é caracterizado enquanto sufixo presente na formação de derivados nominais, cuja noção primordial é a de ‘qualidade, estado ou carácter de’ (*dryness*; *blindness*).

Por seu turno, o *O.D.E.E.* (1966) classifica o morfema *-ness* como sufixo relacionado com as noções de ‘estado’ ou ‘condição’, e é combinável tanto com adjectivos como com preposições, sendo a sua associação, de acordo com este dicionário, mais recente a pronomes, advérbios e expressões. Segundo a mesma obra, *-ness* provém da forma *-nesse/-nisse* existente em Francês Antigo, ocorrendo na língua inglesa desde o período do Inglês Antigo *-nes(s)/-nis(s)*, e apresenta um semanticismo consistente em palavras como *fastness*, *likeness*, *wilderness* ou *witness*. No *O.D.E.E.* (1966), está igualmente presente o uso deste sufixo em denominações ou títulos de cariz religioso ou monárquico (*Highness* - *Majestade*; *Holiness* - *Santidade*).

No que concerne à análise efectuada por Marchand (1960:271) a respeito do morfema *-ness*, o autor identifica-o como sufixo formador, essencialmente, de

---

<sup>204</sup> Dalton-Puffer (1996:108) menciona também os casos em que o semanticismo de *-ess(e)* adquire um carácter concreto durante o período do Middle English, nomeadamente quando acompanhado por elementos como o artigo definido (“*the enteretee*”...) ou quando pluralizado (*enemytees*).

<sup>205</sup> A única entrada que surge neste dicionário é *ness* e apresenta o significado de “headland”, nada tendo a ver, portanto, com o morfema derivacional *-ness*.



derivados nominais portadores de um semanticismo abstracto<sup>206</sup>. Os derivados apresentam, de acordo com Marchand (1960:271), as ideias de ‘estado’, ‘qualidade’, ‘condição’ e ‘qualidade de’, e não são passíveis de se soldar a formas de base verbais (*cleanness; hardness; evenness; longness*<sup>207</sup>). Na óptica do mesmo autor, *-ness* é ainda associável a adjectivos nativos ou oriundos de outras línguas que não a inglesa, apesar de a grande parte dos derivados existentes em *-ness* apresentar procedência nativa. Marchand (1960:271) frisa que, já a partir do século XIV, era frequente o uso de palavras derivadas em *-ness* oriundas de bases adjectivais da língua francesa (*clearness; gentleness; tenderness*). Marchand (1960:272) destaca a existência de restrições à associação de *-ness* a alguns adjectivos, nomeadamente aos que terminam em *-ate*, *-ant* ou *-ent*, cujos morfemas derivacionais combináveis com estes são, antes, *-acy*, *-ancy* ou *-ency*. As mesmas restrições de selecção para com *-ness* apresentam, segundo o mesmo autor, os adjectivos terminados em *-al*, *-ial*, *-an*, *-ian*, *-ar* e *-able*, que seleccionam *-ity* em detrimento daquele morfema derivacional. Apesar destas limitações, Marchand (1960:272) sustenta que, por vezes, *-ness* entra em concorrência com as terminações adjectivais indicadas anteriormente (cf. pares como *accuracy/accurateness*, por exemplo).

Relativamente à participação de *-ness* na formação de itens lexicais complexos derivados, este autor destaca o uso do mesmo sufixo em palavras cujas formas de base se afiguram como “composite adj[ective]s” (como em *level-headedness*) ou como “participial adj[ective]s” (*drunkenness; devotedness*), sendo igualmente soldável àquilo a que Marchand (1960:272) classifica de “pseudo-adj[ective]s”, sendo usados “only predicatively” (*awareness; aliveness*). Adicionalmente, o autor realça a possibilidade de combinação de *-ness* com numerais (*oneness*), adjectivos comparativos (*betterness; worseness*) e superlativos (*dearestness; nearestness*), pronomes ou adjectivos pronominais (*whereness; selfness*) e ainda expressões do foro predicativo (*up-to-datedness*). Marchand (1960:272-273) refere ainda que, por vezes, *-ness* associa-se a formas de base nominais, como *breadness* (com o significado de “quality of being bread”).

<sup>206</sup> Marchand (1960:273) chama inclusivamente a atenção para o facto de serem raros os vocábulos complexos derivados em *-ness* que apresentam um significado concreto, como é o caso de alguns itens lexicais do Inglês Antigo (por exemplo, *swearthness = black substance*).

<sup>207</sup> Vocábulos estes já existentes em Inglês Antigo, segundo o autor.

Na sua análise a *-ness*, Aronoff (1976:36) postula, no que diz respeito ao semanticismo deste morfema, e dado que esta análise é realizada por comparação com *-ity*, que o significado de *-ness* aquando da sua participação num derivado nominal apresenta uma maior consistência e, por isso, o semanticismo da palavra derivada formada conforme a regra que desencadeou a sua formação será previsível. Na sua obra, Aronoff (1976:38) descreve as paráfrases que *-ness* pode assumir, mas, como já foi visto, apenas especificamente quando associado a bases terminadas em *-ous*. Assim, as glosas afectas a *-ousness* são, de acordo com o mesmo, “the fact that Y is Xous”, “the extent to which Y is Xous” e “the quality or state of being Xous”.

Aronoff (1976:40) salienta que *-ness* se solda a fronteiras de palavra e que, quando adicionado à forma de base, pelo menos em *-ous*, não altera a sua sílaba tónica nem a base sofre processos de alomorfia ou truncamento, mantendo-se assim intacta. Por último, Aronoff (1976:43) alude à produtividade que *-ness* detém, não sendo necessária a intervenção de regras como, por vezes, ocorre relativamente a *-ity*.

Por sua vez, Dalton-Puffer (1996:82) destaca a frequência elevada que *-ness* sempre apresentou na língua inglesa e, particularmente durante o período inicial do Middle English, os derivados em que *-ness* participou eram dotados de uma grande multiplicidade a nível morfológico, provavelmente devido à reformulação que este modelo sofreu, bem como à rivalidade presente por parte de outros sufixos. Dalton-Puffer (1996:82) destaca, assim, a grande rentabilidade deste sufixo, que é passível de se soldar a um número bastante elevado de formas de base, assim como o facto de este não implicar, na maioria dos casos, a ocorrência de modificações de cariz morfofonológico<sup>208</sup>. Dalton-Puffer (1996:82) exceptua os casos de *drunkenness*, *forgiveness* e *witness*, que possuem formas de base verbais. A mesma autora (1996:83) frisa também que *-ness* é passível de se associar tanto a verbos fortes como fracos. A mesma autora (1996:83) realça também que *-ness* se afigura como o primeiro sufixo a ser associado a vocábulos tomados de empréstimo à língua francesa (*turpelnness*), acontecimento este para que a autora aponta como causa a modificação de itens lexicais franceses terminados em *-ess* para palavras derivadas em *-ness* (*largesse*). No que diz respeito ao semanticismo de *-ness*, Dalton-Puffer (1996:84) expõe que a glosa deste sufixo é a de ‘estado ou propriedade de ser A[djectivo]’

---

<sup>208</sup> Dalton-Puffer (1996:83) indica que as alterações morfofonológicas existentes se devem às vogais distintas que pertencem ao Particípio Passado dos verbos fortes, por oposição à forma do Presente.

(*bitterness*; *lightness(e)*). No caso de vocábulos derivados de formas de base compostas por Particípios Passados, esta autora (1996:84) indica que aqueles balançam entre duas noções: a primeira, relacionada com o ‘acto de V’, e a segunda relativa à ideia de ‘estado de estar V, Particípio Passado’ (*druncennesse*). Por fim, Dalton-Puffer (1996:84) faz referência à quebra da rentabilidade do sufixo *-ness* enquanto formador de derivados deverbais, apontando como prováveis causas o semanticismo demasiado genérico que alguns derivados deverbais em *-ness* adquiriram.

Em síntese:

- no que concerne aos morfemas derivacionais sufixais do Português aqui estudados, verificou-se que *-ez/a* se afigura como sufixo formador de substantivos abstractos predominantemente deadjectivais, embora também participe, ainda que raramente, na formação de substantivos denominais, e apresentando como ideias principais ‘qualidade’, ‘condição de’, ‘estado’ e ‘propriedade’ (*solidiez*); dos escassos substantivos denominais que forma, de acordo com o *D.E.H.* (2010), só encontrámos, para além de *meninez* exemplificado por Caetano (2003), *cupidez*, tendo ambos como noção “característico de N”. Procurou-se aferir em que medida *-ez* e *-eza* diferem entre si e, em caso positivo, em que aspectos é que ambos divergem. Assim, pudemos constatar que foi consensual a observação de que *-eza* é um sufixo formador, à semelhança de *-ez*, de nomes abstractos deadjectivais<sup>209</sup>, igualmente relacionados com as noções de ‘qualidade’, ‘condição de’, ‘propriedade’, ‘estado’ e ‘modo de ser’ (*baixeza*; *firmeza*);

- das obras consultadas que forneceram informações etimológicas, foi unânime observar que *-eza* deriva do sufixo latino *-itia* e que, na maioria das pesquisas efectuadas, este morfema afigura-se como um alternante sufixal de *-ez*, aspectos estes que defendemos igualmente nesta dissertação. De facto, não existem, a meu ver, motivos para considerar *-ez* e *-eza* como sufixos diferentes, não só pela origem que apresentam (do Latim *-itie*, *-itia*, respectivamente), como pelas formas de base a que se associam (maioritariamente adjectivais), assim como pelos derivados que formam

---

<sup>209</sup> Exceptua-se o caso do vocábulo *gateza*, (de *gato*+*-eza*), formado a partir de uma forma de base nominal e que, de acordo com Houaiss (2010), consiste num regionalismo do Brasil, indicando a “característica específica de gato”.

(nomes de carácter abstracto), embora, como ficou expresso, o número de ocorrências com *-eza* seja maior face a *-ez*, apesar de ambos terem perdido produtividade na língua portuguesa. Acresce ainda o facto de, por vezes, ocorrerem pares sinónimos de palavras terminadas em *-ez* e em *-eza* (*candidez/candideza*), situação que aproxima ainda mais estes dois morfemas;

- relativamente a *-ês*, constatou-se que este morfema é um sufixo nominal e adjectival, na medida em que participa activamente na formação de substantivos e de adjectivos gentílicos, procedente do sufixo latino análogo *-ense*, e cujas acepções nos remetem para ‘habitante de’, ‘natural de’ e, consequentemente, surge associado às noções de ‘procedência’ e ‘origem’ (*albanês*; *tailandês*);

- quanto ao morfema *-esa*, constatou-se que a esmagadora maioria das obras consultadas apresenta uma descrição muito limitada acerca deste elemento; apenas em *Houaiss* (2003) e no *D.E.H.* (2010) vem referido que se trata do feminino do sufixo *-ês*, e que forma substantivos “pátrios”. Esta situação, juntamente com a análise realizada neste capítulo a respeito deste morfema, leva-nos a considerar *-esa* não como sufixo distinto de *-ês*, mas antes como a forma do feminino desse sufixo, dando-se a ocorrência de *-esa* precisamente nos casos em que um vocábulo derivado adjectival correspondente se encontra no género feminino (*holandesa*; *polonesa*);

- no que concerne à análise efectuada para o morfema *-dade*, alguns autores referiram-se a este elemento na qualidade de formador de substantivos deadjectivais, de teor abstracto e, do ponto de vista semântico, como surgindo predominantemente ligado às noções de ‘qualidade’, ‘propriedade’ e ‘estado’ (*maldade*). Embora se tenha observado que algumas das obras examinadas apontam *-dade* como formador de substantivos denominais, tal não se pode comprovar, na medida em que não foram encontradas palavras derivadas em *-dade*. Concomitantemente, verificou-se que, em algumas das pesquisas realizadas para a descrição deste elemento, os respectivos autores destacam *-dade* como sufixo (cf., Machado, 1952[1967<sup>2</sup>], Novo Aurélio, 1986, *D.E.H.*, 2010, Lacuesta & Gisbert, 1999), enquanto noutros trabalhos não foi possível encontrar informação acerca deste morfema (cf., por exemplo, Vasconcelos (1900) ou Sequeira (1938));

- relativamente a *-idade*, observou-se, através das obras consultadas, que este elemento forma substantivos abstractos deadjectivais, cujas ideias primordiais estão

ligadas a ‘qualidade’, ‘propriedade’ e ‘estado’ (*agressividade*). Neste ponto, estamos de acordo com a posição assumida por Caetano (2003), nomeadamente a de que é *-idade* que se afigura como sufixo, já que os itens lexicais derivados em Português apresentam unicamente *-idade*, sendo que este afixo derivacional não tem alternantes sufixais. A descrição que se encontra em Houaiss (2003), em que é referido que este sufixo concorre com *-ldade*, *-ndade*, *-edade*, *-udade* ou *-edade*, não se me afigura, pois, como estando correcta, uma vez que os vocábulos em que estes elementos figuram constituem heranças lexicais do Latim e não podem ser segmentados em unidades menores, tal como são apresentados nessa obra;

- relativamente aos morfemas derivacionais sufixais do Inglês analisados neste capítulo, observou-se que, em relação a *-ess*, estamos perante um sufixo que integra a formação de dois tipos de derivados: por um lado, *-ess* forma substantivos derivados no feminino, a partir dos nomes equivalentes no género masculino, remetendo-nos para a ideia de ‘pessoas do género feminino’ (*priestess*; *stewardess*); por outro lado, este sufixo formava também substantivos deadjectivais de carácter abstracto (*largess*) e, a meu ver, tendo em conta as pesquisas apuradas, *-ess* encontra-se já obsoleto na formação deste tipo de derivados que detêm as noções de ‘qualidade’ e ‘condição’, não estando disponível para esta espécie de formação, facto comprovável também pela não inclusão, nas obras mais recentes, de *-ess* enquanto formador de derivados deste tipo. Assim, este sufixo é utilizado para formar nomes relativos a pessoas (no feminino), ainda que, actualmente, seja pouco utilizado em Inglês, e poderá ser considerado equiparado à terminação *-esa* em Português, ao passo que, para a formação de nomes em *-ess* relativos às ideias de ‘qualidade’ e ‘condição’, *-ez(a)* será o sufixo equivalente na língua portuguesa;

- quanto a *-ese*, ficou provado que este é um sufixo formador de substantivos deadjectivais e denominais, que sustentam como ideia principal a ‘naturalidade’ (*Portuguese*), podendo, adicionalmente, caracterizar também uma ‘linguagem específica’ (*motherese*). Este sufixo é, tanto pela forma que apresenta como pelo semanticismo que o caracteriza, o morfema derivacional sufixal mais próximo do português *-ês*;

- no que diz respeito ao morfema derivacional sufixal *-ity*, verificou-se que este se afigura como sufixo formador de nomes maioritariamente abstractos deadjectivais (*banality*), cujas noções principais consistem em ‘qualidade’, ‘estado’ e ‘condição’

de', e que, em termos de procedência, é oriundo do sufixo francês análogo *-ité* que, por sua vez, descende do sufixo latino *-itatem*, de *-itas*. Através do estudo deste afixo derivacional, podemos constatar que este tem muitas características em comum com o sufixo português *-idade*;

- por último, observou-se que *-ness* é um sufixo que participa na formação de substantivos maioritariamente abstractos deadjectivais (*happiness*), cujas ideias primordiais assentam em 'qualidade', 'estado', 'condição de' e 'propriedade'. Apesar de Marchand (1960) ter referido o facto de *-ness* não se soldar a formas de base verbais, não posso estar de acordo com esta afirmação, o que pode ser comprovado em Dalton-Puffer (1996), a qual dá o exemplo de vocábulos derivados em *-ness* cujas bases são, precisamente, verbais (*forgiveness*). É igualmente importante mencionar que, no que concerne a este sufixo, Aronoff (1976) e Dalton-Puffer (1996) entram em desacordo relativamente ao semanticismo de *-ness*: Aronoff (1976) destaca a coerência semântica elevada inerente a este sufixo, relacionada esta com as bases a que se associa, enquanto Dalton-Puffer (1996) alude ao semanticismo algo impreciso que *-ness* pode acarretar, referindo-se ainda à existência numerosa de substantivos deverbais terminados em *-ness*, no período do Inglês Antigo. Quanto a esta divergência de opinião, é preciso atentar para o espaço temporal relativo ao trabalho de ambos: a pesquisa de Dalton-Puffer (1996) cinge-se a um período específico, mais precisamente o Middle English, ao passo que Aronoff (1976) se centra no período mais recente da língua inglesa. Deste modo, com o decorrer do tempo, após o período do Middle English, ter-se-á dado uma estabilização do semanticismo que o sufixo *-ness* confere às bases, despoletando um nível de consistência mais elevado.

Após a análise de todos os prefixos e sufixos aqui considerados, e na medida em que esta dissertação tem como objectivo averiguar o desempenho das crianças do primeiro ciclo em actividades relacionadas com a Morfologia Derivacional, torna-se relevante apresentar alguns estudos realizados a respeito da consciência morfológica dos jovens aprendentes, e a sua relação com aquele domínio linguístico, o que farei no capítulo seguinte.

## Capítulo II- A consciência morfológica na aquisição de morfemas derivacionais

Os estudos existentes referentes ao desenvolvimento da consciência morfológica reflectem o carácter aquisicional, por parte das crianças, tanto ao nível da morfologia flexional quanto ao nível da morfologia derivacional.

No que diz respeito à morfologia derivacional, o objectivo das análises efectuadas passa por averiguar a habilidade<sup>210</sup> que as crianças apresentam perante palavras portadoras de afixos (prefixos ou sufixos) ou a decomposição de palavras derivadas. Já para o caso da morfologia flexional, dá-se relevo à habilidade das crianças em lidarem com as flexões nominais de género e número, e também verbais de tempo, modo e aspecto.

Ao longo das últimas décadas, diversos têm sido os autores que têm tentado apresentar uma definição de consciência morfológica. Este foi o caso de (McBride-Chang *et al.*, (2005:417), que descrevem este tipo de consciência como "(...) awareness and access to the meaning and structure of morphemes in relation to words".

Na óptica de Carlisle (1995:194), a consciência morfológica pode ser definida como "(...) children's conscious awareness of the morphemic structure of words and their ability to reflect on and manipulate that structure". Num outro estudo, Carlisle (2000:169-170) complementa a definição dada anteriormente, ao reforçar que a consciência morfológica pode ser encarada como "(...) reading and recognition of the structure of words and recognition of their meanings"; "[it] must have as its basis the ability to parse words and analyze constituent morphemes for the purpose of constructing meaning".

Mota *et al.* (2007: 1) referem também, sucintamente, que este conceito pode ser determinado como "(...) ability to reflect upon the morphemes of the words".

Para McBride-Chang *et al.* (2005: 420-421), a consciência morfológica abrange duas vertentes: por um lado, esta corresponde à identificação de morfemas, indicando que se dá um entendimento acerca dos diferentes significados que elementos idênticos, do ponto de vista fonológico, podem assumir; por outro lado, a consciência

---

<sup>210</sup> Designa-se por 'habilidade', aquilo que para outros é apelidado de 'capacidade', por se achar que o primeiro termo é o mais adequado no âmbito dos estudos sobre a consciência morfológica.

morfológica inclui também a vertente da capacidade de formar novas palavras com novos significados, tendo como ponto de partida o recurso a morfemas já conhecidos e dos quais, portanto, as crianças já têm conhecimento.

Por sua vez, Rosa (2003:1) apresenta a seguinte definição acerca da consciência morfológica:

“A consciência morfológica é uma capacidade metalinguística que pode ser conceptualizada a dois níveis: a nível implícito e a nível explícito. A primeira fonte de consciência morfológica implícita é a linguagem oral. À medida que aumentam as experiências da criança com a linguagem oral e com a leitura e escrita aumenta também a probabilidade de se tornarem mais proficientes no raciocínio explícito, sobre como os significados específicos são transmitidos por diferentes morfemas e como os estímulos linguísticos com morfemas comuns se relacionam uns com os outros.”

Assim, Rosa (2003) sustenta que esta capacidade de manipulação da estrutura interna das palavras pode verificar-se de duas formas: por um lado, de modo implícito, que, segundo o autor, se produz na linguagem oral, e, por outro lado, de modo explícito, que se reflecte sobre a forma como as crianças são capazes de fazer julgamentos acerca do significado que diferentes morfemas podem apresentar. De acordo com Rosa (2003:23), o aumento das experiências a nível da linguagem oral e também da leitura e da escrita aumenta igualmente a possibilidade de maior competência no campo do raciocínio explícito.

Como já foi referido anteriormente no capítulo anterior, como unidade mínima portadora de significado, o morfema, associado a outro ou outros participa na formação de uma palavra complexa (por exemplo, base e afixos – prefixos e/ou sufixos). Por outro lado, a decomposição de uma palavra através dos seus constituintes permite ao falante interpretar o significado de uma palavra que o mesmo ainda não conhece ou que de todo não se encontra atestada na sua língua. Isto significa que os morfemas são unidades linguísticas dotadas de informação semântica, facto que permite a interpretação de uma palavra por parte do falante dessa língua,



que consegue alcançar o significado global através das partes que a constituem, mesmo que nunca se tivesse confrontado anteriormente com esse item lexical.

Deste modo, a consciência morfológica assenta na capacidade, por parte das crianças, de reflectir acerca da linguagem, mais concretamente de reflectir acerca da estrutura interna das palavras e na habilidade de manipular os constituintes dos itens lexicais, por meio da análise e do conhecimento do significado dos morfemas que as formam, incluindo os morfemas que apresentam a mesma estrutura fonológica, embora apresentem significados distintos, bem como da possibilidade de formar novas palavras.

Uma vez definido o conceito de consciência morfológica, torna-se importante averiguar que estudos foram realizados de modo a compreender de que forma e em que altura se dá o desenvolvimento desta consciência, assim como os aspectos que estão relacionados com a mesma, tais como as medidas executadas para ela se desenvolver e as possibilidades de ligação com outras áreas linguísticas.

A generalidade dos estudos efectuados acerca da consciência morfológica preconiza que esta atinge o seu pico de desenvolvimento nos anos iniciais de escolaridade, traduzindo-se esta informação numa faixa etária que vai desde os quatro aos dez anos de idade, e sendo esta considerada a fase em que as crianças iniciam a aquisição de componentes linguísticos mais complexos e em que se centram cada vez mais na informação contida nas palavras para efectuarem uma análise acerca das mesmas, com base nos seus constituintes.

Karmiloff-Smith (1992) desenvolveu um modelo explicativo de redescritção representacional, com o objectivo de decifrar de que forma ocorrem as representações por parte das crianças aquando da passagem ao conhecimento explícito. Para a autora, trata-se de um processo periódico que é efectuado gradualmente, no qual o conhecimento que se encontra implícito no sistema cognitivo se torna explícito, fenómeno este que, primeiramente, tem lugar dentro de um domínio, e que posteriormente opera entre domínios. Tratando-se de um modelo de fases, a redescritção representacional cinge-se a três fases: na primeira, as crianças absorvem a informação que recebem do mundo exterior, adquirindo novas representações e armazenando-as separadamente. Na segunda fase, também considerada metaprocessual, as crianças procedem a uma organização das representações do

conhecimento interno, tentando agregar as dificuldades encontradas que receberam do exterior. Na terceira fase, tanto as representações internas como externas são combinadas, obtendo-se uma harmonia entre as representações internas e a informação do exterior. Por conseguinte, as três fases de redescrição representacional podem ser agrupadas em quatro níveis: o nível implícito, no qual as representações são independentes e os procedimentos são universais; o nível explícito I, que está relacionado com o conhecimento que está contido nesses procedimentos; o nível explícito II, no qual as representações se encontram no sistema cognitivo, mas em que as crianças ainda se encontram em fase de construção de modelos explicativos; por último, o nível explícito III, no qual o conhecimento adquirido pelas crianças é registado ou codificado.

Carlisle (1988) considera que é no primeiro ano de escolaridade que se dá a transição entre o conhecimento implícito e o conhecimento explícito da estrutura interna das palavras.

Gombert (1992) propõe, a esse propósito, quatro etapas relativas ao desenvolvimento da consciência morfológica. A primeira passa pelo conhecimento implícito das regras relativas aos constituintes morfológicos, numa fase em que ainda não existe uma consciência explícita dos mecanismos pelos quais a língua se rege. Na segunda etapa, os falantes encontram-se já capazes de controlar a estrutura global da sua língua, com base no conhecimento que estas possuem do mundo ou do contexto em que se inserem essas unidades linguísticas. Na terceira etapa, está presente já a habilidade de reconhecer e controlar as regras inerentes às unidades linguísticas pertencentes à língua do falante. Na última etapa, os falantes apresentam-se já capazes de fazer apreciações acerca do conhecimento que adquiriram relativamente às regras afectas aos morfemas ou acerca da sua execução em actividades de carácter morfológico.

Adicionalmente, Carlisle (1995) destaca que a investigação focada desde o conhecimento implícito ao explícito por parte das crianças pode revelar-se eficiente na descoberta acerca da forma de prosperação da consciência morfológica nas áreas da leitura e da escrita. Através do seu estudo, a autora concluiu que, nos anos iniciais de escolaridade, já existe uma relação entre a consciência morfológica e a leitura.

Barbosa (2013:37) salienta ainda, a respeito dos conhecimentos implícito e explícito, que o primeiro consiste na “manipulação da linguagem (...) sob a forma de compreensão e produção não conscientemente controlada”<sup>211</sup>, aspecto este que vai sendo progressivamente desenvolvido até ao alcance do conhecimento explícito, segundo o qual a mesma autora refere que as crianças já possuem capacidades para manipular, de modo consciente, os aspectos morfológicos das palavras que fazem parte da sua língua, e que esta capacidade corresponde ao reflexo do ensino igualmente explícito.

Barrera (2000) defende que, previamente ao ensino escolar explícito da linguagem, as crianças apresentam já um conhecimento implícito que lhes permite compreender e produzir alguns enunciados de forma inconsciente.

Paula (2007), num estudo elaborado com crianças do 1.º, 3.º, 5.º e 7.º anos de escolaridade, verificou que, já no 1.º ano, as crianças possuem um conhecimento implícito acerca da morfologia derivacional, mais concretamente acerca de sufixos, ao passo que as crianças dos outros anos se encontram num escalão mais elevado de conhecimento explícito, particularmente em relação a prefixos.

Cardoso, Leandro e Paula (2008) referem que o conhecimento acerca da morfologia da língua já está patente desde o 1.º ano, e que no 3.º ano existe também uma percepção da morfologia derivacional, onde se verifica um desempenho mais eficaz em tarefas desse género, possivelmente devido ao ensino explícito desse domínio.

Nesta dissertação, defendemos que o conhecimento implícito consiste na manipulação da linguagem, através do seu entendimento e da produção, mais concretamente através da linguagem oral, até que esse conhecimento se torne explícito, por meio da intervenção do seu desenvolvimento pelo ensino, nas escolas, aquando do início da escolarização. Esta fase coincide também com o começo da intervenção de outras vertentes da linguagem para além da oralidade, tais como a leitura e a escrita.

---

<sup>211</sup> Citado de Gombert (2003:19).

## **2.1- Idade de início da aquisição da consciência morfológica**

O estudo presente nesta dissertação foi aplicado a estudantes do 3.º ano do ensino básico, com as idades das crianças a rondar os 8 e os 10 anos. A escolha desta faixa etária é justificada com as investigações elaboradas por alguns autores a este propósito, e que constataram que esta é a fase em que a consciência morfológica, aliada à morfologia derivacional, começa a ser adquirida de forma mais explícita, como seguidamente se pode observar.

Henderson (1985) sublinha que a morfologia derivacional só começa a ser utilizada a partir do 3.º ano, precisamente na altura em que desempenha um papel preponderante na ortografia e em que contribui expressivamente para o desenvolvimento do vocabulário.

Fowler & Liberman (1994) seleccionaram, para a sua investigação, crianças entre os 7 e os 9 anos de idade, na medida em que defendem que, nessa fases, tais alunos apresentam já um conhecimento da morfologia derivacional (e flexional), ainda que implícito.

Carlisle (2000) efectuou uma pesquisa que implicou a intervenção de alunos do 3.º ano, por ser esperado que, nesse ano, as crianças apresentassem já uma consciência, ainda que reduzida, acerca do semanticismo dos morfemas de determinadas palavras, bem como uma capacidade de decomposição de palavras derivadas transparentes.

Singson, Mahony & Mann (2000) destacam a sensibilidade que as crianças americanas, a partir do 3.º ano, possuem em relação aos morfemas da sua língua.

Paula (2007) atenta para a existência de estudos efectuados para as línguas francesa, inglesa e espanhola, e que comprovam que já existe uma consciência morfológica nos anos iniciais de aquisição da ortografia.

Gombert (2003) reforça que, desde os anos iniciais de escolaridade, as crianças francesas já efectuam o processamento da morfologia derivacional.

Na medida em que, na presente dissertação, nos debruçamos sobre aspetos relacionados com a morfologia derivacional, importa agora apresentar uma breve panorâmica sobre os estudos que têm sido desenvolvidos recentemente acerca deste tema, e da sua relação com a consciência morfológica. Além disso, uma vez que as poucas investigações existentes que tratam de aspectos desta natureza incidem

sobretudo nas áreas da leitura e da escrita, não poderia deixar de mencionar aqui algumas das pesquisas que abrangem tais domínios.

## **2.2- Estudos sobre consciência morfológica na área da morfologia derivacional**

No seu estudo sobre consciência morfológica e aquisição da leitura, Carlisle (1994) sustenta que a consciência morfológica se desenvolve nos anos iniciais de escolaridade, já que outros estudos demonstraram que as crianças em idade pré-escolar ainda apresentam dificuldades em actividades que envolvam esta componente, o que reforça a teoria de que não existe, nesta fase, um conhecimento explícito acerca da estrutura interna das palavras. Para esta autora, o sucesso nas tarefas de produção morfológica, nomeadamente nas actividades de derivação, é indicador de que se dá o desenvolvimento da compreensão da leitura, e que para a aquisição tanto da componente da leitura como da escrita é importante que as crianças passem do conhecimento implícito para o conhecimento explícito, já que estas são áreas que requerem ensino explícito. Além disso, as actividades de produção de palavras derivadas apresentam também uma relação com a leitura porque, de acordo com a autora, estas produções implicam o entendimento de ligações de carácter fonológico, sintáctico e semântico, ao mesmo tempo que o sucesso na leitura faz com que as crianças possuam um vocabulário cada vez mais extenso. Carlisle (1994) destaca ainda a relevância da linguagem escrita para o aperfeiçoamento da consciência morfológica, fazendo alusão ao trabalho de Rubin, Patterson & Kantor (1991), que concluíram que existe uma correlação entre a habilidade de análise e manipulação da estrutura interna das palavras e o rigor com que as crianças reproduzem as palavras morfológicamente complexas na escrita.

Além disso, Carlisle (1994) defende que as palavras morfológicamente complexas dotadas de pouca transparência semântica ou que envolvam alterações de teor fonológico são adquiridas tardiamente, por volta do 3.º ano de escolaridade, em relação às palavras morfológicamente complexas que apresentam transparência semântica.

Numa outra investigação, Carlisle (2000) tentou descodificar se os estudantes do 3.º e 5.º anos seriam capazes de, após a leitura, identificar a estrutura interna de

palavras morfológicamente complexas e, a partir daí, inferir acerca do significado das mesmas. Neste estudo, as crianças foram submetidas aos testes de leitura de palavras, de compreensão da leitura, de estrutura morfológica (derivação e decomposição) e de conhecimento absoluto de vocabulário. Os resultados indicaram que, em ambos os anos de escolaridade, existiu um contributo da consciência morfológica na capacidade de fazer julgamentos acerca de palavras morfológicamente complexas e, por isso, na compreensão da leitura. No que diz respeito às tarefas de estrutura morfológica, Carlisle (2000) observou que, em ambos os anos de escolaridade em estudo, houve um desempenho maior nas tarefas de decomposição em detrimento da derivação, e também nas que envolveram palavras transparentes face a itens lexicais portadores de alterações (fonológicas e/ou ortográficas). Na actividade de interpretação/definição de palavras morfológicamente complexas, verificou-se um maior contributo da derivação. Quanto ao desempenho destes estudantes nas tarefas relacionadas com a leitura, Carlisle (2000) verificou que as crianças leram as palavras transparentes com frequência mais elevada de modo mais preciso do que as palavras transparentes dotadas de baixa frequência. Uma vez mais, constatou-se que, em ambos os anos de escolaridade, os estudantes tiveram um desempenho inferior com palavras que apresentavam alterações, em detrimento das palavras transparentes e que, embora a consciência morfológica se apresente menos desenvolvida no 3.º ano do que no 5.º, como de resto seria esperado, ela contribuiu significativamente para a concretização da leitura.

Posteriormente, Carlisle (2004) atestou que o conhecimento dos aspectos morfológicos de uma língua pode influenciar a compreensão da leitura, à medida que os falantes vão apresentando uma maior percepção acerca das palavras, bem como dos seus significados e inserção em enunciados. Não esquecendo o papel importante desempenhado pela fonologia quanto à representação dos morfemas, Carlisle (2004) sustenta que a consciência morfológica não se afigura como produto consequente da consciência fonológica, embora esta seja um dos factores para aquisição da escrita.

Deacon & Kirby (2004) esboçaram uma comparação entre agentes morfológicos e fonológicos na leitura de palavras isoladas, de pseudopalavras e na compreensão da leitura. Os resultados demonstraram que houve uma participação significativa da consciência morfológica tanto na leitura de pseudopalavras como na compreensão da leitura.

Singson, Mahony & Mann (2000) averiguaram a relação entre a consciência morfológica e a capacidade de leitura, comprovando esta ligação através dos sufixos derivacionais. O ponto de partida da investigação destes autores consistiu no facto de haver estudos que referem que as crianças norte-americanas do 3.º ao 6.º anos revelam alguma sensibilidade face aos morfemas da sua língua. No primeiro estudo experimental, os autores submeteram estes estudantes a testes de sufixos derivacionais, nos quais os alunos tinham de seleccionar as formas derivacionais que considerassem que se adequavam melhor em determinadas frases, e a testes de leitura de palavras isoladas. Os resultados obtidos revelaram que, de entre os anos em avaliação, os 3.ºs anos registaram os resultados mais baixos face aos restantes anos de escolaridade, e que, à medida que se passa de ano, aumenta igualmente o grau de sensibilidade morfológica dos estudantes, comprovável através dos resultados positivos atingidos nos testes de leitura. No segundo estudo experimental, Singson, Mahony & Mann (2000) submeteram estudantes dos mesmos níveis de escolaridade acima mencionados a tarefas direccionadas à medição da consciência morfológica, nomeadamente actividades de juízos de gramaticalidade em frases onde estavam incluídas palavras e pseudopalavras detentoras de sufixos derivacionais. Os resultados alcançados mostraram que os alunos dos anos mais avançados de escolaridade desempenharam melhor as tarefas propostas, e também que os estudantes, na globalidade, apresentaram um desempenho melhor com palavras derivadas existentes do que com pseudopalavras derivadas. Com este estudo experimental, Singson, Mahony & Mann (2000) concluíram ainda que as actividades relacionadas com os sufixos derivacionais realizadas pelos estudantes apresentam uma correlação com a leitura, e que a precisão nesta área aumentou à medida que o ano de escolaridade avançava, e também com a ortografia, na medida em que o conhecimento dos morfemas derivacionais permite que a ortografia da língua seja decifrada eficazmente. Através destas pesquisas, os autores constataram assim que a consciência morfológica contribui para o desempenho da leitura, e que esta apresenta uma correlação significativa com a consciência fonológica, mais visível no 3.º ano, facto que vai ao encontro daquilo que tinha já sido preconizado por Shankweiler *et al.* (1995).

Fowler & Liberman (1994) examinaram o desempenho das componentes fonológica e ortográfica na consciência morfológica através da realização de um estudo experimental em crianças com idades compreendidas entre os sete e os nove

anos, e para o qual foi realizada uma tarefa de produção morfológica, com a inclusão de sufixos derivacionais existentes em inglês e formas de base com e sem alterações fonológicas e/ou ortográficas. Os resultados alcançados revelaram que as crianças que lêem pior foram as que registaram mais dificuldades perante palavras fonologicamente complexas, e que este tipo de leitores vê comprometida a sua consciência morfológica em detrimento dos bons leitores. Por outro lado, as autoras verificaram que existe uma relação significativa entre a consciência morfológica e a leitura e o conhecimento do vocabulário, factos demonstrados através dos resultados obtidos nos testes a que as crianças foram submetidas. Adicionalmente, ficou demonstrado que a ortografia afigura-se como um instrumento eficaz nos aspectos relacionados com a morfologia derivacional.

Leong (2000) propôs-se verificar o papel da consciência morfológica na leitura e na ortografia das crianças dos 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade. O primeiro estudo envolveu a realização de um teste de conhecimento de vocabulário constituído por palavras derivadas inseridas em frases, e os resultados revelaram que os alunos que demonstraram menos rapidez e precisão na tarefa também tiveram, na generalidade, um desempenho mais baixo no teste de ortografia. Este resultado sugere que a representação da ortografia influencia o processamento morfológico, na medida em que, segundo Leong (2000), esse processamento rápido e preciso advém da ortografia. No segundo estudo, o autor avaliou o conhecimento de estudantes dos mesmos anos de escolaridade quanto à produção de palavras derivadas inseridas em frases, com vista a averiguar se os alunos seriam capazes de produzir essas palavras em frases em que estão presentes, como *priming*, as formas de base análogas. Os resultados atingidos mostraram que as palavras complexas tanto ortográfica como fonologicamente influenciam o desempenho da ortografia, mesmo apesar de se ter verificado que esta área também influencia o processamento morfológico. Além disso, Leong (2000) concluiu que os alunos apresentaram um desempenho melhor na produção de palavras derivadas que requeriam menor complexidade.

Rosa (2003) investigou a relação existente entre a consciência morfológica e a escrita na língua portuguesa, mais especificamente nos casos em que não existe uma correspondência entre o som das letras e a sua escrita, e em que sufixos homófonos apresentam uma dupla ortografia. No primeiro estudo transversal, com estudantes do 1.º ao 4.º ano, Rosa (2003) utilizou, na actividade de escrita com *priming*



morfológico, palavras com baixa frequência. Verificou-se que só no 3.º ano o *priming* teve influência significativa na escrita de palavras existentes, e que, no 4.º ano, houve influência tanto na escrita de palavras como de pseudopalavras. Estes dados sugerem que o *priming* morfológico pode ser eficaz para as crianças, já que lhes permite terem informação de carácter morfológico no domínio da escrita. No segundo estudo, longitudinal, o autor procurou descodificar se existia uma relação entre a consciência morfológica e a escrita de formas de base. A consciência morfológica foi medida através da aplicação de actividades de analogia de palavras e de frases, bem como de interpretação de pseudopalavras. Os resultados indicaram que essa relação é significativa, ainda que apenas em algumas áreas de escrita, devido à ortografia dessas palavras e ao tipo de estímulos utilizados. No terceiro estudo, de cariz longitudinal, Rosa (2003) pretendeu averiguar a relação existente entre a consciência morfológica e a consistência na escrita de radicais, aplicando tarefas de analogia de palavras, frases, interpretação de pseudopalavras e teste de escrita a crianças do 1.º ao 4.º ano de escolaridade. Os resultados obtidos confirmaram a existência de uma relação estreita e significativa entre a consciência morfológica e a consistência na ortografia de radicais. No quarto e quinto estudos, o autor procurou averiguar o tipo de relação existente entre a consciência morfológica e a discriminação na escrita de palavras e pseudopalavras terminadas em sufixos homófonos. Os resultados revelaram que os alunos mais novos são propensos a utilizar uma só grafia para os dois sufixos ortográfica e semanticamente distintos. No último estudo presente em Rosa (2003), o autor observou determinada ortografia de alunos do 5.º, 7.º e 9.º anos, bem como a de adultos professores, de onde concluiu que a ortografia de radicais só ganha consistência no 9.º ano, que a escrita de sufixos homófonos se afigurou bastante complexa, até mesmo para os intervenientes mais velhos, e ainda que os conhecimentos verificados através da escrita de palavras não foram transpostos para a ortografia de pseudopalavras.

McBride-Chang *et al.* (2005), por seu turno, pretenderam avaliar o papel da consciência morfológica na aquisição do vocabulário, por parte das crianças, em inglês. Para tal, desencadearam um estudo experimental com crianças que frequentavam jardins de infância, entre os 5 e os 7 anos e alunos do 2.º ano, entre os 7 e os 9 anos, a quem administraram tarefas de conhecimento de vocabulário, identificação de palavras, avaliação da descodificação de fonemas, testes de elisão de

fonemas, nomeação de imagens ou dígitos e testes de repetição de pseudopalavras. Os resultados demonstraram, para além de uma maior eficácia dos alunos do 2.º ano em todas as actividades administradas, como seria esperado, que as tarefas relacionadas com a consciência morfológica influenciam significativamente o conhecimento que as crianças possuem acerca do vocabulário da sua língua, e que tal consciência actua de modo independente do processamento fonológico nesse campo. Os resultados indicam também que, quanto maior a aquisição de vocabulário, maior é a facilidade com que a estrutura interna das palavras é manipulada, o que, por conseguinte, leva a que as crianças entendam melhor novas palavras constituídas por esses morfemas.

Nunes & Bryant (2006), por seu turno, levaram a cabo um estudo longitudinal efectuado por crianças estudantes do 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos, e com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, onde pretenderam avaliar o uso de critérios morfológicos na escrita de verbos ingleses regulares e irregulares no Passado. Os resultados obtidos demonstram que as crianças apresentam dificuldades também na escrita de morfemas com grafias convencionais (por exemplo, *-ed* para o passado de verbos regulares), já que nem sempre existe uma relação unilateral entre o som dos grafemas e a escrita dos mesmos. Num outro estudo, com crianças entre os 7 e os 10 anos, Nunes & Bryant (2006) propuseram-se verificar se as crianças compreendem a existência de alguns sufixos que não apresentam correspondência entre a grafia e o som, através da escrita de palavras com esses morfemas. Estes autores constataram que, mesmo nos anos mais avançados de escolaridade, as crianças não apresentavam o domínio ortográfico total de nenhum desses morfemas derivacionais em análise.

No que diz respeito ao ensino explícito de regras morfológicas, alguns autores defendem que este tipo de ensino traz benefícios às crianças no período de desenvolvimento da sua consciência morfológica.

Mota, Aníbal & Lima (2008) averiguaram a possibilidade de existência de uma relação entre a consciência morfológica e a aprendizagem da leitura e ortografia em crianças do 1.º e 2.º anos de escolaridade, concluindo que os estudantes que apresentam melhor desempenho nos aspectos morfológicos da sua língua apresentam maior aptidão na escrita. Os autores destacaram ainda o papel preponderante da morfologia derivacional na aquisição da leitura e da escrita.

Pires (2010), observou que os estudantes que receberam um ensino explícito acerca dos morfemas obtiveram um melhor desempenho na ortografia de morfemas homófonos, face aos alunos que não receberam esse ensino.

Arranhado (2010), por seu turno, analisou em que medida a instrução de regras morfológicas ou fonológicas influencia a correcção da ortografia de palavras com sufixos homófonos, aplicando diversos testes a crianças do 3.º e 4.º anos de escolaridade, e que envolveram actividades de consciência morfológica e fonológica. Os resultados alcançados revelaram que, quando é fornecida uma instrução específica sobre o modo de discriminação da escrita dos morfemas, as crianças são capazes de diferenciar essa escrita.

Machado (2011) investigou o impacto da explicitação de princípios morfológicos a crianças do 2.º ano na ortografia de palavras derivadas portadoras de alterações fonológicas no radical, face às que não usufruíram dessa explicitação. O autor constatou que existe uma relação significativa entre a ortografia dessas palavras e o ensino das regras morfológicas.

#### **Em síntese:**

- a consciência morfológica consiste na capacidade que as crianças possuem de fazer considerações acerca da estrutura interna das palavras que constituem a língua, apresentando um conhecimento acerca das partes que formam essas palavras, assim como a capacidade que as crianças apresentam de formar novos derivados;

- os estudos acima mencionados apontam para que o conhecimento implícito se inicia antes do início da escolaridade, e que no 3.º ano existe já algum conhecimento explícito acerca dos aspectos relacionados com a morfologia derivacional, facto comprovado através do desempenho das crianças em certas actividades morfológicas, e que aumenta aquando do ensino explícito dessa área;

- os estudos referidos indicam ainda que a consciência morfológica influencia diversas vertentes, tais como:

- a) desenvolvimento e compreensão da leitura
- b) desenvolvimento da escrita
- c) compreensão de palavras morfológicamente complexas

#### d) enriquecimento do vocabulário

- existe uma necessidade de ensino explícito acerca da morfologia derivacional, pois este traz um contributo positivo às crianças para o desenvolvimento da sua consciência morfológica e, por conseguinte, para eliminar alguns obstáculos presentes em tarefas de carácter morfológico.

O estudo que se segue nesta dissertação emerge da necessidade de verificar que tipo de conhecimento as crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico possuem acerca de alguns morfemas derivacionais da sua língua materna, mais especificamente alunos do 3.º ano de escolaridade, apurando também se estes apresentam já uma consciência morfológica que lhes permita saberem fazer determinadas escolhas perante várias actividades morfológicas. Em particular, este estudo experimental apresenta como objectivos:

- averiguar de que forma as crianças adquirem o conhecimento de determinados morfemas derivacionais na L1 e na L2;

- de que modo estes participantes formam itens lexicais derivados, portadores dos afixos derivacionais em estudo, e de que modo os segmentam das respectivas formas de base às quais estão alocados;

- investigar a capacidade que estas crianças apresentam para efectuarem as suas construções morfológicas, com base nas actividades solicitadas;

- examinar que tipo de conhecimento os participantes têm acerca da morfologia derivacional da língua inglesa;

- verificar se a L1 influencia, positiva e/ou negativamente, a aquisição da L2;

- averiguar se se encontraram diferenças significativas, em relação às tarefas propostas às crianças, em função das seguintes variáveis independentes:

a) apoio sócio-económico (ASE);

b) apoios pedagógicos;

c) nacionalidade dos pais e das mães dos participantes;

d) habilitações académicas dos pais e das mães dos intervenientes.

### **Capítulo III- Avaliação de conhecimentos e do desenvolvimento da Morfologia Derivacional: estudo empírico**

Alguns estudos sugerem que, nos anos iniciais de escolaridade, as crianças já fazem inferências acerca da estrutura interna das palavras, conseguindo já efectuar algumas tarefas de carácter morfológico. Além disso, vários autores, através dos seus estudos, apuraram que as crianças conseguem realizar actividades morfológicas com mais sucesso do que outras.

No entanto, não existem muitos estudos acerca do processamento morfológico de palavras complexas portadoras de afixos derivacionais por parte dos jovens aprendentes, processo esse que ainda se encontra em fase de aquisição. Mais concretamente, tanto quanto julgamos saber, não existe nenhum estudo em Português Europeu que mostre explicitamente de que forma é efectuado o processamento morfológico de palavras derivadas enquanto as crianças executam actividades associadas a esse processamento. Adicionalmente, de entre os escassos estudos existentes em Português Europeu que abordam a aquisição da morfologia derivacional, nenhum nos dá indicadores acerca do contributo de outras áreas para o seu desenvolvimento, como a Fonologia ou a Semântica, ou, inclusivamente, se estas áreas estão directamente ligadas à Morfologia aquando da sua aquisição e desenvolvimento.

No que diz respeito à componente da língua inglesa incluída nesta dissertação, sabemos que não existe nenhuma investigação, em Português Europeu, que faça referência à relação existente entre a morfologia derivacional e a aprendizagem da língua inglesa nas escolas primárias portuguesas, tema este que tentamos aqui aprofundar. Por estes motivos, foi elaborado um estudo de caso, descritivo mas também quantitativo, que resultou na aplicação de diversas actividades morfológicas e nas quais foram utilizados os morfemas derivacionais *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness*. Tanto quanto julgamos saber, foi a primeira vez que estas actividades foram aplicadas a respeito da morfologia derivacional por parte de estudantes dos primeiro ciclo do ensino básico. Por outro lado, pretendemos igualmente apurar em que etapa de desenvolvimento da aquisição da morfologia se encontram estes participantes, através

da realização de actividades relacionadas com esta área e em que estão envolvidos alguns afixos derivacionais.

Resumindo, este capítulo tem como objectivo aferir acerca do papel da consciência morfológica nas actividades que foram efectuadas pelos participantes, crianças do 3.º ano do ensino básico, e particularmente relacionadas com a morfologia derivacional. Mais especificamente, neste ponto pretendemos examinar quais foram os resultados obtidos nas diversas tarefas morfológicas aplicadas, em função de variáveis como os apoios pedagógicos, o apoio socio-económico, a nacionalidade dos pais dos participantes e as suas habilitações académicas.

### **3.1- Participantes**

Participaram no presente estudo 83 crianças, distribuídas por cinco turmas do 3.º ano do primeiro ciclo do ensino básico:

- na turma 1, de 25 alunos, obtivemos 22 autorizações, todas positivas;
- na turma 2, de 20 alunos, extraíram-se 14 autorizações positivas;
- na turma 3, de 25 alunos, obtiveram-se 19 autorizações, todas positivas. No entanto, três alunos foram excluídos devido ao facto de não conseguirem dar nenhuma resposta face às actividades que foram solicitadas;
- na turma 4, composta por 25 alunos, obtivemos 14 autorizações positivas, mas uma delas foi excluída por impossibilidade de realização das tarefas por parte da criança, face ao pedido estipulado pelo encarregado de educação;
- na turma 5, de 25 alunos, houve 14 autorizações, 12 positivas e duas negativas.

Desta forma, contabilizou-se assim um total de 77 participantes. As crianças eram oriundas de uma escola primária pública na área da grande Lisboa, e o estudo decorreu entre Abril e Junho de 2013.

### **3.2- Materiais e procedimentos**

Para a elaboração dos testes a aplicar aos alunos do primeiro ciclo do ensino básico, tornou-se necessário efectuar uma leitura de alguma literatura mais recente, onde os vários autores demonstram o modo como aplicaram tarefas morfológicas a

crianças dentro da mesma faixa etária e noutros anos de escolaridade. Para a selecção do tipo de testes a realizar, apurei minuciosamente o tipo de tarefas que os investigadores utilizaram, bem como os objectivos por eles traçados aquando da sua realização.

Na medida em que, após a leitura acerca desta matéria, foram diversas as tarefas encontradas que foram solicitadas por cada investigador ao seu público-alvo, optei por criar uma bateria diversificada de testes de carácter morfológico, para ser efectuada, nuns casos, oralmente e, noutros, por escrito, adaptada dos trabalhos efectuados pelos investigadores através da literatura com a qual me confrontei.

Devido ao facto de estes participantes se encontrarem num estágio inicial em termos de aquisição e desenvolvimento de língua estrangeira, o grau de dificuldade das actividades administradas teve de ser menos complexo, o que fez com que houvesse uma redução do número de actividades, por comparação com as tarefas que foram desenhadas para o Português.

Assim, para o teste de estrutura morfológica (derivação e decomposição), recorri ao trabalho já realizado por Carlisle (1988, 1995, 2000), Carlisle & Nomanbhoy (1993) e Rosa (2003). No teste de estrutura morfológica - derivação, é solicitado à criança que, na derivação, escolha a palavra complexa derivada correcta para figurar numa determinada frase, com base no contexto da mesma e a partir de uma palavra que lhe é fornecida antes do início da frase. Desta forma, foi dito às crianças o seguinte:

*“Nesta actividade, preciso de palavras que sejam da mesma família daquelas que estão entre parêntesis. Elas servem de pista para te ajudar a descobrir qual é a palavra certa que encaixa em cada uma destas frases que estão à tua frente. Eu vou ler e tu podes ver. Diz-me qual é que achas que é a palavra da mesma família de (...) e que fica bem nesta frase.”*

Exemplo: 1- (não culpei) Eu \_\_\_\_\_ o João pelo que ele disse. (desculpei)

Na decomposição, é esperado que a criança “retire” um afixo (no teste realizado por mim, um prefixo ou sufixo) à palavra que lhe é inicialmente apresentada, de modo a que esta seja correctamente colocada numa dada frase, tendo em conta o enunciado apresentado. A seguinte explicação foi fornecida às crianças:

*“Nesta tarefa, preciso que tu retires um pedacinho de cada uma das palavras que estão entre parêntesis e que te vão ajudar a escolher a palavra certa para entrar em cada uma destas frases, que eu vou ler e que tu podes ver. Então, em (...), qual é que achas que é a palavra certa para esta frase?”*

Exemplo: 1- (despentear) Depois do banho, a Inês teve de se \_\_\_\_\_ (pentear).

No que concerne à tarefa em que se procurava apurar a produtividade morfológica, trata-se de uma adaptação do trabalho desenvolvido por Berko (1958), e adaptada também por Nunes *et al.* (1997) que, de entre outras tarefas, solicitou que as crianças completassem frases com o uso de pseudo-palavras no plural, sendo-lhes fornecidos determinados enunciados como ponto de partida. No meu teste, incidi sobre a escrita de antónimos, tarefa esta que só foi passível de ser aplicada no caso do prefixo *des-* em Português, já que este tem como noção muito geral “acção contrária a X”. A explicação dada aos participantes foi a seguinte:

*“Nesta actividade, vou pedir para escreveres o contrário de cada uma destas palavras que vês aqui, se souberes. Sabes qual é o contrário de (...)? Então, como escreverias essa palavra?”*

Por exemplo, para a palavra “aparecer” qual seria o contrário?

Na tarefa de segmentação de prefixos e não-prefixos, bem como na de sufixos e não-sufixos, baseei-me no trabalho desempenhado por Casalis & Louis-Alexandre (2000), que elaboraram uma tarefa de segmentação de pseudo-palavras, com vista a que o público-alvo a que a mesma se dirigia conseguisse segmentar correctamente os afixos incluídos nessas pseudo-palavras. No caso dos testes presentes nesta dissertação, a tarefa de segmentação de prefixos e não prefixos e de sufixos e não-sufixos consistiu na listagem de alguns itens lexicais, existentes em Português e em Inglês, em que entrassem os morfemas derivacionais seleccionados para os testes em certas palavras, não só na qualidade de afixos, mas também como não afixos, ou seja, como meros elementos que estão presentes num determinado vocábulo. Esta prova teve como objectivo examinar se as crianças conseguem distinguir os casos em que



*des-*, *-ez/-eza*, *-ês/-esa*, e *-idade* apresentam ou não o estatuto de afixos derivacionais. A explicação para esta tarefa foi a seguinte:

*“Nesta tarefa, preciso que me expliques, se souberes, o significado destas palavras e que me digas se e como as consegues tornar mais pequenas. Numas vezes, isso é possível, noutras vezes não é. Consegues explicar-me o que quer dizer esta palavra? Consegues tornar essa palavras mais pequena? É possível?”*

Exemplo:

Desacordo

Despachar

Relativamente à tarefa de relacionamento morfológico, adaptámos esta tarefa de Carlisle (1988, 1995); Carlisle & Nomanbhoy (1993) e Mahony, Singson & Mann (2000), que elaboraram determinados pares de palavras, com vista a que as crianças se pronunciassem acerca do relacionamento morfológico que cada par vocabular pudesse ter ou não. Assim, no nosso teste de relacionamento morfológico – pares de palavras, são apresentadas, aos jovens estudantes, pares que consistem ora em palavras primitivas e/ou palavras derivadas, em que entram os afixos derivacionais em estudo, ora em itens lexicais não relacionados entre si, mas muito semelhantes em termos ortográficos. Para esta actividade, foi fornecida a seguinte instrução:

*“Nesta actividade, apenas tens de responder ‘sim’ ou ‘não’. Se achares que cada par de palavras pertence à mesma família, respondes ‘sim’; se achares que não pertence, respondes ‘não’. Achas que estas duas palavras pertencem à mesma família?”*

Exemplo:

Tapar/destapar

Mobbed/Demobbed

Por sua vez, a tarefa de identificação do morfema-base foi adaptada dos trabalhos desenvolvidos por Casalis, Cole & Sopo (2004) e Rubin (1988). Nesta prova, é

esperado que as crianças identifiquem a forma de base que está presente em determinados vocábulos que contêm os prefixos e sufixos seleccionados nesta dissertação. A explicação dada às crianças foi esta:

*“Todas estas palavras que aqui vês escondem uma palavra mais pequena. Qual é que achas que é a palavra mais pequena que está escondida aqui?”*

Exemplo:

Qual a palavra escondida em:

Desligar

Declassification

Por último, quanto à actividade de tradução, contemplada apenas no teste relativo à língua inglesa, nenhum estudo serviu de base para a constituição desta prova, que consistiu somente na tradução, para a língua portuguesa, das palavras elencadas em que participam os morfemas derivacionais ingleses em estudo. A instrução dada aos participantes foi a seguinte:

*“Esta palavra que aqui vês faz lembrar-te alguma palavra que conheças em Português? Ou sabes o que quer dizer? Se sim, o quê?”*

Exemplo: Deconstruction

Todos os testes foram apresentados às crianças em suporte escrito, e as folhas estavam apontadas para elas, de modo a que pudessem ler todas as tarefas solicitadas.

Em todos os testes aplicados aos participantes foram elegidas palavras de frequência elevada e baixa, e ainda vocábulos transparentes e portadores de alterações ortográficas, fonológicas e/ou fonéticas, e que não foram controlados estatisticamente.

Ainda a respeito dos itens lexicais que figuram nos testes morfológicos a aplicar aos alunos do primeiro ciclo do ensino básico, recorri a dois *corpora*: um para as palavras do Português e o outro para os vocábulos da língua inglesa. No caso do primeiro, servi-me do *Corpus do Português*, de Davies & Ferreira (2006), enquanto para o segundo utilizei o *BYU-BNC: British National Corpus* (2004). Paralelamente ao uso destas duas ferramentas, consultei também o *D.E.H.* (2010) e o *The Chambers*

*Dictionary* (2011<sup>12</sup>), para garantir que os vocábulos apresentados são existentes tanto na língua portuguesa como na língua inglesa. Nos testes em Português e em Inglês, tentei repetir o menos possível um dado vocábulo que já tivesse sido utilizado numa dada tarefa, optando, por isso, por apresentar um número de palavras o mais diferenciado possível relativamente a cada tarefa esboçada para cada um dos afixos derivacionais seleccionados. Houve casos em que as palavras presentes nos testes não tiveram formação em Português ou em Inglês, na medida em que não foi possível obter, simultaneamente, palavras com frequência elevada ou com frequência baixa e com formação numa dessas línguas (como é o caso mais evidente relativamente a *-idade*, em Português, por exemplo). Quanto a este aspecto, a frequência foi considerada tendo em conta o número de vezes que um determinado item lexical surgiu em cada corpus, classificando cada vocábulo como detentor de frequência elevada caso surgisse mais de 300 vezes, média para os casos em que um vocábulo ocorreu entre 200 e 299 vezes, e frequência baixa para os itens lexicais que apareceram de 1 a 199 vezes. É fundamental sublinhar que este critério de classificação foi totalmente convencionado por mim.

No que diz respeito aos critérios de avaliação utilizados, foi atribuída a seguinte pontuação para as seguintes tarefas:

**- derivação**

- 1- resposta correcta;
- 0,5- troca de género;
- 0- resposta incorrecta.

**-decomposição**

- 1- resposta correcta;
- 0,5- troca de género;
- 0- resposta incorrecta.

**- produtividade morfológica – escrita de antónimos (*des-*)**

- 1- resposta correcta;
- 0- resposta incorrecta.

**-segmentação e interpretação de afixos e não-afixos**

2- segmentação correcta e significado correcto;

1- só segmentação correcta ou só significado correcto;

0 – resposta incorrecta.

**-pares de palavras**

1- resposta correcta;

0- resposta incorrecta.

**-escolha do morfema base**

1- resposta correcta;

0- resposta errada.

As tarefas acima referidas foram elaboradas oralmente, tanto para o Português como para o Inglês, à excepção da actividade da produtividade morfológica, que envolveu a escrita de antónimos e que, por esse mesmo motivo, foi realizada apenas para o caso do prefixo *des-*.

Todas as respostas concedidas pelos participantes deste estudo experimental foram gravadas em áudio, sendo assim possível computar e comparar os tempos de resposta.

## Capítulo IV- Resultados

### 4.1- Análise da fidedignidade das tarefas

Foi elaborada uma análise a fim de garantir que as tarefas morfológicas a serem aplicadas aos participantes seriam fidedignas. A existência desta análise prendeu-se com o facto de se tratarem de tarefas construídas de raiz, e de, por esse motivo, ainda não terem sido sujeitas a uma avaliação em termos de fidedignidade. Com este tipo de análise, pretende-se avaliar a consistência dos resultados obtidos pelos participantes. De acordo com Kline (1993:10-11), a análise de fidedignidade deve ser realizada numa amostra em que “(...) os valores da fidedignidade devem, idealmente, ser elevados, à volta de .90, especialmente em testes que medem aptidões. Em qualquer dos casos, o valor de fidedignidade (Alpha) **nunca deve ser inferior a .70**”. Adicionalmente, e como Clegg ([1982] 1998<sup>15</sup>:137) afirma, “If a high positive correlation is obtained, then the test under scrutiny can be regarded as reliable. Tests are also assessed for their validity.”

Para levar a cabo esta análise, foi examinada a fidedignidade dos itens existentes em cada tarefa. Assim, contabilizou-se a totalidade dos itens presentes em cada actividade face ao número de afixos derivacionais em estudo, neste caso quatro, para o português, e seis, para o inglês.

As tabelas seguintes mostram os resultados relativos à fidedignidade dos itens morfológicos para as tarefas elencadas abaixo, medida em valores de alpha de Cronbach.

Tabela 1- Fidedignidade dos itens (Alpha,  $p < .05$ ) para as tarefas de Estrutura morfológica – **derivação e decomposição, segmentação, e escolha pares de palavras e de um morfema base**, para o português, com a inclusão dos afixos derivacionais *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade*.

Medidas	Número de Itens	Alpha de Cronbach
Derivação	47*	.89
Decomposição	48	.88
Morfologia Produtiva	8	.84
Segmentação	32	.83
Pares de Palavras	32	.81
Morfema base	32	.93

(\*) Um item não foi incluído no teste de derivação, nomeadamente o primeiro item do teste relativo ao afixo derivacional *-eza*, na medida em que a resposta foi dada pelo investigador, para efeitos de compreensão daquilo que era solicitado na tarefa.

Tabela 2- Tabela 1- Fidedignidade dos itens (Alpha,  $p < .05$ ) para as tarefas de **escolha de pares de palavras e de um morfema base**, para o inglês, com a inclusão dos afixos derivacionais *de-*, *dis-*, *ese*, *ess*, *-ity* e *-ness*.

Medidas	Número de Itens	Alpha de Cronbach
Pares de Palavras	48	.80
Morfema base	48	.90

Os resultados apresentados mostram que todos os testes aplicados aos participantes são fidedignos, na medida em que, como se pode verificar, os itens apresentam uma

consistência interna elevada (entre .80 e .90), facto que indica que as tarefas medem as variáveis de forma coerente.

#### 4.2- Análise do Enviesamento

Com esta análise, pretendemos apurar se a distribuição dos *scores* das variáveis em estudo (afixos derivacionais) é normal, apresentando-se sob a configuração de curva em forma de sino, indicando que a média, moda e mediana se encontram efectivamente ou aproximadamente no mesmo local onde se situa a curva, ou se é significativamente enviesada. No caso de ser enviesada, os *scores* distribuem-se segundo uma distribuição não-normal, oblíqua à esquerda (quando existem muitos *scores* acima da média) ou oblíqua à direita (quando existem muitos *scores* abaixo da média). Para calcular se o enviesamento é ou não significativo ( $z$ ), procedemos a uma operação de divisão, na qual se divide o enviesamento pelo erro padrão de enviesamento. Se o resultado obtido ultrapassar  $\pm 1.96$ , estamos então perante um enviesamento significativo.

Esta análise da normalidade ou enviesamento da distribuição dos dados permite-nos ter conhecimento acerca do tipo de teste estatístico a adoptar, podendo ser paramétrico, para curvas de distribuição normal, ou não-paramétrico, no caso de *scores* com uma distribuição enviesada.

Assim, procedeu-se a uma análise da distribuição dos *scores* relativa a cada afixo derivacional aqui exposto para cada uma das tarefas solicitada aos participantes, de modo a aferir se se tratam de distribuições normais ou enviesadas.

Com vista a verificar se a *diferença de médias entre dois grupos* é significativa, recorreu-se à realização de testes paramétricos e não-paramétricos. Assim, nos casos em que o enviesamento não é significativo ( $z \leq \pm 1.96$ ), procedeu-se à realização de testes paramétricos, nomeadamente o t-teste, já que este teste usa dados que apresentam uma distribuição normal. Este teste expõe as diferenças encontradas com recurso às médias e à distribuição dos resultados em torno das médias. Para situações em que o enviesamento é significativo, ( $z > 1.96$ ), realizaram-se testes não paramétricos, mais precisamente o Mann-Whitney U.

Por outro lado, para verificar a existência de alguma diferença significativa no desempenho das tarefas morfológicas com afixos derivacionais específicos *em função de mais do que dois grupos*, procedeu-se a outro tipo de testes paramétricos e não paramétricos, na medida em que, em certos casos, tratou-se da comparação de três ou mais grupos. Assim, nos casos em que os *scores* das variáveis dependentes em estudo se revelaram normais, foi usado o teste paramétrico ANOVA. Este teste consiste na análise da variância, na medida em que, em certos casos, se torna essencial apurar qual a variável independente que apresenta maior variância (Howitt & Cramer, (1997:338). Por outro lado, quando os scores das variáveis se manifestaram enviesados, usou-se o teste não-paramétrico Kruskal-Wallis H, que se afigura como uma ampliação do Mann-Whitney U quando se pretendem analisar três ou mais grupos independentes, e cujos resultados são classificados por ordem crescente, independentemente do grupo em causa.

As tabelas seguintes mostram o enviesamento (SK), o erro padrão de enviesamento (SE) e a significância de enviesamento (z) das variáveis acima mencionadas, para o português e para o inglês, respectivamente.

Tabela 3- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* nas tarefas de **produção de uma palavra derivada**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>des-</i> derivação	-1.52	.27	-5.55
<i>-ez/eza</i> derivação	-.75	.28	-2.71
<i>-ês/-esa</i> derivação	-.11	.27	-.42
<i>-idade</i> derivação	-.14	.27	-.49



Os dados acima expostos mostram que as variáveis *des-* e *-eza* apresentam uma distribuição enviesada, enquanto *-ês/-esa* e *-idade* apresentam uma distribuição normal.

Tabela 4- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **decomposição de uma palavra derivada**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>des-</i> decomposição	-.54	.27	-1.96
<i>-ez/eza</i> decomposição	.02	.28	.05
<i>-ês/-esa</i> decomposição	.20	.27	.72
<i>-idade</i> decomposição	.20	.27	.73

Através destes resultados, verifica-se que todas as variáveis, nesta tarefa, apresentam uma distribuição normal.

Tabela 5- Enviesamento e erro padrão de enviesamento da variável *des-* na tarefa de **produtividade morfológica**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>des-</i> morfologia produtiva	-.82	.27	-2.99

Nesta tarefa, observa-se que *des-*, única variável em análise para este tipo de actividade, mostra uma distribuição significativamente enviesada.

Tabela 6- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **segmentação e interpretação de uma palavra**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>des-</i> segmentação	.30	.27	-1.09
<i>-ez/eza</i> segmentação	.44	.28	1.57
<i>-ês/-esa</i> segmentação	.26	.27	.95
<i>-idade</i> segmentação	.65	.27	2.38

Nesta tabela, verifica-se que as três primeiras variáveis apresentam uma distribuição normal, enquanto *-idade* é a única variável que exibe uma distribuição enviesada.

Tabela 7- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **escolha de pares de palavras**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>des-</i> pares de palavras	-7.34	.27	-2.68
<i>-ez/eza</i> pares de palavras	-2.72	.28	-9.83
<i>-ês/-esa</i> pares de palavras	1.65	.27	-6.01

<i>-idade</i> pares de palavras	1.22	.27	4.44
---------------------------------	------	-----	------

Estes resultados mostram que todas as variáveis relacionadas com a tarefa de escolha de pares de palavras apresentam uma distribuição significativamente enviesada.

Tabela 8- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **escolha e um morfema base**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>des-</i> morfema base	-.88	.27	-3.21
<i>-ez/eza</i> morfema base	1.38	.28	4.97
<i>-ês/-esa</i> morfema base	1.64	.27	5.99
<i>-idade</i> morfema base	.69	.27	2.51

Tal como os resultados expostos na tabela anterior, também na actividade de escolha de um morfema base todas as variáveis em estudo ostentam uma distribuição significativamente enviesada.

Tabela 9- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness* na tarefa de **escolha de pares de palavras**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>de-</i> pares de palavras	.24	.27	.87
<i>dis-</i> pares de palavras	-.23	.27	-.85

<i>-ese</i> pares de palavras	-1.48	.27	-5.39
<i>-ess</i> pares de palavras	-.73	.27	-2.66
<i>-ity</i> pares de palavras	-1.09	.27	-3.98
<i>-ness</i> pares de palavras	-.72	.27	-2.62

A tabela acima exposta mostra que apenas as variáveis *de-* e *dis-* exibem uma distribuição normal. As restantes variáveis apresentam uma distribuição enviesada.

Tabela 10- Enviesamento e erro padrão de enviesamento das variáveis *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness* na tarefa de **escolha de um morfema base**.

Variáveis	SK	SE SK	(z)
<i>de-</i> morfema base	1.14	.27	4.18
<i>dis-</i> morfema base	1.19	.27	4.35
<i>-ese</i> morfema base	1.35	.27	4.93
<i>-ess</i> morfema base	1.08	.27	3.94
<i>-ity</i> morfema base	1.13	.27	4.14
<i>-ness</i> morfema base	.95	.27	3.47

Os resultados presentes nesta tabela mostram que todas as variáveis associadas à actividade de escolha de um morfema base exibem uma distribuição enviesada.

De seguida, expor-se-ão as médias e desvios-padrão afectos às tarefas morfológicas a que os participantes foram submetidos.

### 4.3- Análise das médias e desvios-padrão

Nesta secção, expor-se-ão os dados relativos às médias e desvios-padrão das actividades de carácter morfológico a que os intervenientes foram submetidos. As tabelas seguintes estão agrupadas por ordem de tarefas, das quais fizeram parte, para o português, *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade*: derivação, decomposição, produtividade morfológica (para *des-*), segmentação e interpretação, pares de palavras e morfema base. Para a língua inglesa, as actividades realizadas desbobraram-se entre escolha de pares de palavras e de morfema base, às quais estão elencados os seguintes afixos derivacionais: *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness*. Nestas tabelas, o N corresponde ao número de participantes da amostra, o M à média de respostas correctas dos intervenientes em cada actividade, o Dp representa o desvio-padrão dos resultados obtidos a partir da média de cada actividade, e o Mínimo e Máximo correspondem, respectivamente, aos valores mínimos e máximos de respostas correctas obtidos pelas crianças em cada actividade.

Tabela 11- Médias e desvios-padrão das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **produção de uma palavra derivada**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>des-</i> derivação	77	9.23	(2.43)	2	12
<i>-ez/eza</i> derivação	75	5.79	(2.51)	0	10
<i>-ês/-esa</i> derivação	77	7.08	(2.60)	1	12
<i>-idade</i> derivação	77	6.20	(2.79)	0	11

Máximo correcto possível = 12, excepto *-eza* = 11

Perante os resultados expostos nas tabelas, pode-se constatar-se que, na tarefa da derivação, as crianças obtiveram melhor desempenho com o prefixo *des-*, e, de entre os sufixos, *-ês/-esa* foi o melhor dos três.

Tabela 12- Médias e desvios-padrão das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **decomposição de uma palavra derivada**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>des-</i> decomposição	77	8.57	(2.58)	1	12
<i>-ez/eza</i> decomposição	75	5.72	(2.67)	0	12
<i>-ês/-esa</i> decomposição	77	4.83	(2.39)	0	11
<i>-idade</i> decomposição	77	5.51	(2.32)	1	12

Máximo correcto possível = 12

Na decomposição, os participantes apresentaram um melhor desempenho igualmente com *des-*, seguido de *-eza*.

Tabela 13- Médias e desvios-padrão da variável *des-* na tarefa de **produtividade morfológica**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>des-</i> produtividade morfológica	77	5.25	(2.58)	0	8

Máximo correcto possível = 8

Na tarefa da morfologia produtiva, verifica-se que a média obtida não apresentou valores muito elevados nem muito baixos, sendo esta a única tarefa que envolveu a componente escrita.

Tabela 14- Médias e desvios-padrão das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **segmentação e interpretação de uma palavra**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>des-</i> segmentação	77	6.34	(2.55)	1	13
<i>-ez/eza</i> segmentação	75	7.53	(3.32)	2	15
<i>-ês/-esa</i> segmentação	77	5.08	(1.86)	1	10
<i>-idade</i> segmentação	77	5.06	(2.37)	1	13

Máximo correcto possível = 16

Na actividade de segmentação e interpretação, *-eza* foi o afixo onde se registaram os resultados mais altos, seguido do prefixo *des-*.

Tabela 15- Médias e desvios-padrão das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **escolha de pares de palavras**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>des-</i> pares palavras	77	5.73	(1.54)	1	8
<i>-ez/eza</i> pares palavras	75	6.75	(.79)	3	8

-ês/-esa pares palavras	77	6.25	(1.69)	0	8
-idade pares palavras	77	5.57	(1.40)	0	7

Máximo correcto possível = 8

Na actividade de escolha de pares de palavras, todos os afixos derivacionais em estudo estiveram muito próximos entre si, destacando-se *-eza*, embora com uma margem bastante reduzida.

Tabela 16- Médias e desvios-padrão das variáveis *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* na tarefa de **escolha de um morfema base**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>des-</i> morfema base	77	4.56	(2.48)	0	8
<i>-ez/eza</i> morfema base	75	1.44	(2.13)	0	7
<i>-ês/-esa</i> morfema base	77	1.23	(1.83)	0	8
<i>-idade</i> morfema base	77	2.42	(3.09)	0	8

Máximo correcto possível = 8

No desempenho da tarefa de escolha de um morfema base, ficou registado que *des-* foi claramente superior a todos os outros afixos.

Tabela 17- Médias e desvios-padrão das variáveis *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness* na tarefa de **escolha de pares de palavras**.



Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>de-</i> pares palavras	77	4.71	(1.41)	2	8
<i>dis-</i> pares palavras	77	4.58	(2.38)	0	8
<i>-ese</i> pares palavras	77	6.39	(1.99)	0	8
<i>-ess</i> pares palavras	77	5.36	(1.49)	1	8
<i>-ity</i> pares palavras	77	5.94	(1.82)	0	8
<i>-ness</i> pares palavras	77	5.78	(1.47)	1	8

Máximo correcto possível = 8

No que diz respeito aos resultados relativos à língua inglesa, na tarefa de escolha de pares de palavras, os participantes obtiveram melhor desempenho com *-ese*, ao qual estiveram muito próximos em termos de resultados os sufixos *-ity* e *-ness*.

Tabela 18- Médias e desvios-padrão das variáveis *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess*, *-ity* e *-ness* na tarefa de **escolha de um morfema base**.

Variáveis	N	M	Dp	Mínim o	Máxim o
<i>de-</i> morfema base	77	1.79	(2.17)	0	8
<i>dis-</i> morfema base	77	2.03	(2.22)	0	8
<i>-ese</i> morfema base	77	1.09	(1.38)	0	5
<i>-ess</i> morfema base	77	1.79	(2.03)	0	7

-ity morfema base	77	1.01	(1.25)	0	4
-ness morfema base	77	2.00	(2.40)	0	8

---

Máximo correcto possível = 8

Na actividade da escolha de um morfema base, onde se registaram as médias mais baixas, os resultados mais elevados, ainda que não muito, deram-se com *dis-* e *-ness*. É importante atentar igualmente para os resultados dos desvios-padrão que, na maioria dos casos, são superiores às próprias médias, o que indica que houve uma grande dispersão dos dados; neste caso, houve participantes que desempenharam muito bem esta tarefa, e, por outro lado, participantes que não realizaram a tarefa com sucesso.

#### 4.4- Análise da significância das diferenças das médias

Tal como foi mencionado anteriormente, com o intuito de averiguar se houve diferenças significativas no desempenho, por parte dos participantes, das tarefas solicitadas em função das variáveis independentes em estudo, aplicaram-se testes paramétricos e testes não-paramétricos, tendo em conta os resultados obtidos e expostos nas tabelas 3 a 10. Nesta dissertação, as variáveis independentes em estudo são o apoio sócio-económico (ASE), os apoios pedagógicos (acompanhamento mais personalizado de apoio ao estudo a crianças que apresentam um grau maior de dificuldade de aprendizagem, mas que não apresentam nenhuma perturbação do foro cognitivo), a nacionalidade dos pais e mães (se os participantes são filhos de pais portugueses ou de pais estrangeiros), e ainda as habilitações académicas do pai e da mãe de cada participante, sendo que este último critério foi listado com base na ordem atribuída pelo Agrupamento de Escolas a que pertence o estabelecimento de ensino primário onde foram ministrados os testes.

As tabelas seguintes mostram as médias, desvios-padrão e significância das diferenças de médias (p.) nas tarefas morfológicas aplicadas às crianças em função de estas receberem ou não apoio sócio-económico (ASE).

O valor de  $p$ . mede a probabilidade de as diferenças de médias serem devidas a factores de acaso, o que, por convenção da comunidade científica em múltiplas ciências, ocorre quando  $p. > .05$ . Assim, só quando  $p$ . é igual ou menor que  $.05$  é que se aceita dizer que há uma diferença significativa entre as médias de uma variável dependente, em função dos níveis de outra variável independente.

#### **4.4.1- Morfemas em Português- Análise em função de receber ou não ASE**

Para analisar se existiam diferenças significativas em função de receber ou não apoios pedagógicos, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal) e Mann-Whitney U (se distribuição enviesada). Os resultados mostraram que não havia qualquer diferença significativa ( $p. > .05$ ).

Em conclusão, não há um efeito significativo de receber ou não ASE nas actividades morfológicas que os participantes realizaram.

#### **4.4.2- Morfemas em Português- Análise em função de receber ou não apoios pedagógicos**

Para analisar se existiam diferenças significativas em função de receber ou não apoios pedagógicos, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal), onde  $gl$  corresponde aos graus de liberdade,  $t$  representa a comparação da variância sistemática presente nos dados com a quantidade de variância não-sistemática e o  $p$ . corresponde à significância das diferenças de médias. Por outro lado, realizaram-se também testes Mann-Whitney U (se distribuição enviesada), em que  $Z$  corresponde à possibilidade de descarte de hipótese nula, enquanto o  $p$ . simboliza a significância das diferenças de médias. Os resultados mostraram que houve diferenças significativas em todas as tarefas morfológicas aplicadas aos participantes, como se pode observar nas tabelas 16 a 20.

Tabela 16- Significância das diferenças das médias na tarefa de **produção de uma palavra derivada**, em função de receber ou não apoios pedagógicos.

Apoios Pedagógicos					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>des-</i>				-3.99	.000
<i>-ez/eza</i>				-3,19	.001
<i>-ês/-esa</i>	75	4.80	.000		
<i>-idade</i>	75	4.59	.000		

Como se pode verificar, no caso da derivação, houve diferenças significativas em todos os afixos em função de as crianças receberem este tipo de apoio.

Tabela 17- Significância das diferenças das médias na tarefa de **decomposição de uma palavra derivada**, em função de receber ou não apoios pedagógicos.

Apoios Pedagógicos					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>des-</i>	75	3.69	.000		
<i>-ez/eza</i>	73	3.74	.000		
<i>-ês/-esa</i>	75	4.44	.000		
<i>-idade</i>	75	5.17	.000		

Na tarefa da decomposição, pode observar-se que se registaram também diferenças significativas entre os grupos.

Tabela 18- Significâncias das diferenças das médias na tarefa de **segmentação e interpretação de uma palavra**, em função de receber ou não apoios pedagógicos.

Apoios Pedagógicos					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>des-</i>	75	3.11	.003		
<i>-eza</i>	73	2.85	.006		
<i>-ês/-esa</i>	75	2.10	.039		
<i>-idade</i>				-4.38	.000

Na actividade da segmentação, assinalam-se igualmente diferenças significativas em função de se receber este tipo de apoio.

Tabela 19- Significâncias das diferenças das médias na tarefa de **escolha de pares de palavras**, em função de receber ou não apoios pedagógicos.

Apoios Pedagógicos		
	<i>t-teste</i>	Mann-Whitney U

	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>des-</i>				-2.09	.037
<i>-eza</i>				-2,59	.010

Na tarefa de escolha de pares de palavras, foi possível observar diferenças significativas com os afixos derivacionais *des-* e *-eza*.

Tabela 20- Significância das diferenças das médias na tarefa de **escolha de um morfema base**, em função de receber ou não apoios pedagógicos.

Apoios Pedagógicos					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>des-</i>				-3.59	.000

Por último, no desempenho da escolha de um morfema base, apenas se destacaram diferenças a nível do prefixo *des-*.

Em conclusão, há um efeito significativo em função de receber ou não apoios pedagógicos na grande maioria das actividades morfológicas realizadas pelos participantes, o que indica que todas as crianças que recebem apoios pedagógicos apresentam resultados significativamente menores do que as que não os recebem.

As tabelas seguintes mostram a significância das diferenças das médias das tarefas morfológicas aplicadas às crianças em função de os pais dos participantes terem nacionalidade portuguesa ou estrangeira.

#### 4.4.3- Morfemas em Português- Análise em função de ter pais portugueses ou estrangeiros

Para analisar se existiam diferenças significativas em função de ter pais portugueses ou estrangeiros, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal) e Mann-Whitney U (se distribuição enviesada). Inicialmente, a esta variável estava dividida em três partes: criança portuguesa, criança com pais de outra nacionalidade, e criança estrangeira. No entanto, na medida em que o grupo de crianças de origem estrangeira era bastante reduzido, optou-se por restringir a variável nacionalidade em duas partes: criança com pais portugueses e criança com pais estrangeiros. Os resultados mostraram que houve diferenças significativas nas tarefas de decomposição de uma palavra derivada, segmentação e interpretação de uma palavra e na escolha de pares de palavras.

Tabela 21- Significância das médias na tarefa de **decomposição de uma palavra derivada**, em função de ter pais portugueses ou estrangeiros.

Nacionalidade					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
-ês/-esa	75	3.04	.003		

Nesta actividade, registaram-se diferenças significativas em função da nacionalidade dos pais na decomposição de uma palavra derivada em *-ês/-esa*, onde se verifica que a média mais elevada ocorreu nos participantes cujos pais são portugueses.

Tabela 22- Significância das médias na tarefa de **segmentação e interpretação de uma palavra**, em função de ter pais portugueses ou estrangeiros.

Nacionalidade					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>-ês/-esa</i>	75	1.93	.05		

Uma vez mais, a diferença significativa encontrada em função da nacionalidade manifestou-se através do sufixo *-ês/-esa*, sendo este o único afixo derivacional, para esta tarefa, onde se observou essa diferença.

Tabela 23- Significância das médias na tarefa de **escolha de pares de palavras**, em função de ter pais portugueses ou estrangeiros.

Nacionalidade					
	<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U	
	<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.
<i>des-</i>				-1.77	.008

Nesta actividade, foi no morfema derivacional *des-* que houve diferenças significativas em função da nacionalidade dos pais.

Em conclusão, podemos constatar que não existe uma evidência forte de que a nacionalidade dos pais das crianças tenha impacto nas tarefas morfológicas desempenhadas.

Seguidamente, apresentar-se-ão os resultados relativos à significância das diferenças das médias das tarefas morfológicas aplicadas às crianças em função das habilitações académicas do pai de cada uma das crianças.



#### **4.4.4- Morfemas em Português- Análise em função das habilitações académicas do pai**

Para analisar se existiam diferenças significativas em função das habilitações académicas de cada pai, realizaram-se ANOVAs (se distribuição normal) e Kruskal-Wallis H (se distribuição enviesada). Inicialmente, o agrupamento relacionado com as habilitações académicas do pai foi feito do seguinte modo: licenciatura, bacharelato, secundário, básico 3.º ciclo, básico 2.º ciclo, básico 1.º ciclo e formação desconhecida. Devido à existência de poucos casos no âmbito da formação superior, considerou-se injustificável efectuar uma análise com um número de dados tão reduzido. Assim, os dados passaram a ser agrupados da seguinte forma: formação superior, ensino secundário, ensino básico e formação desconhecida. Os resultados mostraram que não houve qualquer diferença significativa em função das habilitações académicas do pai de cada participante ( $p. > .05$ ).

As tabelas seguintes mostram a significância das diferenças das médias das tarefas morfológicas aplicadas aos intervenientes em função das habilitações académicas da mãe de cada um.

#### **4.4.5- Morfemas em Português- Análise em função das habilitações académicas da mãe**

Para analisar se existiam diferenças significativas em função das habilitações académicas de cada mãe, realizaram-se ANOVA (se distribuição normal), onde  $g/l$  corresponde aos graus de liberdade,  $F$  representa a comparação da variância sistemática presente nos dados com a quantidade de variância não-sistemática e  $p$  simboliza a significância das diferenças de médias. Por outro lado, realizaram-se testes Kruskal-Wallis H (se distribuição enviesada), onde  $\chi^2$  consiste na comparação dos valores observados com os valores esperados em caso de inexistência de relação entre duas variáveis,  $g/l$  representa os graus de liberdade e  $p$  corresponde à significância das diferenças de médias.

Inicialmente, o agrupamento relacionado com as habilitações académicas da mãe foi feito do seguinte modo: mestrado, licenciatura, pós-graduação, secundário, básico 3.º ciclo, básico 2.º ciclo, básico 1.º ciclo e formação desconhecida. Devido ao motivo anteriormente explicitado em 4.4.4 relativamente às habilitações académicas do pai de

cada participante, o mesmo procedimento foi adoptado para as habilitações referentes às mães das crianças. Os resultados mostraram que houve diferenças significativas nas actividades de decomposição de uma palavra derivada, em *des-* e *-ês/-esa*, e na segmentação e interpretação de uma palavra, em *-eza*, como se pode verificar nas tabelas 24 e 25.

Tabela 24- Significância das diferenças das médias na tarefa de **decomposição de uma palavra derivada**, em função das habilitações académicas da mãe.

ANOVA			
Hab. Acad. Mãe	<i>gl</i>	F	
<i>des-</i>	3.73	4.68	.005
<i>-ês/-esa</i>	3.73	7.68	.000

Como se pode constatar, para esta actividade manifestaram-se diferenças significativas nos afixos derivacionais *des-* e *-ês/-esa*, indicando que as habilitações académicas da mãe de cada um dos participantes influencia significativamente a tarefa de decomposição com estes morfemas. Na medida em que não se sabia qual das habilitações académicas influencia mais significativamente, complementou-se o teste ANOVA com testes Post-Hoc Student-Knewman-Keuls (SNK), como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 25- Resultado dos testes Post-Hoc (SNK) na tarefa de **decomposição de uma palavra derivada** em *des-* em função das habilitações académicas da mãe.

***des-* Decomposição**

Habilitações	N	Alpha = 0.05	
Acadêmicas Mãe		1	2
Formação	1	7,333	
desconhecida	5	3	
Ensino	1	8,062	
Secundário	6	5	
Ensino Básico	3	8,575	
	3	8	
Ensino Superior	1		10,615
	3		4
Sig.		,297	1,000

Tabela 26- Resultado dos testes Post-Hoc (SNK) na tarefa de decomposição de uma palavra derivada em *-ês/-esa* em função das habilitações académicas da mãe.

**-ês/-esa Decomposição**

Habilitações	N	Alpha = 0.05	
Acadêmicas Mãe		1	2
Formação desconhecida	1 5	3,7333	
Ensino Básico	3 3	4,2121	
Ensino Secundário	1 6	5,2500	
Ensino Superior	1 3		7,1538
Sig.		,101	1,000

Os testes Post-Hoc (SNK) revelaram ainda que os resultados das actividades morfológicas de decomposição em *des-* e em *-ês/-esa* são significativamente mais baixos nas crianças cujas mães possuem habilitações académicas ao nível dos ensinos básico e secundário, quando comparadas com aquelas cujas mães apresentam habilitações académicas ao nível do ensino superior.

Tabela 27- Significância das médias na tarefa de **segmentação e interpretação de uma palavra**, em função das habilitações académicas da mãe

ANOVA			
Hab. Acad. Mãe	gl	F	
-ez/eza	3.71	4.37	.00
-ês/-esa	3.73	6.03	.001

Nesta tarefa, verificou-se que as habilitações académicas das mães influenciaram significativamente as tarefas de segmentação e interpretação de uma palavra com os sufixos *-eza* e *-ês/-esa*. À semelhança do que sucedeu anteriormente, foi necessário apurar, para *-ês/-esa*, qual das habilitações académicas influencia mais significativamente, e, por isso, complementou-se o teste ANOVA com testes Post-Hoc (SNK), como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 28- Resultado dos testes Post-Hoc (SNK) na tarefa de **segmentação e interpretação de uma palavra** em *-ês/-esa* em função das habilitações académicas da mãe.

***-ês/-esa* Segmentação**

Habilitações	N	Alpha = 0.05	
Académicas Mãe		1	2
Ensino Básico	3 3	4,4545	

Formação desconhecida	1 5	4,5000	
Ensino Secundário	1 6	5,7813	5,7813
Ensino Superior	1 3		6,5000
Sig.		,066	,222

Relativamente aos resultados obtidos com em *-ês/-esa*, verificou-se que estes são significativamente mais baixos nas crianças cujas mães possuem habilitações académicas desconhecidas ou com ensino básico, quando comparadas com aquelas cujas mães apresentam habilitações académicas ao nível superior. Os resultados das crianças cujas mães têm o ensino secundário não são significativamente diferentes nem das que possuem ensino básico nem das que possuem ensino superior.

Tabela 29- Significância das médias na tarefa de **escolha de pares de palavras**, em função das habilitações académicas da mãe.

Kruskal-Wallis H			
Hab. Acad. Mãe	$\chi^2$	gl	
<i>des-</i>	14.35	3	.002

<i>-ês/-esa</i>	10.23	3	.017
-----------------	-------	---	------

Na tabela acima exposta pode constatar-se que houve diferenças significativas nesta actividade, no que diz respeito aos morfemas derivacionais *des-* e *-ês/-esa*.

Tabela 30- Significância das diferenças das médias na tarefa de **escolha de um morfema base**, em função das habilitações académicas da mãe.

Kruskal-Wallis H			
Hab. Acad. Mãe	$\chi^2$	<i>gl</i>	
<i>des-</i>	14.41	3	.002

Como se pode verificar, encontraram-se diferenças significativas na actividade de escolha de um morfema base em palavras com *des-*, em função das habilitações académicas da mãe de cada participante. Novamente, o teste Kruskal-Wallis H teve de ser complementado com testes Post-Hoc, já que estamos perante vários grupos e queremos investigar em qual deles se registou uma diferença mais significativa. A tabela seguinte mostra esse mesmo resultado.

Tabela 31- Resultado dos testes Post-Hoc (SNK) na tarefa de **escolha de um morfema base** em função das habilitações académicas da mãe.

***des- MorfemaBase***

Habilitações	N	Alpha = 0.05	
Académicas		1	2
Mãe			
Ensino Básico	3 3	3,7576	
Formação desconhecida	1 5	4,2667	
Ensino Secundário	1 6	4,8750	
Ensino Superior	1 3		6,5385
Sig.		,345	1,000

Neste caso, verifica-se que as crianças cujas mães apresentam uma formação académica superior desempenham significativamente melhor esta actividade do que as mães que possuem todos os outros tipos de habilitações.

Em conclusão, esta observação vem corroborar os diversos estudos existentes que atestam que, numa comparação entre mães e pais, são as mães as pessoas mais envolvidas nos aspectos da educação e literacia dos filhos, como expõem, a esse propósito, Yeung, Sandberg; Davis-Kean & Hofferth (2001:153), ao afirmarem que “despite women’s increasing role in the labour market, most mothers remain the primary caregivers of young children (...)”. Adicionalmente, também no estudo



apresentado por Korupp, Ganzeboom & Lippe (2002:27), estes autores verificaram que, através da aplicação de modelos, especializados na avaliação do efeito da educação dos pais e das mães das crianças, que “the influence of mothers’ education is important for explaining the educational attainment of children”. De igual modo, estes autores concluíram também que existe uma influência na educação da criança quanto mais elevado é o grau de habilitações de um pai ou mãe, sendo este mais proeminente em detrimento de um pai ou uma mãe com habilitações académicas menos superiores (2002:31).

#### 4.4.6- Morfemas em inglês – Análise em função de receber ou não ASE

Para analisar se existiam diferenças significativas em função de receber ou não ASE, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal) e Mann-Whitney U (se distribuição enviesada) para as tarefas de escolha de pares de palavras e de morfema base. Os resultados mostraram que houve diferenças significativas na primeira actividade, apenas com o sufixo *-ity*, como mostra a seguinte tabela.

Tabela 32- Significância das médias na tarefa de **escolha de pares de palavras**, em função de receber ou não ASE – inglês.

ASE					
<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U		
<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	Z	p.	
<i>-ity</i>			-2.59	.010	

Aqui, observa-se que houve diferenças significativas apenas com o morfema derivacional *-ity*.

#### 4.4.7- Morfemas em Inglês– Análise em função de receber ou não apoios pedagógicos

À semelhança do que foi efectuado anteriormente, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal) e Mann-Whitney U (se distribuição enviesada) para as tarefas de escolha de pares de palavras e de morfema base, com vista a analisar se existiam diferenças significativas em função de receber ou não apoios pedagógicos. Os resultados confirmaram que houve diferenças significativas na actividade de escolha de um morfema base com dois afixos derivacionais.

Tabela 33- Significância das diferenças das médias na tarefa de **escolha de um morfema base**, em função de receber ou não apoios pedagógicos – inglês.

Apoios Pedagógicos					
<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U		
<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.	
<i>de-</i>			-2.52	.012	
<i>dis-</i>			-2,85	.004	

Como se pode observar, houve diferenças significativas apenas com os únicos dois prefixos em estudo nesta dissertação, *de-* e *dis-*.

#### 4.4.8- Morfemas em Inglês– Análise em função de ter pais portugueses ou estrangeiros

Uma vez mais, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal) e Mann-Whitney U (se distribuição enviesada) para as tarefas de escolha de pares de palavras e de morfema base, com vista a analisar se existiam diferenças significativas em função de os participantes serem filhos de pais portugueses ou

estrangeiros. Os resultados mostraram que houve diferenças significativas na actividade de escolha de pares de palavras, com um sufixo.

Tabela 34- Significância das diferenças das médias na tarefa de **escolha de pares de palavras**, em função de ter pais portugueses ou estrangeiros – inglês.

Nacionalidade					
<i>t-teste</i>			Mann-Whitney U		
<i>gl</i>	<i>t</i>	p.	<i>Z</i>	p.	
<i>-ity</i>			-2.01	.045	

Como se pode verificar, o único caso em que se manifestaram diferenças significativas nesta actividade foi com o afixo derivacional *-ity*.

#### 4.4.9- Morfemas em Inglês– Análise em função das habilitações académicas do pai

Para analisar se existiam diferenças significativas em função das habilitações académicas dos pais dos intervenientes, realizaram-se t-testes para grupos independentes (se distribuição normal) e Mann-Whitney U (se distribuição enviesada) para as tarefas de escolha de pares de palavras e de morfema base. Os resultados mostraram que não houve qualquer diferença significativa em função das habilitações académicas dos pais de cada criança ( $p. > .05$ ).

#### 4.4.10- Morfemas em Inglês– Análise em função das habilitações académicas da mãe

Uma vez mais, foi igualmente necessário ANOVA (se distribuição normal) e Kruskal-Wallis H (se distribuição enviesada) para as tarefas de escolha de pares de palavras e de morfema base, com vista a averiguar a existência de diferenças significativas em função das habilitações académicas das mães de cada criança. Os

resultados apontaram para a existência de diferenças significativas na actividade de escolha de pares de palavras, novamente com um sufixo.

Tabela 35- Significância das diferenças das médias na tarefa de **escolha de pares de palavras** em função das habilitações académicas da mãe - inglês.

Kruskal-Wallis H			
Hab. Acad. Mãe	$\chi^2$	gl	
-ity	16.63	3	.001

Como se pode verificar, encontraram-se diferenças significativas na actividade de escolha de pares de palavras com *-ity*, em função das habilitações académicas da mãe de cada participante. Por esta razão, o teste Kruskal-Wallis H teve de ser complementado com testes Post-Hoc, na medida em que se pretende examinar em qual dos graus académicos se registou uma diferença mais significativa.

Tabela 36- Resultado dos testes Post-Hoc (SNK) na tarefa de **escolha de pares de palavras** em *-ity* em função das habilitações académicas da mãe.

### **-ity Pares de Palavras**

Habilitações	N	Alpha = 0.05	
Académicas Mãe		1	2
Formação	1	4,9333	
desconhecida	5		
Ensino Básico	3	5,5152	
	3		
Ensino Secundário	1	6,7500	
	6		
Ensino Superior	1	7,1538	
	3		
Sig.		,312	,482

Através destes dados, podemos afirmar que as crianças cujas mães apresentam uma formação académica mais elevada (secundário ou superior) realizaram a tarefa de escolha de pares de palavras com significativamente mais sucesso do que os restantes grupos. À semelhança do que foi encontrado anteriormente, apenas as habilitações das mães produzem algum impacto significativo nas respostas das crianças.

### **Sumário de resultados**

#### **1.1- Para as tarefas em português**

1.1.1- Na tarefa de derivação, os melhores resultados foram obtidos com *des-* para prefixo (único) e para *-ês/-esa* como sufixo;

1.1.2- Na decomposição, *des-* foi o afixo que obteve resultados mais elevados;

1.1.3- Na segmentação e interpretação e na escolha de pares de palavras, *-eza* reuniu a maior pontuação em termos de médias;

1.1.4- Na actividade de escolha de um morfema base, as crianças obtiveram o melhor desempenho com *des-*.

1.2- Para as tarefas em inglês:

1.2.1- Na actividade de escolha de pares de palavras, os resultados mais elevados ocorreram com o sufixo *-ese*;

1.2.2- Na tarefa de escolha de um morfema base, apesar de não se terem obtido resultados muito elevados, as crianças tiveram maior desempenho com o prefixo *dis-* e com o sufixo *-ness*.

2- Na análise da significância das diferenças de médias, detectaram-se algumas diferenças significativas em função de quase todos os grupos independentes em estudo:

2.1- Para as tarefas em português:

2.1.1- Em função de os participantes receberem ou não apoios pedagógicos, houve diferenças significativas em todos os afixos das tarefas de derivação, decomposição e segmentação e interpretação, em *des-* e *-eza* na tarefa de pares de palavras e com *des-* relativo à escolha de um morfemas base;

2.1.2- Em função da nacionalidade dos pais dos participantes (portuguesa ou estrangeira), registaram-se diferenças significativas em relação ao afixo derivacional *-ês/esa* nas tarefas de decomposição e de segmentação e interpretação e com o prefixo *des-* na escolha de pares de palavras;

2.1.3- Em função da origem social das mães, revelaram-se diferenças significativas com *des-* e com *-ês/esa* na tarefa de decomposição, com *-eza* e com *-ês/esa* na actividade de segmentação e interpretação, com *des-* e com *-ês/esa* na escolha de pares de palavras e ainda com o prefixo na escolha de um morfema base.

2.2- Para as tarefas em inglês

2.2.1- Em função de os participantes receberem ou não apoios pedagógicos, houve diferenças significativas na tarefa de escolha de um morfema base com os afixos derivacionais *de-* e *dis-*;

2.2.2- Em função de as crianças receberem ou não ASE, registaram-se diferenças na tarefa de escolha de pares de palavras com o morfema *-ity*;

2.2.3- Em função da nacionalidade dos pais, houve diferenças com o afixo *-ity*;

2.2.4- Em função da origem social das mães dos participantes, detectaram-se diferenças significativas com o afixo derivacional *-ity* na actividade de escolha de pares de palavras.

Além destes resultados, é importante salientar alguns aspectos importantes que emergiram da análise efectuada. Assim, constatou-se que:

a) as crianças que têm apoios pedagógicos apresentam resultados sistematicamente inferiores àquelas que não os têm, tanto no português como no inglês;

b) os participantes que não têm ASE apresentam sempre um melhor desempenho face àqueles que não recebem esse apoio;

c) nem sempre os participantes cujos pais são de nacionalidade portuguesa revelam um desempenho melhor em detrimento das crianças cujos pais são de nacionalidade estrangeira: as crianças filhas de pais estrangeiros apresentaram melhor desempenho nas seguintes tarefas e com os seguintes afixos derivacionais:

- derivação com *-esa* e com *-idade*;
- segmentação e interpretação com *-ês/-esa* e com *-idade*;
- escolha de pares de palavras com *de-*, *dis-*, *-ese*, *-ess* e *-ness*;
- escolha de morfema base com *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* (português) e com *de-* e *dis-* (inglês).

d) nas diferenças significativas detectadas em função da origem social das mães, verificou-se que as médias mais elevadas foram obtidas pelos participantes cujas mães apresentam estudos mais superiores (maioritariamente licenciatura, pós-graduação e mestrado), excepto com *-ês/-esa*, onde, apesar de as médias mais elevadas ocorrerem também com filhos de mães com estudos mais superiores, também registaram valores elevados aqueles participantes cujas mães têm o 1º. ciclo do ensino básico.

#### **4.5- Resultados dos testes de estrutura morfológica (derivação e decomposição) e processamento da Morfologia na aquisição da linguagem**

Uma das questões presentes nesta dissertação, e à qual pretendemos dar resposta através da realização das tarefas por parte dos estudantes do 3.º ano, é a de apurar de que forma a informação contida na estrutura interna das palavras é armazenada. Consequentemente, esta questão leva-nos a uma outra formulação, nomeadamente se, uma vez reconhecida uma determinada palavra complexa, existe alguma relação com outros itens lexicais (re)conhecidos desses falantes e igualmente armazenados no léxico. Para dar resposta a estas questões, torna-se fundamental descodificar de que forma se dá o acesso lexical. A respeito desta matéria, existem alguns modelos psicolinguísticos relativos ao processamento e armazenamento da estrutura morfológica das palavras. De entre os modelos propostos pelos autores, mencionamos aqueles que julgamos serem os mais relevantes para discussão em relação a este assunto.

Taft & Forster (1975) desenvolveram um modelo pioneiro para o reconhecimento das palavras gráficas e o modo como as mesmas são analisadas pelos falantes em termos da sua estrutura interna. Segundo este modelo, os afixos (derivacionais) são desmembrados das respectivas bases antes de os falantes procederem ao acesso lexical dessas palavras, operação esta que requer, previamente, uma delimitação das fronteiras dos itens lexicais complexos. Os resultados dos estudos experimentais que estes autores realizaram mostraram que palavras possíveis que servem de bases de palavras derivadas por prefixação demoram mais tempo a serem identificadas do que as possíveis que não servem de bases reais, o que indica que as palavras possíveis correspondentes a bases estão representadas directamente no léxico dos falantes. O tempo prolongado deve-se, segundo os autores, ao facto de os falantes analisarem se se trata de entradas existentes ou não. Por outro lado, Taft & Forster (1975) concluíram, através de outro estudo experimental, que os elementos que são passíveis de ocorrer tanto como morfemas livres como morfemas presos também demoram mais tempo a serem identificados nos casos em que a forma presa é mais frequente do que a livre, e ainda que as palavras possíveis derivadas por prefixação demoram mais tempo a serem identificadas quando nelas está incluída uma base não existente. Os autores argumentam a favor do processamento da estrutura interna das palavras



através da decomposição, justificando-se com o facto de não existirem, nos dicionários, entradas específicas para prefixos e sufixos que constem em palavras derivadas, servindo-se de “unlucky” como exemplo. Para Taft & Forster (1975), o reconhecimento de palavras como “unlucky” requer que o falante tenha analisado previamente esse item lexical, neste caso, que o tenha reconhecido desprovido de afixos derivacionais. Simultaneamente, os investigadores consideram que este modelo de processamento é, assim, económico, e permite que palavras que partilham a mesma base<sup>212</sup> e que estão relacionadas entre si tenham uma relação de proximidade em termos de armazenamento no léxico. Por último, Taft & Forster (1975) defendem que o desmembramento de prefixos permite ao falante elencar, no seu léxico, palavras que não se iniciam todas pelas mesmas formas, quantas as que formam palavras existentes começadas por um dado prefixo.

Por seu turno, outros investigadores defenderam que o modelo de processamento mais credível seria o da listagem total (*full listing*), como foi o caso de McClelland & Rumelhart (1981). De acordo com este modelo, que corresponde a uma representação total das palavras morfológicamente complexas, o reconhecimento de um conjunto de caracteres faz com que se desencadeie um processo de accionamento de detecção de sequência de letras, que se encontra conforme a esse reconhecimento. Segundo os autores, à medida que esses acionamentos se vão consolidando, são também accionados detectores de palavras onde figuram esses caracteres e que, por sua vez, intensifica acionamentos de detectores para as letras de uma palavra. McClelland & Rumelhart (1981) estratificam este processamento de teor perceptual em diversos graus<sup>213</sup> relativos à constituição de uma representação no *input*, que é efectuada de modo visual e acústico, e que termina no grau máximo dessa escala, que é o da palavra. Assim, os autores preconizam que o conhecimento do vocabulário está relacionado com a informação acerca das características e tempo de percepção referentes aos caracteres presentes numa dada palavra. Deste modo, o modelo de listagem total implica o acesso à representação, ortográfica ou fonológica, da palavra que, por sua vez, se encontra alocada no léxico.

---

<sup>212</sup> Taft & Forster (1975) consideram que *-mit-* corresponde a uma base, em vocábulos como por exemplo *admitir*, *permitir*, etc.

<sup>213</sup> Para McClelland & Rumelhart (1981), o processamento visual não ocorre grau a grau, mas antes em diversos graus em simultâneo, sendo considerado um processo interactivo, em que esse processamento se desencadeia em diversos graus interactivos que se interligam.

Caramazza, Laudanna & Romani (1988) desenvolveram um modelo de processamento denominado *Augmented Addressed Morphology*<sup>214</sup>, tratando-se de um modelo duplo<sup>215</sup>, que abrange o processamento dos itens lexicais morfologicamente complexos ao nível da palavra na sua globalidade<sup>216</sup> e da decomposição pelos morfemas que a constituem. Ou seja, estas representações de palavras morfologicamente complexas alternam entre a palavra na sua totalidade e a decomposição em morfemas das partes que as formam, consoante se trate de itens lexicais frequentes ou não frequentes. Isto significa que, se as palavras forem frequentes e familiares, os falantes processam-nas no seu todo, enquanto se estiverem perante palavras pouco frequentes, pouco familiares, ou novas, a representação é feita pelos morfemas. De acordo com este modelo, ambas as vias são activadas simultaneamente aquando do processamento, embora não concorram entre si.

Num estudo levado a cabo por Laudanna & Caramazza (1989), estes autores verificaram que, na tarefa de decisão lexical, os falantes apresentaram maior dificuldade em identificar correctamente pares de palavras constituídas por bases homógrafas, como, em Italiano, *porta/portare* (bases idênticas ortograficamente, mas que apresentam diferenças ao nível semântico e/ou gramatical), face a palavras que não são constituídas por esse tipo de bases, tais como *contare/corta*. Ambos os autores sublinham as complexidades exibidas pelos falantes perante determinados itens lexicais: o seu desempenho é melhor face a palavras não existentes na língua, em que nenhum dos elementos que as formam é um morfema existente; em dificuldade intermédia estão as pseudopalavras, em que só a base ou só o sufixo se afigura como existente na língua; por último, a complexidade mais saliente encontra-se em pseudopalavras, em que tanto a bases como os sufixos são considerados morfemas existentes. Os resultados apurados por Laudanna & Caramazza (1989) reforçam a teoria de que as representações lexicais activadas pelos falantes em casos como estes são processadas por meio da decomposição morfológica.

Num outro trabalho, Laudanna, Cermele & Caramazza (1997) desenvolveram estudos experimentais, com vista a confirmar a hipótese segundo a qual as

---

<sup>214</sup> O modelo anterior em que os autores trabalharam denomina-se *Addressed Morphology model*, segundo o qual as representações dos falantes no léxico são admitidas através da palavra na sua globalidade. Este modelo foi, então, reformulado para o modelo *Augmented Addressed Morphology*, de modo a poder incluir-se nele um método de processamento por via de acesso às formas de base.

<sup>215</sup> Em Inglês *dual route or mixed model*.

<sup>216</sup> Também designado por *via directa*, do Inglês *direct route*.

pseudopalavras morfológicamente decomponíveis seriam nomeadas, supostamente, de modo mais rápido do que pseudopalavras não decomponíveis, devido ao facto de as primeiras poderem ser processadas com recurso ao acesso às representações fonológicas, por oposição às segundas. Os resultados demonstraram que as pseudopalavras decomponíveis foram lidas com maior rapidez e apresentaram uma taxa de erros inferior, face à pseudopalavras não decomponíveis. No outro estudo experimental, Laudanna, Cermele & Caramazza (1997) utilizaram pseudopalavras em que um dos elementos é um morfema existente na língua italiana (base ou sufixo). Uma vez mais, os resultados alcançados reafirmaram que as pseudopalavras passíveis de serem decompostas foram designadas com maior rapidez do que as pseudopalavras não decomponíveis.

Outro modelo duplo de processamento morfológico foi concebido por Baayen & Schreuder (1995), nomeadamente o modelo de via dupla paralela<sup>217</sup>. Este modelo, de cariz computacional, postula a existência de três etapas de processamento: na primeira, que consiste na segmentação, os falantes acedem à representação da palavra no seu todo e pelos morfemas que a constituem (bases e afixos – lexemas). Na segunda, entendida como licenciamento, os falantes, através da segmentação realizada anteriormente, procedem à representação de nós de integração (lemas). Na terceira etapa, os mesmos falantes efectuem uma computação e respectivo processamento dos papéis sintácticos e semânticos contidos nessas palavras.

Em ambos os modelos duplos, o acesso e representação das palavras morfológicamente complexas depende de vários factores a elas inerentes, tais como a frequência, a transparência (fonológica e/ou semântica da base), a extensão dos morfemas e a natureza regular ou idiossincrática desses itens lexicais.

Independentemente das diferenças que apresentam entre si, todos os modelos acima mencionados estipulam que a estrutura interna das palavras morfológicamente complexas influencia a forma de acesso e o processamento das mesmas.

Os tipos de actividades que nos permitem determinar que modelo defendemos nesta dissertação são o teste de estrutura morfológica, que comportou as tarefas de produção de palavras derivadas e a decomposição de outros itens lexicais derivados

---

<sup>217</sup> Em Inglês *parallel dual-route model*.

em bases, de acordo com os morfemas derivacionais seleccionados para o nosso estudo experimental, e ainda a tarefa de identificação de pares de palavras.

Recordo que a média de 1,00 significaria total acerto em cada item, e  $\emptyset$  total desacerto.

### ***des-***

As tabelas seguintes mostram os resultados relativos aos testes de derivação e de decomposição, respectivamente, item a item.

**Tabela 37- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de derivação**

	N	Média	Dp
<i>Não culpei</i>	77	,74	,44137
<i>Não fazer</i>	77	,81	,39865
<i>Não ter cuidado</i>	77	,05	,22338
<i>Não igual</i>	77	,86	,35222
<i>Não confiei</i>	77	,90	,30713
<i>Não poluição</i>	77	,90	,30713
<i>Não respeitar</i>	77	,87	,33836
<i>Não necessários</i>	77	,86	,35222
<i>Não apego</i>	77	,66	,47601
<i>Não atam</i>	75	,88	,32715
<i>Não ordeiros</i>	77	,79	,40839
<i>Não enrola</i>	77	,95	,22338

**Tabela 38- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de decomposição**

	N	Média	Dp
<i>Despentear</i>	77	,9351	,24803
<i>Descontinuar</i>	77	,9610	,19477
<i>Desamar</i>	77	,7143	,45472
<i>Desolhar</i>	77	,8312	,37706
<i>Desobstruir</i>	77	,3766	,48772
<i>Desabalroar</i>	77	,3247	,47132
<i>Desabastecer</i>	77	,6364	,48420
<i>Desabonar</i>	77	,5714	,49812
<i>Desfranzir</i>	77	,8831	,32339
<i>Desnivelar</i>	77	,7532	,43395
<i>Desplasmar</i>	77	,7662	,42600
<i>Desvenerar</i>	77	,8182	,38822

No teste de derivação, na grande maioria dos casos, as crianças produziram correctamente as palavras *desculpei*, *desfazer*, *desigual*, *desconfiei*, *despoluição*, *desrespeitar*, *desnecessários*, *desatam*, *desordeiros* e *desenrola*. No caso de *descuidado*, resposta esperada pelos participantes, a esmagadora maioria das crianças errou na resposta, já que estas tinham como palavras-pista “não cuidado”, pelo que responderam, devido à informação contida nessa pista, *\*descuidado*. Em termos de rapidez de respostas, *desculpei*, *desconfiei*, *desemprego* e *desenrola* foram as respostas dadas com maior rapidez. No caso das restantes palavras, as crianças demoraram mais tempo até construírem o item lexical esperado, o que nos leva a

constatar que, para o efectuarem, os intervenientes atentaram para a constituição dos morfemas desses itens.

No teste de decomposição, as crianças demoraram mais tempo a responder no caso das palavras *nivelar*, *plasmar* e *venerar*, pouco frequentes na língua, indiciando que, para estes itens, procederam à decomposição das palavras através dos seus constituintes. No caso em que os participantes teriam de decompôr uma palavra derivada, cujo produto final resultaria numa base frequente, como o caso de *olhar* e *amar*, observou-se uma dualidade de respostas: por um lado, houve participantes que responderam rápida e correctamente e, por outro lado, houve crianças cujo tempo de respostas foi ligeiramente mais demorado e que produziram incorrectamente itens lexicais como *\*zamar* e *\*zolhar*. Esta produção também foi visível, maioritariamente, nas palavras pouco frequentes que se afigurariam como resposta esperada, mas que, ao invés, resultaram em *\*bstruir*, *\*bastecer*, *\*sabastecer*, *\*bonar* ou *\*sabonar*.

#### **-ez/-eza**

As tabelas seguintes mostram os resultados relativos aos testes de derivação e de decomposição, respectivamente, item a item.

**Tabela 39- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de derivação**

	N	Média	Dp
<i>Pálido</i>	75	,4933	,50332
<i>Grande</i>	75	,5867	,49575
<i>Rico</i>	75	,8800	,32715
<i>Macio</i>	75	,5467	,50117
<i>Redondo</i>	75	,7867	,41242
<i>Delicado</i>	75	,6533	,47911

<i>Ligeiro</i>	75	,3067	,46421
<i>Gélido</i>	75	,2000	,40269
<i>Justo</i>	75	,3600	,48323
<i>Malcriado</i>	75	,3600	,48323
<i>Ardil</i>	75	,6133	,49027

**Tabela 40- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de decomposição**

	N	Média	Dp
<i>Rapidez</i>	76	,9079	,29110
<i>Pureza</i>	76	,5855	,49253
<i>Viuvez</i>	76	,5921	,46698
<i>Limpeza</i>	76	,8750	,32787
<i>Singeleza</i>	75	,3800	,46383
<i>Sisudez</i>	75	,4133	,48889
<i>Hibridez</i>	75	,3200	,44752
<i>Pacatez</i>	75	,4333	,48861
<i>Esquiveza</i>	74	,3581	,47916
<i>Flacidez</i>	75	,4067	,47000
<i>Vasteza</i>	75	,2667	,41373
<i>Tibieza</i>	75	,2400	,35221

Na actividade de derivação, a grande maioria dos intervenientes precisou de ajuda para levar a cabo a concretização desta tarefa. Os únicos casos em que a resposta foi maioritariamente imediata e correcta deu-se com *riqueza* e *redondeza*. Para os restantes casos, a maioria das crianças optou por não arriscar proferir qualquer resposta, optando por aguardar que o investigador pudesse fornecer alguma pista. A escassez de respostas correctas na produção de palavras derivadas com este sufixo específico demonstrou a dificuldade que as crianças manifestaram na tentativa de execução dessa produção. Em parte, tal poderá dever-se à não produtividade de *-eza*.

Na tarefa de decomposição, *rápido* e *limpo* lideraram as respostas dadas correctamente e de modo mais rápido. Algumas respostas também foram bem sucedidas e algumas crianças também as forneceram de modo igual a esses itens lexicais, como foi o caso de *viúvo* e *pura*. No que diz respeito às restantes palavras elencadas nesta actividade, a grande maioria das crianças chegou (ou pelo menos tentou chegar) à resposta através da decomposição dessas palavras pelos morfemas que as formam, sendo esses itens pouco frequentes na língua, o que sugere que a baixa frequência das palavras leva a que as crianças tenham um acesso e representação daquelas através da segmentação dos constituintes menores.

#### ***-ês/-esa***

As tabelas seguintes mostram os resultados relativos aos testes de derivação e de decomposição, respectivamente, item a item.

**Tabela 41- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de derivação**

	N	Média	Dp
<i>Portugal</i>	77	,8831	,29128
<i>França</i>	77	,7597	,34991



<i>Japão</i>	77	,7727	,40185
<i>Inglaterra</i>	77	,6558	,47476
<i>Mongólia</i>	77	,3961	,48217
<i>Luxemburgo</i>	77	,4740	,44349
<i>Génova</i>	77	,4610	,48508
<i>Córdoba</i>	77	,5195	,48287
<i>Congo</i>	77	,6623	,42490
<i>Champanhe</i>	77	,4935	,48999
<i>Barcelona</i>	77	,5065	,49666
<i>Tirol</i>	77	,5000	,44426

**Tabela 42- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de decomposição**

	N	Média	Dp
<i>Chinês</i>	77	,9481	,22338
<i>Duquesa</i>	77	,4026	,49364
<i>Holandês</i>	77	,7792	,41749
<i>Baronesa</i>	77	,0390	,19477
<i>Marselhês</i>	77	,1818	,38822
<i>Nepalês</i>	77	,4675	,50222
<i>Cartaginesa</i>	77	,2208	,41749
<i>Politiquês</i>	77	,7532	,42630
<i>Maltesa</i>	77	,1558	,36509

<i>Ugandesa</i>	77	,2208	,41749
<i>Gronelandês</i>	77	,4026	,49364
<i>Bolonhesa</i>	77	,2597	,44137

Na tarefa de derivação, *português* e *francesa* foram as respostas fornecidas correctamente e mais rapidamente. Em *japonês*, embora tenha havido alguns casos de incorrecção na resposta, a globalidade das crianças demorou mais tempo a concretizá-la. Nas restantes situações, e em itens que apresentam baixa frequência e em que os intervenientes não estavam familiarizados com esses itens, os participantes tentaram produzir palavras derivadas através da segmentação que efectuaram dos constituintes das palavras em jogo, demorando, por isso, mais tempo a fornecer as respostas. Em certas ocorrências, as crianças conseguiram produzir itens lexicais derivados correctamente, enquanto noutros casos se registaram respostas incorrectas, que envolveram supressão de algumas sílabas de certas bases ou o uso de outros sufixos concorrentes que não *-ez/-eza*.

No que concerne à actividade de decomposição, nos casos em que era esperado que os participantes produzissem palavras frequentes, as respostas foram dadas muito rapidamente e de modo correcto (por exemplo, no caso de *China*, houve apenas duas respostas erradas), tal como sucedeu com *Holanda* e *política*. Nas restantes situações, nas quais as crianças se encontravam perante palavras menos frequentes e, consequentemente, menos familiares, o acesso a essas representações lexicais e respectiva resposta deu-se ao nível da identificação dos morfemas dessas palavras, o que, em certos casos, conduziu à produção de respostas correctas e, noutras ocasiões, levou à execução de respostas erradas (por exemplo, *\*politique*, *\*Nepalia* ou *\*Bolonhe*).

### ***-idade***

As tabelas seguintes mostram os resultados relativos aos testes de derivação e de decomposição, respectivamente, item a item.

**Tabela 43- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de derivação**

	N	Média	Dp
<i>Responsável</i>	77	,7922	,40025
<i>Digno</i>	77	,6883	,46622
<i>Novo</i>	77	,7403	,44137
<i>Claro</i>	77	,8442	,36509
<i>Opcional</i>	77	,4935	,50324
<i>Intranquilo</i>	77	,6364	,46337
<i>Negociável</i>	77	,0130	,11396
<i>Inumano</i>	77	,4610	,49846
<i>Institucional</i>	77	,2987	,46069
<i>Virtuoso</i>	77	,2727	,44828
<i>Radical</i>	77	,5714	,49812
<i>Gracioso</i>	77	,3896	,49086

**Tabela 44- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de decomposição**

	N	Média	Dp
<i>Facilidade</i>	77	,8831	,32339
<i>Gravidade</i>	77	,6883	,46622
<i>Actividade</i>	77	,3961	,48894
<i>Vaidade</i>	77	,9091	,28936

<i>Prematuridade</i>	77	,3571	,46494
<i>Frontalidade</i>	77	,5065	,50324
<i>Salubridade</i>	77	,1429	,35222
<i>Tortuosidade</i>	77	,2338	,41821
<i>Versatilidade</i>	77	,2468	,43395
<i>Imunidade</i>	77	,1688	,37706
<i>Afectuosidade</i>	77	,5844	,49605
<i>Malignidade</i>	77	,3896	,47727

Relativamente à actividade de derivação, as respostas fornecidas imediatamente e correctamente ocorreram com *responsabilidade*, *novidade* e *claridade*. Nas restantes situações, e precisamente com itens lexicais pouco frequentes, o tempo de resposta foi maior e, na maioria das ocasiões, em certas palavras, esse facto converteu-se na concretização de respostas incorrectas. Em algumas delas, os participantes acrescentaram o sufixo à palavra, tida como forma de base, sem terem em conta que a base seria o radical (por exemplo, *\*inumanidade*); noutras, suprimiram o morfema final (como em *\*gracidade*, em vez de *graciosidade*). Acresce o facto de, neste caso, as palavras apresentadas tanto como ajuda como solução para este teste serem extensas, exibindo por isso um número maior de sílabas face às que figuram nos testes dos restantes morfemas derivacionais aqui apresentados.

Na tarefa de decomposição, *fácil* foi a resposta concedida imediata e correctamente, a que se seguiu *vaidosa* e *grave*. Nas restantes situações, precisamente com palavras pouco frequentes e não familiares, as crianças tentaram responder através da segmentação dos constituintes das palavras derivadas, o que resultou em concretizações correctas em alguns casos, mas, na maioria, as respostas obtidas verificaram-se incorrectas. As tentativas de resposta foram semelhantes à das tarefas análogas com os outros afixos derivacionais aqui expostos, nomeadamente à supressão do sufixo sem alteração da base (por exemplo, *\*prematuro* ou *activ*, em que as crianças consideraram como base o elemento do radical e não a palavra no seu

tudo, portadora de elementos flexionais) e recurso a outras terminações (*\*frontalida* ou *\*efectuado*).

Através dos resultados obtidos, defendemos que o modelo de processamento morfológico utilizado pelas crianças é o modelo *Augmented Addressed Morphology*, proposto por Caramazza, Laudanna & Romani (1988), e também aqui corroborado. De facto, perante palavras frequentes na língua portuguesa e familiares para os falantes, o acesso a esses itens lexicais foi estabelecido com recurso ao acesso da palavra na sua totalidade, verificável pela rapidez no tempo de resposta, ao passo que, nos casos em que as crianças se confrontaram com palavras pouco frequentes e com as quais não se encontravam familiarizadas, recorreu-se à análise dos morfemas que figuraram nesses itens, facto este que leva a que o tempo de resposta seja prolongado.

Como todas as respostas das crianças foram gravadas, foi possível computar o tempo de latência, isto é, quanto tempo as crianças demoraram a responder. No entanto, a análise detalhada desse processo não é objecto dos estudos aqui reportados, por exceder os objectivos pretendidos.

#### **4.6- Análise dos resultados da tarefa de segmentação em Português**

Analisaremos agora os resultados obtidos na tarefa de segmentação e interpretação de palavras (umas em que figuram os afixos derivacionais presentes em estudo, e outras em que *des-*, *-eza*, *-ês/-esa* e *-idade* fazem parte, meramente como sequências iniciais e finais, não sendo por isso passíveis de serem segmentados enquanto afixos). Assim, e iniciando esta análise pela ordem segundo a qual as tarefas foram administradas às crianças, as palavras presentes na tarefa de segmentação e interpretação relativas a *des-* foram:

##### ***des-***

*descascar, desalgemar, desabitar, deslumbrar, desfilar, desporto, desacordo* e *despachar*. Aqui, as palavras consideradas não segmentáveis para o nosso estudo seriam *deslumbrar, desfilar, desporto* e *despachar*, na medida em que, nestes últimos quatro itens lexicais, não é possível atribuir a *des-* a qualidade de prefixo. Além disso,

consideraram-se erradas respostas fornecidas pelos participantes como *desfile* ou *deslumbra*, já que, nesta tarefa, era esperado que os participantes ou retirassem o afixo quando este estava incluído na palavra ou, no caso de se tratar de não-afixos, os participantes respondessem que a palavra não podia ser dividida (por esse mesmo motivo).

A tabela seguinte mostra os resultados relativos à tarefa de segmentação, item a item, com *des-*.

**Tabela 45 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de segmentação**

	N	Média	Dp
<i>Descascar</i>	77	,7662	,70517
<i>Desalgemar</i>	77	,4026	,73017
<i>Desabitar</i>	77	,6623	,80476
<i>Deslumbrar</i>	77	,2078	,46841
<i>Desfilar</i>	77	,9481	,60472
<i>Desporto</i>	77	1,0909	,51763
<i>Desacordo</i>	77	1,0649	,73157
<i>Despachar</i>	77	1,1948	,66962

Relativamente a *descascar*, era esperado que os participantes respondessem *casca*. Como respostas incorrectas, a maioria dos participantes respondeu *descasca/descasco*.

Em *desalgemar*, cuja resposta esperada seria *algema/s/r*, a resposta errada foi, predominantemente, *gemar*.

Para *desabitar*, cuja resposta válida seria *habitar*, verificou-se que os participantes erraram (embora isto se tenha verificado em número mais reduzido do que as anteriores) ao pronunciarem como resposta *\*sabitar* ou *\*bitar*.

No caso de *deslumbrar*, item este que não poderia ser decomponível em prefixo + forma de base, os participantes que não conseguiram acertar nesta parte deram como resposta, maioritariamente, *\*lumbrar*, a que se seguiu *deslumbra*.

Em *desfilar*, outro item lexical onde *des-* não figura como prefixo, as respostas erradas que ocorreram com maior frequência foram *filar*, *fila*, *desfile* e *\*esfilar*.

Em *desporto*, era esperado que as crianças respondessem que não era possível segmentar esta palavra. No entanto, também aqui se registaram alguns erros, de entre os quais se destaca, na esmagadora maioria dos casos, *porto*, seguido, em menor escala, de *\*esporto* e de *\*despor*.

No caso de *desacordo*, cuja resposta positiva esperada seria *acordo*, no âmbito das respostas erradas, os participantes pronunciaram, na globalidade, *\*cordo* e *cor*, havendo igualmente casos pontuais em que as crianças referiram *sacordo* como item lexical menor contido em *desacordo*.

Para *despachar*, palavra em que *des-* não se apresenta como prefixo e, portanto, não segmentável, a maioria das crianças mencionou como respostas erradas *\*pachar* como dado dominante, seguido de respostas como *\*espachar* ou *despacha*.

#### ***-ez/-eza***

A tabela seguinte mostra os resultados relativos à tarefa de segmentação, item a item, com *-ez/eza*.

**Tabela 46 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de segmentação**

	N	Média	Dp
<i>Vez</i>	75	1,1067	,70851

<i>Profundez</i>	75	,5200	,77738
<i>Veneza</i>	75	,3867	,71458
<i>Moleza</i>	75	,7600	,81936
<i>Agudeza</i>	75	,6800	,84085
<i>Xadrez</i>	75	1,4400	,66251
<i>Liquidez</i>	75	,9600	,74326
<i>Dez</i>	75	1,6800	,49756

No que diz respeito à segmentação das palavras constituídas por *–eza*, verificou-se que, no caso de *vez*, nas situações de erro, os participantes pronunciaram em maior número *–ez* e *vê*.

Em *profundez*, como respostas erradas, a generalidade das crianças mencionou *\*fundez* e *dez*.

Quanto ao item lexical *Veneza*, em termos de respostas erradas, a única globalmente mencionada foi *\*neza*.

No caso de *moleza*, também aqui a única resposta errada mais referida aquando da segmentação foi *\*leza*.

Em *agudeza*, em termos de respostas erradas, os participantes pronunciaram maioritariamente *\*deza*, e ainda *agudez*, *\*gudeza* e *eza*, estes três últimos em número mais reduzido.

Quanto a *xadrez*, a resposta errada globalmente dada foi *\*drez*, seguida de, em número menor, *\*xadre* e *ez*.

No caso de *liquidez*, como itens errados, as crianças mencionaram *dez* e *\*quidez*.

Em *dez*, os participantes mencionaram geralmente como respostas erradas *ez* e *de*.



**-ês/-esa**

A tabela seguinte mostra os resultados relativos à tarefa de segmentação, item a item, com *-ês/-esa*.

**Tabela 47 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de segmentação**

	N	Média	Dp
<i>Empresa</i>	77	,9870	,59590
<i>Camponesa</i>	77	,7013	,79579
<i>Três</i>	77	1,7273	,44828
<i>Libanês</i>	77	,0000	,00000
<i>Mirandesa</i>	77	,3506	,60189
<i>Mês</i>	77	1,2403	,57703
<i>Leonesa</i>	77	,0649	,29637
<i>Goesa</i>	77	,0130	,11396

No que diz respeito à segmentação de palavras em que ocorre *-ês/-esa*, maioritariamente, as crianças pronunciaram incorrectamente *presa*, *\*empr* e *em*.

No caso de *camponesa*, as respostas erradas foram, globalmente, *\*ponesa* e *\*nesa*.

Em *três*, as respostas erradas geralmente oscilaram entre *\*tre* e *ês*.

No caso de *libanês*, nenhum dos participantes sabia a resposta e, por isso, as crianças não apresentaram nenhuma.

Em *mirandesa*, as respostas erradas, embora muito reduzidas, variaram entre *esa*, *mirandês* e *\*desa*.

Quanto a *mês*, os participantes que erraram pronunciaram como resposta *ês* e *\*mê*.

Para *leonesa*, um participante respondeu, erradamente, *\*nesa*, enquanto outro proferiu *esa*.

Em *goesa*, houve uma ausência de conhecimento de resposta por parte das crianças, o que fez também com que nenhum participante arriscasse nenhuma resposta.

### ***-idade***

A tabela seguinte mostra os resultados relativos à tarefa de segmentação, item a item, com *-idade*.

**Tabela 48 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de segmentação**

	N	Média	Dp
<i>Cidade</i>	77	1,0130	,67849
<i>Brevidade</i>	77	,0649	,24803
<i>Idade</i>	77	1,2987	,70831
<i>Falsidade</i>	77	,8701	,67572
<i>Oportunidade</i>	77	,3247	,49846
<i>Antiguidade</i>	77	,6104	,69122
<i>Habilidade</i>	77	,3896	,51697
<i>Santidade</i>	77	,4935	,62034

No que concerne à segmentação com itens lexicais terminados em *-idade*, verificou-se que, no caso de *cidade*, a generalidade de respostas erradas recaiu sobre *idade*, *\*dade* e *\*cida*.

Quanto a *brevidade*, praticamente nenhum interveniente respondeu por falta de conhecimento da resposta, sendo que apenas três participantes tentaram responder, ainda que incorrectamente, pois pronunciaram, cada um, *idade*, *\*revidade* e *\*brevi*.

Em *idade*, a globalidade de respostas erradas manifestou-se ao nível da referência de *idade*, *dade* e *ida*.

No caso de *falsidade*, a generalidade dos participantes mencionou, em termos de produções erradas, *idade*, *\*sidade* e *\*dade*.

Para *oportunidade*, os participantes que produziram respostas erradas proferiram itens como *idade*, *unidade*, *\*portunidade*, *\*portuni*, *\*oportuni*, *\*oportu* e *\*tunidade*. A variabilidade de respostas erradas poderá estar relacionada com o maior número de sílabas do item lexical em causa.

Em *antiguidade*, as respostas erradas oscilaram maioritariamente entre *idade*, *\*guidade* e *\*antigui*.

Quanto a *habilidade*, a generalidade das crianças que respondeu erradamente proferiu elementos como *idade* e *\*bilidade*.

Por último, no caso de *santidade*, os participantes que deram negativamente a resposta referiram globalmente *idade*, *\*tidade* e *\*santi*.

#### **4.7- Análise dos resultados na tarefa de escolha do morfema base**

##### **Em Português**

Na tarefa de escolha do morfema base, de entre as palavras seleccionadas para a aplicação deste teste, foram distribuídos oito itens para cada afixo derivacional em estudo. Assim, para *des-* os itens lexicais presentes foram: *desligar*, *desfolhar*, *desfigurada*, *desarmamento*, *desamparar*, *desterrado*, *desprendimento* e *despropósito*. Para *-eza*, foram extraídos *rareza*, *gaguez*, *largueza*, *altivez*, *fineza*, *avareza*, *morbidez* e *aridez*. Para *-ês/-esa*, foram seleccionadas as palavras *dinamarquês*, *finlandês*, *milanesa*, *polonesa*, *montanhesa*, *tarragonês*, *jornalês* e *escocesa*. Por último, para *-idade* as palavras apuradas foram *validade*, *agressividade*,

*anterioridade, pontualidade, legalidade, funcionalidade, luminosidade e superioridade.*

### ***-des***

A tabela seguinte mostra as médias (e desvios-padrão) de acertos na tarefa de escolha de morfema base, item a item, com *des-*.

**Tabela 49 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de morfema base**

	N	Média	Dp
<i>Desligar</i>	77	,7532	,43395
<i>Desfolhar</i>	77	,7792	,41749
<i>Desfigurada</i>	77	,7662	,42600
<i>Desarmamento</i>	77	,4675	,50222
<i>Desterrado</i>	77	,0909	,28936
<i>Desamparar</i>	77	,3377	,47601
<i>Desprendimento</i>	77	,6364	,48420
<i>Despropósito</i>	77	,7273	,44828

Iniciando a análise de resultados com o prefixo *des-*, em *desligar*, os participantes responderam maioritariamente *desligar*, seguido de *ligar* e de *des*. Em *desfolhar*, a generalidade dos participantes respondeu *folhar*, a que se seguiram, em número menor, *desfolha*, *des* e *folha*. Para *desfigurada*, sendo este um derivado regressivo que, por conversão, passa a Adjectivo, a palavra mais referida foi *figurada*, à qual se

seguiram *desfigura*, *figura* e *des*. Em *desarmamento*<sup>218</sup>, a globalidade das crianças respondeu *armamento*, acompanhada, em menor número, por *\*mamento*, *\*sarmamento*, *des* e *desarma/r*. Quanto a *desamparar*, a maioria dos participantes referiu *amparar*, *parar*, *\*zamparar* e *desampara*. Em *desterrado*, considerado igualmente como derivado regressivo, tornado Adjectivo através de conversão, as respostas dos participantes variaram entre *terrado*, *terra*, *\*desterra*, *des* e *\*esterrado*. Para *desprendimento*, a generalidade das crianças respondeu *prendimento*, *\*dimento*, *prender/prendi*, *des*, *desprende/desprendi* e *mento*. Em *despropósito*, a grande maioria dos intervenientes mencionou *propósito*, *des* e *\*pósito*.

### **-ez/eza**

A tabela seguinte mostra as médias (e desvios-padrão) de acertos na tarefa de escolha de morfema base, item a item, com *-eza*.

**Tabela 50 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de morfema base**

	N	Média	Dp
<i>Rareza</i>	75	,2000	,40269
<i>Gaguez</i>	75	,2133	,41242
<i>Largueza</i>	75	,3200	,46962
<i>Altivez</i>	75	,1200	,32715
<i>Fineza</i>	75	,2533	,43785
<i>Avareza</i>	75	,1067	,31077

<sup>218</sup> Foi também objectivo, nesta dissertação, testar palavras que anteriormente passaram por um processo derivacional, pois os resultados apontam para maiores dificuldades, por parte dos intervenientes, com palavras em que esta situação ocorreu, por exemplo, com *desarmamento* (*armar-desarmar-desarmamento*) ou *desprendimento* (*prende-prender-desprender-desprendimento*).

<i>Morbidez</i>	75	,0800	,27312
<i>Aridez</i>	75	,1467	,35616

No que concerne ao afixo derivacional *-eza*, a escolha do morfema base referente à palavra *rareza* incidiu essencialmente sobre *raro*, seguido de *reza* e, em menor número, de *\*areza*, *rar* e *\*rareza*. Para *gaguez*, a generalidade dos participantes respondeu *gago* e *\*guez*, havendo ainda outros que mencionaram *gag* e *\*gaguê*. No caso de *largueza*, as crianças seleccionaram maioritariamente *largo/a* e *\*guezza*, havendo igualmente algumas referências a *larg*, *\*larguez*, *\*lar* e *\*argueza*. Quanto a *altivez*, as crianças seleccionaram *\*tivez*, e apenas algumas proferiram *altivo*, já que este Adjectivo, por sua vez, também é complexo (*alt-* + *-ivo*) a que se seguiram *vez*, *\*alti*, *alto* e *al*. Em *fineza*, a esmagadora maioria dos intervenientes declarou como escolha *\*neza*, bem como *fin/o*, e, em menor número, *\*finez* e *\*finê*. Em *avareza*, as crianças voltaram a eleger, globalmente, *reza* e *\*vareza*, seguido posteriormente de *\*avarê*, *avar/o*, *avarento* e *\*avarez*. Para *morbidez*, a maioria dos participantes optou por *\*bidez*, e, em menor abundância, *mórbid/o/a*, *\*morbi*, *dez* e *\*orbidez*. No caso de *aridez*, *dez* foi eleita a escolha da generalidade das crianças, à qual se seguiram, em modo mais limitado, *árid/o*, *\*ridez*, *\*ari*, *aridez* e *\*idez*.

#### ***-ês/-esa***

A tabela seguinte mostra as médias (e desvios-padrão) de acertos na tarefa de escolha de morfema base, item a item, com *-ês/-esa*.

**Tabela 51 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de morfema base**

	N	Média	Dp
<i>Dinamarquês</i>	77	,1818	,38822

<i>Finlandês</i>	77	,1299	,33836
<i>Milanesa</i>	77	,0390	,19477
<i>Polonesa</i>	77	,0519	,22338
<i>Montanhesa</i>	77	,2597	,44137
<i>Tarragonês</i>	77	,0649	,24803
<i>Jornalês</i>	77	,4156	,49605
<i>Escocesa</i>	77	,0909	,28936

No que diz respeito às em palavras terminadas em *-ês/-esa*, em *dinamarquês* a esmagadora maioria das crianças optou por *marquês*, algumas escolheram *Dinamarc/a* e poucas escolheram *dina*, *\*dinamar* e *\*quês*. Para *finlandês*, a generalidade dos intervenientes preferiu seleccionar *\*landês*, enquanto uma pequena minoria referiu *Finlândia*, *\*finland*, *\*finlanda*, *final* e *fila*. Em *milanesa*, as crianças preferiram, globalmente, *\*lanesa*, seguido de *mila* e, em menor proporção, *\*nesa*, *Milão*, *\*ilanesa*, *\*milan* e *\*anesa*. Para *polonesa*, grande parte das crianças mencionou *\*lonesa*, enquanto algumas optaram por *\*nesa*, *Polónia*, *\*polo*, *\*polon*, *polonês* e *esa*. Em *montanhesa*, a selecção de *\*tanhesa* foi um pouco superior à de *montanha*, havendo ocorrências menores de *monta*, *\*nhesa*, *esa*, *monte*, *\*montanhê*, *\*mon* e *montanhês*. Em *tarragonês*, a generalidade das crianças seleccionou *\*gonês*, e alguns intervenientes mencionaram *\*tarra*, *\*ragonês*, *tarragon/a*, *\*tarrago* e *\*nês*. No caso de *jornalês*, a grande maioria das crianças preferiu *jornal*, enquanto outras optaram por *\*nalês*, *\*lês* e *\*jor*. Para *escocesa*, a escolha dos participantes recaiu principalmente sobre *\*cesa*, a que se juntaram outras preferências como *\*cocesa*, *\*escoce*, *Escócia*, *escocês* e *esa*.

### ***-idade***

A tabela seguinte mostra as médias (e desvios-padrão) de acertos na tarefa de escolha de morfema base, item a item, com *-idade*.

**Tabela 52 – Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de morfema base**

	N	Média	Dp
<i>Validade</i>	77	,2208	,41749
<i>Agressividade</i>	77	,2597	,44137
<i>Anterioridade</i>	77	,3506	,48030
<i>Pontualidade</i>	77	,3636	,48420
<i>Legalidade</i>	77	,2987	,46069
<i>Funcionalidade</i>	77	,3247	,47132
<i>Luminosidade</i>	77	,3117	,46622
<i>Superioridade</i>	77	,2857	,45472

Relativamente à eleição do morfema base referente aos itens lexicais terminados em

–*idade* seleccionados para esta tarefa, constatou-se que, para a palavra *validade*, a globalidade dos participantes optou por *idade*, seguindo-se *válido/a*, *\*lidade* e *idade*. Em *agressividade*, *agressiv/o/a* foi escolhido a par com *idade*, havendo alguns intervenientes a optar por *\*sividade*, *\*vidade* ou *\*agressivi*. Em *anterioridade*, *anterior* foi a palavra seleccionada por mais crianças, às quais se juntam também *idade*, *\*dade*, *\*terioridade* e *\*oridade*. No caso de *pontualidade*, *idade* reuniu a escolha maior dos participantes, seguida de *pontual*, *ponto* e, em poucas ocorrências, *\*dade*, *\*lidade* e *\*tualidade*. Em *legalidade*, a escolha de *legal* foi pouco superior a *idade* e, em menor dimensão, algumas crianças optaram por referir *\*dade*, *\*legali* e *\*galidade*. Para *funcionalidade*, *idade* foi seleccionado em maior número do que *funcional*, havendo, igualmente ocorrências menores de *funciona/r*, *\*dade*,



*\*cionalidade* e *funcionário*. Em *luminosidade*, a generalidade dos participantes optou por seleccionar *luminoso/a*, seguida, por uma diferença pouco significativa, de *idade*. Em menor ocorrência os participantes mencionaram *\*dade*, *\*sidade* e *\*lumino*. Finalmente, no caso de *superioridade*, as crianças escolheram sobretudo *superior* e *idade*, enquanto apenas alguns intervenientes preferiram assinalar *\*dade*, *super* e *\*perioridade*.

#### **4.8- Discussão dos resultados obtidos nas tarefas de segmentação de palavras e de escolha de um morfema base**

Os resultados obtidos nas tarefas de segmentação de palavras e de identificação de um morfema base levam-nos a tecer algumas considerações de âmbito fonético e fonológico, dado que a maioria dos participantes efectuou as suas respostas com base nas particularidades que ocorrem ao nível da sílaba.

De acordo com Mateus *et al.* (1990), da prosódia fazem parte várias especificidades, tais como o tempo da frequência fundamental, a duração e a intensidade. Aquando da produção da fala, os segmentos sonoros são alocados em sílabas que, por sua vez, são agrupadas em palavras. Importa, neste caso, decodificar que aspectos estão presentes nessa produção e que auxiliam os falantes na circunscrição dos limites que estão presentes nos mais variados itens lexicais.

No que diz respeito à acentuação das palavras, as mesmas autoras consideram que uma determinada sílaba atinge a sua maior proeminência quando as variações da frequência fundamental são amplas. Esta amplitude, em Português Europeu, encontra-se no final dos itens entoacionais, e a sílaba que apresenta maior amplitude é considerada como a mais dotada de proeminência em relação às restantes sílabas presentes num determinado item lexical. De acordo com Mateus *et al.* (1990), podem ser atribuídas como causas de uma proeminência elevada factores como uma duração maior, uma frequência mais elevada ou uma intensidade superior, ou ainda um conjunto destes três factores. A sílaba mais proeminente está inserida no denominado núcleo, enquanto o acento nuclear ou prosódico concede o carácter proeminente associado a essa sílaba.

Por seu turno, o ritmo diz respeito ao agrupamento temporal dos sons da fala, que se podem desdobrar entre tempos fortes e fracos, ou proeminentes e não proeminentes, e que desempenha um papel fundamental na constituição de segmentos sonoros em sílabas, e de sílabas em palavras. As sílabas são definidas, assim, como unidades rítmicas constituídas por um conjunto de segmentos que, por sua vez, se encontram inseridos num segmento que detém um grau de proeminência mais elevado. O núcleo, em que ocorre obrigatoriamente uma vogal, insere-se no domínio da rima, sendo este o único constituinte obrigatoriamente preenchido na sílaba. Em Português Europeu, as vogais abertas afiguram-se como as unidades mais proeminentes, sendo esse o motivo pelo qual elas estão representadas no núcleo da sílaba. O núcleo pode ser precedido por um ataque (constituído por uma consoante ou sequências consonânticas), ou seguido de uma coda (constituído por consoantes específicas, como /l/, /r/ ou /s/).

Quando ocorre uma combinação de unidades prosódicas, surgem, segundo as autoras, os denominados constituintes prosódicos, dentro dos quais existe uma proeminência de acento mais elevada do que todos os restantes, à qual se dá o nome de sílaba tónica. Esta, por seu turno, é mais longa e contém a amplitude mais elevada em termos de frequência fundamental. Mateus *et al.* (1990) salientam ainda que, quanto à generalidade dos substantivos e adjectivos do Português Europeu, a sílaba tónica recai sobre a última vogal do radical dessas palavras. Essa vogal pode encontrar-se em penúltimo ou em último lugar nesse item lexical. Já em palavras morfologicamente complexas portadoras de afixos derivacionais, ocorre, na maioria das vezes, uma alteração (ortográfica e/ou de acentuação) da forma de base da palavra à qual esse sufixo se soldou.

Neste ponto, não se pretende fazer um estudo exaustivo acerca da Prosódia ou da Fonologia, mas antes tecer algumas considerações, perante os resultados que se verificaram nesta tarefa. Estas apreciações emergem, por isso, da necessidade de recorrer a outras áreas da Linguística para que se estabeleça uma interligação com a Morfologia.

Na generalidade dos casos, os dados obtidos indicam que, nas tarefas acima mencionadas, a maioria das crianças efectuou um dos seguintes passos:

- no caso de, em ambas as tarefas, figurarem palavras em que um dos morfemas era uma palavra existente na língua portuguesa, e era igualmente frequente (por exemplo, em *antiguidade*, na qual figura *idade*, item este que, por sua vez, também ocorre na língua como forma de substantivo), as crianças vão eleger (como morfema ou palavra) a unidade linguística mais frequente (neste caso, muitas escolheram *idade* em detrimento de *antigo*, facto que se verificou também na tarefa de identificação do morfema base referente a este sufixo);

- quando segmentam unidades linguísticas que não possuem autonomia (por exemplo, *\*mi-* e *\*lanesa*, em *milanesa*), os intervenientes elegem unidades que, embora sejam inexistentes, são seleccionadas transportando também a sílaba tónica, sendo que, em alguns casos, esses elementos seleccionados iniciam-se precisamente pela sílaba que apresenta maior proeminência. Estes resultados indicam que, na globalidade, existe uma grande dificuldade, no 3.º ano de escolaridade, de efectuar um *parsing* correctamente, sugerindo que, neste grau de ensino, deve ser efectuada, nas escolas de primeiro ciclo, um trabalho a nível morfológico, promovendo um ensino explícito acerca da morfologia derivacional, de forma a suprir algumas das lacunas encontradas através da realização deste estudo experimental.

#### **4.9- Discussão dos resultados obtidos na tarefa de pares de palavras**

##### **Em Português**

Nesta actividade, verificou-se que as crianças apresentam uma maior sensibilidade ao reconhecimento da base do que ao dos afixos, e que o início de palavra é decisivo para que estes intervenientes decidam se aqueles itens lexicais pertencem ou não à mesma família de palavras, pelo que apresentarei aqui os casos que considero mais relevantes.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *des-*.

**Tabela 59- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Tapar/Destapar</i>	77	,8571	,35222
<i>Entendimento/Desenvolvimento</i>	77	,8182	,38822
<i>Casar/Descascar</i>	77	,9481	,22338
<i>Descrição/Descrever</i>	77	,8052	,39865
<i>Desdobramentos/Descobrimientos</i>	77	,7273	,44828
<i>Afiar/Desafiar</i>	77	,2597	,44137
<i>Despertar/Apertar</i>	77	,5455	,50119
<i>Interesse/Desinteressado</i>	77	,7662	,42600

No caso das palavras apresentadas a respeito de *des-*, em *casar/descascar*, a maioria das crianças respondeu positivamente, já que, para além da base ser diferente, o início da palavra também o é. Em *desdobramentos/descobrimientos*, também se registou um grande número de respostas correctas, pois a diferença reside na base e não no sufixo. Em *afiar/desafiar*, houve um maior número de respostas erradas, já que, apesar de a base ser igual, os significados são distintos. Em *interesse/desinteressado*, houve respostas geralmente correctas, pois na base há uma sequência comum, mesmo com a adição de um prefixo e do morfema de particípio passado; além disso, trata-se de uma palavra frequente na língua.

**Tabela 60- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Rápido/Rapidez</i>	75	,9733	,16219
<i>Reza/Pequeneza</i>	75	,9733	,16219
<i>Talvez/Acidez</i>	75	,8933	,31077
<i>Magreza/Veneza</i>	75	,9067	,29286
<i>Embriagado/Embriaguez</i>	75	,9467	,22621
<i>Solidez/Solidão</i>	75	,0533	,22621
<i>Firma/Firmeza</i>	75	1,0000	,00000
<i>Limpo/Limpeza</i>	75	1,0000	,00000

No que diz respeito a *-eza*, em *rápido/rapidez* e *limpo/limpeza*, as crianças responderam na sua maioria correctamente, na medida em que, para além de serem palavras frequentes, a base também é idêntica. Este último aspecto foi também decisivo para as respostas maioritariamente correctas das crianças com *embriagado/embriaguez*. Em *reza/pequeneza*, *talvez/acidez* e *magreza/Veneza*, registou-se um grande número de respostas correctas, pois o início das palavras à direita é sempre distinto. Em *solidez/solidão*, assim como em *firma/firmeza*, houve um grande número de respostas erradas, sendo que aquilo que induziu as crianças em erro terá sido o facto de o início das bases ser igual.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *-ez/-eza*.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *-ês/-esa*.

**Tabela 61- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Inês/Chinês</i>	77	,7922	,40839
<i>Islandês/Islândia</i>	77	,8571	,35222
<i>Camarões/Camaronês</i>	77	,5844	,49605
<i>Presa/Surpresa</i>	77	,8312	,37706
<i>Despensa/Despesa</i>	77	,5974	,49364
<i>Sudão/Sudanês</i>	77	,7922	,40839
<i>Defender/Defesa</i>	77	,9351	,24803
<i>Francesa/Acesa</i>	77	,8571	,35222

Relativamente a *–ês/esa*, em *Inês/chinês*, *presa/surpresa* e *francesa/acesa*, a maioria dos intervenientes deu respostas correctas, já que o início destes itens lexicais é distinto e, além disso, ambos se afiguram como palavras frequentes. Em *islandês/Islândia*, as respostas foram geralmente correctas, já que a base permanece em ambas as palavras. No caso de *defender/defesa*, este foi o par de palavras que obteve o maior número de respostas correctas, já que são palavras muito frequentes na língua.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *–idade*.

**Tabela 62- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Simples/Simplicidade</i>	77	,8701	,33836
<i>Idade/Dignidade</i>	77	,8442	,36509
<i>Moço/Mocidade</i>	77	,5714	,49812
<i>Perenidade/Serenidade</i>	77	,7143	,45472
<i>Modernidade/Modernizar</i>	77	,7922	,40839
<i>Espírito/Espiritualidade</i>	77	,9481	,22338
<i>Cidade/Infelicidade</i>	77	,8312	,37706
<i>Sinceridade/Sincero</i>	77	,7403	,44137

Quanto a *-idade*, em *simples/simplicidade*, a maioria dos participantes respondeu positivamente, já que o início das palavras é idêntico; o mesmo ocorreu com *modernidade/modernizar*, com *espírito/espiritualidade* e com *sinceridade/sincero*, sendo que nestes dois últimos pares as palavras em causa são frequentes. Em *idade/dignidade*, *perenidade/serenidade* e em *cidade/infelicidade*, registaram-se maioritariamente respostas certas, já que o início das segundas palavras é distinto do das primeiras, o que fez com que os alunos as reconhecessem como não sendo da mesma “família”.

#### **- Em Inglês**

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *de-*.

**Tabela 63- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Decade/Decadent</i>	77	,3247	,47132
<i>Desert/Dessert</i>	77	,4026	,49364
<i>Mobbed/Demobbed</i>	77	,4416	,49983
<i>Moral/Demoralise</i>	77	,6753	,47132
<i>Stabilise/Stabilisation</i>	77	,7662	,42600
<i>Definition/Defend</i>	77	,7403	,44137
<i>Destroy/Describe</i>	77	,7792	,41749
<i>Generate/Degenerate</i>	77	,5844	,49605

No que concerne ao prefixo *de-*, em *decade/decadent*, a maioria das crianças errou, na medida e que, como a base só muda na sequência final, esse facto fez com que aquelas considerassem que ambas as palavras pertenciam à mesma família. Em *mobbed/demobbed*, a maioria também errou, já que o início da base era distinto, mas o mesmo não se verificou com *moral/demoralise* e com *stabilise/stabilisation*, talvez por influência da L1. No caso de *definition/defend* e *destroy/describe*, a maioria das crianças acertou, já que as bases de cada par são distintas.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *dis-*.

**Tabela 64- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**



	N	Média	Dp
<i>Regarded/Disregarded</i>	77	,5325	,50222
<i>Discuss/Dismiss</i>	77	,6104	,49086
<i>Disgrace/Disguise</i>	77	,5974	,49364
<i>Appear/Disappear</i>	77	,5974	,49364
<i>Dishonor/Dishonest</i>	77	,4026	,49364
<i>Discover/Discount</i>	77	,6234	,48772
<i>Able/Disabled</i>	77	,4805	,50290
<i>Advantage/Disadvantage</i>	77	,7403	,44137

No caso de *dis-*, em *discuss/dismiss*, *disgrace/disguise* e *discover/discount* a generalidade das respostas foram correctas, na medida em que as bases são diferentes entre si. Em *advantage/disadvantage*, a maioria das crianças acertou, o que pode estar relacionado com uma provável influência da L1

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *-ese*.

**Tabela 65- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Leon/Leonese</i>	77	,7403	,44137
<i>Congolese/Togolese</i>	77	,7143	,45472

<i>Mother/Motherese</i>	77	,8442	,36509
<i>Lebanese/Sudanese</i>	77	,7662	,42600
<i>Milan/Milanese</i>	77	,7792	,41749
<i>Javanese/Manganesese</i>	77	,8831	,32339
<i>Veronese/Ceylonese</i>	77	,7922	,40839
<i>Bali/Balinese</i>	77	,8701	,33836

Quanto a *-ese*, em *Leon/Leonese*, *mother/motherese*, *Milan/Milanese* e *Bali/Balinese*, a maioria das crianças respondeu correctamente, pois a base permanece idêntica em cada par de palavras. Em *Congolese/Togolese*, *Lebanese/Sudanese*, *Javanese/Manganesese* e *Veronese/Ceylonese*, as respostas foram também igualmente correctas, pois as bases são distintas, apesar de o sufixo ser igual.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *-ess*.

**Tabela 66- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Abbot/Abbess</i>	77	,3247	,47132
<i>Burgh/Burgess</i>	77	,5714	,49812
<i>Acess/Princess</i>	77	,8831	,32339
<i>God/Goddess</i>	77	,8442	,36509

<i>Process/Stress</i>	77	,8961	,30713
<i>Guinness/Excess</i>	77	,9221	,26981
<i>Congress/Confess</i>	77	,4805	,50290
<i>Duke/Duchess</i>	77	,4416	,49983

No que diz respeito a *-ess*, em *abbott/abbess* e em *duke/duchess*, a generalidade dos participantes errou a resposta, ao considerarem que não se tratava de palavras da mesma família, dadas as diferenças (ortográficas) existentes. Em *access/princess*, *process/stress* e *Guinness/excess*, registou-se um número considerável de respostas certas, já que o início das bases de cada par de palavras é distinto. Em *congress/confess*, a maioria dos intervenientes errou a resposta, já que as bases dessas duas palavras são muito semelhantes, embora a sequência medial difira.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *-ity*.

**Tabela 67- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Capacity/Sagacity</i>	77	,8182	,38822
<i>Dense/Density</i>	77	,7013	,46069
<i>Possibility/Liability</i>	77	,8182	,38822
<i>Prosperous/Prosperity</i>	77	,7013	,46069
<i>Space/Spaciality</i>	77	,7273	,44828

<i>Selectivity/Subjectivity</i>	77	,5584	,49983
<i>Nation/Nationality</i>	77	,8701	,33836
<i>Charity/Rarity</i>	77	,7403	,44137

No caso de *-ity*, em *capacity/sagacity*, *possibility/liability* e *charity/rarity*, a generalidade das respostas foi correcta, pois as bases de cada par são distintas, apesar de conterem o mesmo sufixo. Em *dense/density*, *prosperous/prosperity* e *nation/nationality*, a maioria dos participantes respondeu acertadamente, já que em todos estes pares a base é a mesma; o mesmo sucedeu em *space/spaciality*, acrescendo o facto de este último par poder ter sido influenciado pela L1.

A tabela seguinte mostra o resultado relativo ao teste de escolha de pares de palavras, item a item, com *-ness*.

**Tabela 68- Médias e desvios-padrão de cada item do teste de escolha de pares de palavras**

	N	Média	Dp
<i>Madness/Sadness</i>	77	,7273	,44828
<i>Unique/Uniqueness</i>	77	,8312	,37706
<i>Nasty/Nastiness</i>	77	,5584	,49983
<i>Fitness/Wetness</i>	77	,8442	,36509
<i>Attractive/Attractiveness</i>	77	,9091	,28936
<i>Completeness/Compete</i>	77	,4156	,49605

<i>Blackness/Blueness</i>	77	,6753	,47132
<i>One/Oneness</i>	77	,8182	,38822

No caso de *-ness*, em *madness/sadness*, *fitness/wetness* e em *blackness/blueness*, as respostas dadas foram globalmente certas, uma vez que a base destes pares de palavras é distinta. Já em *unique/uniqueness*, *one/oneness* e *attractive/attractiveness*, as respostas foram maioritariamente correctas, pelo facto de as bases estarem presentes em ambas as palavras de cada par, sem alterações (ortográficas), sendo que este último par foi o que obteve maior número de respostas correctas, por provável influência da L1.

Deste modo, através dos resultados obtidos, verifica-se que as crianças atentam mais para aspectos relacionados com a base do que com os afixos, sobretudo se se tratarem de sufixos. As crianças parecem ser sensíveis à configuração das bases: se forem ortograficamente semelhantes, estes intervenientes tendem a considerá-las como pertencentes à mesma família de palavras, o que nem sempre ocorre (veja-se *decade/decadent*, por exemplo); se, por sua vez, as bases se iniciarem de modo distinto, as crianças não conseguem, geralmente, estabelecer nenhuma ligação, para que as considerem como pertencentes à mesma família, mesmo que contenham o mesmo sufixo. Este aspecto é visível tanto em Português como em Inglês.

No que diz respeito aos prefixos aqui considerados, em português, *des-* causou alguma confusão no caso de *afiar/desafiar*, que muitas crianças julgaram, a partir da coincidência formal, pertencer à mesma família, mas que julgaram correctamente em *interesse/desinteressado*. A justificação possível para estas ocorrências reside no facto de as crianças terem verificado que a base destes dois pares permanecia igual, não atentando, aparentemente, para o carácter semântico daqueles. Em inglês, este aspecto não foi semelhante, já que em *mobbed/demobbed* e em *able/disabled*, a maioria das crianças errou a resposta, ainda que não por muita diferença, ao considerar estas palavras como não pertencentes à mesma família.

Observou-se ainda que, em português, a frequência de alguns itens lexicais apresentados nesta tarefa revelou-se preponderante para a escolha da resposta

apresentada pelas crianças e que, em inglês, a semelhança ortográfica que algumas das palavras apresentadas tinham com a língua portuguesa, aliada à frequência, contribuiu para algumas respostas correctas concedidas pelas crianças. Isto significa que a L1 terá influenciado a L2, nos casos em que as palavras exibidas eram ortograficamente semelhantes e frequentes na língua portuguesa.

#### **4.10- Apresentação e discussão dos resultados obtidos na tarefa de tradução de palavras em Inglês**

Os resultados obtidos nesta tarefa foram, como era esperado, inferiores, devido ao facto de as crianças, nesta fase de aquisição e desenvolvimento de língua segunda – inglês, estarem ainda numa fase incipiente. Assim, só perante casos em que as palavras apresentadas se assemelharam ortograficamente a vocábulos existentes na língua portuguesa (por exemplo, *decide*, *princess*, *responsibility*, entre outros) as respostas foram bem sucedidas. Aliado a este aspecto, a frequência desempenhou, igualmente, um papel fulcral no desempenho desta tarefa, na medida em que as palavras em que grande parte das crianças respondeu correctamente revelaram-se frequentes em português (*decide*, *December*, *discos*, *discipline*, *maltese*, *princess*, *responsibility*, *sponginess*, *correctness*).

Por outro lado, e sobretudo a respeito de *-ity*, as crianças traduziram as palavras expostas referindo-se apenas às bases, colocando de lado o sufixo que as acompanhava. Esta situação verificou-se com *equality*, *suavity* e *popularity*, em que algumas crianças responderam, como tradução, *igual*, *suave* e *popular*, respectivamente.

Uma vez mais, pode constatar-se que a estrutura e a informação semântica contida nas bases revelam-se fundamentais para as crianças, quando confrontadas com actividades deste carácter.

#### **4.11- Alguns “erros” produzidos durante a realização de algumas tarefas morfológicas**

Durante a execução das tarefas morfológicas por parte dos alunos do 1.º ciclo, houve ocasiões em que estes estudantes cometeram algumas incorrecções, dando algumas respostas distintas daquelas que eram esperadas. Considerando que estas respostas “erradas” podem ser uma mais valia pelo contributo que podem fornecer no âmbito do desenvolvimento da língua materna, apresentar-se-ão alguns “erros” dados pelos participantes. Na medida em que apenas a tarefa de estrutura morfológica, em português, que implicou a produção de palavras derivadas e a decomposição de outros produtos derivados em formas de base, foi a única actividade que envolvia produção de itens lexicais, cingimos a apresentação de algumas respostas “erradas” às tarefas de derivação e de decomposição. Por outro lado, e dado que se tratou de uma amostra de 77 intervenientes, não serão contempladas, nesta secção, todas as respostas que as crianças deram incorrectamente, mas apenas algumas que foram consideradas mais relevantes e às quais foi exequível dar uma possível justificação para tal ocorrência.

#### *des-*

No primeiro item, cuja resposta correcta seria *desculpei*, algumas crianças utilizaram uma forma diferente da que era pretendida: *desculpo*, *não culpaste*, *não culpei*; outras ainda utilizaram uma forma flexionada ortograficamente semelhante: *desprezei*.

No segundo item, cuja resposta esperada seria *desfazer*, alguns participantes utilizaram algumas palavras relacionadas, tais como *desmontar* e *destruir*. Outra resposta encontrada foi *\*desnãofazer*, que envolveu o uso do prefixo *a* ser utilizado na tarefa e as palavras que serviram de pista para a resposta pretendida, e ainda *subir*, desta vez relacionada com o contexto frásico (na frase, estava a palavra *árvore*, donde a criança que deu essa resposta associou, muito provavelmente, à expressão *subir à árvore*).

No terceiro item, em que a resposta certa seria *descuido*, para além de a esmagadora maioria dos participantes ter respondido, incorrectamente, *descuidado*, as respostas mais relevantes e igualmente incorrectas foram palavras relacionadas com *descuido*, resposta esperada, de entre as quais ocorreram *azar* e *acidente*.

No quarto item, cuja resposta acertada seria *desigual*, alguns participantes responderam *igual*, *diferente* e *maior*, o que indicia que o contexto frásico foi o principal desencadeador deste tipo de respostas.

Quanto ao quinto item, em que *desconfiei* era a resposta correcta, os erros em destaque passaram pelo uso da forma desprovida do prefixo, *confiei*, o uso das palavras de pista como resposta, *não confiei*, ou ainda *sim confiei*, onde se repetiu a forma verbal encontrada na palavra de pista, precedida do advérbio de afirmação.

No sexto item, que teria como resposta correcta *despoluição*, verificou-se que algumas crianças responderam *\*impluição*, utilizando um prefixo distinto mas rival, *\*desluição*, suprimindo assim uma sílaba da base ou *poluição*, sendo esta uma das palavras que integrava a pista.

No sétimo item, em que a resposta correcta seria *desrespeitar*, foram utilizadas, por algumas crianças, várias formas flexionadas da palavra esperada *desrespeitar*, nomeadamente *desrespeito*, *desrespeita* e ainda *respeitar*, sendo esta última um dos itens de pista. Palavras como *desculpar* e *despeitar* foram ainda fornecidas, provavelmente pela semelhança ortográfica com *desrespeitar*.

Para o oitavo item, cuja palavra correcta seria *desnecessários*, algumas crianças apresentaram como resposta *não necessários*, *necessidade* e *necessários*, mas também *\*inecessários*, utilizando um prefixo distinto mas rival, *perigosos* e *\*descessários*, suprimindo assim uma sílaba da base.

No nono item, em que *desapego* era a resposta correcta, algumas incorrecções passaram por respostas como *desemprego*, possivelmente por se tratar de uma palavra bastante recorrente na actualidade, *despego*, *\*deapego* e *\*pego*, assim como outras palavras, como *desespero* e *desaparecimento*.

No décimo item, que tinha como resposta correcta *desatam*, verificaram-se sequências agramaticais como *\*desaltam*, *\*desdatam* e *\*destam*, mas também palavras com as mesmas sequências iniciais e finais, frequentes na língua, como *despediram-se* e *descobriram*.

O décimo primeiro item, que remetia para *desordeiros*, trouxe algumas respostas agramaticais variadas, como *\*desordeneiros*, *\*deordeiros*, *\*deardeiros*, *\*desdeiros*, *\*desorder*, *\*desordadeiros* e *\*desordeneiros*. Outras respostas concedidas com palavras existentes foram *cordeiros*, *desordenados* ou *descansar*.



Por último, no décimo segundo item da tarefa de derivação com *des-*, cuja resposta certa seria *desenrola*, os “erros” consistiram em formas flexionadas distintas da esperada, como *enrola* e *enrolou*, e uma ocorrência de *\*deenrusla*.

### ***-ez/-eza***

Para o primeiro item, a resposta esperada seria *timidez*; no entanto, algumas crianças responderam *\*timeza*, *\*timilidade*, *\*timez* e *\*timidade*, o que significa que recorreram, em dois casos, a outro sufixo igualmente formador de nomes abstractos para darem uma resposta.

No segundo item, cuja resposta certa seria *palidez*, algumas respostas incorrectas foram *\*paleza*, *\*paliez* e *\*paze*, onde se pode assistir à supressão de alguns elementos aquando da tentativa de formação do item lexical *palidez*.

No terceiro item, cuja resposta esperada seria *grandeza*, assinalam-se os “erros” *\*grandidez* e a palavra semanticamente relacionada *força*.

No quarto item, em que *riqueza* seria a resposta correcta, verificou-se que algumas crianças responderam *\*riez* e *\*riza*, resultado de uma supressão silábica em ambos os casos.

No quinto item, em que a resposta certa seria *maciez* ou *macieza*, algumas respostas incorrectas dividiram-se entre *\*maceza*, *\*macez*, *\*macioez*, *\*maciaez*, *\*maciê* ou *\*maciza*, para além de outro caso em que, uma vez mais, outro sufixo formador de nomes abstractos entrou na produção do item derivado, *\*maciedade*.

No sexto item, as respostas erradas por parte de alguns intervenientes foram *redonda*, *\*redonção*, *\*redonza* e *\*redondezes*, em vez de *redondez*.

No sétimo item, em vez de *delicadeza*, algumas crianças responderam incorrectamente *\*delicaduez*, *\*delicaze*, *\*deliqueza* e *\*delicação*, consistindo esta última resposta na utilização de um sufixo derivacional concorrente de *-eza*.

No oitavo item, onde *ligeireza* seria a resposta certa, algumas crianças cometeram incorrecções como *\*ligeiroez*, *\*ligeiza*, *\*ligeza*, *\*ligueireza* e *\*ligueza*.

No nono item, cuja resposta correcta seria *gelidez*, os “erros” apresentados por alguns participantes foram *\*geleza*, *\*gelez*, *\*gelieza*, *\*gelidoeza*, *\*geliez* e *\*geliza*.

O décimo item trouxe como algumas incorrecções formações do tipo de *\*juez*, *\*justiza*, *\*juizez* e *\*justieza*, e ainda palavras semanticamente relacionadas com *justeza*, como *justiça* e *injustiça*.

No décimo primeiro item, em que a resposta certa seria *malcriadez*, houve uma maior variabilidade de respostas erradas, tais como *\*malcrieza*, *\*malcrideza*, *\*malcrez* e *\*malcradieza*, havendo igualmente lugar para o pronunciamento de palavras relacionadas como *malcriação*, *malcriadice* e *malcriado*.

O décimo segundo item, em que *ardileza* seria a resposta certa, trouxe algumas respostas incorrectas como *\*ardideza*, *\*ardeza* e *\*ardieza*.

#### ***-ês/-esa***

No primeiro item, em que a resposta certa seria *português*, uma criança respondeu incorrectamente *\*portugalês*.

No segundo item, cuja resposta correcta seria *francesa*, outra criança apresentou como “erro” *\*franesa*.

No terceiro item, em que a resposta certa seria *japonês*, alguns participantes produziram respostas como *\*japesa*, *\*japonhês*, *\*japãesa*, *\*japês*, *\*jaesa*, *\*japaesa* e *\*japoiesa*.

No quarto item, em que a resposta correcta seria *inglesa*, algumas respostas dadas pelos intervenientes foram *\*inglatesa*, *\*britan*, *\*ingladês*, *\*inglatês*, *\*inglandresa*, *\*inglaterré*, *\*inglaterresa*, *\*inglandesa*, *\*linguaresa* e *irlandesa*.

No quinto item, as respostas de algumas crianças, em vez de *mongolês*, variaram entre *\*mongoês*, *\*mongoliês*, *\*monguês*, *\*monguesa*, *\*mongoliano*, *\*mongolano*, *\*mongolice*, *\*mongonês*, *\*mongolo*, *\*mangoliês*, *\*monglês*, *\*mangolês*, *\*mongoliese* e *\*mongalês*.

No sexto item, alguns dos “erros” produzidos em vez de *luxemburguesa* foram *\*luxembuês*, *luxemburguês*, *luxemês*, *luxemburguês*, *\*luxembrês*, *\*luxemburês*, *\*luxesa*, *\*luxemburgolês*, *luxembresa*, *\*luxembrusa* e *\*luxês*.

No sétimo item, cuja resposta correcta seria *genovesa*, algumas crianças responderam incorrectamente *\*genoesa*, *\*geneva*, *\*geniuv*, *\*genes*, *\*genuva*, *\*gesa*, *\*génoa*, *\*genoal*, *\*genovaesa* e *\*gevonesa*.

No oitavo item, alguns participantes apresentaram como respostas, em vez de *cordobês*, *\*cordoês*, *\*cordês*, *\*cornobesa*, *\*cordobaês*, *\*cordesa*, *\*cordoesa*, *\*cordobeis*, *\*cordobá*, *\*cordodês*, *\*cordobiano*, *\*cordobosa*, *\*corbusa*, *corbês* e *corda*.

No nono item, algumas respostas produzidas incorrectamente pelos intervenientes, em vez de *conguês* ou *congolês*, foram *\*congoês*, *\*congue*, *\*condês*, *\*congossaia*, *\*conga* e *congobesa*.

No décimo item, cuja resposta certa seria *champanhês*, foram apresentadas respostas como *\*champês*, *\*champonesa*, *\*champonhês*, *\*champonês*, *\*champanhoês*, *\*champhenês*, *champaês*, *\*campanhesa* e *\*champasês*.

No décimo primeiro item, em que a resposta correcta seria *barcelonês*, alguns “erros” produzidos foram *\*barcenolês*, *\*barcenês*, *\*barcês*, *\*barcelunhoano*, *\*barcelesa*, *\*barcelonaês*, *\*barceloesa*, *\*barcelês*, *barceloês*, *\*barceloese*, *\*barcenloês*, *\*barcenholês*, *brasileiro* e *baronesa*.

No décimo segundo item, algumas crianças apresentaram como respostas, em vez de *tiroleza*, *\*tiresa*, *\*tirolze*, *\*tiroloesa*, *\*tirosa*, *\*tiroesa*, *\*tirês*, *\*tiróis*, *\*tiromês* e *tiro*.

### ***-idade***

No primeiro item, cuja resposta seria *responsabilidade*, algumas crianças apresentaram, como “erros”, produções como *\*responsalizada*, *\*responsidade*, *\*responsalidade*, *\*responsavelidade*, *\*responsalibidade*, *\*responlidade* e *\*responidade*, as quais se traduzem, nuns casos, como supressão de alguns elementos da palavra e, noutros, na simples junção da base ao sufixo em evidência. Outros erros passaram pela adição do prefixo *des-* em vez do sufixo *-idade*, como em *\*desresponsável* e pela adição do prefixo de negação *i(n)-*, como em *irresponsabilidade*.

No segundo item, em vez de responderem *dignidade*, alguns “erros” apresentados pelos participantes foram *\*dignaidade*, *\*dignoidade*, *\*dignoaidade*, *\*digneza*, *\*dignização* e *\*didade*, que consistiram, respectivamente, na junção do sufixo à base, sem qualquer tipo de alteração, no recurso a outros sufixos formadores de nomes abstractos e na supressão de alguns elementos da base.

No terceiro item, cuja resposta certa seria *novidade*, algumas das incorrecções apresentadas pelas crianças foram *\*novoidade*, *\*novade*, *\*nidade*, *\*novdade* e *\*noidade*, e em que, maioritariamente, se caracterizaram pela supressão de elementos, sobretudo da base.

No quarto item, em que a resposta correcta seria *claridade*, as respostas incorrectas dividiram-se entre *\*clardade*, *\*cralidade* e *\*claroidade*, bem como o item lexical relacionado *clareza*.

No quinto item, cuja resposta esperada seria *opcionalidade*, algumas respostas apresentadas foram *\*opcinidade*, *\*opcidade*, *\*opcinilidade*, *\*opcionidade*, *\*opcinioidade*, *\*opcinalidade*, *\*opciolidade* e *\*ocidade*, tendo em comum o facto de estar sempre ausente um determinado elemento da base.

No sexto item, em que a resposta correcta seria *intranquilidade*, alguns “erros” produzidos pelos participantes consistiram no pronunciamento de itens como *\*intranquidade* e *\*intranidade*, onde se verifica uma supressão de alguns elementos da base, *\*intranquilaidade* e *\*intranquiloidade*, resultantes da junção da base e afixo desprovida de qualquer supressão de morfemas da base, ou seja, a junção do sufixo *-idade* deu-se à palavra e não ao radical, e também *\*tranclidade*, *\*intranquilizada*, *\*intertranquilidade* e *\*intranqualidade*.

No sétimo item, em que a resposta certa seria *negociabilidade*, as respostas incorrectas variaram entre *\*negocialidade*, *\*negociedade*, *\*negocibidade*, *\*negocialidade*, *\*negocidade*, *\*negocialidade* e *\*negociavidade*, através das quais se pode verificar, mais uma vez, uma supressão de vários elementos pertencentes à base. Noutras situações ocorreram “erros” como *\*negocivelidade*, *\*negociadavelidade* e *\*negociassacialidade*.

No oitavo item, cuja resposta acertada seria *inumanidade*, algumas respostas incorrectas fornecidas pelos participantes foram *\*inumandade*, *\*inudade*, *\*inumadade*, *\*inuidade*, *\*inumiedade*, *\*imanidade*, *\*inumanoidade*, *\*inumanalidade*,

*\*inunidade* e *\*inumacidade*, onde se reflecte sobretudo a supressão de elementos da base e do sufixo.

No nono item, em que a resposta certa seria *institucionalidade*, apresentando-se como o mais extenso de todos em termos do número de sílabas, as crianças pronunciaram alguns “erros” como *\*instucionalidade*, *\*instituidade*, *\*instituidade*, *\*instituidade*, *\*institucionidade*, *\*insticionalidade*, *\*instuacidade*, *\*inidade*, *\*instituidade*, *\*instiucionalidade*, *\*instunalidade*, *\*instituilidade*, *\*instutidade* e *\*institucionalidade*.

No décimo item, em vez de *virtuosidade*, algumas das incorrecções apresentadas foram *\*virtade*, *\*virtidade*, *\*virtuidade*, *\*virtualisidade*, *\*verdade*, *\*virtosulidade*, *\*virtunidade*, *\*virtualosoidade*, *\*virtuisidade* e *\*virtudade*.

No décimo primeiro item, em que a resposta acertada seria *radicalidade*, algumas crianças produziram erradamente formações como *\*radiocidade*, *\*radicaldade*, *\*radicadade*, *\*radidade*, *\*radiedade*, *\*radicidade*, *\*raidade* e *\*raliedade*.

No décimo segundo item da derivação, cuja resposta correcta seria *graciosidade*, alguns participantes apresentaram como respostas incorrectas *\*gracidade*, *\*graciedade*, *\*gracialidade*, *\*graciidade*, *\*gracialidade*, *\*graciosoidade*, *\*gravidade*, *\*gracionalidade*, *\*graciosalidade*, *\*graciosaidade*, *\*gracilidade*, *\*graciolidade* e *\*gracelidade*.

### **-decomposição**

#### ***des-***

No primeiro item, cuja resposta correcta seria *pentear*, algumas crianças atribuíram como resposta *\*despente*, *\*espentear* e *\*descabelada*, o que permite verificar que o prefixo *des-* não foi suprimido, como seria esperado.

No segundo item, em vez de *continuar*, alguns dos “erros” encontrados foram *\*escontinuar*, *mudar* e *desligar*, sendo que os dois últimos itens lexicais resultaram da tentativa de resposta tendo em conta o contexto frásico.

No terceiro item, cuja resposta certa seria *amar*, alguns participantes responderam incorrectamente palavras como *\*samar*, *\*esamar*, *acalmar*, *amarrar* e *desamar*.

No quarto item, em que era esperado as crianças respondessem *olhar*, algumas apresentaram como resposta *\*solhar, sonhar e chorar*.

No quinto item, cuja resposta seria *obstruir*, as respostas de algumas crianças variaram entre *\*substruir, \*bstruir, \*obdestruir, \*subrir, \*truir, \*estruir, \*sobstruir e \*desestruir*, e ainda *trabalhar, destruir, construir e substituir*.

No sexto item, em que a resposta acertada seria *abalroar*, alguns participantes responderam *\*barroar, \*sabalroar, \*balorar, \*alboar, \*roar, \*desbalroar, \*barrolar, \*saborar, \*sabarroar e \*abaloar*, assim como as palavras *derrubar, atropelar, cair e bater*.

No sétimo item, a resposta correcta seria *abastecer*, contudo, algumas crianças apresentaram produções incorrectas como *\*batcer, \*sabastecer, \*bastecer, disparar e encher*.

No oitavo item, cuja resposta acertada seria *abonar*, alguns participantes responderam *\*sabonar, \*bonar, \*saboar, \*banar, \*bornar, abanar, abandonar e conversar*.

No nono item, em que a resposta seria *franzir*, algumas crianças responderam *\*esfranzir e conversar*.

No décimo item, que tinha como resposta certa *nivelar*, foi foram dadas como respostas por parte de alguns intervenientes *\*esnivelar, velar, alinhar, pendurar, colocar e meter*.

No décimo primeiro item, em vez de *plasmar*, algumas crianças responderam incorrectamente *\*esplasmar, \*plamar, \*apalmar, \*deplamar, \*esplamar, \*plamar e estar*.

No décimo segundo item, cuja resposta certa seria *venerar*, algumas respostas encontradas foram *\*venar, \*esvenerar, \*desverne, \*desvenar e rezar*.

#### **-eza**

No primeiro item, alguns participantes responderam incorrectamente *lento* e *\*rapidez*, em vez de *rápido*.

No segundo item, em que a resposta certa seria *pura* alguns “erros” variaram entre \**purê*, \**purezo*, \**pureu*, \**pureia*, \**purêa*, \**puredo*, e ainda as palavras relacionadas com o contexto frásico *potável*, *salobra*, *natural* e *boa*.

No terceiro item, algumas crianças responderam incorrectamente \**viula*, \**vívio*, \**viúa*, \**viuvê*, \**vueza*, \**vióvo*, \**viúzo*, \**vouzes*, *vivo* e *viu*, em vez de *viúvo*.

No quarto item, alguns participantes, em vez de *limpo* deram como resposta *limpado*, \**limpezo*, \**limpê*, *vazio*, *desarrumado* e *limpeza*.

No quinto item, cuja resposta correcta seria *singelo*, algumas respostas incorrectas variaram entre \**sengível*, \**singeleu*, \**singlezo*, \**singelio*, \**singuelo*, \**sinjo*, \**singel*, \**singelê*, \**singelez*, \**singélico*, bem como *bem*, *feminino*, *sincero* e *simpático*.

No sexto item, em que a resposta certa seria *sisuda*, alguns “erros” apresentados foram \**susida*, \**sisudeu*, \**sidus*, \**siuda*, \**sisudeia*, \**sisua*, \**sisud*, \**sisudê*, \**sisu*, e ainda *sentada*, *sossegada* e *saúde*.

No sétimo item, em vez de *híbrido*, algumas crianças responderam incorrectamente \**hibrideu*, \**híbria*, \**hibrid*, \**hibrio*, \**hibridê*, \**habridos*, \**híbrizo*, bem como *bom*, *hidráulico*, *hiberne* e *energético*.

No oitavo item, alguns participantes apresentaram produções como \**pacata*, \**pacataz*, \**pacateu*, \**pacat*, \**pacatê* e *paco*, em vez de *pacato*.

No nono item, em que a resposta correcta seria *esquivo*, algumas respostas apresentadas foram \**esquiui*, \**esqueveio*, \**esquiv*, \**esquivezo*, *esquivatório*, \**esquivê*, *esquivado*, *esquio* e ainda *feio*, *irrequieto*, *mal comportado* e *esquisito*.

No décimo item, cuja resposta certa seria *flácido*, alguns intervenientes apontaram como respostas \**flacível*, \**flacio*, \**flícido*, \**flacideu*, \**flacidez*, \**flaci*, \**flacid*, \**flagidez*, \**flascido*, *concentrado*, *fraco* e *flexível*.

No décimo primeiro item, algumas produções incorrectas apresentadas foram \**vastil*, \**vastê*, \**vasteu*, \**vastilo*, \**vastêa*, \**vast*, \**vastezo*, \**vata*, \**vásteo*, \**vaster*, *grande*, *frágil*, *vaso* e *bem*, em vez de *vasta*.

No décimo segundo item, em que a resposta correcta seria *tíbias*, alguns dos “erros” apresentados pelas crianças foram \**tibeza*, \**tibiosas*, \**tibiêa*, \**tibida*, \**tíbico*, \**tíbizo*, \**tibiza*, \**tibi*, \**tibiê*, \**tibeu*, \**tubiê*, \**tibis*, \**tibieta*, \**tibise*, bem como *tímida* e *doridas*.

### **-ês/-esa**

No primeiro item, uma criança respondeu incorrectamente *\*chinê*, em vez de *China*.

No segundo item, cuja resposta certa seria *duque*, alguns participantes responderam *\*duquês*, *\*duqueso*, *\*duquê*, *\*duca*, *\*duchê* e *\*duco*.

No terceiro item, em vez de *Holanda*, algumas respostas produzidas foram *\*holês*, *\*holande*, *\*holandia*, *\*Iolanda*, *\*holandês*, *Orlanda* e *Angola*.

No quarto item, em que a resposta certa seria *barão*, alguns “erros” apontados foram *\*baronês*, *\*baronê*, *\*baral*, *\*barono*, *\*balonês*, *\*barulhe*, *\*brunês*, *\*baruno*, *\*barun*, *\*baronal*, *\*baron*, *\*baruca* e *baronesa*.

No quinto item, em que a resposta certa seria *Marselha*, alguns participantes apresentaram como respostas *\*marse*, *\*marsel*, *\*marselhe*, *\*marsa*, *\*marselho*, *\*marsela*, *\*marsês*, *\*marseno* e *marselhês*.

No sexto item, em vez de *Nepal*, algumas respostas incorrectas produzidas foram *\*nepales*, *\*nepala*, *\*napolesa*, *\*nepalo*, *\*nepalia*, *\*nape*, *\*nepaês*, *\*palês*, *\*neplesa*, *\*nepolião*, *\*nepalás* e *Nápoles*.

No sétimo item, algumas crianças apresentaram como respostas *\*cartinês*, *\*cartigine*, *\*cartigino*, *\*cartiginês*, *\*cartigi*, *\*cartiginas*, *\*cartigino*, *\*cartigila*, *\*cartiguinê*, *\*cartiginese*, *\*cartigínia*, *\*cartiguina*, *\*cartigista* e *\*cartigesas*, em vez de *Cartigina*.

No oitavo item, cuja resposta certa seria *política*, alguns “erros” apresentados foram *\*politi* e *\*politiqué*.

No nono item, as respostas produzidas por alguns intervenientes foram *\*maltê*, *\*malteso*, *\*maltêa*, *\*malto*, *mal* e *malte*, em vez de *Malta*.

No décimo item, em que a resposta certa seria *Uganda*, algumas respostas incorrectas variaram entre *\*ugandesos*, *\*ugande*, *\*ugandê*, *\*ugan*, *\*ungando* e *\*ugando*.



No décimo primeiro item, em vez de *Gronelândia*, algumas crianças apontaram como respostas *\*grolandesa*, *\*gronelê*, *\*gronelanda*, *\*gronelan*, *\*gronelande*, *\*gronelesa* e *Grândola*.

No décimo segundo item, cuja resposta correcta seria *Bolonha*, alguns “erros” apontados foram *\*bolonhês*, *\*bulunho*, *\*bulunhe*, *\*bolonês*, *\*bolonhe*, *\*bolonho*, *\*bolonhê*, *\*bolesa* e *\*bolonhesse*.

***-idade***

No primeiro item, alguns participantes apresentaram como respostas incorrectas *\*gravi*, *\*gravid*, *\*vidade*, *\*gravidante*, *grávido* e *gravíssimo*, em vez de *grave*.

No segundo item, em que a resposta certa seria *fácil*, algumas produções incorrectas apontadas pelas crianças foram *\*facili*, *feliz* e *facilimo*.

No terceiro item, alguns participantes responderam, em vez de *activo*, \**activido*, \**activ*, \**activad*, \**actividoso*, \**actívio*, \**actividal*, \**activiar*, \**actividi*, *activista* e *activado*.

No quarto item, cuja resposta certa seria *vaidosa*, registaram-se como “erros” as produções *\*vaida*, *\*vaid* e *vai*.

No quinto item, em que a resposta correcta seria *premature*, as respostas incorrectas de algumas crianças variaram entre *\*premature*, *\*prematuriza*, *\*prematurio*, *\*prematurida*, *\*prematurad*, *\*prematu*, *\*premantemente*, *\*prematura*, *\*prematário*, *\*premturi*, *prematório* e *\*prematuridase*.

No sexto item, alguns participantes deram como respostas, em vez de *frontal*, *\*frontável*, *\*frontalu*, *\*frontali*, *\*frontrálio*, *\*frontala*, *\*frontalid*, *\*frontalesa*, *\*fronta*, *\*frontalial*, *\*frontil*, *\*frontili*, *\*frontálida*, *\*frontalida*, *\*frontalizada* e *fronteira*.

No sétimo item, em que a resposta correcta seria *salubre*, alguns “erros” apresentados pelas crianças foram *\*sulubri*, *\*salbra*, *\*salubri*, *\*salubrida*, *\*salubriosa*, *\*salubrera*, *\*salubresa*, *\*saludia*, *\*sabria*, *\*salubriada*, *\*salubrid*, *\*subridal*, *\*salubreide*, *\*salbre*, e ainda *saudável* e *saborosa*.

No oitavo item, alguns participantes seleccionaram como resposta, em vez de *tortuoso*, *\*tortusa*, *\*tortous*, *\*turtusa*, *\*turto*, *\*trusido*, *\*tortuosio*, *\*tratuoso*, *\*turtu*, *\*turturo*, *\*tortuosis*, *ácido* e *torturador*.

No nono item, cuja resposta certa seria *versátil*, alguns participantes deram como respostas *\*vértil*, *\*vertial*, *\*versal*, *\*vortátil*, *\*verzatili*, *\*versatili*, *\*vertiloso*, *\*versatila*, *\*vertili*, *\*versatílido*, *\*versatilidado*, *vartili* e *visrtuoso*.

No décimo item, em que a resposta correcta seria *imune*, algumas respostas incorrectas produzidas pelas crianças foram *\*imunida*, *\*imuna*, *\*imunida*, *\*imuni*, *\*imuniosa*, *\*imunidar*, *\*imunideza*, *\*imunid*, *\*imu*, *\*imunião*, *\*imunidada*, *imunitária*, *imunda*, *húmida* e *iluminado*.

No décimo primeiro item, alguns participantes apresentaram como “erros” *\*afectuo*, *\*afectuado*, *\*afectusa*, *\*ifectuoso*, *\*afectuso*, *\*afectuosado*, *\*afectuosido*, *\*afectuse*, *afectuosidade* e *afecto*, em vez de *afectuoso*.

No décimo segundo item, em que a resposta correcta seria *maligna*, algumas respostas incorrectas produzidas foram *\*magligna*, *\*malignida*, *\*maligre*, *\*maligni*, *\*malign*, *\*malignês*, *\*malignidável*, *\*malignada*, e ainda *magnífica*, *maléfica* e *mal*.

#### 4.11.1 Algumas hipóteses de leitura dos “erros”

Os “erros” produzidos pelas crianças indiciam que, no que diz respeito ao morfema derivacional *des-*, este ainda se encontra desenvolvido apenas implicitamente, havendo que ter em consideração as bases a que se solda este prefixo: por um lado, quando combinado com formas de base adjectivais, tem como acepção ‘negação da BAdj’; por outro lado, quando junto a bases verbais, apresenta a acepção de ‘acção contrária à BV’. É importante destacar ainda que, se compararmos as respostas relativas aos itens lexicais *responsabilidade* e *negociabilidade*, verificamos que várias crianças responderam correctamente ao primeiro item, por oposição ao segundo vocábulo, em que apenas um participante respondeu positivamente; em ambas as palavras, estamos na presença de um processo de alomorfia (passagem do sufixo *vel-* para *-bil-*, aquando do processo de derivação por sufixação), fenómeno já discutido anteriormente e que, como se sabe, ocorre apenas em situações excepcionais. No entanto, e apesar de nos encontramos perante duas palavras submetidas ao mesmo fenómeno, com o mesmo sufixo, observamos que tanto o número de respostas

correctas como a variabilidade de respostas dadas pelas crianças foi bastante díspar: *responsabilidade* obteve um número mais elevado de respostas correctas e não desencadeou tanta variabilidade de respostas quanto *negociabilidade*, cujas ocorrências foram opostas às que foram encontradas para o primeiro vocábulo. Esta ocorrência vem reforçar, uma vez mais, o modelo *Augmented Addressed Morphology* aqui defendido, o que sugere que *responsabilidade* representado, em termos cognitivos, pelo acesso à palavra no seu todo, se opõe a *negociabilidade*, onde se pode verificar que, aquando da solicitação de resposta, as crianças tentaram o acesso à palavra através dos seus constituintes menores. Por conseguinte, a familiaridade que os participantes tinham acerca da palavra *responsabilidade*, aliada à frequência da mesma, opõe-se ao não reconhecimento de *negociabilidade*, item lexical de baixa frequência. Adicionalmente, foi também possível verificar que a flexão não se encontra ainda estabilizada, sobretudo se tivermos em conta formas do Pretérito Perfeito. Por outro lado, no que diz respeito ao sufixo *-ez/eza*, observou-se que, em alguns casos, os participantes utilizaram um morfema derivacional diferente daquele que era esperado, mas que, do ponto de vista semântico, é igualmente formador de nomes abstractos. Relativamente aos sufixos *-ês/-esa* e *-idade*, constatou-se que quanto maior é o número de sílabas de um determinado item lexical, maior variabilidade nas respostas vamos encontrar, tal como sucedeu com as respostas apresentadas pelos intervenientes no que se refere a estes dois morfemas derivacionais. De igual forma, esta elevada variabilidade foi também encontrada nos casos em que as bases eram desconhecidas para as crianças, como foi observável em *barcelonês* ou em *luxemburguês*.

## CONCLUSÃO

Neste ponto apresentarei, globalmente, as conclusões resultantes do trabalho desenvolvido ao longo desta dissertação, iniciado por uma vertente mais teórica, que teve como suporte o recurso a gramáticas e dicionários, numa tentativa de descrição e análise dos morfemas derivacionais aqui abordados.

Adicionalmente, pretendo também esboçar considerações finais acerca do estudo empírico que foi concebido propositadamente para esta tese, assim como sugerir propostas educacionais, com base nos resultados obtidos nesse estudo, alicerçado por alguns trabalhos anteriores relativos à consciência morfológica.

O que é possível concluir através destes estudos:

Assim, no que diz respeito aos morfemas derivacionais prefixais em Português e que foram objecto de estudo desta dissertação, verificou-se que, relativamente a *des-*, as obras consultadas são unânimes quanto às noções que se associam a este prefixo, sendo um afixo derivacional disponível na língua e detentor de elevada frequência. No caso de *de-*, constatou-se que algumas análises apresentam *de-* como prefixo, embora as palavras em que *de-* está incluído resultem, maioritariamente, da herança da língua latina, o que leva a que, por vezes, se considere incorrectamente que as formas em que ocorre sejam tidas como resultantes de um processo de formação de palavras por prefixação. Outro tipo de análise incorrecta ocorre também com palavras em que está presente *dis-*, apontando-se este como afixo derivacional, tendo-se em conta uma perspectiva sincrónica, quando se observa que *dis-* nunca ocorreu como prefixo do Português, ocorrendo, portanto, em formas herdadas (do em Latim e do Grego). No que diz respeito a *di-*, observou-se igualmente que se trata de um elemento que também nunca deu origem a derivados em Português, conferindo-lhes a ideia de ‘negação’; só o prefixo homónimo *di-* tem esse estatuto prefixal quando apresenta como glosa ‘duas vezes’.

No caso da língua inglesa, tanto *de-* como *dis-* são considerados prefixos, encontrando-se este último disponível para formar novos derivados, ao passo que, relativamente ao primeiro morfema, foi também visível que algumas obras consultadas apenas tiveram em conta uma perspectiva sincrónica, apresentando

exemplos em que este elemento não se afigura, na realidade, como prefixo, mas antes como parte integrante e não segmentável de uma determinada palavra. No que diz respeito a *di-*, verificou-se, tal como em Português, que este elemento só tem estatuto de prefixo quando apresenta como paráfrase ‘duas vezes’.

No que concerne aos morfemas sufixais derivacionais em Português seleccionados para estudo nesta dissertação, concluiu-se que *-ez(a)* são o mesmo sufixo, não só pelo tipo de formações que geram (nomes abstractos, maioritariamente), como também pela mesma origem latina que revelam, sendo também pertinente destacar a existência de pares sinónimos que ocorrem tanto em *-ez* como em *-eza*, e que foram evidenciados, por exemplo, no teste de estrutura morfológica - derivação.

No que diz respeito a *-ês(a)*, também se observou que se trata de um só sufixo formador de nomes e adjectivos gentílicos, sendo que a forma mais descrita entre todas as obras foi *-ês*, reforçando a convicção de que *-esa* se afigura como a forma feminina de *-ês*.

No caso de *-dade* e *-idade*, ficou provado que, embora alguns autores considerem que *-dade* participa na formação de nomes abstractos deadjectivais, não se encontraram registos de palavras derivadas em *-dade*, por oposição a *-idade*, que se constitui como sufixo muito rentável do Português.

Relativamente aos morfemas derivacionais sufixais em Inglês apresentados nesta dissertação, observou-se que *-ess* é formador de derivados apenas no feminino, parafraseados como “female of a specified species, occupation”<sup>219</sup>, e que este sufixo já não se encontra disponível para formar nomes abstractos.

No que diz respeito a *-ese*, este sufixo é formador de nomes deadjectivais e denominais, associado à noção de ‘naturalidade’.

No caso de *-ity* e de *-ness*, constatou-se que ambos os sufixos são formadores de nomes abstractos deadjectivais, sendo que o último destes afixos também participa na formação de nomes abstractos deverbais.

Assim, a análise e descrição dos afixos derivacionais acima mencionados permitiu-me chegar a algumas conclusões relativamente à questão da produtividade: constatei que *des-* é um prefixo bastante rentável e disponível para novas formações; *-ês(a)*

---

<sup>219</sup> Aceção retirada de *The Chambers Dictionary* (1993<sup>12</sup>).

parece estar a perder rentabilidade para outro(s) sufixo(s) concorrentes, embora se mantenha disponível na língua; *-ez(a)* encontra-se igualmente disponível, no entanto tem vindo a perder rentabilidade para outros sufixos, nomeadamente *-idade*, que se tem mantido como um dos sufixos mais rentáveis em Português. No caso da língua inglesa, verificou-se que *dis*, *-ese* e *-ness* continuam a ser bastante rentáveis na formação de novos derivados, ao passo que *de-*, *-ess* e *-ity* parecem ter vindo a perder rentabilidade para outros sufixos concorrentes.

Outro aspecto que se tornou visível ao longo da análise dos afixos derivacionais é que as respectivas descrições nas obras seleccionadas carecem de alguma sistematicidade, verificando-se, ainda, alguns desencontros quanto à natureza afixal de alguns elementos, que ocorrem, quer em posição inicial, quer em posição final, o que se deve, em parte, à adopção, por parte de alguns autores, de uma linha de orientação sincrónica, conduzindo a uma incorrecta análise de alguns morfemas derivacionais. Neste ponto, verificou-se que é fulcral a existência de uma investigação de índole não exaustivamente sincrónica, de modo a evitar análises e interpretações erradas relacionadas com os derivados e os afixos derivacionais, do Português e do Inglês.

A segunda parte deste capítulo está relacionada com o estudo empírico que foi aqui apresentado, e que emergiu da necessidade de verificar se os estudantes do 1.º ciclo do ensino básico possuem já uma consciência morfológica que lhes permite aferir acerca de alguns aspectos da Morfologia Derivacional contidos nas tarefas morfológicas aplicadas. Assim, pretendeu-se verificar de que forma seria executado o processamento morfológico de itens lexicais portadores de afixos derivacionais específicos, por parte de jovens estudantes do 1.º ciclo, e qual o grau de conhecimento que estes intervenientes apresentam acerca dos morfemas derivacionais da sua língua e da língua estrangeira em que estão a iniciar-se.

Que conhecimentos de Morfologia apresentam as crianças, sobretudo noutras línguas que não o Português:

Penso ter ficado demonstrado, através dos estudos mencionados (Henderson, 1985, Fowler & Liberman, 1994, Singson, Mahony & Mann, 2000), que já no 3.º ano de escolaridade, as crianças apresentam algum conhecimento explícito acerca da

morfologia da sua língua materna. Esta constatação levou à constituição de tarefas morfológicas dirigidas a crianças desse mesmo ano, de formar a poder apurar-se se, em Português, essa situação também se verifica.

Não olvidando o facto de, no 1.º ciclo do ensino básico, os alunos poderem usufruir da disciplina de Inglês, no âmbito das actividades de enriquecimento curricular, pretendeu-se ir mais além e desenvolver um trabalho inovador neste campo. Assim, tirou-se partido do facto de os alunos das turmas do 3.º ano seleccionadas para a realização das tarefas frequentarem esta disciplina desde o 1.º ano de escolaridade; desta forma, foram aplicadas, a essas crianças, actividades morfológicas.

Os resultados obtidos após a administração dessas tarefas levam-nos a concluir o seguinte:

Para o Português:

- na tarefa de derivação, o maior número de respostas correctas verificou-se nas palavras expostas mais frequentes na língua, independentemente do número de sílabas, enquanto o maior número de respostas erradas ocorreu com palavras pouco frequentes na língua e nos itens lexicais que envolvem um grande número de sílabas (4/5), o que desencadeou maior variabilidade nas respostas e a substituição de um morfema derivacional específico por outro que é rival naquele contexto específico. No caso da alomorfia presente com *-vel/-bil-*, verificou-se que este aspecto ainda se encontra longe de ser adquirido, visto que apenas um aluno acertou na resposta pretendida;

- na tarefa de decomposição, as respostas correctas que ocorreram corresponderam a palavras frequentes e cujas bases nunca se iniciavam por vogal; quanto às respostas erradas, observou-se que estas corresponderam a itens lexicais pouco frequentes e que se iniciavam por vogal. No caso de alterações do tipo da presente em *baronesa-barão*, comprovou-se que este aspecto também se encontra longe de estar adquirido, dado que só um aluno forneceu a resposta correcta;

- na tarefa de produtividade morfológica (escrita de antónimos), a generalidade das respostas correctas verificou-se com a escrita de derivados com bases iniciadas por vogal, enquanto a globalidade de respostas erradas deu-se com a escrita de derivados

com bases iniciadas por <h> e que envolvem consoantes nasais ou a junção, na oralidade, de duas consoantes (*ob(e)diente*);

- na actividade de segmentação e interpretação, o maior número de respostas correctas incidiu sobre as palavras mais frequentes, tendo-se verificado que os vocábulos constituídos por uma só sílaba foram os que causaram menos dificuldade; o maior número de respostas erradas, por sua vez, manifestou-se com palavras pouco frequentes, constituídas por três ou mais sílabas, iniciadas por vogal, no caso dos prefixos, e iniciadas por vogal ou consoante no caso dos sufixos;

- na actividade de escolha de pares de palavras, a maioria das respostas correctas sucedeu com os pares que as palavras divergem ortograficamente entre si, assim como em palavras que apresentam a mesma sequência e que são da mesma “família” e em vocábulos que não são da mesma “família”, apesar de rimarem. No caso das respostas erradas, a maioria das situações verificou-se em pares nos quais as palavras apresentavam a mesma sequência, mas que, na realidade, não pertenciam à mesma “família”, bem como com palavras cujo significado é desconhecido para as crianças e que rimam ou que são ortograficamente semelhantes;

- na tarefa de escolha de um morfema base, a globalidade das respostas correctas ocorreu com *des-*, independentemente do número de sílabas das palavras, e incidindo ainda sobre vocábulos iniciados por consoante; quanto às respostas incorrectas, estas ocorreram com palavras pouco frequentes, que se iniciam por vogal, e que foram alvo de derivações prévias.

Para o Inglês:

- na tarefa de tradução, ficou demonstrado que factores como a frequência e a semelhança ortográfica de alguns vocábulos ingleses com os da língua portuguesa tornaram-se preponderantes para que as respostas apresentadas pelas crianças fossem correctas;

- na tarefa de escolha de pares de palavras, a globalidade de respostas correctas incidiu sobre os pares cujos vocábulos são ortograficamente diferentes, assim como em pares cujas palavras apresentam a mesma sequência, com a simples diferença de um dos vocábulos desse par apresentar um afixo e o outro não; por sua vez, o maior número de respostas incorrectas verificou-se em pares em que só se altera uma sílaba,



face à outra palavra desse par, assim como em vocábulos que apresentam a mesma sequência, em que a diferença existente reside no facto de um dos vocábulos desse par apresentar um afixo e o outro não;

- na tarefa de escolha de um morfema base, a globalidade de respostas correctas ocorreu em itens lexicais cuja base se inicia por consoante, em que existe alguma semelhança ortográfica com algumas palavras em Português, e em que as crianças já detêm algum conhecimento lexical da língua inglesa; por outro lado, a maioria das respostas erradas incidiu sobre bases iniciadas por vogal, em que há duplas consoantes e quando a base requer uma alteração ortográfica quando se encontra desprovida de afixos;

Os resultados assim alcançados permitem tecer as seguintes considerações:

- o estudo empírico presente nesta dissertação confirma aquilo que alguns estudos anteriores já tinham avançado: no 3.º ano de escolaridade, as crianças apresentam já uma consciência morfológica que lhes permite realizar algumas aferições acerca da morfologia da sua língua materna, como se observou no caso do Português. No que diz respeito à língua inglesa, verificou-se que o conhecimento explícito que as crianças apresentam encontra-se ainda em estágio inicial, pelo que o efeito da frequência de determinados vocábulos ingleses se revelou fulcral para que os intervenientes se iniciassem nesse processo, que ainda se mostra numa fase incipiente;

- de entre as variáveis independentes em análise, verificou-se um impacto do apoio pedagógico nas crianças que beneficiavam desse suporte, o que revela uma dificuldade consideravelmente superior na concretização das tarefas propostas por parte desses intervenientes, face aos estudantes que não frequentam esse apoio. Salienta-se ainda o impacto da escolarização das mães no acesso a conhecimentos morfológicos, pelas crianças.

#### Propostas e sugestões educacionais

Dos resultados obtidos neste estudo, emergiu a certeza de que as crianças apresentam uma consciência e sensibilidade quanto à morfologia da sua língua. Daí, surge a necessidade de recomendação de algumas propostas educacionais, não só pelas respostas que foram alcançadas positivamente, como também pelas respostas incorrectas que ocorreram aquando da realização das tarefas morfológicas. Deste

modo, a nível da língua portuguesa, sugere-se, nas escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico, a introdução frequente de um racional morfológico nas aprendizagens das crianças, tal como foi sugerido por autores como Nunes (1992), Rosa (2003), Seixas (2007) ou Barbosa (2013), aliada à respectiva formação aos professores, com vista a que estes possuam uma preparação que os capacite a poderem trabalhar de modo preciso nesta área.

No que diz respeito à língua inglesa, a aquisição e desenvolvimento desta língua estrangeira poderiam ser melhorados através da passagem a carácter obrigatório nas escolas do ensino básico em Portugal, de forma a que todos os alunos beneficiassem desta condição e de modo a que tirassem partido da vertente vantajosa que é a aprendizagem de uma língua estrangeira nos anos iniciais de escolaridade.

#### Limitações e propostas para futuros estudos:

Evidentemente, esta dissertação encerra algumas limitações que nos remetem para um trabalho de investigação futuro. Um desses casos será o de descodificar se, tendo em conta os resultados obtidos, se manifestaria alguma diferença entre os ensinos público e privado.

Outra proposta de investigação centra-se na reflexão acerca da forma como deve ser ensinada a língua, sobretudo às crianças que usufruem do apoio pedagógico nas escolas, na medida em que, tal como foi comprovado por Rosa (2003), quando não há um entendimento do racional morfológico subjacente à escrita, existem dificuldades que se estendem até ao ensino superior por parte dos aprendentes que não são abrangidos por esse tipo de apoio, o que leva a concluir que, em crianças que usufruem de apoio pedagógico, essa fragilidade poderá estar ainda mais acentuada.

Por outro lado, torna-se pertinente que se realizem mais estudos transversais neste âmbito, em que estejam em jogo mais níveis de escolaridade e um número maior de intervenientes, devendo ser complementados com outros estudos de carácter longitudinal. Para tal, deverá, idealmente, existir maior facilidade junto das escolas frequentadas por esses estudantes, mais concretamente na participação, por parte desses intervenientes, quanto à recolha de dados, dificuldade esta que se fez sentir aquando da realização deste estudo.

Paralelamente, torna-se igualmente relevante a realização de mais estudos de intervenção junto de estudantes do 1.º ciclo, sobretudo após o ensino explícito de regras morfológicas, de modo a que possa haver um apuramento cada vez mais refinado do impacto desse ensino nas habilidades metalinguísticas subjacentes às respostas por eles fornecidas, quando comparado com um grupo de controlo.

Por último, importa sublinhar a necessidade que se sente de os linguistas e os desenvolvimentistas construírem um trabalho conjunto, de modo a que se possam interligar duas áreas tão relevantes como a Morfologia e o Desenvolvimento da Linguagem. Espero que esta tese seja uma ponte entre estas duas margens do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### DICIONÁRIOS:

- Corominas, J. & Pascual, J. ([1980] 1984). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 6 vols.
- Cunha, A. ([1982] 19872). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira;
- Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Davies, Mark. (2004-) *BYU-BNC*. (Based on the British National Corpus from Oxford University Press). Disponível em <http://corpus.byu.edu/bnc/>.
- Ferreira, A. ([1975] 19993). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. O Aurélio Século XXI*. São Paulo, Editora Nova Fronteira;
- Hornby, A. ([1948] 2000<sup>6</sup>). *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press
- Houaiss, Antônio (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas & Debates
- Houaiss, Antônio & Sales, Mauro (2010). *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM
- Machado, J. P. ([1952] 1967<sup>2</sup>) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte;
- Marr, Vivian (2011<sup>12</sup>). *The Chambers Dictionary*. Londres: Chambers Harrap Publishers
- Onions, C., Burchfield, R. & Friedrichsen, G. (1966) *The Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Oxford University Press
- Skeat, W. (1910) *Etymological Dictionary of the English Language*. Oxford: Clarendon Press
- Summers, Della (1992) *Longman Dictionary of English Language and Culture*. Essex: Longman Group UK Limited

- Ackema, P. and A. Neeleman (2005). Word Formation in Optimality Theory. In: P. Stekauer and R. Lieber (eds.), *Handbook of Word Formation*. 285-313. Dordrecht: Springer.
- Allen, M. R. (1978). *Morphological Investigations*. Unpublished Doctoral Dissertation, University of Connecticut.
- Anderson, S. (1982). *Where's morphology?*. Linguistic Inquiry, v. 13;
- Anderson, S. (1985). Typological distinctions in word-formation. In Shopen, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. III, 3-56;
- Anderson, S. (1992). *A-Morphus Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press;
- Anglin, J. M. (1993). *Vocabulary development: A morphological analysis*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 58 (Serial No. 238);
- Anshen, F. & Aronoff, M. (1988). Producing morphologically complex words. In *Linguistics* 26, 641-655;
- Arlotto, A. (1981). *Introduction to Historical Linguistics*. Washington, DC: University Press of America (reprinted);
- Aronoff, M, & Anshen, F. (1998). Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In Spencer, A, & Zwicky, A. (Eds). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, cap. 11, 236-247;
- Aronoff, M. (1976). *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press;
- Aronoff, M. & Volpe, M. (2006). Morpheme. In Keith Brown (org.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 274-276;
- Aronoff, Mark and S. N. Sridhar (1983). Morphological levels in English and Kannada, or Atarizing Reagan , Papers from the parasession on the interplay of phonology.
- Arranhado, M. (2010) *O impacto do ensino de estratégias ou morfológicas ou fonológicas na escrita de morfemas homófonos: estudo de intervenção*.

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação de Lisboa;

- Baayen, H. (1992). Quantitative Aspects of Morphological productivity. In Booij, G. & Marle, J. (eds.) *Yearbook of Morphology 1991*. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 109-149;
- Barbosa, A. (2004). *Para o Estudo da Alomorfia em Português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
- Barbosa, Viviane (2013). *O papel da consciência morfológica no aperfeiçoamento da linguagem escrita*. Dissertação de Doutorado em Educação. Curitiba, Universidade Federal do Paraná;
- Barrera, S. D. (2000). *Linguagem oral e alfabetização: um estudo sobre variação linguística e consciência metalingüística em crianças de primeira série do ensino fundamental*. São Paulo, 2000. Dissertação de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo;
- Basílio, M. (1980). *Estruturas Lexicais do Português: Uma Abordagem Gerativa*. Petrópolis: Editora Vozes;
- Bauer, L. (1979). Patterns of productivity in new formations denoting persons using the suffix *-er* in modern English. *Cahiers de Lexicologie* 35, 26-31;
- Bauer, L. (1983). *English Word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press;
- Bauer, L. (1988). *Introducing linguistic morphology* Edinburgh: Edinburgh University Press;
- Bauer, L. (2001) *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press;
- Beard, R. (1998). Derivation. In Spencer, A. & Zwicky, A. (eds). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, cap. 2, 44-65;
- beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: H., Gabriele (ed.). *Deutsche*
- Berko, J. (1958). The child's learning of English morphology. *Word* 14, 150-177;
- Bloomfield, L. (1933). *Language*. New York/Chicago/San Francisco/Toronto, Holt, Rinehart & Winston;

- Booij, G. (1997). Autonomous morphology and paradigmatic relations. In Booij, G & van Marle, J. (eds.). *Yearbook of Morphology 1996*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers;
- Booij, G. (2000). Morphology and phonology. In Booij, G, Lehman, C. & Mugdan, J. (eds.) (2000). *Morphologie / Morphology. Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung / An International Handbook on Inflection and Word formation* (in collaboration with Kesselheim, W & Skopeteas, S.). Vol 1. Berlin: Walter de Gruyter, 335-344;
- Booij, G. (2005). Derivation. In *The Grammar of Words*. Oxford: Oxford University Press, cap. 3, 51-74;
- Botha, R. (1983). *Morphological mechanisms*. Pergamon Press, Oxford;
- *boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.
- Brocardo, Maria T; Caetano, Maria C. (1998). "O prefixo des- num texto português do século XV - contribuição para um estudo de morfologia derivacional diacrónica", Trabalho apresentado em *XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, In *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Aveiro, 207-220;
- Bynon, T. ([1977] 1986) *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press;
- Caetano, M. C; Brocardo, M. T. (1998). "Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo des-", Trabalho apresentado em *XXIIe Congrès international de linguistique et philologie romanes*, In *Actes du XXIIe Congrès international de linguistique et philologie romanes*, Bruxelas.
- Caetano, M. C. (2003). *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas;
- Caetano, M. C. (2010). A meio caminho entre a derivação e a composição. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 5, 131 – 140;
- Câmara Jr., J. ([1975] 1979<sup>3</sup>). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão;
- Caramazza, A., Laudanna, A. & Romani, C. (1988). Lexical access and inflectional morphology. *Cognition*, 28, 297-332.

- Cardoso, S., Leandro, D. & Paula, F. (2008). Conhecimento morfológico derivacional e suas relações com o desempenho na escrita de palavras. *Psicólogo inFormação* 12, n. 12;
- Carlisle, J. (1988). Knowledge of derivational morphology and spelling ability in fourth, sixth, and eighth graders. *Applied Psycholinguistics*, 9, 247-266;
- Carlisle, J. (1995). "Morphological awareness and early reading achievement". In L. Feldman (org.). *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 189-211;
- Carlisle, J. (2000). Awareness of the structure and meaning of morphologically complex words: Impact on reading. *Reading and Writing* 12, 169-190;
- Carlisle, J. (2004). Morphological processes that influence learning to read. In: Stone, C., Silliman, E., Ehren, B., Apel, K. (Eds.). *Handbook of language and literacy: development and disorders*. New York: Guilford Press, 318-339;
- Carlisle, J., & Nomanbhoy, D. (1993). Phonological and morphological awareness in first graders. *Applied Psycholinguistics*, 14, 177-195;
- Carstairs-McCarthy, A. (1992). *Current Morphology*. London: Routledge;
- Casalis, S., & Louis-Alexandre, M. (2000). Morphological analysis, phonological analysis and learning to read French: A longitudinal study. *Reading and Writing* 12, 303-335;
- Casalis, S., Cole, P., & Sopo, D. (2004). Morphological awareness in developmental dyslexia. *Annals of Dyslexia* [Disponível em [www.findarticles.com/p/articles/mi\\_qa3809/is\\_200406/ai\\_n9454615/print](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_qa3809/is_200406/ai_n9454615/print)]
- Chomsky, N. (1955). *The Logical Structure of Linguistic Theory*, University of Chicago Press, Chicago(1975);
- Chomsky, N. (1955). *Transformational analysis*. Dissertação de doutoramento. University of Pennsylvania.
- Chomsky, N. (1970). Remarks on nominalization. In: Jacobs & Rosenbaum (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braisdell;
- Chomsky, N. & Halle, M. (1968). *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row;



- Clegg, F. ([1982] 1998<sup>15</sup>). *Simple Statistics – A course book for the social sciences*. Cambridge: Cambridge University Press;
- Corbin, D. (1987). *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 2 vols.;
- Correia, M. (1992). *A Formação de Adjectivos em anti- em Português*, dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras de Lisboa;
- Courtenay, J. (traduzido e editado por Edward Stankiewicz) (1972). *A Baudoin de Courtenay Anthology – The Beginnings of Structural Linguistics*. Bloomington/London: Indiana University Press;
- Crowley, Terry ([1992] 1997<sup>3</sup>). *An Introduction to Historical Linguistics*. Auckland: Oxford University Press;
- Cuesta, R. & Luz, M. (1961<sup>2</sup>). *Gramática Portuguesa*. Madrid: Editorial Gredos;
- Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Sá da Costa;
- Dalton-Puffer, C. (1996). *The French Influence on Middle English Morphology. A corpus-based study of derivation*. Berlin / New York, Mouton de Gruyter;
- Deacon, S. & Kirby, J. (2004). Morphological awareness: Just “more phonological”? The roles of morphological and phonological awareness in reading development. *Applied Psycholinguistics* 25, 223–238;
- Diez, Frédéric (1874). *Grammaire de Langues Romanes* – tomo I, 3.<sup>a</sup> ed. Paris, Librairie A. Franck;
- Dressler, W. (1977). Elements of a polycentristic theory of word-formation. In *Wiener Linguistische Gazette* 15,13-22;
- Duarte, Inês (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa, Universidade Aberta;
- Fowler, A. & Liberman, I. (1995). The role of phonology and orthography in morphological awareness. In L. Feldman (org.). *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 157-188;
- Gombert, J. (2003). Atividades metalingüísticas e aprendizagem da leitura. In: Maluf, M. (Org.). *Metalinguagem e aquisição da escrita*. São Paulo: Casa do Psicólogo;

- Gonçalves, C. (2011). Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL, Edição Especial n. 5*, [Disponível em [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)];
- Halle, M. (1973). “Prolegomena to a theory of word-formation”. *Linguistic Inquiry* 4- 1, 3-16;
- Hay, J., & Baayen, H. (2002). Parsing and productivity. In Booij, G & van Marle, J. (eds.). *Yearbook of morphology 2001*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 203-235;
- Henderson, H. (1985). *Teaching Spelling*. Boston: Houghton Mifflin;
- Hock, H. (1986). *Principles of Historical Linguistics*. Berlin / New York, Mouton de Gruyter;
- Hockett, C. (1954). Two models of grammatical description. *Word* 10, 210-231;
- Hockett, C. (1958). *A Course in Modern Linguistics*. New York, MacMillan Publishing Co.;
- Howitt, D. & Cramer, D. (1997). *An Introduction to Statistics in Psychology – A Complete Guide For Students*. Essex: Prentice Hall/Harvester Wheatsheaf;
- Jackendoff, R. (1975). Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, vol. 51, n° 3, 639-671;
- Jones, A. (1989). Australian and the Mana languages. *Oceanic Linguistics* 28 (2), 181-196;
- Joseph, B. (1998). “Diachronic Morphology”. In Spencer, A. & Zwicky, A. (eds) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, cap. 18, 351-367;
- Karmiloff-Smith, A. (1992). *Beyond modularity: a developmental perspective on cognitive science*. Cambridge, MA: MIT Press/Bradford Books;
- Kastovsky, D. (2005). Conversion and/on zero: word-formation theory, historical linguistics, and typology. In Bauer, L. & Varela, S. (eds.), *Approaches to Conversion/Zero Derivation*. Münster: Waxmann, 31-50;
- Katamba, F. (1993). *Morphology*. London, MacMillan;
- Kiparsky, P. (1982). From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In Hulst, H. & Smith, N. (eds.). *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht, Foris, 131-175;
- Kline, P. (1993). *The Handbook of Psychological Testing*. London: Routledge;

- Korupp, S., Ganzeboom, H. & L., T. (2002). Do Mothers Matter? A Comparison of Models of the Influence of Mothers' and Fathers' Educational and Occupational Status on Children's Educational Attainment. *Quality & Quantity* 36, 17-42;
- *Language Studies* 11/1, 2001, p. 41-69.
- Laroca, M. (2005) *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes;
- Laudanna, A., Badecker, W., & Caramazza, A. (1989). Priming homographic stems. *Journal of Memory & Language* 28, 531-546;
- Laudanna, A., Cermele, A. & Caramazza, A. (1997). Morpho-lexical representations in naming. *Language and Cognitive Processes*, 12, 49-66;
- *Lehnwortbildung*. Tübingen: Narr, 1987, 53-101.
- Leong, C. K. (2000). Rapid processing of base and derived forms of words and grades 4, 5 and 6 children's spelling. *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal*, 12, 277-302;
- Lieber, R. (1981). *On the Organization of the Lexicon*. Dissertação de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology.
- Lieber, R. (2010). *Introducing morphology*. Cambridge: Cambridge University Press;
- Machado, M. (2011). *Implicações da consciência morfológica no desenvolvimento da escrita*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Lisboa;
- Marchand, H. (1960). *The Categories and Types of Present-Day English Word-Formation*. München: C. H. Beck;
- Martinet, A. (1979). *Grammaire Fonctionnelle du Français*. Paris: Didier;
- Mateus, M. H., Andrade, A., Viana, M. C. & Villalva, A. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Matthews, P. H. (1974). *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. Cambridge: Cambridge University Press;
- McBride-Chang, C., Wagner, R., Muse, A., Chow, B. & Shu, H. (2005) The role of morphological awareness in children's vocabulary acquisition in English. *Applied Linguistics* 26, 415-435;

- McClelland, J. & Rumelhart, D. (1981). An interactive activation model of context effects in letter perception: Part 1. An account of basic findings. *Psychological Review* 88, 375-107;
- Meyer-Lubke, W. ([1890-92] 1895). *Grammaire des langues romanes*, tome II – *Morphologie*, Paris, H. Welter Éditeur (traduction par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint);
- Mota, M., Annibal, L. & Lima, S. (2008). A Morfologia Derivacional Contribui para a Leitura e Escrita no Português? *Psicologia. Reflexão e Crítica* 21(2), 311- 318;
- Mota, M., Lisboa, R., Dias, J., Gontijo, R., Paiva, N., Mansur- Lisboa, S. & Silva, D. (2007). Morfologia Derivacional e Alfabetização. *Virtú* v. 5, 1-10;
- Nida, E. ([1946] 1970<sup>11</sup>). *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann Arbor, Michigan, University of Michigan Press;
- Nunes, J. (1989). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora;
- Nunes, T. (1992). Leitura e escrita: processos e desenvolvimento. In: E.S. de Alencar (Ed.), *Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem*, 13-50. São Paulo: Cotrez Editora.
- Nunes, T. & Bryant, P. (2006). *Improving Literacy by Teaching Morphemes*. Londres: Routledge;
- Nunes, T., Bryant, P. & Bindman, M. (1997). Morphological Spelling Strategies: Developmental Stages and Processes. *Developmental Psychology*, v. 33, nº 4, 637-649;
- Paula, F. (2007). *Conhecimento morfológico implícito e explícito na linguagem escrita*. Dissertação de Doutoramento. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo & Université de Rennes 2;
- Perlmutter, D. (1998). Interfaces: Explanation of Allomorphy and the Architecture of Grammars. In Lapoint, S. *et al.*, *Morphology and Its Relation to Phonology and Syntax*. CSLI Publications;
- Piel, J. M. ([1940] 1989<sup>2</sup>). A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português. In *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (publicado pela primeira vez em *Boletim de Filologia*, 7, 1-17), 201-212;

- Pires, F. (2010). *O Impacto do ensino de estratégias morfológicas no desenvolvimento da escrita: um estudo de intervenção. (The impact of explicit teaching of morphological strategies on the development of spelling: an intervention study)*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Lisboa;
- Plag, I. & Baayen, H. (2009). Suffix ordering and morphological processing. In *Language* 85(1), 109-152;
- Quirk, R. and Greenbaum, S. (1973). Word-Formation. in Quirk, R. and Greenbaum, S. *University Grammar of English*. Londres: Longman
- Raffelsiefen, R. (1999). *Phonological constraints on English word formation*.
- Rainer, F. (1993). *Spanische Wortbildungslehre*. Tübingen: Niemeyer;
- Rainer, F. (2005). Constraints on Productivity. In Štekauer, P. & Lieber, R. (eds.). *Handbook of Word-Formation*. The Netherlands: Springer, 335-352;
- Ramírez, S. (1986). *La derivación nominal*, ordenado, anotado y dispuesto para la imprenta por I. Bosque, Madrid, Anejos del BRAE;
- Rio-Torto, G. (1998). *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora;
- Rocha, L. (1998). *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte, UFMG;
- Rosa, J. (2003). *Morphological awareness and spelling development*. Dissertação de Doutoramento Departamento de Psicologia, Universidade de Oxford Brookes, Oxford;
- Rubin, H. (1988). Morphological knowledge and early writing ability. *Language and Speech* 31, 337-355;
- Rubin, H., Patterson, P. A., & Kantor, M. (1991). Morphological development and writing ability in children and adults. *Language, Speech, & Hearing Services in Schools* 22(4), 228-235;
- Said Ali, M. ([1931] 1964<sup>3</sup>). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos;
- Santos, Teresa (2008). *Os adjetivos em -ico*. Dissertação de Mestrado em Psicolinguística, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- Scalise, S. (1984). *Generative morphology*. Dordrecht: Foris Publications

- Scalise, S. & Guevara, E. (2005). The Lexicalist Approach to Word-formation and the Notion of the Lexicon. In Štekauer, P. & Lieber, R. (eds.). *Handbook of Word-Formation*. The Netherlands: Springer, 147-187;
- Schreuder, R. & Baayen, H. (1995). Modeling morphological processing. In L. B. Feldman (Ed.), *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Sciullo, A. & Williams, E. (1987). *On the definition of word*. Cambridge (Massachusetts): The MIT Press;
- Seixas, M. C. (2007). *O Desenvolvimento da Consciência Morfológica em Crianças de 5 anos*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve;
- Selkirk, E. ([1982] 1986<sup>3</sup>). *The syntax of words*. Cambridge (Massachusetts): The MIT Press;
- Sequeira, F. (1938). *Gramática de Português*. Lisboa: Imprensa Beleza;
- Shankweiler, D., Crain, S., Katz, L., Fowler, A. E., Liberman, A. M., Brady, S. A., Thornton, R., Lundquist, E., Dreyer, L., Fletcher, J. M., Stuebing, K. K., Shaywitz, S. E. & Shaywitz, B. A. (1995). Cognitive Profiles of Reading-Disabled Children: Comparison of Language Skills in Phonology, Morphology, and Syntax. *Psychological Science* Vol. 6, No. 3, 149-156;
- Siegel, D. (1974). *Topics in English morphology*. Cambridge (Massachusetts), The MIT Press;
- Singson, M., Mahony, D. & Mann, V. (2000). The relation between reading ability and morphological skills: evidence from derivational suffixes. *Reading and Writing* 12, 219-252;
- Spencer, A. (1991) *Morphological Theory. An introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Basil Blackwell;
- Stump, G. (2005). Word-formation and inflectional morphology. In Štekauer, P. & Lieber, R. (eds.). *Handbook of Word-Formation*. The Netherlands: Springer, 49-71;
- Taft, M. & Forster, K. (1975). Lexical storage and retrieval of prefixed words. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 14, 638–647;
- Varela, S. (ed.) (1993). “Sufijación y derivación sufijal: sentido y forma”. In *La Formación de Palabras*. Madrid: Taurus Universitaria;

- Varela, S. & García, J. (1999). La prefijación. In Bosque, I. & Demonte, V. (eds). *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 3. Madrid: Espasa Calpe;
- Vasconcelos, A. (1900). *Grammática Portuguesa*. Lisboa: Guillard, Ailland & Cia.;
- Villalva, A. (2000). *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- *word-formation*, München, Beck
- *word-structure*, Cambridge, Cambridge University Press
- Yearbook of Morphology 1998. 225–287.
- Yeung, W., Sandberg, J. Davis-Kean, P. & Hofferth, S. (2001). Children's Time with Fathers in Intact Families. *Journal of Marriage and Family*, Vol. 63, 136-154;
- Yule, G. ([1985] 2006<sup>3</sup>). *The Study of Language*. Cambridge: Cambridge University Press;

## ANEXOS

### I

Exmo/a Encarregado/a de Educação do/a aluno/a

---

Chamo-me Teresa Santos e sou estudante de doutoramento em Linguística (desde Março de 2009) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. A área do meu doutoramento está relacionada com a aquisição da linguagem (língua materna - Português – e língua estrangeira - Inglês) e com a morfologia, mais especificamente com o processamento da linguagem na produção de palavras derivadas por prefixação e sufixação. Como tal, gostaria de pedir a sua autorização para poder aplicar, a este/a aluno/a, alguns pequenos testes relacionados apenas com esta matéria. Estes testes não têm qualquer tipo de avaliação dentro da sala de aula, e por isso são independentes da avaliação efectuada pelo/a Professor/a titular de turma.

Sublinho que a identidade deste/a aluno/a será sempre preservada, e que os resultados deste estudo poderão ser divulgados aos Encarregados de Educação dos referidos alunos logo que estejam concluídos.

O/A Professor/A titular de turma tem conhecimento deste pedido.

Autorizo \_\_\_\_\_

Não autorizo \_\_\_\_\_



## II

### Testes a aplicar Português

#### Prefixo *des-*

- 1- (não culpei) Eu \_\_\_\_\_ o João pelo que ele disse. (desculpei)
- 2- (não fazer) Ele ajudou-me a \_\_\_\_\_ a árvore de Natal. (desfazer)
- 3- (não ter cuidado) A Marta teve um \_\_\_\_\_ e esqueceu-se do material para a escola (descuido).
- 4- (não igual) A parede do quarto é \_\_\_\_\_ desigual em relação à da sala (desigual).
- 5- (não confiei) Eu \_\_\_\_\_ daquilo que ele me contou (desconfiei).
- 6- (não poluição) Os trabalhadores fizeram uma \_\_\_\_\_ do rio (despoluição).
- 7- (não respeitar) Os rapazes não quiseram \_\_\_\_\_ as raparigas (desrespeitar).
- 8- (não necessários) Os esforços que os primos fizeram foram \_\_\_\_\_ (desnecessários).
- 9- (não apego) Aquele menino mostrou ter \_\_\_\_\_ pela escola (desapego).
- 10- (não atam) A Joana e a Sofia \_\_\_\_\_ os atacadores dos sapatos assim que chegam a casa (desatam).
- 11- (não ordeiros) Os manifestantes foram \_\_\_\_\_ durante o protesto (desordeiros).
- 12- (não enrola) Não sei como é que esta fita se \_\_\_\_\_ (desenrola).

#### Decomposição – 12 palavras:

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (despentear) Depois do banho, a Inês teve de se \_\_\_\_\_ (pentear).
- 2- (descontinuar) O Duarte parou o filme, mas a Joana pediu para \_\_\_\_\_ a ver (continuar).
- 3- (desamar) A mãe ficou contente pelo facto de o Pedro \_\_\_\_\_ a Clara (amar).
- 4- (desolhar) Depois da notícia, a Carina ficou a \_\_\_\_\_ para a janela (olhar).
- 5- (desobstruir) Os trabalhadores tiveram de \_\_\_\_\_ a estrada (obstruir).
- 6- (desabalroar) O Filipe afastou-se para o carro não \_\_\_\_\_ a mota (abalroar).
- 7- (desabastecer) O pai parou na bomba para \_\_\_\_\_ o carro (abastecer).
- 8- (desabonar) A decisão vai \_\_\_\_\_ a favor da Maria (abonar).
- 9- (desfranzir) A mãe pediu para o Pedro parar de \_\_\_\_\_ a testa (franzir).
- 10- (desnivelar) Para pendurar o quadro, ele teve de o \_\_\_\_\_ (nivelar).
- 11- (desplasmar) Os meninos estiveram a \_\_\_\_\_ aquele pedaço de barro (plasmar).
- 12- (desvenerar) A avó foi à igreja \_\_\_\_\_ o santo (venerar).

#### Teste de conhecimento absoluto de vocabulário

Escolha de três palavras do teste de leitura de palavras isoladas, explicação do seu significado e uso numa frase

#### Morfologia Produtiva

Escrita de antónimos:

Aparecer  
Embrulhar  
Habituar  
Engano  
Honra  
Agradável  
Obediente  
Encontro

### **Tarefa de segmentação de prefixos e de não-prefixos**

1.º leitura; 2.º dizer significado; 3.º segmentação (ou não)

Descascar  
Desalgemar  
Desabitar  
Deslumbrar  
Desfilar  
Desporto  
Desacordo  
Despachar

### **Tarefa de relacionamento morfológico – pares de palavras**

Tapar/destapar  
Entendimento/desenvolvimento  
Casar/descascar  
Descrição/descrever  
Desdobramentos/descobrimentos  
Afiar/desafiar  
Despertar/apertar  
Interesse/desinteressado

### **Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Desligar  
Desfolhar  
Desfigurada  
Desarmamento  
Desterrado  
Desamparar  
Desprendimento  
Despropósito

## Sufixo *-ez/-eza*

### Teste de leitura de palavras isoladas

Set A: 8 palavras com frequência elevada no seu todo:

Natureza  
Certeza  
Nobreza  
Beleza  
Estupidez  
Nudez  
Fraqueza  
Tristeza

Set B: 4 palavras com frequência baixa:

Surdeza  
Realez  
Tacanheza  
Robustez

Teste de estrutura morfológica

### **Derivação – 12 palavras:**

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (pálido) Devido à \_\_\_\_\_ que tinha na cara, a Ana foi ao médico (palidez).
- 2- (tímido) O rapaz entrou na festa com muita \_\_\_\_\_ (timidez).
- 3- (grande) Os dinossauros tinham muita \_\_\_\_\_ (grandeza).
- 4- (rico) Os reis tinham uma grande \_\_\_\_\_ no palácio (riqueza).
- 5- (macio) O João sentiu que a toalha tinha uma boa \_\_\_\_\_ (maciez).
- 6- (redondo) Elas escolheram aquela mesa pela sua \_\_\_\_\_ (redondez).
- 7- (delicado) O João tratou o avô com muita \_\_\_\_\_ (deicadeza).
- 8- (ligeiro) A Dora tem muita rapidez nos movimentos, e por isso terminou a corrida em primeiro lugar com bastante \_\_\_\_\_ (ligeireza).
- 9- (gélido) A \_\_\_\_\_ do tempo fez o lago congelar (gelidez).
- 10- (justo) O juiz mandou prender o ladrão e mostrou \_\_\_\_\_ na decisão (justeza).
- 11- (malcriado) A Marta ralhou com o rapaz por causa da sua \_\_\_\_\_ (malcriadez).
- 12- (ardil) Os ladrões fizeram um esquema com muita \_\_\_\_\_ (ardileza).

**Decomposição – 12 palavras:**

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (rapidez) No jogo do lenço, o Paulo foi o mais \_\_\_\_\_ de todos (rápido).
- 2- (pureza) Esta água veio da fonte. Podes bebê-la porque é \_\_\_\_\_ (pura).
- 3- (viuvez) Infelizmente a tia do Hugo morreu e o marido dela ficou \_\_\_\_\_ (viúvo).
- 4- (limpeza) Antes de ir de férias, o Vasco fez questão de deixar o quarto \_\_\_\_\_ (limpo).
- 5- (singeleza) A Laura quis ajudar o amigo que estava doente. Ela teve um gesto bastante \_\_\_\_\_ (singelo).
- 6- (sisudez) A Sónia tem mau feitio. Durante o jantar esteve sempre \_\_\_\_\_ (sisuda).
- 7- (hibridez) O meu pai não queria gastar tanta gasolina e por isso comprou um carro \_\_\_\_\_ (híbrido).
- 8- (pacatez) o Nuno porta-se sempre bem. É muito sossegado e \_\_\_\_\_ (pacato).
- 9- (esquiveza) A professora costuma dar um beijinho a todos os alunos, menos ao João porque ele é muito \_\_\_\_\_ (esquivo).
- 10- (flacidez) A Bárbara foi para o ginásio porque não estava contente por ter o corpo \_\_\_\_\_ (flácido).
- 11- (vasteza) O André gosta muito de ver todo o tipo de filmes. Lá em casa tem uma colecção de dvds muito \_\_\_\_\_ (vasta).
- 12- (tibieza) A Ana ficou tão cansada da corrida que sentiu as pernas ficarem fracas e \_\_\_\_\_ (tíbias).

**Teste de conhecimento absoluto de vocabulário**

Escolha de três palavras do teste de leitura de palavras isoladas, explicação do seu significado e uso numa frase

**Tarefa de segmentação de prefixos e de não-prefixos**

1.º leitura; 2.º dizer significado; 3.º segmentação (ou não)

Vez

Profundez

Veneza

Moleza

Agudeza

Xadrez

Liquidez

Dez

**Tarefa de relacionamento morfológico – pares de palavras**

Rápido/rapidez

Reza/pequeneza

Talvez/acidez

Magreza/Veneza

Embriagado/embriaguez

Solidez/solidão

Firma/Firmeza

Limpo/limpeza

**Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Rareza

Gaguez

Largueza

Altivez

Fineza

Avareza

Morbidez

Aridez

## Sufixo *-ês/-esa*

### Teste de leitura de palavras isoladas

Set A: 8 palavras com frequência elevada no seu todo:

Português	Princesa
Inglês	Francês
Burguesa	Japonês
Prioresa	Marquesa

Set B: 4 palavras com frequência baixa no seu todo:

Tarragonês  
Borgonhesa  
Aragonesa  
Sudanês

Teste de estrutura morfológica

#### **Derivação – 12 palavras:**

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift – têm sempre alterações

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (Portugal) O nome daquele rapaz é \_\_\_\_\_ (português).
- 2- (França) Ainda não tive aulas sobre a revolução \_\_\_\_\_ (francesa).
- 3- (Japão) A minha irmã está a estudar \_\_\_\_\_ (japonês).
- 4- (Inglaterra) O Pedro tem uma tia que é \_\_\_\_\_ (inglesa).
- 5- (Mongólia) Estavam dois homens no restaurante: um chinês e outro \_\_\_\_\_ (mongolês).
- 6- (Luxemburgo) O carro da Vera tem uma matrícula \_\_\_\_\_ (luxemburguesa).
- 7- (Génova) A prima da Laura é \_\_\_\_\_ (genovesa).
- 8- (Córdoba) O Mauro tem um jogo \_\_\_\_\_ (cordobês).
- 9- (Congo) A Daniela tem uma amiga de nacionalidade \_\_\_\_\_ (congolesa/conguesa).
- 10- (Champanhe) O tio da Neusa nasceu em França e é \_\_\_\_\_ (champanhês).
- 11- (Barcelona) Aquele jogador de futebol é \_\_\_\_\_ (barcelonês).
- 12- (Tirol) A actividade \_\_\_\_\_ é praticada no nosso país (tiroleza).

#### **Decomposição- 12 palavras:**

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift – têm sempre alterações

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (chinês) A Rute viajou até à \_\_\_\_\_ (China).
- 2- (duquesa) O marido da Patrícia é um \_\_\_\_\_ (duque).
- 3- (holandês) As amigas da Beatriz estão na \_\_\_\_\_ (Holanda).

- 4- (barão) Aquela mulher tem o título de \_\_\_\_\_ (baronesa).
- 5- (marselhês) O pai do Paulo deslocou-se até \_\_\_\_\_ (Marselha).
- 6- (nepalês) Aquela equipa de futebol pertence ao \_\_\_\_\_ (Nepal)
- 7- (cartaginesa) A família da Joana é natural de \_\_\_\_\_ (Cartago).
- 8- (polítiquês) O presidente só tem falado sobre \_\_\_\_\_ (política).
- 9- (maltesa) A Sofia tem uma tia a morar em \_\_\_\_\_ (Malta).
- 10- (ugandesa) Aquele casal mora perto em \_\_\_\_\_ (Uganda).
- 11- (gronelandês) Existe um parque de diversões na \_\_\_\_\_ (Gronelândia).
- 12- (bolonhesa) O Rui estudou em \_\_\_\_\_ (Bolonha) durante um ano.

### **Teste de conhecimento absoluto de vocabulário**

Escolha de três palavras do teste de leitura de palavras isoladas, explicação do seu significado e uso numa frase

### **Tarefa de segmentação de prefixos e de não-prefixos**

1.º leitura; 2.º dizer significado; 3.º segmentação (ou não)

empresa  
camponesa  
três  
libanês  
mirandesa  
mês  
Leonesa  
Goesa

### **Relacionamento morfológico- pares de palavras**

Inês/chinês  
Islandês/ Islândia  
Camarões/camaronês  
Presa/surpresa  
Despensa/despesa  
Sudão/sudanês  
Defender/defesa  
Francesa/acesa

### **Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Dinamarquês  
Finlandês  
Milanesa  
Polonesa  
Montanhesa  
Tarragonês  
Jornalês

### Sufixo *-idade*

#### Teste de leitura de palavras isoladas

Set A: 8 palavras com frequência elevada no seu todo:

Necessidade	Quantidade
Unidade	Comunidade
Universidade	Curiosidade
Realidade	Felicidade

Set B: 4 palavras com frequência baixa no seu todo:

Invisibilidade  
Ruralidade  
Rekursividade  
Absurdidade

Teste de estrutura morfológica

#### **Derivação – 12 palavras:**

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift- têm quase sempre alterações

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (responsável) A Mariana mostrou ter uma grande \_\_\_\_\_ (responsabilidade).
- 2- (digno) A tarefa que o Luís acabou foi feita com muita \_\_\_\_\_ (dignidade).
- 3- (novo) As amigas da Sara correram para dar uma \_\_\_\_\_ (novidade) à família.
- 4- (claro) Os primos do Tomás gostam de dormir com pouca \_\_\_\_\_ (claridade) no quarto.
- 5- (opcional) Para escolherem uma mesa no restaurante, os pais da Paula tiveram uma grande \_\_\_\_\_ (opcionalidade) de escolhas.
- 6- (intranquilo) Quando soube que o irmão caiu, o José demonstrou muita \_\_\_\_\_ (intranquilidade).
- 7- (negociável) A Filipa disse que jogava à bola com o irmão se ele a ajudasse a arrumar o quarto. O irmão aceitou depois de pensar bem acerca da \_\_\_\_\_ da proposta que a irmã fez (negociabilidade).
- 8- (inumano) A Ana e a Marta têm bom coração e por isso não têm \_\_\_\_\_ (inumanidade) nas atitudes.
- 9- (institucional) A escola é uma instituição e, como tal, as regras da \_\_\_\_\_ devem ser cumpridas por todos (institucionalidade).
- 10- (virtuoso) A Bianca gosta muito de ajudar os amigos. Uma das suas maiores qualidades é a \_\_\_\_\_ (virtuosidade).
- 11- (radical) Os amigos da Carla não gostaram da \_\_\_\_\_ (radicalidade) de comportamentos dela na aula.
- 12- (gracioso) Quando fala com os amigos, o Cláudio tem muita \_\_\_\_\_, apesar de às vezes ser um pouco malandro (graciosidade).



**Decomposição- 12 palavras:**

4 palavras frequência elevada: 2 transparentes e 2 shift – têm sempre alterações

8 palavras de frequência baixa: 4 transparentes e 4 shift

- 1- (facilidade) A Susana achou que o teste era \_\_\_\_\_ (fácil).
- 2- (gravidade) O acidente causou três feridos em estado \_\_\_\_\_ (grave).
- 3- (actividade) O Carlos costuma ser \_\_\_\_\_ (activo) nessa tarefa.
- 4- (vaidade) A Marina pinta as unhas porque é \_\_\_\_\_ (vaidosa).
- 5- (prematuridade) A gravidez da Rita foi de sete meses e o bebé dela é \_\_\_\_\_ (premature).
- 6- (frontalidade) A Maria disse o seu segredo e por isso foi \_\_\_\_\_ (frontal).
- 7- (salubridade) Elas podem beber aquela água porque ela é \_\_\_\_\_ (salubre).
- 8- (tortuosidade) O caminho que eles escolheram é bastante \_\_\_\_\_ (tortuoso).
- 9- (versatilidade) O Gonçalo é uma pessoa que consegue aprender muitas coisas ao mesmo tempo, por isso ele é \_\_\_\_\_ (versátil).
- 10- (imunidade) A Helena fez as tarefas todas que a professora pediu e assim está \_\_\_\_\_ de levar trabalhos para casa (imune).
- 11- (afectuosidade) O Tiago tem bom coração e gosta muito de exprimir os seus sentimentos. Ele é muito \_\_\_\_\_ com toda a gente (afectuoso).
- 12- (malignidade) O Pedro disse que a borbulha que o Sérgio tem na perna não é \_\_\_\_\_ (maligna).

**Teste de conhecimento absoluto de vocabulário**

Escolha de três palavras do teste de leitura de palavras isoladas, explicação do seu significado e uso numa frase

**Tarefa de segmentação de prefixos e de não-prefixos**

1.º leitura; 2.º dizer significado; 3.º segmentação (ou não)

Cidade

Brevidade

Idade

Falsidade

Oportunidade

Antiguidade

Habilidade

Santidade

**Relacionamento morfológico- pares de palavras**

Simple/simplicidade

Idade/dignidade

Moço/mocidade

Perenidade/serenidade  
Modernidade/modernizar  
Espírito/espiritualidade  
Cidade/infelicidade  
Sinceridade/sincero

**Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Validade  
Agressividade  
Anterioridade  
Pontualidade  
Legalidade  
Funcionalidade  
Luminosidade  
Superioridade

## Testes a aplicar

### Inglês

#### *de-*

Development  
Detecting  
Deconstruction  
December  
Demonstrate  
Deforest  
Deform  
Decide

#### Tarefa de relacionamento morfológico- pares de palavras

Decade/decadent  
Desert/Dessert  
Mobbed/Demobbed  
Moral/demoralization  
Stabilisation/destabilisation  
Definition/defend  
Destroy/describe  
Generate/degeneration

#### Identificação do morfema-base

Qual a palavra escondida em:

Denudation  
Demergers  
Depressurize  
Depression  
Dehumanizing  
Deregulation  
Deaspirate  
Declassification

#### *dis-*

Disclosure  
Disaster  
Discos  
Disintegration  
Discipline  
Discoloration

Discuss  
Disapprove

**Tarefa de relacionamento morfológico- pares de palavras**

Regarded/disregarded  
Discuss/Dismiss  
Disgrace/disguise  
Appear/disappear  
Dishonor/dishonest  
Discover/discount  
Able/disabled  
Advantage/disadvantage

**Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:  
Disbelief  
Disable  
Dishonesty  
Discomfort  
Disarm  
Discontinue  
Disallow  
Disoriented

**-ess**

Progress  
Express  
Empress  
Giantess  
Baroness  
Success  
Princess  
Poetess

**Tarefa de relacionamento morfológico- pares de palavras**

Abbot/abbess  
Burgh/burgess  
Access/princess  
God/goddess  
Process/stress  
Guinness/excess  
Congress/confess

Duke/duchess

### **Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Countess

Goddess

Mayoress

Deaconess

Hostess

Giantess

Heiress

Mistress

*-ese*

These

Cantonese

Togolese

Cheese

Taiwanese

Obese

Maltese

Therese

### **Tarefa de relacionamento morfológico- pares de palavras**

Leon/Leonese

Congolese/Togolese

Mother/Motherese

Lebanese/Sudanese

Milan/Milanese

Javanese/Manganese

Veronese/Ceylonese

Bali/Balinese

### **Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Viennese

Senegalese

Gabonese

Vietnamese

Nepalese

Portuguese

Surinamese  
Journalese

***-ity***

Pity  
Equality  
Suavity  
City  
Utility  
Responsibility  
Popularity  
Unity

**Tarefa de relacionamento morfológico- pares de palavras**

Capacity/sagacity  
Dense/density  
Possibility/liability  
Prosperous/prosperity  
Space/spaciality  
Selectivity/subjectivity  
Nation/nationality  
Charity/rarity

**Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:

Sensitivity  
Credibility  
Solidarity  
Reality  
Productivity  
Intensity  
Minority  
Identity

***-ness***

Business  
Guinness  
Rudeness  
Sponginess  
Seriousness  
Denness  
Correctness  
Veness

### **Tarefa de relacionamento morfológico- pares de palavras**

Madness/sadness  
Unique/uniqueness  
Nasty/nastiness  
Fitness/wetness  
Attractive/attractiveness  
Completeness/compete  
Blackness/Blueness  
One/oneness

### **Identificação do morfema-base**

Qual a palavra escondida em:  
Effectiveness  
Passiveness  
Readiness  
Openness  
Oldness  
Aggressiveness  
Nervousness  
Richness

## ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: A Morfologia Derivacional .....	7
1.1. Alguns problemas na descrição morfológica .....	7
1.1.1 Produtividade – algumas perspectivas.....	12
1.1.2. Factores que concorrem para a produtividade ou não-produtividade de determinados processos morfológicos .....	14
1.2 Morfemas derivacionais em Português e em Inglês.....	35
1.2.1 Alguns estudos teóricos acerca da Morfologia Derivacional.....	44
1.2.2 Algumas definições acerca do conceito de léxico.....	46
1.2.3 Prefixação: perspectiva geral acerca dos morfemas <i>des-</i> , <i>de-</i> , <i>dis-</i> em Português.....	51
1.2.4 Prefixação: perspectiva geral acerca dos morfemas <i>de-</i> , <i>dis-</i> e <i>di-</i> em Inglês.....	64
1.2.5: Sufixação: perspectiva geral acerca dos morfemas <i>-ez/-eza</i> , <i>-ês/-esa</i> e <i>-dade/-idade</i> em Português.....	74
1.2.6 Sufixação: perspectiva geral acerca dos morfemas <i>-ese</i> , <i>-ess</i> e <i>-ity</i> e <i>-ness</i> em Inglês.....	94
Capítulo II – A consciência morfológica na aquisição de morfemas derivacionais .....	109
2. 1 Idade de início da aquisição da consciência morfológica.....	114
2.2 Estudos sobre consciência morfológica na área da morfologia derivacional .....	115
Capítulo III: Avaliação de conhecimentos e do desenvolvimento da Morfologia Derivacional: estudo empírico.....	123
3.1 Participantes .....	124



3.2 Materiais e procedimentos .....	124
Capítulo IV: Resultados .....	131
4.1 Análise da fidedignidade das tarefas .....	131
4.2 Análise do Enviesamento.....	133
4.3 Análise das médias e desvios-padrão .....	139
4.4 Análise da significância das diferenças das médias .....	144
4.5 Resultados dos testes de estrutura morfológica (derivação e decomposição) e processamento da Morfologia na aquisição da linguagem .....	166
4.6 Análise dos resultados da tarefa de segmentação em Português.....	179
4.7 Análise dos resultados na tarefa de escolha do morfema base.....	185
4.8 Discussão dos resultados obtidos nas tarefas de segmentação de palavras e de escolha de um morfema base.....	191
4.9 Discussão dos resultados obtidos nas tarefas de pares de palavras.....	193
4.10 Apresentação e discussão dos resultados obtidos na tarefa de tradução de palavras em Inglês.....	204
4.11 Alguns “erros” produzidos durante a realização de algumas tarefas morfológicas.....	204
Conclusão .....	218
Referências bibliográficas .....	226
Anexos .....	238



*À minha avó Cila*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer reconhecidamente à minha orientadora, Professora Doutora Maria do Céu Caetano, pela disponibilidade, incentivo e motivação para que pudesse levar a cabo este trabalho.

Agradeço igualmente ao Professor Doutor João Rosa, pela sabedoria, exigência e rigor que me transmitiu, e por estar sempre por perto em todas as ocasiões.

Agradeço também à Fundação para a Ciência e a Tecnologia pelo apoio financeiro durante este meu percurso.

Não podia deixar de dar uma palavra de agradecimento aos Professores e investigadores do CLUNL, a minha instituição de acolhimento e onde me senti sempre acarinhada, bem como aos docentes do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Não poderia esquecer-me de manifestar uma palavra e apreço a todos os meus amigos, dentro e fora da faculdade, que me acompanharam durante este percurso e que me ajudaram a descomprimir nos momentos mais complicados.

O meu profundo agradecimento vai também para as crianças que fizeram parte deste trabalho; sem elas, nada disto teria sido possível, por isso elas são as personagens principais desta história.

Por último, mas não menos importante, o meu grande agradecimento vai para os meus pais, António José e Maria Lucila, e para a minha irmã Catarina, por todo o apoio que me deram ao longo deste tempo, pelas palavras de conforto, motivação e perseverança, e por me ensinarem a lutar sempre por aquilo que quero alcançar. O meu agradecimento especial vai para o meu sobrinho António, que veio iluminar a minha vida e dar ainda mais encorajamento a este percurso que agora termina.

# **FORMAÇÃO DE PALAVRAS: AQUISIÇÃO DE ALGUNS AFIXOS DERIVACIONAIS EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS**

**TERESA SANTOS**

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** psicolinguística, morfologia, formação de palavras, aquisição e desenvolvimento da L1 e da L2

Esta dissertação apresenta como objectivos a descrição e análise de alguns morfemas derivacionais em Português e em Inglês, bem como a relação entre a consciência morfológica e a Morfologia Derivacional.

No que diz respeito a estes morfemas, pretende-se proceder a um estudo, o mais exaustivo possível, explicitando as características (formais e semânticas) a eles associadas. Foi também efectuado um estudo empírico transversal, que consistiu na avaliação de conhecimentos e do desenvolvimento da Morfologia Derivacional, tanto a nível quantitativo como descritivo. Este consistiu na aplicação de várias actividades morfológicas, para o Português e para o Inglês, a 77 alunos do 3.º ano de escolaridade de uma escola pública. Estas actividades foram aplicadas com o objectivo de analisar de que forma os estudantes segmentam e compreendem palavras derivadas, com os morfemas derivacionais em estudo, e de que forma elegem bases às quais esses elementos se soldam.

Os resultados comprovaram que já no 3.º ano de escolaridade as crianças têm um conhecimento explícito acerca da morfologia da sua língua materna, e que lhes permite realizar algumas avaliações, enquanto, no caso do Inglês, as crianças estão ainda a dar os primeiros passos em termos do conhecimento explícito da Morfologia Derivacional.

Globalmente, as conclusões remetem para a necessidade de implementação de um racional morfológico nas aprendizagens das crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico.

## **ABSTRACT**

**KEYWORDS:** psycholinguistics, morphology, word-formation, acquisition and development of L1 and L2

This dissertation aims at describing and analysing some derivational morphemes in Portuguese and in English.

As far as these morphemes are concerned, it is intended to proceed with a study, as more exhaustive as possible, clarifying some features (formal and semantic) related to them.

A transversal empirical study was also developed regarding the evaluation of the knowledge and development of derivational morphology, both in a quantitative and in a descriptive level. This study consisted of an application of several morphological activities for the Portuguese and for the English languages to 77 3<sup>rd</sup> graders from a public school. These activities were applied in order to analyse the way which those students divide and understand derived words which bear the derivational morphemes under study, and also how they elect the bases to which those elements attach to.

The results corroborate that in the 3<sup>rd</sup> grade children have an explicit knowledge about the morphology of their mother language, and which makes them build some judgements, while, as far the English language is concerned, children are still giving their first steps in terms of the explicit knowledge of derivational morphology.

Globally, the conclusions refer to the need of the implementation of a morphological rationale in the learning of students from elementary schools.